



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS**

**CAMILA DE SOUZA CORDEIRO**

**AVALIAÇÃO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA PERSPECTIVA  
DA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOS EX-BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2020**

CAMILA DE SOUZA CORDEIRO

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA PERSPECTIVA DA  
EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOS EX-BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de concentração: Políticas Públicas e Mudanças Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C818a Cordeiro, Camila de Souza.  
Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras na perspectiva da experiência de formação dos ex-bolsistas de graduação da Universidade Federal do Ceará / Camila de Souza Cordeiro. – 2020.  
267 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi.
1. Avaliação de Políticas Públicas. 2. Programa Ciência sem Fronteiras. 3. Experiência de Formação. 4. Educação Superior. I. Título.

CDD 320.6

---

CAMILA DE SOUZA CORDEIRO

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA PERSPECTIVA DA  
EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DOS EX-BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Avaliação de Políticas Públicas. Área de concentração: Políticas Públicas e Mudanças Sociais.

Aprovada em: 18/12/2020

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro  
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Aos meus pais, Célia e Cordeiro.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo amor com que conduz minha vida.

Ao meu esposo, Haroldo, por ter permanecido amorosamente ao meu lado também nessa jornada, representando meu porto seguro em todos os momentos que precisei de incentivo e amparo para seguir adiante no mestrado.

Aos meus pais, Célia e Cordeiro, pelo imenso amor e empenho dedicados à minha formação.

À minha família, em especial aos meus irmãos Gledson e Thaís, expressão de acolhimento e amparo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos, pelas alegrias e pelos aprendizados compartilhados, que tornam a vida mais leve e feliz. Agradeço, em especial, à Thaís Cavalcante e à Gerlania Félix pelo apoio no curso do mestrado.

Ao professor Alcides Fernando Gussi pela orientação atenta e paciente, imprescindível na construção desta pesquisa. Minha admiração e gratidão por todos os ensinamentos compartilhados nesta trajetória.

À professora Celecina de Maria Veras Sales e à professora Maria Paula Jacinto Cordeiro pelos comentários generosos e pelas sugestões no Exame de Qualificação, que me ajudaram a prosseguir na execução desta dissertação.

À Universidade Federal do Ceará (em especial à Pró-Reitoria de Graduação), à CAPES e ao CNPq pelo fornecimento dos dados utilizados nesta pesquisa.

A todos os ex-bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras que participaram da pesquisa de campo pela disposição em colaborar com este trabalho. Suas histórias de vida e formação, repletas de sonhos, coragem e superação, inspiraram-me muito além da construção dessa dissertação.

“Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê  
Flor, flor e fruto

Coração de estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade  
Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes, planta e sentimento  
Folhas, coração  
Juventude e fé”

(Milton Nascimento/ Wagner Tiso).

## RESUMO

Esta dissertação trata de uma avaliação acerca do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), realizada no âmbito da Universidade Federal do Ceará (UFC), a partir da experiência de alunos de graduação que participaram do Programa. O objetivo geral deste estudo é avaliar como a experiência acadêmica internacional propiciada pelo CsF contribuiu para a formação daqueles atores envolvidos com o Programa ainda na graduação. Quanto aos objetivos específicos, busca-se: avaliar como se processou a implantação e a execução do Programa sob a ótica do beneficiário; avaliar como o estudante percebe a experiência do intercâmbio e as conexões com a sua formação; avaliar, segundo o olhar dos alunos, como a experiência vivenciada foi recebida e aproveitada na UFC. Destaca-se, nesta pesquisa, a busca por compreender a formação propiciada pelo CsF para além da aprendizagem técnica e da aquisição de conhecimento instrumental. À luz das reflexões de Bondía (2002) e Josso (2010a, 2010b), adota-se, a partir da noção de experiência, uma perspectiva de formação mais ampla, relacionada a processos de transformação com potencial de afetar também a identidade e a subjetividade dos estudantes envolvidos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa avaliativa de natureza qualitativa ancorada no modelo experiencial de Lejano (2012) e na abordagem de Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008). Foi realizada pesquisa bibliográfica e documental para construir uma descrição analítica do CsF, baseada nos eixos da Avaliação em Profundidade (análise de conteúdo, contexto político e trajetória institucional), através dos quais foram trabalhados os conceitos e as noções centrais da política que evidenciam o objetivo de proporcionar uma formação técnica de qualidade aos beneficiários, desenvolver o mercado de trabalho e expandir a economia nacional. Posteriormente à aplicação de questionário semiestruturado e à realização de entrevistas em profundidade com ex-bolsistas do Programa CsF, foram capturados, a partir da experiência de formação do intercâmbio, sentidos que ultrapassam as conquistas de natureza acadêmica e profissional, que também foram verificadas. Com isso, concluiu-se com a avaliação que a oportunidade de viver e estudar no exterior é compreendida como um marco nas trajetórias de formação dos beneficiários do CsF porque foi capaz de provocar transformações na forma como enxergavam o mundo e como viam a si mesmos nesse espaço global. Além disso, observou-se que os ex-bolsistas lamentam o fim da política, embora reconheçam a existência de falhas em sua execução, principalmente, no tocante a: dificuldade de acesso para estudantes de baixa renda, deficiência no acompanhamento das atividades realizadas durante o intercâmbio, em uma perspectiva de orientação/suporte e de

controle/fiscalização, e falta de integração/aproveitamento, na UFC, do conhecimento adquirido no exterior.

**Palavras-Chave:** avaliação de políticas públicas; programa ciência sem fronteiras; experiência de formação; educação superior.

## ABSTRACT

This research deals with an evaluation of the “Ciência sem Fronteiras” (CsF) Programme (Science without Borders), realized at the Federal University of Ceará (UFC), based on the experience of undergraduate students who participated in the Programme. The general objective of this study is to evaluate how the international academic experience provided by CsF contributed to the formation of those actors involved with the Programme while undergraduate. As for the specific objectives, it seeks to: evaluate how the implementation and execution of the Programme was carried out from the perspective of the beneficiary; evaluate how the students perceived the exchange experience and the connections with its education; and evaluate, from the perspective of the students, how the living experience was received and utilized at the UFC. This research highlights the search to understand the training provided by the CsF beyond technical learning and the acquisition of instrumental knowledge. In light of the reflections of Bondía (2002) and Josso (2010a, 2010b), from the notion of experience, a broader perspective of formation is adopted, related to transformation processes with potential to also affect the identity and subjectivity of the students involved. To this end, an evaluative research of a qualitative nature anchored in Lejano's (2012) experiential model and Rodrigues' (2008) in-depth evaluation approach was conducted. Bibliographic and documentary research was carried out to build an analytical description of the CsF, based on the In-depth Evaluation axes (content analysis, political context and institutional trajectory), through which the concepts and central notions of the policy were worked out, which highlight the objective of providing quality technical training to beneficiaries, developing the labor market and expanding the national economy. After applying a semi-structured questionnaire and conducting in-depth interviews with former CsF Scholars, they were captured from the experience of exchange training senses that surpass the academic and professional achievements that were also verified. In summary, it was concluded that the opportunity to live and study abroad is comprehended as a milestone in the training trajectories of CsF beneficiaries because it was capable of causing transformations in the way they saw the world and how they saw themselves in this global space. Furthermore, it was observed that former scholars regret the end of the policy, although they recognize the existence of flaws in its implementation, mainly regarding: difficulty of access for low-income students, deficiency in the follow-up of activities carried out during the exchange, in a perspective of orientation/support and control/fiscalization, and lack of integration/utilization, at the UFC, of the knowledge acquired abroad.

**Keywords:** evaluation of public policies; science without borders; training experience; higher education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição de bolsas implementadas por área prioritária .....	52
Figura 2 – Distribuição de bolsas implementadas por instituição de origem – Engenharias e demais áreas tecnológicas .....	55
Figura 3 – Distribuição das bolsas implementadas por modalidade. ....	58
Figura 4 – Distribuição de bolsas implementadas por país de destino.....	59
Figura 5 – Distribuição de bolsas implementadas por Estado de origem.....	67
Figura 6 – Distribuição de bolsas implementadas por instituição de origem no Ceará.....	68
Figura 7 – Distribuição de bolsas implementadas por formação – Ceará – Universidade Federal do Ceará .....	73
Figura 8 – Distribuição de bolsas implementadas por modalidade – Ceará – Universidade Federal do Ceará. ....	73
Figura 9 – Distribuição de bolsas implementadas por área prioritária (15+) – Ceará – Universidade Federal do Ceará .....	74
Figura 10 – Distribuição de bolsas implementadas por país de destino - Ceará – Universidade Federal do Ceará.....	74

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Custo médio das bolsas ofertadas pelo Programa Ciência sem Fronteiras.....	61
Tabela 2 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) por unidade acadêmica da UFC.....	78
Tabela 3 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Tecnologia da UFC.....	79
Tabela 4 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Ciências da UFC.....	79
Tabela 5 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Ciências Agrárias da UFC.....	80
Tabela 6 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) na Faculdade de Medicina da UFC.....	80
Tabela 7 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Cultura e Arte da UFC.....	80
Tabela 8 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) na Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da UFC. ....	80
Tabela 9 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Ciências do Mar da UFC.....	81
Tabela 10 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto UFC Virtual	81
Tabela 11 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Campus da UFC em Quixadá.....	81
Tabela 12 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Campus da UFC em Sobral.....	81
Tabela 13 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Humanidades da UFC.....	81
Tabela 14 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Educação Física e Esportes da UFC.....	82
Tabela 15 – Bolsistas participantes da pesquisa por curso de graduação e área prioritária do CsF.....	83

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese: a percepção dos gestores sobre o Programa CsF .....	72
Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF .....	108
Quadro 3 – Perfil dos bolsistas que participaram da pesquisa .....	113
Quadro 4 – Experiências, formação e o Programa CsF na visão dos bolsistas .....	174

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAA	Comitê de Acompanhamento e Assessoramento do Programa Ciência sem Fronteiras
CAI	Coordenadoria de Assuntos Internacionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBE	Coordenação de Acompanhamento de Bolsas no Exterior
CCE	Coordenação de Candidaturas a Bolsas e Auxílio no Exterior
CCT	Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática do Senado
CDES	Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CsF	Programa Ciência sem Fronteiras
DAE	Divisão de Acompanhamento de Egressos
ENCTI	Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação
e-SIC	Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão
FIES	Programa de Financiamento Estudantil
GRAPA	Grupo de Pesquisa sobre os Adultos e seus processos de Aprendizagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PACTI	Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação
PBM	Plano Brasil Maior
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PDP	Política de Desenvolvimento Produtivo
PITCE	Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNE	Plano Nacional de Educação

PRINT	Programa Institucional de Internacionalização
PROINTER	Pró-Reitoria de Relações Internacionais
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SCBA	Sistema de Controle de Bolsas e Auxílio
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>A PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1</b>	<b>Um percurso paradigmático da avaliação de políticas públicas</b> .....	<b>27</b>
<b>2.2</b>	<b>O modelo experiencial</b> .....	<b>31</b>
<b>2.3</b>	<b>A Avaliação em Profundidade como referência</b> .....	<b>33</b>
<b>2.4</b>	<b>A proposta da pesquisa avaliativa</b> .....	<b>36</b>
<b>3</b>	<b>PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: CONTEXTOS POLÍTICOS E MARCOS CONCEITUAIS</b> .....	<b>43</b>
<b>3.1</b>	<b>Contextos políticos de formulação do Programa</b> .....	<b>43</b>
<b>3.2</b>	<b>Marcos conceituais do Programa</b> .....	<b>49</b>
<b>3.3</b>	<b>A implementação do Programa</b> .....	<b>54</b>
<b>3.4</b>	<b>Metas e execução orçamentária</b> .....	<b>57</b>
<b>3.5</b>	<b>O funcionamento da concessão da bolsa de graduação sanduíche</b> .....	<b>62</b>
<b>4</b>	<b>PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ</b> .....	<b>67</b>
<b>4.1</b>	<b>A trajetória institucional na UFC</b> .....	<b>68</b>
<b>4.2</b>	<b>O Ciência sem Fronteiras na graduação da UFC</b> .....	<b>73</b>
<b>4.3</b>	<b>Ciência sem Fronteiras segundo o olhar do bolsista de graduação da UFC</b> .....	<b>82</b>
<b>4.3.1</b>	<i>Conhecendo mais sobre os bolsistas</i> .....	<b>82</b>
<b>4.3.2</b>	<i>A disputa por uma vaga no CsF</i> .....	<b>86</b>
<b>4.3.3</b>	<i>Planejando o intercâmbio</i> .....	<b>91</b>
<b>4.3.4</b>	<i>Experiências no exterior</i> .....	<b>93</b>
<b>4.3.5</b>	<i>O regresso à UFC</i> .....	<b>100</b>
<b>4.3.6</b>	<i>A formação propiciada pelo Programa CsF</i> .....	<b>102</b>
<b>4.4</b>	<b>Delineando o perfil dos bolsistas e suas percepções</b> .....	<b>108</b>
<b>5</b>	<b>AVALIANDO COM AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES: EXPERIÊNCIAS E FORMAÇÃO</b> .....	<b>121</b>
<b>5.1</b>	<b>Formação experiencial: processos de aprendizagem a partir de experiências formadoras</b> .....	<b>121</b>
<b>5.2</b>	<b>Ampliando a noção de formação</b> .....	<b>125</b>
<b>5.3</b>	<b>Delineando as trajetórias de formação</b> .....	<b>129</b>

5.4	A trajetória de Luna: CsF como uma experiência surreal de passagem para a vida adulta.....	133
5.4.1	<i>A trajetória escolar antes de ingressar na Universidade</i> .....	133
5.4.2	<i>Formação universitária em meio à construção de um novo curso</i> .....	134
5.4.3	<i>Conquistando uma bolsa de estudo do Programa CsF</i> .....	136
5.4.4	<i>Desafios, adaptação e crescimento em solo estrangeiro</i> .....	139
5.4.5	<i>Cultura e arte direcionando uma formação profissional</i> .....	142
5.4.6	<i>Compartilhando experiências de formação</i> .....	145
5.4.7	<i>Ir para fora e olhar para dentro: transformação e empoderamento</i> .....	146
5.5	A trajetória de Carlos: trilhando novos caminhos a partir do CSF .....	148
5.5.1	<i>Iniciando uma trajetória de formação na Universidade pública</i> .....	148
5.5.2	<i>Ciência sem Fronteiras: um divisor de águas</i> .....	150
5.5.3	<i>O nascimento de um empreendedor</i> .....	153
5.6	A trajetória de Dário: Oportunidade gera oportunidade, de Quixeramobim a Oxford .....	154
5.6.1	<i>A infância simples no sertão central cearense</i> .....	156
5.6.2	<i>Universidade Federal do Ceará: o ingresso para o mundo acadêmico</i> .....	157
5.6.3	<i>Ciência sem Fronteiras: o ponto de virada</i> .....	158
5.6.4	<i>Califórnia: “eu vou além desse sonho”</i> .....	159
5.6.5	<i>Reflexões sobre o fim do Programa Ciência sem Fronteiras</i> .....	162
6	UMA AVALIAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIAS, FORMAÇÃO E O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS .....	165
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	177
	REFERÊNCIAS .....	185
	APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO .....	194
	APÊNDICE B – DADOS OBTIDOS COM OS QUETIONÁRIOS EM GRÁFICOS.....	211
	ADÊNCIDE C – SÍNTESE DO ROTEIRO DE ENTREVISTA .....	237
	APÊNDICE D – ENTREVISTA COM BIANCA .....	238
	APÊNDICE E – ENTREVISTA COM RICARDO.....	248
	APÊNDICE F – ENTREVISTA COM WAGNER .....	254

## 1 INTRODUÇÃO

A atual realidade globalizada em que vivemos afeta os mais diversos aspectos da vida em sociedade. Tal influência global pode ser percebida nas políticas de educação quando se observa a forte tendência contemporânea de internacionalização na educação superior. Como expressão desse movimento, o Programa Ciência sem Fronteiras foi instituído pelo Governo Federal por meio do Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, tendo sua origem inserida num contexto de forte investimento nos setores de educação, ciência, tecnologia e inovação, com vistas a promover o crescimento econômico e social do País num sistema internacional cada vez mais competitivo e globalizado.

Este trabalho avalia o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) a partir da prática vivenciada por bolsistas de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mais precisamente, a pesquisa tem o objetivo de avaliar como a experiência internacional proporcionada pelo CsF contribuiu para a formação dos atores envolvidos com o Programa ainda na graduação da UFC. No tocante aos objetivos específicos, busca-se avaliar como se processou a implantação e a execução do Programa sob a ótica do beneficiário; avaliar como o estudante percebe a experiência do intercâmbio e suas conexões com a sua formação; avaliar, na ótica dos alunos, como a experiência vivenciada foi recebida/aproveitada na UFC.

Com isso, pretende-se jogar luz sobre esse projeto, até então inédito, de promoção de uma política de mobilidade acadêmica internacional com foco na graduação. Ao dar voz a tais atores, ampliam-se as possibilidades de alcançar as diferentes dimensões da formação oferecida pelo Programa Ciência sem Fronteiras. Ressalto que a formação é aqui compreendida, a partir da contribuição de Bondía (2002) e Josso (2010a, 2010b)<sup>1</sup>, como um processo complexo e multidimensional de construção de sentidos, apreendidos de formas várias, conforme a experiência de cada sujeito.

O Programa CsF foi anunciado na 38ª reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), ocorrida no dia 26 de julho de 2011. Na oportunidade, segundo divulgou o noticiário da época, o então Ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, evidenciou que a “autoria intelectual” do projeto pertencia à própria Presidente Dilma Rousseff (SANTOS, 2011).

---

<sup>1</sup> Marie-Christine Josso contribuiu de maneira relevante no campo da teoria da formação. A autora é professora da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra, socióloga, antropóloga e doutora em Educação. Suas obras *Caminhar para si* e *Experiências de vida e formação* embasaram o estudo realizado nesta dissertação sobre os processos de formação.

Em discurso proferido na mesma ocasião, Dilma Rousseff ressaltou que “por qualquer critério que se olhe, nós formamos mais pessoas para Humanidades do que para as Ciências Exatas, principalmente Engenharia” (ROUSSEFF, 2011). Reconhecendo esse quadro de descompasso como um problema imediato para o País, o Governo Federal buscou, com a instituição do Programa Ciência sem Fronteiras, dar uma maior ênfase à formação de jovens na área de Ciências Exatas.

Assim, o Programa CsF compreendeu uma política pública voltada à formação e à qualificação, focada na área tecnológica, de estudantes, professores e pesquisadores brasileiros em instituições de ensino e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, contemplando um público específico ligado a determinadas áreas prioritárias e estratégicas, assim consideradas diante do potencial impacto positivo que poderiam gerar na economia.

O Programa ofereceu bolsas com duração e benefícios que dependiam de suas modalidades, as quais englobavam graduação, tecnólogo, desenvolvimento tecnológico e inovação, doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado e mestrado profissional. Ademais, atuou também atraindo pesquisadores estrangeiros para a realização de parcerias e para o desenvolvimento de pesquisas no Brasil, e ainda oportunizou que pesquisadores de empresas recebessem treinamento especializado no exterior (BRASIL, 2011).

Com uma previsão inicial de conceder até 101 mil bolsas em quatro anos, o Ciência sem Fronteiras concedeu 101.446 bolsas de estudo até o final de 2014, sendo 92.880 bolsas implementadas<sup>2</sup>, de acordo com informação extraída do portal do Programa e com dados compilados e divulgados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SANTOS, 2015).

Dos dados divulgados pela CAPES e pelo CNPq, convém destacar que 78% do total de bolsas concedidas pelo CsF foram destinadas à modalidade de graduação sanduíche, o que representou um significativo incremento na mobilidade internacional entre estudantes da graduação.

A realização do CsF esteve envolvida em uma forte expectativa de que gerasse significativos resultados nos setores de educação, ciência e tecnologia, considerando os ousados objetivos do Programa de investir na formação de pessoal altamente qualificado; aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no

---

<sup>2</sup> Ressalto que, em relação aos dados de execução do Programa, deve-se considerar a diferença existente entre o número de bolsas concedidas e o número de bolsas implementadas, divulgada no portal do Programa Ciência sem Fronteiras. As bolsas concedidas fazem referência àquelas que já haviam recebido parecer favorável e que foram aceitas pela instituição no exterior, enquanto que as bolsas implementadas indicam aquelas que já tinham sido realizado pelo menos um pagamento para o bolsista, mesmo não tendo iniciado o período de sua vigência. Disponível em: <[www.cienciasemfronteiras.gov.br/web?csfbolsistas-e-investimentos](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web?csfbolsistas-e-investimentos)>. Acesso em 11 mar. 2019.

exterior; promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil (BRASIL, 2011).

Ainda que restrito a áreas específicas do conhecimento, à medida que o CsF ia sendo executado, cresciam as notícias de estudantes da UFC beneficiados pelo Programa, a ponto de a oportunidade de estudar fora se tornar relativamente acessível para alunos de graduação de determinados cursos. A UFC foi a segunda instituição de ensino do Nordeste mais contemplada com bolsas do programa, atrás apenas da Universidade Federal de Pernambuco<sup>3</sup>.

O Programa Ciência sem Fronteiras, que, inicialmente, se configurava como uma grande aposta na área da educação superior, representando o reconhecimento do Estado em investir na qualidade da formação universitária, passou a ser questionado quanto à eficiência de suas ações.

Assim, ao passo que o Programa ganhava notoriedade na mídia também passou a enfrentar críticas, e severas, à medida que sua execução esbarrava em obstáculos imprevistos e no volume de investimento público realizado. Tornaram-se comuns, no debate público, discursos que relacionavam o CsF a uma política extremamente cara e com resultados pouco expressivos.

Na série de reportagens publicadas no portal IG Educação, em julho de 2014, sob o título de “Ciência com Fronteiras’: os entraves à internacionalização da graduação do País” (LIRA; BALMANT, 2014)<sup>4</sup>, a matéria “Ao custo de R\$ 3 bi, Ciência sem Fronteira não tem métrica eficaz de qualidade” enfatiza que o Programa, além de não possuir um indicador de qualidade eficaz, funcionou sem que houvesse um controle mais efetivo do que o estudante fazia no exterior e isso se daria, principalmente, em razão da quantidade insuficiente de técnicos especializados para orientar o estudo dos bolsistas durante o intercâmbio.

Na reportagem, o professor Custódio Almeida, Pró-Reitor de Graduação da Universidade Federal do Ceará à época, alertou para a necessidade de criação de um modelo padrão de acompanhamento nacional das atividades da mobilidade no exterior. Segundo o gestor, o estudante poderia perder tempo no aproveitamento dos estudos, se partisse para o intercâmbio sem um planejamento prévio por parte da coordenação do curso no Brasil (LIRA;

---

<sup>3</sup> Tal informação foi extraída do gráfico “Distribuição de Bolsas Implementadas por Estado de Origem”, contido no Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras. Ver em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csfpainel-de-controle>.

<sup>4</sup> Essa série de reportagens foi vencedora do Prêmio Estácio de Jornalismo 2014, na categoria Internet Nacional. Ver em <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-09-25/especial-do-ig-sobre-ciencia-sem-fronteiras-vence-premio-nacional-de-educacao.html>.

BALMANT, 2014).

Na sequência, Lira e Balmant (2014) publicaram reportagens intituladas “Ciência sem Fronteiras: aluno é pouco orientado e não tem disciplinas validadas”, “Bolsista no exterior põe estudo em 2º plano e adere ao 'Turismo sem Fronteiras'” e “Universidades pleiteiam condução do programa Ciência sem Fronteiras”.

Nelas, apurou-se a dificuldade no reconhecimento, por parte das universidades de origem, das disciplinas cursadas pelos bolsistas no exterior, devido ao padrão distinto de carga horária das disciplinas, a diferenças nos programas dos cursos ou, simplesmente, a diferenças na nomenclatura das disciplinas. Para os especialistas ouvidos, esses obstáculos envolvendo a validação dos estudos realizados no estrangeiro poderiam ter sido amenizados com um planejamento prévio do intercâmbio entre os bolsistas, os coordenadores de cursos e os coordenadores institucionais do CsF nas universidades de origem.

Levantou-se também a falta de um acompanhamento mais rigoroso no tocante à existência de um plano de estudo, o que viabilizaria a alguns bolsistas aproveitar a estadia no exterior para visitar outros países<sup>5</sup>, muito embora constasse, no Manual do Bolsista, determinação clara de permanência do aluno no local de estudo e de destinação do período de concessão da bolsa às atividades acadêmicas na universidade de destino.

Para uma parcela dos gestores de universidades brasileiras ouvidos pelos jornalistas, os entraves enfrentados pelo Programa poderiam ter sido resolvidos se a gestão do CsF fosse atribuída às instituições nacionais de ensino. A participação das universidades brasileiras restringia-se, praticamente, a homologar os bolsistas que seriam pré-selecionados pela CAPES e pelo CNPq e a validar as disciplinas cursadas no exterior no retorno desses estudantes.

Em uma das reportagens, o professor Renato Crespo da Universidade Federal Fluminense afirmou “Acho que dar às universidades o papel de gestora faz parte do avanço do programa, será um bom ajuste”. Além dele, outros gestores universitários manifestaram-se no mesmo sentido, como o professor Custódio Almeida, da UFC, para quem “a gestão do programa nacional deve ficar na esfera federal, mas a operacionalização deve ser mais compartilhada. Percebemos que as universidades poderiam participar, efetivamente, muito mais dos processos”.

Aliado às críticas que o Programa passou a sofrer, especialmente aquelas direcionadas aos gastos com os bolsistas de graduação, o agravamento da instabilidade político-

---

<sup>5</sup> O Programa Ciência sem Fronteiras passou a ser comumente chamado de “Turismo sem Fronteiras”, colocando-se em cheque sua credibilidade.

econômica que, em 2016, caracterizou a queda do governo de Dilma Rousseff e a assunção de seu vice Michel Temer à Presidência da República, após um processo de *impeachment* marcado por controvérsias jurídicas e políticas, colaborou para formar um cenário não mais favorável ao desenvolvimento de programas sociais, como o Programa Ciência sem Fronteiras.

Assim, em abril de 2017, o Governo Federal alterou os rumos do Programa: alegando um alto custo para manter alunos graduandos fora do País, o Ministério da Educação (MEC) anunciou o encerramento do CsF para a graduação. O MEC defendeu que foi realizada uma avaliação criteriosa da referida modalidade, e concluiu-se pelo não atendimento das metas esperadas. O Programa, que teve o último edital lançado para graduação em 2014, ainda no mandato de Dilma Rousseff, passaria a funcionar apenas como programa de internacionalização para pós-graduação<sup>6</sup> (MEC, 2017).

Diante do panorama apresentado, que faz uma síntese do CsF e da evolução de contextos favoráveis e desfavoráveis, levando-se em consideração o ineditismo do Programa e a perspectiva de transformação socioeconômica por meio de políticas públicas no campo da educação superior, é fundamental buscar compreender os efeitos dessa ação do Estado para além dos custos e das barreiras fiscais, das dificuldades de monitoramento do aluno no exterior e das metas desenhadas nas normativas.

Dessa forma, abre-se o horizonte de questões: como se relacionam a formulação e a implementação do Programa com os entraves já observados na sua execução? Colocaram em risco seu principal objetivo que era a alta qualificação dos estudantes? Houve implicações na formação dos estudantes beneficiários do Programa? Que tipo de implicações? Que formação se conseguiu proporcionar aos estudantes? Há reflexos, e de quais tipos, para estes beneficiários?

Além disso, destaca-se a carência de estudos avaliativos relacionados ao tema na UFC. Constam, no repositório da UFC, trabalhos que abordam o Programa sob a perspectiva da aprendizagem da escrita acadêmica, da aprendizagem da língua inglesa e da internacionalização da educação superior, mas há apenas uma pesquisa avaliativa sobre o CsF, intitulada “Trajetória da Internacionalização da Universidade Pública: avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará” (GARCIA, 2020).<sup>7</sup> Apesar da escassez em publicações referentes à avaliação do CsF na UFC, verificou-

---

<sup>6</sup> Na mesma nota em que foi noticiado o fim do CsF para a graduação, o MEC informou que a CAPES manteve os editais para bolsas de pós-graduação, pós-doutorado e estágio sênior no exterior. Essas modalidades teriam recebido acerca de 5 mil bolsas em 2017. Na oportunidade, o CAPES destacou que estavam em discussão novas estratégias de internacionalização.

<sup>7</sup> A pesquisa de Garcia (2020) será adotada como referência na discussão do eixo analítico da trajetória

se, em busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e em repositórios de outras IES, a existência de trabalhos acadêmicos que tratam da execução da política no âmbito de diversas universidades, como por exemplo:

- Internacionalização da Educação Superior e o Programa Ciência Sem Fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense (2014);
- *Políticas de internacionalização da educação superior na região norte do Brasil: uma análise do Programa Ciência Sem Fronteiras na Universidade Federal do Tocantins (2015);*
- *Programa Ciência sem Fronteiras na UFV – Campus de Rio Paranaíba: êxitos e desafios (2015);*
- *Uma avaliação dos impactos do Programa Ciência sem Fronteiras na perspectiva de beneficiários das Instituições Federais de Ensino Superior de Montes Claros - MG (2016);*
- Implementação do Programa Ciência sem Fronteiras no Estado do Tocantins: limites, desafios e potencialidades (2016);
- *A internacionalização do ensino superior na Universidade Federal de São Paulo: o Programa Ciência sem Fronteiras na graduação em saúde (2017);*
- *Análise do Programa Ciência Sem Fronteiras (CSF) e de sua efetividade na promoção da visibilidade internacional dos trabalhos científicos dos Programas de Pós-graduação do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas/UFVA (2017);*
- Internacionalização da Educação Superior: Um estudo sobre o Programa Ciência sem Fronteiras no IFPB (2017);
- Avaliação da política pública do Programa Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010-2015) (2018);
- *Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo na área de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa/MG (2018);*
- Ciências sem Fronteiras: Um estudo sobre as percepções de egressos que participaram do CsF na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2018).

---

institucional do Programa CsF na UFC, realizada à luz da Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008), no capítulo 4.

Assim, diante do debate público e acadêmico sobre o Programa e seus resultados, resta clara a necessidade e a relevância de se avaliar o Programa Ciência sem Fronteiras também no âmbito da UFC.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, direcionados à percepção dos próprios estudantes da UFC beneficiados com bolsa de graduação sanduíche no Programa Ciência sem Fronteiras, realizo uma pesquisa avaliativa com abordagem qualitativa norteadas pela proposta de análise política de Lejano (2012), no que diz respeito à sua dimensão experiencial, articulada à Avaliação em Profundidade trazida por Rodrigues (2008), vez que a política é avaliada com base nos eixos analíticos apresentados pela autora (relacionados ao conteúdo, contexto político e trajetória na UFC do Programa CsF).

Assim, adotei como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental (relacionada a livros, trabalhos acadêmicos, decreto, portarias, documentos institucionais, manuais, notícias publicadas na mídia, relatório e outros documentos correlatos), para analisar o conteúdo, as bases conceituais do CsF, o contexto político de sua criação e a trajetória do Programa no âmbito da Universidade Federal do Ceará (particularmente no tocante às bolsas de graduação sanduíche).

O enfoque qualitativo não afasta o emprego dos dados quantitativos, que conferem ao estudo uma noção da extensão da política avaliada. Nesse particular, convém destacar que o CsF dispõe de uma ferramenta *on line* denominada “Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras” que disponibiliza dados, atualizados até janeiro/2016, das bolsas implementadas pelo Programa.

Por meio desse portal, é possível ter acesso ao panorama da implementação das bolsas do Programa, com o total de bolsas implementadas e sua distribuição por modalidades; à evolução da implementação das bolsas por modalidade e por região; à distribuição das bolsas implementadas por área prioritária, por formação (graduação, pós-graduação e outros), por unidade da federação de origem, por instituição de origem, por País de destino, por instituição de destino e por gênero<sup>8</sup>.

Somada à pesquisa bibliográfica e documental do CsF, a pesquisa de campo envolveu, em um esforço inicial de aproximação com os sujeitos investigados, a aplicação de questionário semiestruturado junto aos 720 alunos da UFC que participaram do CsF com bolsa financiada pelo CNPq<sup>9</sup>. Do grupo em questão, 61 ex-bolsistas responderam ao instrumento. A

---

<sup>8</sup> Para acessar os referidos dados, ver em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>.

<sup>9</sup> A justificativa para tal recorte será apresentada em seção própria, dedicada à perspectiva teórico-metodológica desta avaliação (capítulo 2).

partir daí, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis estudantes, de forma que foi possível reunir dados que indicam a singularidade da experiência sob a ótica dos próprios atores, tentando capturar as trajetórias de formação desses estudantes a partir do relato sobre sua experiência no Programa e sua história de vida.

Importa esclarecer ainda, considerando a apresentação do tema, a relação estabelecida entre minha posição de pesquisadora e o objeto desta pesquisa avaliativa. Destaco que ocupo uma posição de sujeito que integra a Universidade Federal do Ceará. Ingressei na UFC primeiro na condição de estudante do curso de Direito no ano de 2006. Mais tarde, em 2008, ainda no curso da graduação, passei a compor o quadro de servidores técnico-administrativos da instituição.

Naquele período, a UFC experimentava o início do que seria uma grande expansão tanto de sua estrutura física como de suas atividades acadêmicas. Inclusive o aumento da força de trabalho na Universidade, com o frequente ingresso de novos servidores por meio de concursos públicos, fazia parte desse quadro. Tal desenvolvimento teve como principal motivação os investimentos que o Governo Federal à época empregou nas universidades públicas, sobremaneira por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007.

O Reuni tinha como objetivo central criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, especificamente no nível de graduação. Como ferramenta para atingir tal feito, o Programa propunha um melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais (BRASIL, 2007).

Em artigo publicado no Jornal O Povo, o professor Henry de Holanda Campos, reitor da Universidade Federal do Ceará de 2015 a 2019, deixa claro o impacto do Reuni na instituição. As conquistas elencadas envolvem desde um aumento de 68% da área construída, a criação de novas unidades acadêmicas, a instalação de novos campi no interior do Estado até o aumento na oferta de cursos fora da região metropolitana de Fortaleza e a criação de novos cursos de graduação e de pós-graduação (CAMPOS, 2015).

Assim, na última década, pude observar e vivenciar o intenso crescimento da UFC, bem como a existência de outras iniciativas que se mostraram relevantes para o incremento da qualidade da formação e da capacitação ofertadas, para além da política de expansão da educação superior, na qual se inclui também o processo de democratização do acesso promovido pela adesão ao Enem/Sisu.

Nesse contexto, o Programa Ciência sem Fronteiras despertou minha atenção em especial. Diferente de impulsionar a internacionalização da universidade por intermédio de

iniciativas isoladas (projetos específicos) ou voltadas exclusivamente à pós-graduação, o CsF foi uma política federal que oportunizou a um grande público de graduação experiências de formação subvencionando seus estudos em instituições e centros de pesquisa de excelência no exterior.

Entretanto, foi diante das sinalizações da crise nacional de 2016 e da ameaça aos avanços sociais experimentados tão recentemente pela sociedade brasileira, inclusive com o encerramento do CsF para o público da graduação em abril de 2017, que passei a refletir com mais atenção sobre o que representam essas políticas públicas para o País e, mais especificamente, para a Universidade.

Com isso, escolhi estudar e pesquisar no mestrado uma política que pertence à realidade do meu ambiente de trabalho, portanto ao campo da educação pública superior. Meu ponto de vista é dual, afinal trabalho no Estado em um serviço (a educação) do qual usufruo diretamente como estudante.

Aprofundar o estudo da relação entre Estado e sociedade, como o primeiro interage para (com; ou através de; ou, possivelmente, contra) o último (ou grupos participantes dela) contribuiu para uma visão mais crítica que sensibilizou para a ausência de neutralidade dos processos e ao mesmo tempo para a riqueza de sentidos que pode admitir à avaliação de uma política pública.

Perante o exposto, este trabalho está organizado em 7 seções, a saber: esta introdução (capítulo 1) e mais 6 capítulos, discriminados resumidamente a seguir. Além desses, os dados relacionados com a pesquisa de campo (modelo de questionário aplicado, resultados dos questionários em gráficos, roteiro de entrevista e transcrição de entrevistas) estão apresentados, ao final, em 6 apêndices.

No capítulo 2, é delineada a perspectiva teórico-metodológica de avaliação a que se filia esse trabalho. Na oportunidade, justifico porque não se aplica aqui o uso da avaliação tradicional de políticas públicas, apresentando o alinhamento à ruptura proposta pelo modelo experiencial de Lejano (2012), bem como à Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008). Em seguida, apresento a metodologia empregada na realização desta pesquisa.

Realizada a discussão da Avaliação em Profundidade, e tendo justificando o embasamento da presente avaliação em seus eixos analíticos, o terceiro capítulo é destinado a avaliar o conteúdo do Programa CsF, seus marcos conceituais, bem como os contextos políticos que condicionaram a criação do Programa CsF e as alterações que lhe foram impostas. Esta seção trata ainda da execução da política, evidenciando a concessão de bolsa na modalidade de graduação sanduíche.

Ainda guiado pelos eixos da Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008), o capítulo 4 trata da trajetória institucional do Programa CsF na UFC, a partir da contribuição da pesquisa desenvolvida por Garcia (2020). O Programa é avaliado no âmbito da UFC, considerando também os dados quantitativos de concessão de bolsas na graduação. Esta seção contempla ainda os dados obtidos com a aplicação do questionário, o que permite delinear o perfil dos bolsistas e suas percepções sobre o Programa. Portanto, a avaliação do CsF é trabalhada aí na perspectiva dos beneficiários da política.

O capítulo 5 aborda a formação experienciada pelos bolsistas no Programa CsF, na visão dos próprios sujeitos. Nesse ponto, as reflexões de Bondia (2002) e Josso (2010a; 2010b) são empregadas como bases teóricas para realizar a discussão das questões relacionadas a experiência, trajetória de vida e formação, a fim de demonstrar que esta não está reduzida a uma aprendizagem técnica. Assim, a partir das narrativas obtidas por meio das entrevistas, serão reconstruídas as trajetórias de três ex-bolsistas no CsF, para revelar de que modo eles percebem que as experiências contribuíram para suas formações nas múltiplas dimensões da vida.

No sexto capítulo, faz-se uma síntese das experiências proporcionadas pelo Programa na perspectiva dos beneficiários da política e da formação advinda daí, a partir do que se reconstitui uma avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras.

Nas considerações finais, realizadas no capítulo 7, resgatam-se as intencionalidades do Programa CsF no tocante à formação, manifestadas em seu conteúdo, seu contexto político e sua trajetória institucional na UFC. Resta evidenciado que, na formulação do Programa, a formação era compreendida como um instrumento para atingir fins econômicos, já que, ao elevar o nível da futura mão-de-obra nacional com uma formação técnica de qualidade, nossa economia seria favorecida. Por outro lado, recuperam-se os aspectos da avaliação do CsF baseados nas percepções dos beneficiários sobre o Programa em si e sobre suas experiências de formação durante o intercâmbio. Com isso, é possível indicar, numa perspectiva avaliativa não-absoluta, que a dimensão utilitarista de formação foi superada no campo prático da política, onde se observa uma formação multifacetada.

## 2 A PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

A avaliação é uma etapa relevante das políticas públicas, que permite uma compreensão mais ampla e articulada do processo complexo que envolve desde a iniciativa por parte do Estado para enfrentar determinada a questão social até a efetiva execução da intervenção e suas implicações.

A verificação dos resultados de um programa, a partir da aferição do cumprimento dos objetivos propostos, pode até ser referenciada como razão primeira para a realização da avaliação, contudo, essa não se restringe apenas a um ato técnico e, supostamente, neutro. Quando se analisa, de forma crítica, percebe-se que a avaliação possui múltiplas dimensões e que as informações produzidas no processo avaliativo podem assumir funções distintas a depender dos interesses em jogo e dos sujeitos considerados em sua realização, incluindo aí o avaliador.

Tendo em vista o entendimento de que “a pesquisa avaliativa é uma aplicação sistemática de procedimentos de pesquisa para acessar a conceptualização, o desenho, a implementação e as utilidades de programa sociais de intervenção”, Silva (2013) apresenta três funções desempenhadas pela pesquisa avaliativa: função técnica, função política e função acadêmica.

A função técnica está relacionada à obtenção de informações que permitam alcançar certo grau de desenvolvimento das ações, verificando êxitos e fracassos. O fornecimento de tais informações permite uma tomada de decisões de forma mais fundamentada, viabilizando a solução de problemas e o aperfeiçoamento da política em curso.

Por outro lado, a avaliação também assume uma função política ligada ao exercício da cidadania, já que oferece informações que podem ser usadas pelos usuários da política, bem como por grupos da sociedade civil organizada, para pressionar o Estado na conquista de direitos sociais. Dialogando com esse entendimento, Minayo (2005) destaca, como sentido mais nobre do processo de avaliação de programas e projetos sociais, o fortalecimento do movimento de transformação da sociedade em defesa da cidadania e dos direitos humanos.

Há, ainda, segundo Silva (2013), a função acadêmica da avaliação, responsável por evidenciar o conteúdo das políticas públicas como ações objetivas do Estado, permitindo a construção de conhecimento sobre as contradições e os conflitos de interesses presentes nesse processo.

Além dessas funções relacionadas à produção do conhecimento, ao fornecimento

de informações para tomada de decisões e ao controle social das ações do Estado como forma de pressionar pela concretização de direitos sociais, é nítido que a avaliação de políticas públicas também funciona como uma ferramenta estatal de controle da gestão.

Essas diversas funções revelam que os sentidos da avaliação de políticas públicas foram aperfeiçoados a partir de questionamentos, especialmente quando consideramos o papel que a sociedade civil passou a ocupar na fiscalização da ação estatal nas últimas décadas. É desse ponto de vista que Gussi e Oliveira (2016) ensinam que a avaliação vem sendo problematizada com questionamentos do tipo: para que avaliar? Como avaliar? Avaliar, para quem? São essas as indagações que expõem as contradições das ações do Estado, resultado dos conflitos de interesses que o atingem, e estão no cerne das políticas públicas e, portanto, nas suas avaliações.

A partir de tais provocações, propostas pelos autores, verificou-se a construção de parâmetros de avaliação de políticas públicas mais críticos. A seguir, abordam-se as perspectivas de paradigmas, que afetaram a avaliação de políticas públicas, entre a avaliação tradicional e tecnicista à proposta de avaliação como compreensão, que, como será visto ao longo dessa dissertação, se alia às propostas teórico-metodológicas que norteiam a presente pesquisa avaliativa.

## **2.1 Um percurso paradigmático da avaliação de políticas públicas**

Inicialmente, é relevante considerar que o campo de avaliação de políticas públicas é relativamente recente no País, constituindo-se em uma área de estudo ainda em formação. Como bem destaca Silva (2013), não há um único caminho para a avaliação de políticas, em outras palavras, não há um conteúdo teórico-metodológico homogêneo quando se trata de avaliação de políticas e programas sociais. Considerando essa premissa, torna-se necessário realizar uma breve retrospectiva sobre a construção do campo da pesquisa avaliativa no tocante a políticas públicas como ponto de partida para situar a concepção de avaliação adotada neste trabalho.

A expansão da avaliação de políticas públicas ocorreu inicialmente nos Estados Unidos, nos anos de 1960, tendo em vista o contexto de programas de combate à pobreza com financiamento federal. A partir daí, começou a surgir, de maneira mais premente, a necessidade de formular modelos para avaliação na área social. Havia, nesse estágio, uma preocupação em transpor o rigor do método científico para o campo das ciências sociais, como forma de medir o grau de êxito das intervenções do Estado materializadas em políticas e programas sociais

(SILVA, 2013).

Portanto, a avaliação era pensada e utilizada de maneira pragmática e tecnicista, evidenciando seu caráter mais quantitativo, focado na aferição da eficiência e eficácia das políticas. Com isso, a avaliação anulava as variáveis contextuais da política analisada, ignorando seus princípios, fundamentos e conteúdo. Ou seja, os sentidos da avaliação eram ocultados, sob o argumento de desempenhar uma prática pretensamente neutra.

Silva (2013) registra que, nos anos 1980, houve uma redução e desestruturação das políticas sociais que vinham se desenvolvendo desde os anos 60 nos Estados Unidos. Tais políticas foram deixadas em segundo plano e, conseqüentemente, a avaliação também perdeu espaço nesse período. Com o advento dos anos 1990, observou-se uma crítica ao período anterior, considerando a retomada do interesse pela pesquisa avaliativa. A demanda por avaliação ressurgiu atrelada à necessidade de otimizar a aplicação de recursos públicos.

Traçando um paralelo com a realidade nacional, tem-se que o desenvolvimento do campo de avaliação de políticas públicas ocorreu a partir dos anos 1980 na conjuntura da redemocratização. Existia, nesse momento, uma pressão da sociedade por promoção de direitos sociais e a prática da avaliação de políticas públicas surgia mais relacionada ao controle social e a cobrança por transparência nas ações estatais.

Nos anos 1990, o Brasil também vivia o movimento de contrarreforma do Estado, na busca de tornar-se mais ágil e reduzido para criar condições de maior abertura da nossa economia ao processo capitalista. O país assumia tardiamente a proposta neoliberal, que começou com o governo Collor e se aprofundou com o governo de Fernando Henrique Cardoso. Nesse cenário, os gastos com programas sociais eram considerados entraves para a crise fiscal enfrentada pelo Estado brasileiro. Portanto, a aplicação de recursos públicos precisava ser limitada, sendo a avaliação utilizada como ferramenta de controle (RODRIGUES, 2011).

Para operar essa diminuição do Estado, fez-se necessário, à época, executar uma reconstrução das funções estatais. O Estado passou a atuar em sua função social mais como financiador e como regulador, enquanto as entidades do chamado Terceiro Setor passaram a assumir a implementação de programas sociais (SILVA, 2013).

Gussi e Oliveira (2016) discutem tal contexto, evidenciando que o Estado já não possuía mais o exclusivismo na condução das políticas públicas. Verifica-se que o papel de articulador das demandas sociais passou a ser compartilhado com o terceiro setor e com a iniciativa privada. Assim, a diversificação dos atores políticos envolvidos com os processos de políticas públicas exigiu mecanismos de acompanhamento das ações implementadas e de prestação de contas. Nas palavras dos referidos autores, “governos devem ser *accountables*, isto

é, capazes de responder aos diversos grupos de interesses sobre seus atos e decisões políticas” (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, p.85). A conformação desse redesenho estatal representou, portanto, outro fator que reforçou o emprego da avaliação como mecanismo de controle.

Ademais, o financiamento de ações sociais por organismos internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento – BIRD, também representou outro condicionante determinante na configuração assumida pela avaliação de políticas públicas nesse período. As citadas agências estabeleceram mecanismos preconcebidos de avaliação dos programas que recebiam seus recursos, com a finalidade de aferir o alcance dos objetivos previamente estabelecidos por esses organismos. Estruturou-se, diante disso, uma avaliação gerencialista, orientada pela perspectiva neoliberal, em que tínhamos a avaliação meramente como ferramenta de poder e controle sob a responsabilidade de especialistas (SILVA, 2013).

Temos até aí a influência do paradigma positivista na avaliação de políticas públicas, com o predomínio de modelos utilitaristas que tratam a avaliação segundo uma concepção instrumental, relacionada à medição para aferição de resultados ou tomada de decisão. Em síntese, tal abordagem propõe uma avaliação restrita a análise de dados coletados em formatos padronizados, abordagens lineares e testes de hipóteses, para obtenção de mensurações de eficácia, eficiência e efetividade face aos objetivos formulados para a política (RODRIGUES, 2011).

A hegemonia da avaliação, focada na perspectiva tecnocrática, embora ainda seja observada na atualidade, não significa a ausência de esforços para desenvolver outras perspectivas de avaliação. Novos enfoques de avaliação foram sendo discutidos no campo da pesquisa avaliativa, de forma que atualmente já temos outras propostas teórico-metodológicas para avaliar as políticas superando as limitações impostas pelo modelo avaliativo tecnicista da agenda neoliberal.

Trata-se de avaliações que buscam compreender as políticas públicas num alcance mais amplo, já que consideram os contextos políticos que condicionam as ações do Estado e os sujeitos sociais envolvidos nas políticas. A construção da avaliação, a partir dessas novas perspectivas, se contrapõe ao modelo tradicional de avaliação que, focado na lógica neoliberal, está conformado a busca de indicadores de resultados, especialmente numa perspectiva estritamente econômica (GUSSI; OLIVEIRA 2016).

Portanto, a avaliação vem sofrendo transformações que desencadeiam a superação da adoção exclusiva do campo quantitativista e pragmático. Temos uma outra vertente de avaliação que adota ao mesmo tempo técnicas quantitativas e qualitativas, ancorada em um

paradigma interpretativo-hermenêutico. Segundo os pressupostos desse paradigma, orientado pelo esforço da compreensão, o conhecimento relacionado às políticas públicas é multidimensional, não havendo uma verdade absoluta, mas a possibilidade de se estabelecer uma interpretação parcial acerca do sucesso e fracasso das políticas públicas (RODRIGUES, 2011).

Nesse sentido, Gussi e Oliveira (2016) ressaltam que a abordagem interpretativa relaciona-se à busca por tratar dados de diferentes tipos, obtidos a partir da imersão no contexto do campo da política, por meio de instrumentais metodológicos, tais como entrevistas em profundidade, observações de campo, análise de conteúdo de material institucional, apreensão e compreensão dos sentidos e significados que a política assume no decorrer de seu processo de constituição (formulação e implementação) e execução.

Realizada essa discussão epistemológica sobre o percurso entre avaliação tradicional e tecnicista à proposta de avaliação como compreensão, é preciso esclarecer que a busca da presente pesquisa por desvendar, pelo olhar dos estudantes, desvelando os sentidos da experiência de formação ofertada pelo CsF, não poderia se realizar por intermédio de uma avaliação tradicional. Esta pesquisa avaliativa não seguirá o caminho da aferição da eficiência e eficácia da política, que, com seu viés econômico, foi utilizada como argumento para o encerramento do Programa Ciência sem Fronteiras<sup>10</sup>.

Sendo assim, considerando a ênfase no conteúdo do Programa, no contexto político que condicionou a ação do Estado e, sobretudo, nos sujeitos beneficiados com a política, seguirei pelos caminhos de uma abordagem interpretativa de avaliação. Discuto, a seguir, as principais referências de avaliação que norteiam esta pesquisa, com fundamento no paradigma interpretativo, quais sejam, o modelo experiencial aventado por Lejano (2012) e a Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008).

Logo, a perspectiva avaliativa, empregada nesta pesquisa, articula-se em dois momentos. Em um primeiro momento, utilizo os eixos analíticos da Avaliação em Profundidade para discutir os embates entre o texto e contexto da política (Lejano, 2012), bem como a trajetória do Programa Ciência sem Fronteiras na UFC. Em outro momento, a discussão recairá sobre a formação e a experiência advindas do CsF, à luz da avaliação experiencial.

---

<sup>10</sup> Em abril de 2017, o Ministério da Educação (MEC) anunciou o encerramento do CsF para a graduação, alegando um alto custo para manter alunos de graduação fora do País e o não atendimento das metas esperadas com o Programa.

## 2.2 O modelo experiencial

Lejano (2012) constrói um modelo de análise que parte da crítica à política em seu estado mitológico. O autor refuta o tratamento da política como se essa fosse uma receita para criar o resultado desejado ou, em outras palavras, como se a política fosse um caminho ideal que a sociedade escolhe entre infinitas possibilidades. Nesse “estado mitológico”, em que a política é considerada de maneira idealizada, sua análise, como se verá, não se propõe à autorreflexão em si mesma, de forma abstrata. Pois, na sua crítica, a análise da política é conduzida por modelos para a confirmação de objetos que já estavam incorporados à análise a priori.

Para o autor, essa “mitologização da política” decorre da existência de uma lacuna entre teoria e prática, ou melhor, da separação entre o texto e o contexto da política. Autoridades, que possuem competência para tomar decisões, constroem a política, expressa em um texto, mas sua implementação ocorre em um lócus diverso. Ou seja, a política é formulada dentro de um centro de tomada de decisão, mas é implementada em um campo, fora dela. Assim, o texto é criado distante do contexto de sua aplicação.

Assim, pode-se pensar na política pública aqui avaliada, consubstanciada no Programa Ciência sem Fronteiras, que também foi concebida e desenhada pelo alto escalão do Governo Federal, envolvendo o empenho da própria presidência e dos Ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia. É possível, inclusive, que, consoante tratado na série de reportagens de Lira e Balmant (2014), as dificuldades enfrentadas na execução do Programa guardem certa relação com essa tomada de decisão centralizada e a deficiência na realização de um planejamento prévio e mais amplo entre os atores envolvidos e ou implicados com a execução do Programa CsF (as universidades, a comunidade acadêmica, as agências CAPES e CNPq e o setor privado).

Segundo Lejano (2012) esse modo de fazer política, em que há um tomador de decisão centralizado, motivado pela busca de maximização da utilidade, está relacionado a um modelo de política clássico, ancorado no racionalismo. Com o predomínio do princípio da utilidade, as questões, que envolvem sobre o que seria o melhor para toda a sociedade, são tratadas como “coisas empiricamente comensuráveis”. Nesse modelo clássico, para selecionar a melhor alternativa dentre as que se apresentam como possíveis, o tomador de decisões precisa realizar um exercício mental em que compara as possibilidades. Aos resultados que podem ser obtidos com uma ação são atribuídos valores numéricos, para que as vantagens e os prejuízos possam ser analisados, calculados e comparados.

Ocorre que, como bem destaca o autor, "há coisas ou situações as quais não podemos atribuir valores numéricos", como, por exemplo, atribuir valor à vida e à formação, como será visto no caso do Programa Ciências sem Fronteiras. Lejano (2012) também refuta tal modelo de política considerando que esse reproduz uma falsa noção de Estado unitário e absoluto, quando, na realidade, o Estado é uma organização política complexa e diversa. Ademais, a política como uma escolha de decisão teórica mostra-se reducionista, já que restringe toda a discussão da política a uma análise unidimensional de utilidade. Nesse sentido, o autor assevera que:

A postulação da política como simples escolha deixa de fora a necessidade de ir de encontro com a comunidade, para mobilizar e organizar, para procurar um entendimento comum, para treinar os agentes políticos na base para assumir novos papéis, para estudar o passado a fim de obter uma noção do que é potencialmente viável, e uma miríade de outras dimensões da ação política (LEJANO, 2012, p.69).

Para alterar tal quadro, o autor propõe que estejamos “abertos a uma noção mais rica de como se fazer política”. Essa tentativa de escapar do reducionismo passa por um embasamento nas instituições reais e nos contextos de situações políticas, para as quais não há como estabelecer verdades absolutas. Assim, em oposição ao modelo de tomada de decisão, Lejano (2012) apresenta a noção de política como texto, sujeito a diversos significados e interpretações. Nesse caso, partindo do pressuposto que a política é resultante de uma disputa pela construção de significados, a análise da política se volta para compreender como ocorre tal processo, em outras palavras, como os significados são construídos.

Na análise de políticas por meio de uma abordagem interpretativa, Lejano defende a necessidade de estabelecer caminhos que permitem analisar a política integrando sua dimensão prática, isto é, considerando o campo da experiência dos beneficiários da política. O autor conceitua que “por experiência queremos simplesmente dizer o modelo de conhecimento da pessoa (ou grupo) inserido na situação política” (LEJANO, 2012, p.205). Além disso, reforça que “temos que nos esforçar mais seriamente para entarr no mundo dessas pessoas para as quais a política está sendo moldada” (LEJANO, 2012, p.202).

Tendo em vista a dificuldade de adotar modelos (dispositivos fictícios) que ignoram o mundo real, especialmente quando se trata de realidades sociais, o seu objetivo é propor novas abordagens que tragam o contexto, a experiência e a complexidade à análise política, conduzindo a novos e mais ricos corpos teóricos e práticos (LEJANO, 2012).

Ao elaborar um modelo que incorpora elementos da experiência à avaliação, o autor adota como principal critério a autenticidade, na qual a verdade da interpretação de uma situação política é percebida em comparação com a experiência concreta dos atores envolvidos

(LEJANO, 2012).

Diante do exposto, tem-se que o modelo experiencial promove uma análise da política por meio de um processo não linear, que busca, na conexão da proposta da política com sua própria prática, diferentes tipos de informação (de origens quantitativas à qualitativas), permitindo uma percepção e compreensão mais completa do processo como um todo.

Voltando o olhar para esta pesquisa avaliativa do Programa Ciência sem Fronteiras, com base em Lejano (2012), realizo um esforço para adentrar no plano da experiência de formação dos sujeitos beneficiados com a política estudada. A priori, a análise dos marcos regulatórios do CsF revela que tal política possuía uma proposta de formação bastante técnica-profissional. Não à toa, isso está expresso no texto do decreto que institui o Programa, que possuía como objetivo promover a formação de estudantes oportunizando experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o País (Brasil, 2011). Assim, tem-se, em um ponto, o direcionamento do Programa para uma formação técnica-profissional e, em outro ponto, tem-se a experiência de formação vivenciada pelos bolsistas do CsF. Ocorre daí que a ideia de formação, para além da preconizada pelos objetivos traçados no texto do Programa, deve ser ampliada quando sua investigação parte da experiência. Outras dimensões da formação podem vir à tona no processo investigativo, o de pensar experiência e formação como processo constitutivo de uma avaliação do Programa.

É dessa conexão da proposta da política com sua própria experiência, conforme preconiza Lejano (2012), que busquei compreender as questões avaliativas desta pesquisa: Qual a proposta de formação que a política apresenta? O que o texto da política revela sobre a formação? De que formação se trata? Contrapondo a isso, como a experiência da política na formação dos bolsistas é análoga, reflete ou contradiz (vai além) da proposta de formação, provocando a pensar outros processos, resultados e impactos da política, com a construção de novos indicadores?

### **2.3 A Avaliação em Profundidade como referência**

Articulado ao modelo experiencial, que adota uma abordagem crítica no tocante aos modelos positivistas de análise ao propor conhecer o fenômeno da política por diversas dimensões, com destaque para os campos do contexto e da experiência, Rodrigues (2008, 2011) teceu a sua proposta de Avaliação em Profundidade.

O pilar da Avaliação em Profundidade é compreender a avaliação como um

processo multidimensional e interdisciplinar. Assim, essa proposta de avaliação perpassa a análise de quatro dimensões para construir a compreensão da política pública avaliada, são elas: a análise do conteúdo da política, a análise do contexto da formulação da política, a análise da trajetória institucional da política e a análise do espectro temporal e territorial que conforma a política (RODRIGUES, 2008; 2011).

A análise de conteúdo envolve aspectos relacionados à formulação, às bases conceituais e à coerência interna da política. Para tanto, faz-se necessário recorrer ao marco regulatório e aos textos oficiais da política ou do programa, na busca por conhecer seus objetivos, seus critérios, sua dinâmica de implantação, seu acompanhamento e sua avaliação. Além disso, por meio dessa análise, busca-se apreender os conceitos e noções centrais que orientam sua realização (RODRIGUES, 2008). Posteriormente, a autora apresenta um quarto aspecto que deve ser considerado nessa dimensão da avaliação, qual seja, os diferenciais de poder, que podem ser evidenciados “nos mecanismos presentes na formulação da política, no seu marco legal, que procuram equalizar os interesses em jogo” (RODRIGUES, 2011, p. 48).

Quanto à análise do contexto, cabe realizar um levantamento político, econômico e social que caracterizam o momento da formulação da política, de maneira que seja possível verificar as relações de coerência entre esse contexto e o marco legal da política. Ao realizar essa análise, é possível compreender, de forma mais clara, como alterações políticas e econômicas atingem a política pública avaliada, podendo favorecer o seu êxito ou o seu fracasso.

No que se refere à trajetória institucional, a ideia é reconstruir como se deu o caminho percorrido pela política ou pelo programa no âmbito dos diferentes espaços em que esses transitam, desde sua formulação até chegar à base onde é executada. A questão é perceber como tal dinâmica ocorre, captando como os sentidos conferidos aos objetivos da política vão sendo transformados nesse processo.

Gussi (2008) conferiu fundamental contribuição à análise dessa dimensão ao desenvolver uma proposta de avaliação de políticas públicas com foco em sua trajetória. Trata-se de uma prática interdisciplinar, com inspiração no campo da antropologia, já que considera elementos da pesquisa etnográfica. O autor defende que o avaliador deve percorrer a trajetória cumprida pela política avaliada, observando como essa se desenvolve na prática, levando em conta as transformações a que está submetida à medida que perpassar os mais diversos espaços institucionais.

A noção de trajetória das políticas públicas apresentada por Gussi (2008) foi inspirada em Bourdieu, o qual trata de trajetória biográfica, entendendo-a como um processo

complexo e não linear, que sofre constantes alterações, assumindo diversos significados. Assim, considerando que a avaliação é um processo em curso no interior de organizações, Gussi e Oliveira (2016) reforçam que:

Partindo dessa ideia, a avaliação de uma política pública deve acompanhar as suas trajetórias, os seus distintos deslocamentos entre os diferentes atores institucionais e destinatários dessa política, em um processo de imersão no campo, onde as políticas são implementadas.

Finalmente, a Avaliação em Profundidade trabalha ainda uma dimensão relacionada ao espectro temporal e territorial para compreender a política observada, tendo em vista a necessidade de avaliar como as particularidades de tempo e espaço influenciam a política, em outras palavras, como a proposta geral da política se acomoda as especificidades locais. A temporalidade e a territorialidade, assim como a trajetória da política, remetem a busca por compreender como essa é experienciada na prática, já que são fatores determinantes na sua caracterização. Segundo a autora, trabalhar a dimensão temporal e territorial na avaliação exige uma sistematização mais avançada dos dados coletados, que inclui diversos instrumentos metodológico-analíticos, como elaboração de gráficos, e esquemas, modelos estatísticos conciliados com técnicas de análise quantitativas (RODRIGUES, 2008; 2011).

É necessário frisar que uma avaliação de política pública que não parte de um modelo generalizante, mas que problematiza os condicionantes particulares que afetam a ação avaliada (como o percurso temporal e territorial da política, as relações de poder locais e seus contextos socioculturais e políticos), permita um conhecimento mais fundamentado do campo em estudo. Logo, a construção de uma avaliação, segundo preceitua a Avaliação em Profundidade, ao passo que reclama, viabiliza a formulação de novos indicadores socioculturais, evidenciando resultados das políticas avaliadas numa perspectiva que supera aspectos quantitativos, com viés economicistas, alcançando dimensões culturais, políticas e ambientais (GONÇALVES, 2008).

É fundamental reiterar que a Avaliação em Profundidade constitui uma proposta que integra um campo ainda em construção, contribuindo, de forma aberta, para a interdisciplinaridade e a criação de novos espaços de interlocução de conhecimento, a fim de trazer inovações teóricas e metodológicas ao campo de avaliação de políticas públicas.

Quanto à contribuição da Avaliação em Profundidade nesta pesquisa, cabe destacar que, para conhecer o fenômeno da política consubstanciada no Programa Ciência sem Fronteiras (sobremaneira seu conteúdo, seu contexto político e sua trajetória na UFC), seguirei a proposta de Rodrigues (2008). Assim, esses três eixos da Avaliação em Profundidade norteiam

a descrição analítica do Programa Ciências sem Fronteiras.

## 2.4 A proposta da pesquisa avaliativa

Explicitados os pressupostos de avaliação considerados nesse trabalho, passo a apresentar a proposta de pesquisa avaliativa do Programa Ciência sem Fronteiras, aqui executada. A priori, é relevante anotar que este é um estudo retrospectivo, uma vez que o Programa não está mais em atividade, ou seja, trata-se de desenvolver uma avaliação ex-post, já que é realizada após a execução do projeto (SILVA, 2013).

Meu propósito de realizar uma pesquisa avaliativa sobre o Programa Ciência sem Fronteiras teve início quando o CsF, ainda em funcionamento, sofria críticas por possuir um custo elevado e por não apresentar resultados mensurados face aos objetivos estabelecidos em sua formulação, consolidando uma imagem de ineficácia e ineficiência.

O quadro de crítica que o CsF enfrentou remete a lição trazida por Gussi e Oliveira (2016), os quais ensinam que “as representações de eficácia e eficiência são distintas para burocratas, avaliadores e cidadãos”, sendo que “o desafio para o cidadão reside na capacidade de serem – ou não – capazes de atribuir valor (ou significado) a essas questões porque tais ganhos podem – ou não – ser tangíveis”.

A ideia contida no supracitado enunciado estava contida no cerne do questionamento que já se apresentava no projeto inicial dessa pesquisa: como compreender o Programa Ciência sem Fronteiras e conhecer seus resultados se os ganhos da política não pareciam tangíveis? Além desse, outros questionamentos despontavam quando refletia sobre o CsF: Não seria limitado demais centrar a avaliação de uma complexa ação estatal apenas em uma análise de custo-benefício? E ainda, como emitir um juízo de valor sobre um programa distante de sua prática e desconsiderando as pessoas que vivenciaram a experiência?

Assim, logo ficou clara minha intenção de realizar uma pesquisa seguindo uma abordagem interpretativa de avaliação de políticas públicas, que se afastasse da restrita medição dos efeitos esperados, buscando espaço inclusive para explorar os resultados que não estavam previstos para o Programa CsF e os sentidos atribuídos à política pelos próprios beneficiários.

Com isso, estabeleci, como objeto desse estudo avaliativo, explorar resultados que podem ser obtidos do campo prático da política no tocante à formação, considerando a percepção dos próprios bolsistas. A experiência de intercâmbio trouxe para os estudantes a formação que Programa CsF propunha? A formação trazida por essa experiência foi compatível ou divergiu da que estava previsto no texto do Programa CsF?

Assim, o objetivo deste estudo centra-se em avaliar como a experiência internacional propiciada pelo CsF afetou a formação daqueles atores envolvidos com o Programa, ainda na sua graduação. Quanto aos objetivos específicos, busca-se: avaliar como se processou a implantação e a execução do Programa sob a ótica do beneficiário; avaliar como o estudante percebe que a experiência do intercâmbio transformou sua formação; avaliar como a experiência vivenciada pelos alunos de graduação foi recebida/aproveitada na UFC.

Para embasar a discussão desta pesquisa, adoto as categorias analíticas de experiência e de formação, a partir dos referenciais teóricos de Bondia (2002) e Josso (2010a; 2010b). Com fundamento nos ensinamentos desses autores, a formação é aqui compreendida como resultante das experiências vividas pelos sujeitos, não está reduzida unicamente a uma aprendizagem técnica.

No tocante aos sujeitos, considerados na investigação, o recorte voltado aos beneficiários da política que foram bolsistas do CsF durante a graduação justifica-se pela concentração das ações do Programa nesse público. Além disso, o grande número de bolsas de graduação sanduíche concedidas por meio do Ciência sem Fronteiras é um fato que merece ser investigado, por se tratar de uma experiência inédita na área da política educacional brasileira.

Quanto ao local da pesquisa, adotei como lócus específico a Universidade Federal do Ceará. O interesse particular na UFC, consoante já exposto, está relacionado ao fato de pertencer ao quadro de servidores da instituição. Logo, circunscreve-se ao meu desejo de buscar agregar conhecimento ao meu âmbito institucional, considerando, especialmente, tratar-se de pesquisa realizada no curso de um mestrado profissional.

Como a escolha do modelo de avaliação depende das questões que se pretende responder, a pesquisa retratada nessa dissertação está ancorada, como já abordado, no modelo experiencial de Lejano (2012), considerando o intuito de pensar a avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras a partir do campo da experiência de formação dos intercambistas.

Consoante ao já exposto, associada à avaliação experiencial, esta pesquisa também se fundamenta na proposta de avaliação de Rodrigues (2008, 2011), já que, interconectada a experiência de formação dos beneficiários da política, tem-se a descrição analítica do Programa Ciência sem Fronteiras, tomando como base os eixos da Avaliação em Profundidade, particularmente no que toca ao conteúdo, ao contexto de formulação do Programa e a trajetória do Programa na UFC.

Quanto ao instrumental metodológico, convém ressaltar que “a metodologia de avaliação em profundidade de políticas públicas não obedece a modelos *a priori*, mas sim, constitui uma construção processual do avaliador-pesquisador, que faz suas escolhas

metodológicas ao longo do processo avaliativo” (GUSSI; OLIVEIRA, 2016, pag. 94). Assim, Lejano (2012) também destaca a dificuldade de chegar a um modelo definitivo, tendo em vista que o processo analítico é permeado por particularidades que sofrem alterações segundo fatores de tempo e espaço.

Nesse sentido, apresento que, para a realização do presente estudo avaliativo, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica e documental relacionada ao momento político-econômico e social que caracterizou o Estado brasileiro no período em que o Programa CsF foi formulado. A pesquisa também evidenciou como as mudanças sofridas nesse cenário representaram o que Rodrigues (2008) chamou de fatores de entrave, desencadeando a descontinuidade do Programa Ciência sem Fronteiras.

Para fundamentar a análise do conteúdo e do material institucional do CsF, também recorri à pesquisa bibliográfica e documental, que abrangeu dissertações, teses, livros, leis, decretos, portarias, documentos institucionais, manuais, notícias publicadas na mídia, relatório. Tal levantamento perquiriu os objetivos e a estrutura de funcionamento do Programa, bem como as noções centrais que fundamentaram sua execução.

Quanto à trajetória do Ciência sem Fronteiras na UFC, realizei um levantamento no site institucional, resgatando matérias no jornal da instituição e notícias sobre o CsF no portal da UFC. De forma mais ampla, contudo, ainda conectada à temática do programa avaliado, a pesquisa retornou discursos de gestores sobre o Programa. Ainda nesse ponto, destaco a contribuição da pesquisa também realizada no âmbito do Programa de Avaliação de Políticas Públicas da UFC e intitulada “Trajetórias da Internacionalização da Universidade Pública: avaliação do Programa Ciências sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará” (Garcia, 2020), que será referenciada ao longo desta dissertação.

Ademais, recorri a dados divulgados no portal Painel de Controle do Programa Ciência no tocante à UFC. Em tal fonte, foi possível obter dados quantitativos que indicavam a distribuição de bolsas implementadas por instituição de origem no Estado do Ceará e a distribuição de bolsas implementadas na Universidade Federal do Ceará por formação (graduação, pós-graduação e outros), por área prioritária, por país de destino e por gênero.

Considerando, contudo, que a pesquisa é direcionada aos bolsistas de graduação sanduíche da UFC, solicitei a discriminação dos beneficiários do Programa na referida modalidade junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à própria Universidade Federal do Ceará.

Os supracitados pedidos foram encaminhados às instituições por intermédio do

Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (*e-SIC*), ferramenta de solicitação de acesso a informações públicas do Governo Federal. Em resposta, a CAPES concedeu acesso às informações solicitadas por meio de planilha, ressaltando que os dados apresentados estariam em constante atualização e que poderiam sofrer alterações no decorrer do tempo.

Por sua vez, o CNPq respondeu que foi instituído o “Plano de Dados Abertos do CNPq – 2019”, alinhado com a Política de Dados Abertos do Poder Executivo, conforme Decreto nº 8.777, de 11 de maio de 2016. O propósito da medida é publicar, na plataforma <http://dadosabertos.cnpq.br/organization/cnpq>, informações gerais sobre bolsas, auxílios e programas do CNPq, incluindo dados como: modalidades de bolsas e auxílios no País e no exterior; chamadas públicas; programas institucionais; processos de bolsistas e institucionais; investimentos etc. O CNPq finalizou a resposta recomendando a consulta ao referido portal, já que é permitido ao próprio interessado/usuário elaborar seus relatórios de acordo com suas necessidades, por meio do cruzamento dos dados disponíveis em cada planilha.

Seguindo a sugestão apontada pelo CNPq, consultei o referido site em busca de dados das bolsas concedidas pelo órgão aos estudantes de graduação da UFC no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras. Ocorre que as informações disponíveis na plataforma tratam apenas de “Bolsas e Auxílios Pagos nos anos de 2017 e 2018”, logo não contemplam as bolsas de graduação sanduíche ofertadas pelo CsF, considerando que os últimos editais para graduação foram lançados em 2014 e que, em abril de 2017, o Governo Federal anunciou que o Programa funcionaria apenas para pós-graduação.

Dessa forma, já que a informação recebida do CNPq não correspondia à solicitada, foi necessário apresentar recurso no *e-SIC*, reiterando o pedido de dados feito originalmente à instituição. Após apreciar o recurso, o CNPq disponibilizou os dados requestados também em formato de planilha.

Por fim, também obtive resposta da Universidade Federal do Ceará, que se manifestou por meio de sua Pró-Reitoria de Graduação, a qual emitiu um despacho em formato pdf, contendo a relação dos alunos de graduação da Universidade Federal do Ceará que foram contemplados com bolsas do Programa Ciência sem Fronteiras.

Da conferência realizada, após a reunião e cotejamento dos dados, verifiquei algumas inconsistências, como referências repetidas a bolsistas na lista da UFC; bolsistas apontados nas listas fornecidas pelo CNPq e pela CAPES não relacionados pela UFC; da mesma forma, alguns estudantes foram elencados pela UFC como participantes do CsF, mas não foram apontados como bolsistas pelas referidas agências de fomento. Diante das divergências apuradas, nova consulta foi realizada junto à UFC por intermédio do *e-SIC*, para debelar as

inconsistências.

Finalmente, a partir da relação consolidada dos alunos da UFC, bolsistas do CsF na graduação, realizei a pesquisa de campo usando como recorte os ex-bolsistas do CsF, egressos dos cursos de graduação da UFC e que tiveram suas bolsas financiadas pelo CNPq.

A escolha pelo aludido grupo mostrou-se mais acertada, considerando que os dados repassados pelo CNPq permitiram um alcance maior de informações se comparado àqueles obtidos junto a CAPES e a UFC, pois o Conselho, além de discriminar a listas de estudantes de graduação da UFC com bolsa do CsF custeada pelo órgão, informou também o país e a instituição de destino, a data de concessão da bolsa e o endereço de e-mail dos bolsistas.

Importante ressaltar que, a fim de prosseguir com uma pesquisa de campo mais ampla, cheguei ainda a realizar pedido de informação à UFC, por meio do *e-SIC*, para ter acesso ao contato de e-mail da totalidade dos estudantes da instituição agraciados com bolsa de graduação sanduíche pelo Programa Ciência sem Fronteiras. Contudo, a solicitação foi analisada pela Pró-Reitoria de Graduação da UFC, que emitiu parecer, por meio de sua Assessoria de Legislação do Ensino (ALE), indeferindo o pedido, sob o argumento de que o fornecimento do e-mail de aluno matriculado na UFC seria caracterizado como ofensa à proteção de dados pessoais. Assim, a negativa da UFC em disponibilizar os e-mails dos bolsistas reforçou a escolha por trabalhar somente com o grupo de estudantes agraciados com bolsa no CsF financiadas pelo CNPq.

Convém esclarecer e destacar que a amostra se mostrou representativa, contemplando estudantes egressos dos cursos de graduação que foram contemplados com maior número de bolsas em cada centro acadêmico da UFC, quais sejam: Ciências Biológicas, Agronomia, Psicologia, Engenharia Civil, Medicina, Farmácia, Design-Moda, Oceanografia, Sistemas e Mídias Digitais, Engenharia de Software – Campus UFC Quixadá, Engenharia de Computação – Campus UFC Sobral e Educação Física.

Diante do exposto, para coleta inicial de dados empreendida na pesquisa de campo, foi enviado, usando o Google Forms, questionário semiestruturado para os 720 ex-bolsistas do CsF que contaram com bolsa financiada pelo CNPq. A medida representou o primeiro passo para aproximação geral com a população estudada, bem como para ampliar o entendimento sobre a temática em análise sob o prisma dos estudantes.

Responderam ao instrumento 61 ex-bolsistas do CsF, graduados na UFC nos cursos de Arquitetura e Urbanismo (9), Engenharia Civil (6), Sistemas e Mídias Digitais (6), Engenharia de Produção Mecânica (5), Biotecnologia (3), Engenharia Ambiental (3), Engenharia de Teleinformática (3), Farmácia (3), Medicina (3), Ciências Ambientais (2),

Ciências Biológicas (2), Enfermagem (2), Engenharia Mecânica (2), Fisioterapia (2), Dança (1), Design (1), Design-Moda (1), Engenharia de Computação (1), Engenharia de Energias Renováveis (1), Engenharia de Petróleo (1), Engenharia de Telecomunicações (1), Geologia (1), Matemática Industrial (1) e Oceanografia (1).

Posteriormente, considerando os dados coletados com a aplicação do questionário, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis ex-bolsistas, graduados na UFC nos cursos de Design, Geologia, Farmácia, Arquitetura e Urbanismo, Sistemas e Mídias Digitais e Engenharia Ambiental. A entrevista teve como principal escopo compreender a trajetória de formação dos entrevistados e suas conexões com o Programa CsF. Ressalto que os entrevistados serão descritos na seção “5.3 Delineando as trajetórias de formação”.

A escolha da amostra se deu de forma intencional. Motivada pelo propósito de abordar formações com diferenciados sentidos, busquei entrevistar ex-bolsistas que trataram de sua experiência no intercâmbio de forma ampla, contemplando seus efeitos tanto no campo pessoal, como profissional e acadêmico.

Nesse ponto, faz-se necessário esclarecer que dentre os integrantes do grupo, apenas um entrevistado não foi selecionado a partir aqueles que responderem ao questionário. O planejamento inicial para essa etapa era realizar cinco entrevistas, considerando o critério de saturação.

Contudo, por meio da mídia, tomei conhecimento da atuação de um jovem cientista de 28 anos, natural de Quixeramobim, que está desenvolvendo pesquisas sobre o mapeamento de genoma do vírus da Covid-19, na Universidade de Oxford. Formado pelo curso de Farmácia da Universidade Federal do Ceará, o pesquisador participou do Programa Ciência sem Fronteiras, com bolsa financiada pela CAPES, durante sua graduação. Considerei, então, relevante a possibilidade de trabalhar o objeto dessa pesquisa avaliativa, qual seja, a formação no CsF na perspectiva da experiência do beneficiário, articulado ao contexto do evento mais importante da atualidade, o combate ao novo coronavírus, em 2020.

Para a investigação e interpretação dos dados obtidos com a presente pesquisa qualitativa, tomo como referência a análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003), que visa aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Em sua obra “Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva”, o autor propõe um ciclo de análise compostos por três focos principais: Desmontagem dos textos, Estabelecimento de relações e Captando o novo emergente. Esse movimento do ciclo de análise constitui um processo auto-organizado, cujos resultados (as novas compreensões) não podem ser previstos. O autor usa, então, a metáfora da “tempestade de luz” para expressar o ato de iluminar o

fenômeno estudado por que meio desse processo auto-organizado.

Assim, seguindo tal proposta, o primeiro passo realizado para tratar os dados obtidos foi fragmentar o material, para examiná-lo em seus detalhes a partir das unidades constituintes. Esse procedimento contribuiu especialmente para a análise das respostas discursivas no questionário e para a análise do conteúdo das entrevistas. A fragmentação desse material deu espaço, em um segundo momento, para realizar a categorização, relacionando as unidades e reunindo-as em categorias. As percepções dos beneficiários sobre o CsF, suas experiências e a formação obtida no Programa foram sendo reunidas em grupos temáticos na medida que demonstravam semelhanças. Como resultado desses dois estágios, foi possível atingir uma compreensão renovada do todo, sendo que, no tocante à avaliação do Programa em si, sobressaíram-se as dificuldades enfrentadas na implementação e execução da política, e, quanto à formação, destacaram-se as transformações nos mais diversos aspectos, acadêmico, profissional e pessoal. Tal processo de análise permitiu alcançar os resultados da pesquisa, os quais foram comunicados ao final do trabalho.

Por fim, ressalto que o retorno aos marcos teóricos foi realizado sempre que necessário ao bom desenvolvimento da análise de dados, estabelecendo conexões para conferir embasamento à pesquisa.

### **3 PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: CONTEXTOS POLÍTICOS E MARCOS CONCEITUAIS**

Orientada pelos eixos analíticos da Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008), esta seção é dedicada a avaliar o conteúdo do Programa CsF, seus marcos conceituais, bem como os contextos políticos que condicionaram a criação e a descontinuidade do Programa.

#### **3.1 Contextos políticos de formulação do Programa**

De acordo com os ensinamentos de Costa (2015), a compreensão sobre política pública está intrinsecamente relacionada à própria noção de Estado, particularmente em uma dimensão mais contemporânea da ação estatal, que se volta para propiciar as condições de existência e de desenvolvimento de suas comunidades. É nessa fase que se verifica a construção de uma estrutura política e administrativa que provoca o início de uma série de atividades que não estavam dadas pela matriz original do Estado, antes focado no controle e expansão do território através do monopólio legítimo da violência e da dominação por meio do poder militar.

Dessa forma, para subsidiar a compreensão sobre o Programa Ciência sem Fronteiras é imprescindível analisar as características do Estado brasileiro que favoreceram a criação do Programa em 2011, precisamente no contexto político-econômico do primeiro mandato do governo de Dilma Rousseff (2011-2016).

As particularidades que configuravam o Estado brasileiro naquele período remontam ao início dos anos 2000, quando o País passou a viver um período de fortes investimentos econômicos e sociais após a eleição do Presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2002.

Segundo Bresser-Pereira (2012), o mercado financeiro encarou com reservas o início do governo Lula, já que, antes de sua eleição, suas propostas econômicas destoavam do modelo em prática e eram consideradas muito radicais. Contudo, o governo Lula manteve-se alinhado às exigências do mercado financeiro, adotadas no País desde 1991. Somente em 2005, a gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) começou a sinalizar com mudanças na política econômica, consubstanciada na expansão do mercado interno, decorrente de uma política distributiva fundamentada no aumento do salário-mínimo e no bolsa-família, e no investimento nas empresas nacionais, por intermédio de financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social-BNDES.

Diante das alterações na política econômica então praticada e do esforço do governo

em promover uma associação entre gestores públicos, empresários e trabalhadores organizados em sindicatos, Bresser-Pereira (2012) percebeu sinais de formação de um novo pacto democrático e popular em nome de uma proposta de desenvolvimento baseada na estratégia nacional-desenvolvimentismo, praticada no Brasil entre 1930 e 1980.

O CsF é resultado dos grandes investimentos realizados pelo Estado brasileiro durante o governo petista, com a finalidade de estimular ciência, tecnologia e inovação, por meio da educação e pesquisa promovidas através da mobilidade acadêmica internacional de estudantes e pesquisadores brasileiros.

Ademais, considerando que contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras estava dentre os objetivos mais claros do Ciência sem Fronteiras, o Programa pode ser entendido como mais uma estratégia adotada pelo Governo Federal à época no sentido de fazer renascer uma política desenvolvimentista no Brasil.

Enquanto política pública voltada à concessão de bolsas de mobilidade acadêmica internacional, o Programa Ciência sem Fronteiras trabalhou tanto na perspectiva de incrementar a internacionalização da educação superior, como de desenvolver ciência, tecnologia e inovação.

Sobre a discussão da internacionalização da educação superior brasileira, temos que a criação do Ciência sem Fronteiras em 2011 representou um marco no cenário nacional. De acordo com Pavarina, Laisner e Mario (2017, p.15), antes do CsF, “as instituições de ensino superior pouco conseguiram traduzir em projetos e programas mais organizados e longevos o fomento e financiamento da cooperação acadêmica internacional”.

Contudo, uma leitura mais ampla quanto à questão da cooperação internacional no meio acadêmico permite observar que essa já estava presente em diretriz no primeiro Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado pela Lei nº 10.172/2001 e vigente no decênio 2001-2010. Nas diretrizes voltadas à Educação Superior, o referido plano manifesta que a produção de conhecimento tende a ser cada vez mais a base do desenvolvimento científico e tecnológico, responsável por criar o dinamismo das sociedades atuais. Nesse sentido, temos, segundo o PNE, que:

No mundo contemporâneo, as rápidas transformações destinam às universidades o desafio de reunir em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, os requisitos de relevância, incluindo a superação das desigualdades sociais e regionais, qualidade e cooperação internacional.

Apesar de a cooperação internacional no âmbito da educação superior ter sido tratada no PNE 2001-2010, o tema recebeu maior destaque no segundo Plano Nacional de

Educação, aprovado pela Lei nº 13.005/2014, com vigência para o período de 2014-2024.

Assim, para atingir a “Meta 12: elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e 3 por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e 4) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público”, consta no PNE 2014-2024 a seguinte estratégia:

12.12) consolidar e ampliar programas e ações de incentivo à mobilidade estudantil e docente em cursos de graduação e pós-graduação, em âmbito nacional e internacional, tendo em vista o enriquecimento da formação de nível superior;

Ao tratar da “Meta 13: elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores”, o Plano Nacional de Educação estabelece a estratégia de:

13.7) fomentar a formação de consórcios entre instituições públicas de educação superior, com vistas a potencializar a atuação regional, inclusive por meio de plano de desenvolvimento institucional integrado, assegurando maior visibilidade nacional e internacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão;

Além disso, o atual PNE estabelece a “Meta 14: elevar gradualmente o número de matrículas na pós-graduação stricto sensu, de modo a atingir a titulação anual de 60.000 (sessenta mil) mestres e 25.000 (vinte e 5 mil) doutores”. Para alcançar tal objetivo, o plano traça, dentre outras, as estratégias elencadas abaixo:

14.9) consolidar programas, projetos e ações que objetivem a internacionalização da pesquisa e da pós-graduação brasileiras, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa;

14.10) promover o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional, entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão;

14.13) aumentar qualitativa e quantitativamente o desempenho científico e tecnológico do País e a competitividade internacional da pesquisa brasileira, ampliando a cooperação científica com empresas, Instituições de Educação Superior – IES e demais Instituições Científicas e Tecnológicas – ICTs;

Assim, o Programa Ciência sem Fronteiras, ao fomentar a mobilidade acadêmica internacional de forma inédita, já que o fez seguindo um programa de amplo alcance, representou uma política pública nacional com potencial para concretizar, em grande parte, os anseios trazidos pelas estratégias descritas acima. Daí, a importância de realizar pesquisas para conhecer os efeitos que a experiência do CsF trouxe para esse projeto de alavancar a qualidade da educação superior também por meio da internacionalização.

Além da perspectiva educacional, os investimentos em formação de recursos

humanos promovidos pelo CsF buscavam também estimular os setores de ciência, tecnologia e inovação. Segundo Manços (2017), “países desenvolvidos e em desenvolvimento constroem estratégias nacionais de CT&I, realizam grandes investimentos em formação de recursos humanos e em pesquisa e desenvolvimento (P&D)”.

Nesse sentido, imprescindível reconhecer que, nos anos 2000, foram implementadas diversas políticas e regulamentações voltadas ao investimento em pesquisa e inovação, com destaque para a articulação da colaboração público-privada. As medidas visavam adotar uma estratégia tecnológica de aprendizagem ativa por intermédio de políticas de C,T&I, para superar o processo passivo de transferência tecnológica que ainda afeta o País (PEREIRA, 2013).

Entre as investidas direcionadas à política econômica e à política industrial, destacam-se no Governo Lula: a Lei nº 10.973/2004 (chamada de Lei de Inovação), que estabeleceu medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, adotando, como um de seus princípios norteados, a promoção da cooperação e interação entre os entes públicos, entre os setores públicos e privados e entre empresas; a Lei nº 11.196/2005 (conhecida como Lei do Bem), que criou a concessão de incentivos fiscais às pessoas jurídicas que realizarem pesquisa e desenvolvimento de inovação tecnológica, estimulando o setor privado a investir em inovação; a Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE) 2004; a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) 2004, criada para articular, coordenar e promover a PITCE; o Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação (*PACTI*) 2007-2010; o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 2007, plano estratégico de resgate do planejamento e de retomada dos investimentos em setores estruturantes do País.

À política industrial consubstanciada no PITCE de 2004, seguiram-se a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) de 2008, adotada no segundo mandato do governo Lula, e o Plano Brasil Maior (PBM) de 2011, elaborado na vigência do governo Dilma Rousseff. Considerando que o PBM foi criado buscando aperfeiçoar os resultados obtidos com a PITCE e com a PDP, verifica-se que o destaque na promoção de políticas voltadas para Ciência, Tecnologia e Inovação permaneceu no governo Dilma (PEREIRA, 2013).

Nesse sentido, a Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) 2012-2015 deu continuidade ao Plano de Ação em C,T&I 2007-2010. Segundo dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, os recursos disponibilizados em parceria com outros ministérios e empresas estatais passaram de uma perspectiva de R\$ 41,2 bilhões de investimentos no PACTI 2007-2010 para uma estimativa de R\$ 72 bilhões na ENCTI 2012-

2015 (MCTI, 2012).

A ENCTI 2012-2015 trouxe 5 desafios para o País, dos quais 2 relacionam-se diretamente ao propósito de reduzir nossa defasagem científica e tecnológica em relação aos demais países, e de consolidar a inserção internacional do Brasil. Quanto aos 4 eixos de sustentação da ENCTI, 2 dizem respeito à formação e capacitação de recursos humanos e ao fortalecimento da pesquisa e da infraestrutura científica e tecnológica.

Na apresentação da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012-2015, o Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação à época, Aloizio Mercadante, defendeu que para transformar o Brasil em um país efetivamente desenvolvido é preciso combinar educação universal de qualidade, pesquisa científica, inovação e inclusão social (MCTI, 2012). Portanto, foi nesse cenário político de forte incentivo estatal ao desenvolvimento econômico, com o alinhamento de formação de recursos humanos e de investimentos em ciência, tecnologia e inovação, que o Programa Ciência sem Fronteiras foi formulado e implementado.

Não à toa, o Ciência sem Fronteiras foi eleito pela Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012-2015 como uma das estratégias associadas para a promoção acelerada do desenvolvimento tecnológico e o estímulo aos processos de inovação no Brasil por meio da qualificação de estudantes e pesquisadores brasileiros em áreas estratégicas. Assim, de acordo com a ENCTI, o CsF foi uma ferramenta para ampliar o capital humano capacitado, atendendo as demandas por pesquisa, desenvolvimento e inovação em áreas estratégicas para o desenvolvimento sustentável do País.

Consoante já discutido, quando do lançamento do Programa Ciência sem Fronteiras em 2011, a meta do Governo previa a utilização de 101.000 bolsas em 4 anos. Passado o período previsto, a CAPES e o CNPq anunciaram que o Programa atingiu sua meta com a concessão global de 101.446 bolsas (SANTOS, 2015).

Contudo o cumprimento da meta inicialmente estabelecida para o Programa teve um custo elevado de mais de 10 bilhões. Segundo divulgado pelo Ministério da Educação em seu sítio eletrônico, foram destinados pelo MEC R\$ 3,7 bilhões para manter o Programa Ciência sem Fronteiras somente em 2015. Tal investimento seria “o mesmo valor investido na merenda escolar de 39 milhões de alunos da Educação Básica no país” (MEC, 2017).

Além do elevado custo, o Programa também enfrentou duras críticas por não existir um acompanhamento sistematizado do conhecimento adquirido pelos alunos no intercâmbio, dificultando a avaliação e o controle de sua eficácia.

No tocante à conjuntura política, verificava-se que o acordo unindo setores diversos da sociedade fracassou antes de consolidar o que parecia ser uma nova política

desenvolvimentista. Favorecidos por um ambiente de recessão econômica mundial que também afetou a economia brasileira e apoiados no dominante segmento da mídia tradicional que propagava diariamente a crise vivenciada, aumentando a instabilidade político-econômica, setores da elite conservada conduziram o processo de *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, que, no dizer de Carvalho, Milanez e Guerra (2018, p.27), configurou-se como “um golpe de Estado jurídico-parlamentar-midiático, a desencadear a implementação intensiva de políticas neoliberais, com o desmonte de direitos e recuos das políticas sociais”.

Os interesses da elite em salvaguardar seus lucros em períodos de crise passaram por cima inclusive do Estado democrático, conforme fica claro com a deposição de Dilma Rousseff. A ruptura do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) com o modelo econômico adotado pelo governo Dilma foi formalizado por meio de um documento intitulado “Uma ponte para o futuro”. Nele, o então Vice-Presidente, Michel Temer, acusava o governo vigente de ter cometido excessos ao assumir investimentos acima da capacidade fiscal do Estado, como por exemplo, com a admissão de novos servidores, a criação de novos programas e a ampliação dos antigos.

O programa contido no referido documento expressava o compromisso de alterar a forma de administrar o País e tinha propostas como: acabar com as vinculações constitucionais estabelecidas para gastos com saúde e educação; tornar o orçamento aprovado pelo Congresso inteiramente impositivo; acabar com todas as indexações, seja para salários ou benefícios previdenciários; acabar com a indexação de benefícios ao salário-mínimo; estabelecer idade mínima para aposentadorias no regime geral de previdência social, que não fosse inferior a 65 anos para homens e 60 anos para mulheres; reduzir o tamanho do Estado por meio de privatizações; entre outras (PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO, 2015).

Com isso, a chegada de Michel Temer a chefia do Poder Executivo fez voltar ao poder lideranças políticas que possuem uma proposta de desenvolvimento econômico e social radicalmente contrária a que vinha sendo adotada pelo governo anterior. A política desenvolvimentista que se desenhava no País nos governos Lula e Dilma cedeu espaço para o fortalecimento da política neoliberal fundamentada na diminuição do Estado, trazendo de volta práticas de governo experimentadas nos anos 90 com as gestões de Fernando Henrique Cardoso.

Diante desse cenário, superada a primeira fase do CsF, em vez de concentrar esforços para superar as falhas diagnosticadas na gestão e na avaliação preliminar do Programa, o Governo Federal sob a gestão de Michel Temer optou por encerrar a oferta de bolsas de estudo para o público da graduação (anteriormente principal beneficiário do Programa). Para

fundamentar sua decisão, o Governo alegou que não houve o atendimento aos resultados esperados, somando tal justificativa ao imperativo de enxugar as contas públicas diante da crise econômica que o País atravessa.

Acertadamente Carvalho; Milanez; Guerra (2018, p.48) destacam que Temer cumpriu a função de assumir a condução do País, contudo poderia ser qualquer outro desde que estivesse a serviço da agenda neoliberal de ajuste fiscal. Foi, exatamente, o que aconteceu na eleição presidencial de 2018, quando o atual presidente Jair Bolsonaro saiu vitorioso, sustentando o discurso de combate à corrupção da chamada velha política, mostrando-se como uma opção renovada, mas, principalmente, defendendo uma agenda ultraliberal, representada na figura do hoje Ministro da Economia, Paulo Guedes.

Como resultado, o quadro social brasileiro já demonstra atravessar uma grave crise, provando que a realidade que se avizinha impõe a construção de caminhos para fazer frente ao grande desafio de resistir às investidas dos interesses econômicos na área social. A Síntese de Indicadores Sociais (SIS), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgada no final de 2018, revela que, entre 2016 e 2017, aumentou o percentual de brasileiros vivendo abaixo da linha de extrema pobreza global. Em 2016, havia 6,6% da população abaixo desta linha, enquanto o valor chegou a 7,4% em 2017. A pesquisa faz uma análise das condições de vida da população brasileira, considerando, no tocante a desigualdade, indicadores de distribuição do rendimento, acesso a bens e serviços, pobreza monetária e restrição de acesso em múltiplas dimensões (IBGE, 2018).

Ademais, dados do Banco Mundial, que integram o relatório “Efeitos dos Ciclos Econômicos nos Indicadores Sociais da América Latina e Caribe: Quando os Sonhos encontram a Realidade”, divulgado em abril de 2019, alinham-se aos dados do IBGE. Segundo o relatório do Banco Mundial, a pobreza aumentou no Brasil entre 2014 e 2017, atingindo 21% da população, que corresponde a 43,5 milhões de pessoas (WELLE, 2019).

Portanto, a descontinuidade do Programa Ciência sem Fronteiras deve ser percebida dentro desses acontecimentos políticos, econômicos e sociais que condicionam o momento histórico que o País atravessa notadamente nos últimos anos.

### **3.2 Marcos conceituais do Programa**

Lançado em 2011, o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) expressou uma política de mobilidade internacional executada conjuntamente pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), os quais atuavam por intermédio

de suas instituições de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O principal marco regulatório do Ciência sem Fronteiras é o Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011, por meio do qual o Governo Federal instituiu o Programa. É nele que está estabelecido o delineamento do CsF, uma vez que o mesmo prevê elementos fundamentais como: os objetivos; as modalidades de bolsas de estudo; a criação dos comitês de execução e acompanhamento, bem como suas atribuições; e as fontes de custeio.

A oportunidade de estudar em instituições estrangeiras de ensino superior, proporcionada pelo CsF, ocorreu por meio da concessão de bolsas de estudo em diversas modalidades, quais sejam: graduação-sanduíche, educação profissional e tecnológica, doutorado-sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado. Ressalte-se que informações divulgadas no portal eletrônico do Programa dão conta da oferta de bolsas também na categoria de mestrado profissional.

As bolsas para cursos de mestrado profissional não estavam previstas inicialmente no Decreto nº 7642. Somente em outubro de 2013, o MEC anunciou que também iria contemplar a área, objetivando uma formação diferencial para tal público, com uma qualificação mais específica e voltada ao mercado de trabalho (MEC, 2013).

As ações do Programa, além de beneficiar estudantes e pesquisadores nos diferentes níveis de formação (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado), apoiaram, com a concessão de bolsas na modalidade Desenvolvimento Tecnológico, o aperfeiçoamento, a reciclagem e o treinamento no exterior de especialistas e técnicos, por intermédio da realização de estágios e cursos.

Além das bolsas ofertadas no exterior, tivemos ainda modalidades concedidas no País, por meio da bolsa pesquisador visitante especial e da bolsa jovens talentos, que visavam atrair tanto cientistas renomados como jovens cientistas, para que fossem estabelecidas parcerias em pesquisas realizadas no Brasil.

Após analisar o conteúdo do Programa disposto no Decreto nº 7642, percebe-se que seus conceitos e suas noções centrais estão relacionados à formação e qualificação por intermédio de novas experiências educacionais; à mobilidade acadêmica internacional; à internacionalização das instituições brasileiras de ensino superior; à cooperação entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros; ao incentivo da pesquisa realizada no Brasil, conferindo-lhe um alcance internacional. Senão vejamos os objetivos do CsF expressos na referida norma:

Art. 2º-São objetivos do Programa Ciência sem Fronteiras:

I – promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a **formação** de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, o empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil;

II – ampliar a participação e a **mobilidade internacional** de estudantes de cursos técnicos, graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores, especialistas, técnicos, tecnólogos e engenheiros, pessoal técnico-científico de empresas e centros de pesquisa e de inovação tecnológica brasileiros, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;

III – criar oportunidade de **cooperação** entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional;

IV – promover a cooperação técnico-científica entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores de reconhecida liderança científica residentes no exterior por meio de projetos de **cooperação bilateral** e programas para **fixação** no País, na condição de **pesquisadores visitantes ou em caráter permanente**;

V – promover a **cooperação internacional** na área de ciência, tecnologia e inovação;

VI – contribuir para o processo de **internacionalização das instituições de ensino superior e dos centros de pesquisa brasileiros**;

VII – propiciar maior **visibilidade internacional à pesquisa** acadêmica e científica realizada no Brasil;

VIII – contribuir para o aumento da **competitividade das empresas brasileiras**; e

IX – estimular e aperfeiçoar as **pesquisas aplicadas** no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação. (grifo nosso)

Os supracitados objetivos estavam alinhados com a finalidade de, ao conectar a atuação acadêmica e científica nacional aos melhores centros de ensino e pesquisa do mundo, alcançar um maior nível de desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, garantindo competitividade industrial ao País. Assim, as bolsas do Programa CsF tiveram, especificamente, como público-alvo estudantes, docentes e pesquisadores de áreas do conhecimento consideradas prioritárias pelo impacto positivo que podem causar no campo da tecnologia e inovação.

O art. 13 do Decreto nº 7642 conferiu a atribuição de instituir as áreas e temas prioritários para atuação do Programa Ciência sem Fronteiras aos Ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação. Assim, tais áreas foram especificadas por meio da Portaria Interministerial nº 1, de 9 de janeiro de 2013, conforme se verifica a seguir:

Art. 1º Ficam instituídas as áreas e temas prioritários de atuação do Programa Ciência sem Fronteiras, indicados a seguir:

I – engenharias e demais áreas tecnológicas;

II – ciências exatas e da terra;

III – biologia, ciências biomédicas e da saúde;

IV – computação e tecnologias da informação;

V – tecnologia aeroespacial;

VI – fármacos;

VII – produção agrícola sustentável;

VIII – petróleo, gás e carvão mineral;

IX – energias renováveis

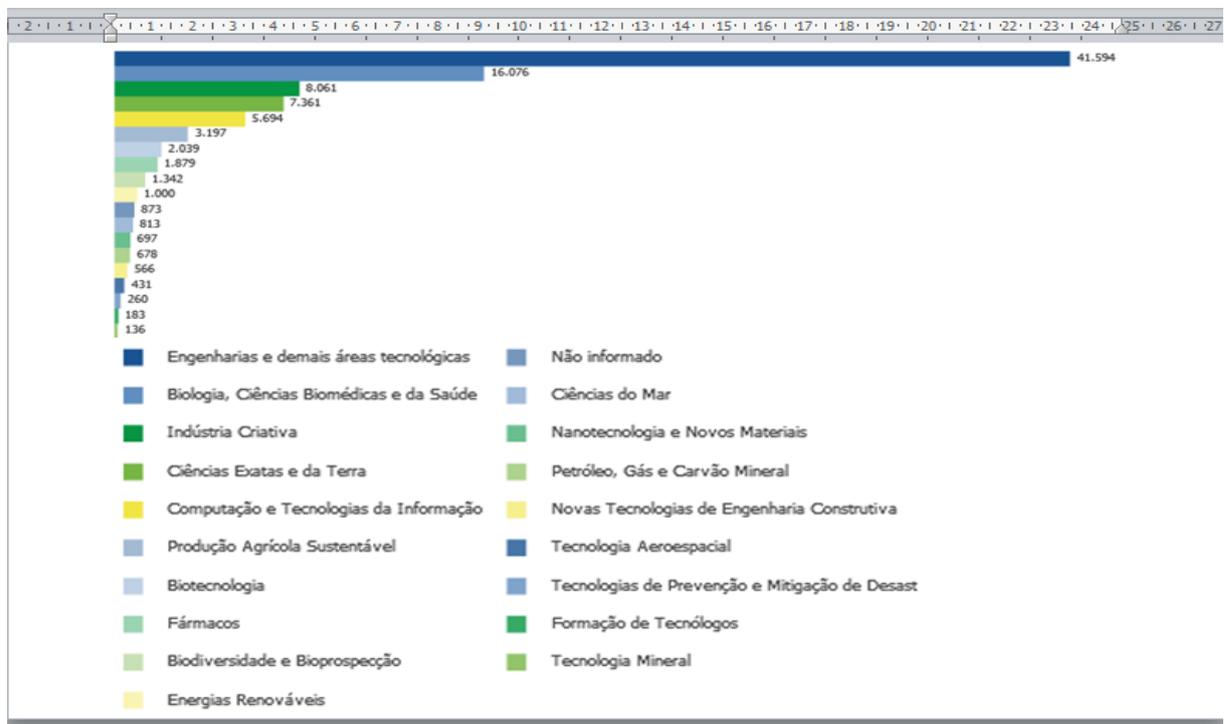
X – tecnologia mineral

XI – biotecnologia

- XII – manotecnologia e novos materiais
- XIII – tecnologia de prevenção e mitigação de desastres naturais;
- XIV – biodiversidade e bioprospecção
- XV – ciências do mar
- XVI – indústria criativa
- XVII – novas tecnologias de engenharia construtiva; e
- XVII – formação de tecnólogos.

A portaria estabelece ainda que caberia à CAPES e ao CNPq definirem, conforme o curso de origem dos candidatos, a pertinência das candidaturas às diversas áreas e temas do Programa. Abaixo temos como ocorreu a distribuição das bolsas implementadas por área prioritária.

Figura 1 – Distribuição de bolsas implementadas por área prioritária



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

A figura demonstra que a área mais beneficiada com bolsas do Programa Ciência sem Fronteiras foi “engenharia e demais áreas tecnológicas”, reunindo um total de 41.594 bolsas, seguida de “biologia, ciências biomédicas e da saúde”, com 16.076, e de “indústria criativa”, com 8.061 bolsas.

A prioridade conferida à área das engenharias estava totalmente alinhada com o propósito do CsF. Já no lançamento do Programa, ocorrido em julho de 2011, durante a 38ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), o então ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, ressaltou que o número de

estudantes graduados nas engenharias não acompanhou o ritmo de crescimento dos graduados em geral, observado o ano de 2010. Em sua fala destacou ainda que enquanto o Brasil possuía 1 engenheiro para cada 50 formados, a Coreia possuía 1 engenheiro para cada 4 formados (CAPES, 2011).

Ratificando o déficit de recursos humanos qualificados nas áreas de engenharias, ciências básicas e demais áreas tecnológicas, Manços e Coelho (2017) afirmam que:

No início da década, em 2010, o Brasil formou 40.921 engenheiros, quantidade equivalente a apenas 4,93% de todos os 829.286 diplomas entregues aos concluintes do ensino superior naquele ano. Para a área de ‘ciências, matemática e computação’, que contempla 35 cursos de nível superior agrupados em 11 subáreas, o número de concluintes em 2010 foi equivalente 6,29% do total de diplomados no país.

Contudo, embora o Ciência sem Fronteiras tivesse como objetivo primeiro fomentar o campo das engenharias, ciências básicas e tecnológicas, estudantes de vários cursos das Ciências Humanas e Sociais encontram na área de “indústria criativa” uma brecha para participar do Programa. Isso porque algumas seleções relacionavam à “indústria criativa” cursos como publicidade, filme, vídeo, fotografia, música, dança, teatro, televisão, rádio, editoração.<sup>11</sup>

Contudo, a possibilidade de oferta de bolsas abrangendo cursos das Ciências Humanas e Sociais acabou gerando um impasse que resultou com o ingresso de ações judiciais contra o Programa. A celeuma teve início com alterações em editais de seleção para o Ciência sem Fronteiras publicados no ano de 2012, com cronograma de inscrição para os meses de agosto e novembro. Aqueles que se inscrevessem em agosto de 2012 estariam concorrendo a bolsas para o primeiro semestre de 2013, enquanto os candidatos que se inscrevessem em novembro de 2012 disputariam bolsas para o segundo semestre de 2013. Inicialmente, as duas chamadas contemplavam os mesmos cursos na área de “indústria criativa”. Porém, no período de inscrição de novembro de 2012, houve uma retificação nos editais que excluiu da disputa cerca de 20 cursos, a maioria da área de Humanas.

Os estudantes se sentiram lesados com a exclusão, pois muitos tinham investido em cursos de língua estrangeira e testes de proficiência na expectativa de participar da seleção, que inicialmente previa bolsas para seus cursos. Inconformados formaram um grupo nas redes sociais, intitulado “Ciência com Fronteiras”, com o objetivo de concentrar esforços para anular

---

<sup>11</sup> Tais cursos estavam previstos, por exemplo, na área de “indústria criativa” da CHAMADA PÚBLICA PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS/ NUFFIC (Organização Neerlandesa para Cooperação Internacional em Educação Superior) nº 116/2012. Disponível em [http://www.CAPES.gov.br/images/stories/download/editais/ChamadaPubl\\_116-2012\\_CSF-HolandaNUFFIC\\_15mar12.pdf](http://www.CAPES.gov.br/images/stories/download/editais/ChamadaPubl_116-2012_CSF-HolandaNUFFIC_15mar12.pdf).

os efeitos da retificação imposta, especificamente, às chamadas de novembro de 2012, e manter os cursos superiores que estavam incluídos na primeira chamada<sup>12</sup>. O movimento dos estudantes, representado em ação judicial pelo Ministério Público Federal, obteve êxito em primeira instância e os critérios da chamada anterior foram mantidos (CIÊNCIA COM FRONTEIRAS, 2012).

A articulação nas redes sociais entre os estudantes de Humanas interessados em participar do CsF permaneceu ativa enquanto o Programa esteve vigente. Além de pressionar os responsáveis pela execução da política, inclusive em reuniões com representantes da CAPES, o grupo seguiu prestando informações nas redes sociais sobre as seleções do CsF, com alertas para o lançamento de novos editais, prazos e requisitos necessários à inscrição. Assim, formou-se um importante canal de comunicação sobre o CsF conduzido pelos próprios estudantes.

Ao analisar o conteúdo do Programa CsF, é possível notar que seus propósitos, expressos no objetivo de estimular pesquisas aplicadas a fim de favorecer o desenvolvimento científico e tecnológico e inovação, contribuindo para o aumento da competitividade das empresas brasileiras, não deixam dúvidas que a formação almejada pelo Programa estava direcionada a um aspecto técnico de qualificação de determinado público-alvo (da área de tecnologia, ciências exatas e engenharia) para fortalecer a mão-de-obra nacional e expandir a economia do País.

Contudo, as intencionalidades presentes no texto da política, traçadas quando essa ainda não estava em campo, são confrontadas quando o Programa é colocado em prática, fazendo surgir novos sentidos e possibilidades, diferentes daqueles previstos inicialmente. Foi o que aconteceu, consoante já exposto, com a participação de estudantes de cursos das Ciências Humanas e Sociais. Apesar do CsF não contemplar esses estudantes em seu público-alvo, alguns conquistaram espaço no Programa e também garantiram a oportunidade de formação no exterior, por meio do intercâmbio.

### **3.3 A implementação do Programa**

Quanto à execução do Ciência sem Fronteiras, tem-se que esta seguiu as regulamentações gerais estabelecidas no Decreto nº 7642, o qual prevê que as ações do Programa seriam complementares aquelas já desenvolvidas pela CAPES e pelo CNPq no âmbito da cooperação internacional e da concessão de bolsas de estudo no exterior.

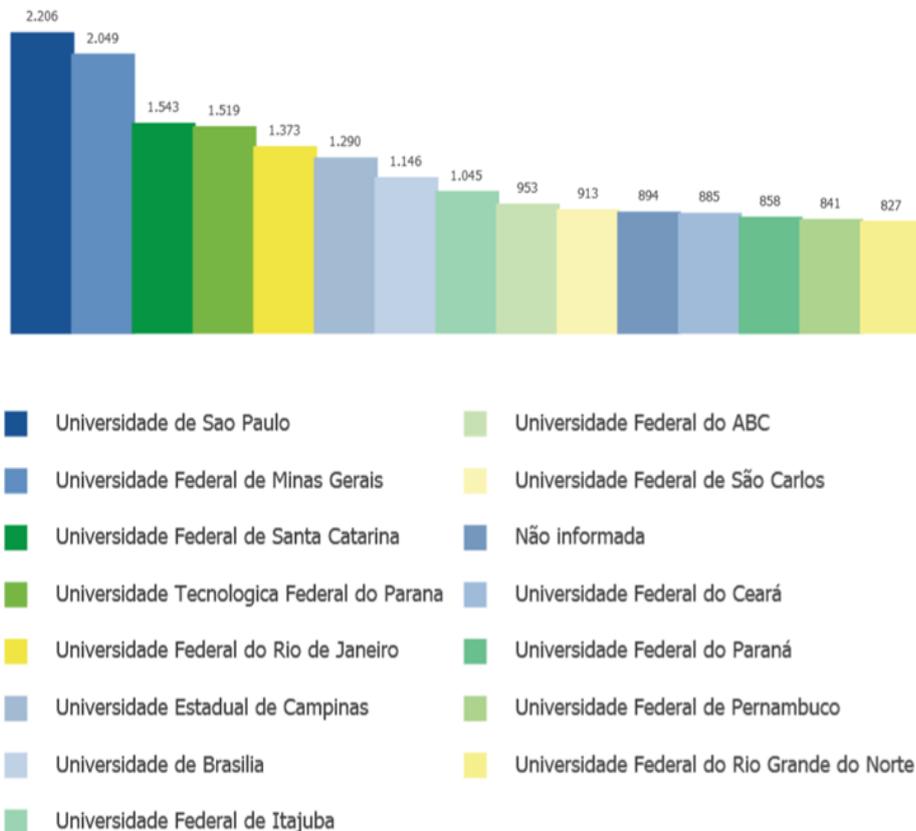
---

<sup>12</sup> Ver <https://www.facebook.com/CienciaComFronteiras>.

Coube às agências executoras CAPES e CNPq realizar, conjuntamente (respeitadas as particularidades de cada entidade), chamadas públicas para divulgação, em esfera nacional ou internacional, do processo de concessão de bolsas, bem como promover a seleção dos bolsistas, seguindo critérios de mérito em relação aos beneficiários e aos projetos.

As instituições em questão poderiam firmar convênios, acordos de cooperação, ajustes ou outros instrumentos congêneres, com órgãos e entidades da administração pública federal, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como com entidades privadas. No site do Programa Ciência sem Fronteira, consta inclusive o modelo de Acordo de adesão das Instituições de Ensino Superior. A assinatura do documento tinha a finalidade de firmar acordo para a participação no CsF de estudantes de graduação das instituições signatárias. A seguir temos a distribuição das bolsas implementadas por instituição de origem no tocante à área que mais recebeu bolsas de estudo, qual seja “engenharia e demais áreas tecnológicas”:

Figura 2 – Distribuição de bolsas implementadas por instituição de origem – Engenharias e demais áreas tecnológicas



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Os dados indicam que as bolsas implementadas na área de “engenharias e demais áreas tecnológicas” ficaram concentradas em universidades públicas da região sudeste, com destaque para a Universidade de São Paulo e para a Universidade Federal de Minas Gerais. Contudo, dentre as quinze instituições mais beneficiadas com bolsas na referida área, observam-se também universidades do Nordeste, representadas pela Universidade Federal do Ceará (que aqui aparece como a IES do Nordeste que foi contemplada com a maior quantidade de bolsas na área em questão), Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No tocante às dinâmicas de implementação, acompanhamento e avaliação do Programa, o Decreto nº 7642 criou o Comitê Executivo e o Comitê de Acompanhamento e Assessoramento do Programa Ciência sem Fronteiras. Os 2 comitês tinham em comum os seguintes membros: um representante da Casa Civil da Presidência da República, um representante do Ministério da Educação, um representante do Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação e um representante do Ministério das Relações Exteriores.

Além desses, o Comitê Executivo do Programa Ciência sem Fronteiras era composto pelo presidente do CNPq e pelo presidente da CAPES. Enquanto o Comitê de Acompanhamento e Assessoramento do Programa Ciência sem Fronteiras ficava completo com a participação de: um representante do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; um representante do Ministério da Fazenda; um representante do Ministério Planejamento, Orçamento e Gestão e 4 representantes de entidades privadas que participem do financiamento do Programa.

As atribuições dos comitês estão delineadas de forma ampla no Decreto nº 7642. Assim, temos, no art. 7º da norma, que a competência do Comitê Executivo do Programa Ciência sem Fronteiras envolvia estabelecer o cronograma de execução, os critérios de seleção dos bolsistas, os critérios de seleção das instituições participantes do Programa, os valores das bolsas e o apoio a projetos. Além disso, cabia ainda ao Comitê Executivo identificar centros e lideranças no exterior de interesse para o CsF.

No tocante ao Comitê de Acompanhamento e Assessoramento (CAA) do Programa Ciência sem Fronteiras, além do disposto no art. 5º do Decreto nº 7642, temos normas de funcionamento que foram instituídas por meio da Portaria Interministerial nº 251, de 12 de abril de 2012. Dentre as atribuições do CAA, cabia ao órgão propor metas e indicadores de desempenho, acompanhar e avaliar sua execução, bem como divulgar, periodicamente, seus resultados.

Além disso, a execução do Programa Ciência sem Fronteiras contou com ações do

Ministério das Relações Exteriores no sentido de reforçar o apoio destinado aos estudantes brasileiros que se espalharam pelo mundo para estudar graças ao CsF. Os bolsistas eram orientados a, logo que chegassem ao país de destino, procurar o consulado mais próximo de sua jurisdição para realizar o registro consular. Com isso, as autoridades consulares poderiam melhorar a assistência prestada aos estudantes. O Setor Educacional dos consulados e embaixadas brasileiros produziu vasto material contendo orientações para estudantes do CsF que incluíam, por exemplo, informações sobre a chegada ao país estrangeiro (bagagens, alfândega, registros burocráticos, controle de passaporte, visto), a vida no país de destino (fuso horário, idioma, locomoção, custo de vida, clima) e a assistência consular (canais de contato, serviços diplomáticos e consulares, jurisdição).

### **3.4 Metas e execução orçamentária**

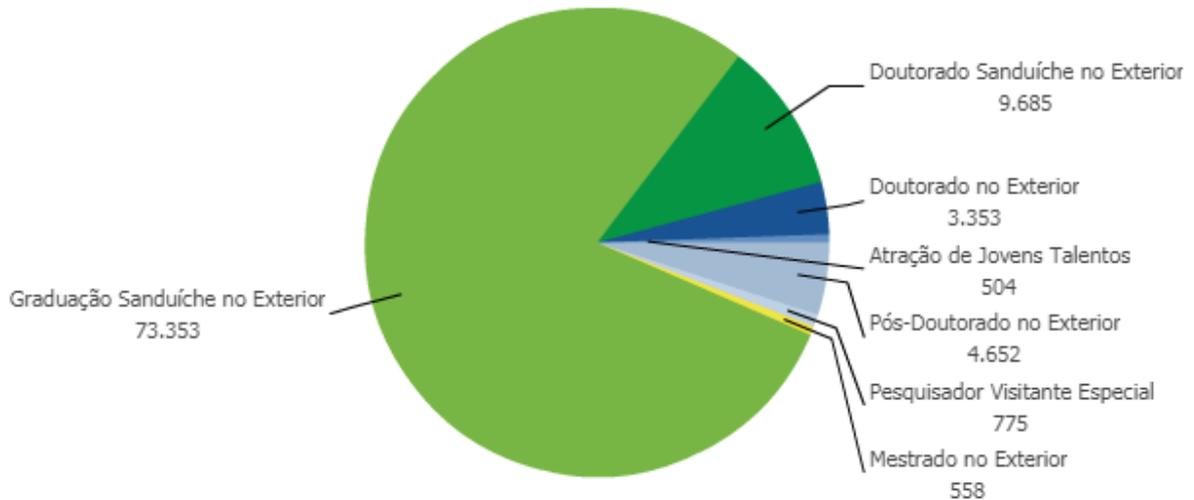
A previsão inicial do Ciência sem Fronteiras era conceder até 101.000 bolsas em quatro anos. De acordo com dados divulgados pela CAPES e pelo CNPq na 67ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em 2015, a meta inicial foi superada com a concessão global de 101.446 bolsas de estudo em quatro anos<sup>13</sup>.

No sítio eletrônico do Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, o qual contém dados atualizados até janeiro de 2016, consta que o Programa havia implementado 92.880 bolsas. Importante reiterar que considerar que uma bolsa de estudo foi implementada significa que foi realizado pelo menos um pagamento para o bolsista, ainda que não iniciado seu período de vigência. Abaixo segue quadro, contendo demonstrativo das bolsas implementadas por modalidade de bolsas.

---

<sup>13</sup> Informação extraída do site [http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_VF2v/214072/5100172](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views/-/journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/5100172).

Figura 3 – Distribuição das bolsas implementadas por modalidade.

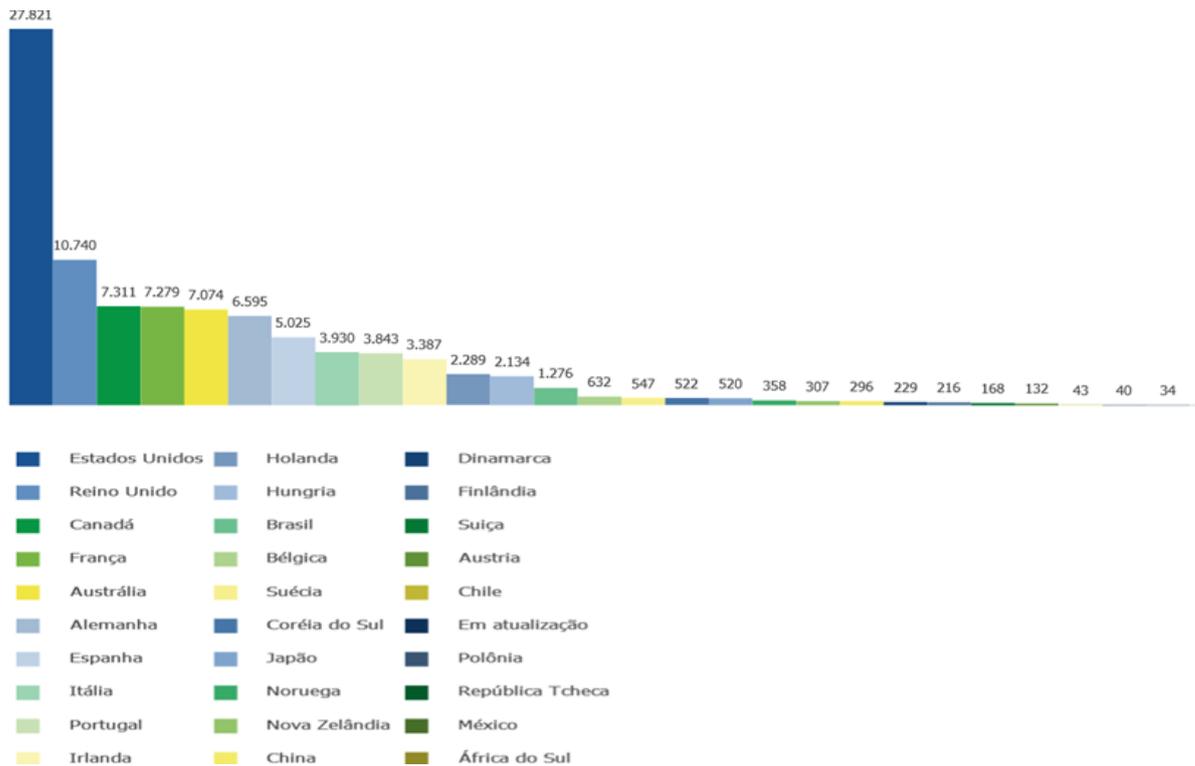


Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

A representação deixa claro que o Programa Ciência sem Fronteiras concentrou a oferta de bolsas na graduação, sendo esse público responsável por conquistar 78,98% das bolsas implementadas pelo Programa, o que corresponde a 73.353 bolsas. O expressivo número de bolsas de graduação sanduíche concedidas por intermédio do Programa foi um marco inédito nas políticas de internacionalização da educação brasileira.

Os principais países de destino dos bolsistas do Ciência sem Fronteiras foram Estados Unidos (27.821 bolsistas), Reino Unido (10.740 bolsistas) e Canadá (7.311 bolsistas). Conforme, exposto no quadro abaixo é possível notar que os principais destinos do CsF estavam nos EUA e em países da Europa. Em contrapartida países como Chile, Polônia, República Tcheca, México e África do Sul receberam um número bem inferior de intercambistas brasileiros. Nesse ponto, convém esclarecer que o Brasil também figura como país de destino, uma vez que, além das bolsas ofertadas no exterior, tivemos ainda modalidades concedidas no território nacional, por meio da bolsa pesquisador visitante especial e da bolsa jovens talentos. Abaixo segue a distribuição das bolsas implementadas por país de destino.

Figura 4 – Distribuição de bolsas implementadas por país de destino.



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Para viabilizar o cumprimento das metas estabelecidas, o CsF contou com custeio proveniente de dotação orçamentária da União, consignadas anualmente aos órgãos e entidades envolvidos no Programa, e de outras fontes de recursos, originárias de entidades públicas e privadas. Tendo em vista a meta inicial de concessão de 101.000 bolsas, a previsão era que 75.000 bolsas seriam financiadas com recursos do Governo Federal e 26.000 bolsas seriam concedidas com recursos da iniciativa privada (empresas, bancos e estatais).

Contudo, a colaboração do setor privado logo deu sinais de crise, de forma que, no início de 2014, circulavam notícias sobre o descumprimento das promessas assumidas pela iniciativa privada. Segundo informações publicadas no portal O Globo, com base em dados repassados pela CAPES em dezembro de 2013, enquanto o governo havia cumprido 76% de sua meta, os parceiros privados tinham atendido apenas 13% do prometido (WEBER, 2014).

O cenário permaneceu aquém do previsto, já que o relatório da Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) do Senado, referente à avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras, revela, de acordo com dados da CAPES atualizados até 26 de outubro de 2015, que apenas 15.508 bolsas haviam sido financiadas pelo setor empresarial, com perspectiva de atingir 21,5 mil, considerando recursos que seriam

repassados até 2017.<sup>14</sup> Um número ainda inferior a meta estabelecida para a iniciativa privada (SENADO, 2015).

De modo geral, as empresas manifestaram dificuldade para honrar com os elevados valores necessários para atingir a meta proposta. Outra queixa do setor, especialmente das entidades industriais parceiras, estava ligada à incompatibilidade entre o formato do Programa e as expectativas do segmento, que esperavam ações para qualificar pesquisadores com um viés mais profissionalizante (WEBER, 2014).

Pesquisa realizada por Judd (2014), que resultou na dissertação “101 mil brasileiros no mundo: as implicações do Programa Ciência sem Fronteiras para o Estado desenvolvimentista brasileiro”, revela que havia:

[...] uma desconexão entre o desenho fundamental do Programa e a capacidade das pessoas envolvidas no setor privado de aproveitar as ofertas do Programa. Pessoas empregadas em firmas e empresas de ponta não podem usufruir do Programa, pois não podem simplesmente sair do seu emprego para passar um ano fora estudando. Então, o Programa não atingiu um segmento da população relevante em termos de desenvolvimento de tecnologia e inovação.

Para contornar a situação, o governo decidiu incluir no CsF a oferta de bolsas na modalidade de mestrado profissional. Contudo, após o encerramento do Programa, não houve uma atualização, uma consolidação dos dados do CsF, que permitisse averiguar se o setor privado se aproximou do compromisso assumido a princípio de conceder 26.000 bolsas de estudo no âmbito do CsF.

No tocante ao orçamento público executado pelo Programa Ciência sem Fronteira, novamente recorro à avaliação realizada pela Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) do Senado, que elegeu, para uma análise com foco mais operacional que de conformidade, evidenciar: os valores da dotação no Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA); a dotação autorizada no exercício corrente somada às autorizações de anos anteriores inscritas em restos a pagar; e o total de valores pagos, somando-se execução do orçamento do exercício, bem como dos restos a pagar de exercícios anteriores (SENADO, 2015).

De acordo com os valores apurados pela CCT até 3 de novembro de 2015, foram gastos com o CsF cerca de R\$ 10,5 bilhões, tendo o Ministério da Educação contribuído com 66% das despesas e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação com 34%. De acordo com

---

<sup>14</sup> Tendo em vista a atribuição do Senado Federal de avaliação de política pública, sua Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) selecionou, no exercício de 2015, analisar as políticas públicas voltadas para a formação de recursos humanos para Ciência, Tecnologia e Inovação, com ênfase no Programa Ciência Sem Fronteiras.

dados apresentados no relatório da referida Comissão, temos que o custo médio com uma bolsa de graduação sanduíche era de 33.752,43 dólares, consoante se verifica na tabela a seguir.

Tabela 1 – Custo médio das bolsas ofertadas pelo Programa Ciência sem Fronteiras

MODALIDADE	VALOR (U\$)
Graduação sanduíche	33.752,43
Mestrado Profissional	38.288,00
Doutorado Sanduíche	33.461,51
Doutorado Pleno	39.946,65*
Pós-Doutorado	35.329,14

\*Valor anual

Fonte: Relatório de avaliação do programa Ciência sem Fronteiras do Senado Federal elaborado com dados da CAPES e do CNPq (2015)

Em momento posterior, trabalho publicado na revista Pesquisa FAPESP informa que o Programa Ciência sem Fronteiras teria encerrado suas atividades com um gasto da ordem de 13,2 bilhões, que deveria se aproximar de 15 bilhões até 2020, prazo em que se encerra a vigência de todas as bolsas do Programa (MARQUES, 2017).

Apesar do alto custo, destaco, por oportuno, que a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) do Senado conclui seu relatório tecendo recomendação sobre o Programa, entre as quais se destacavam: promover a continuidade do Ciência sem Fronteiras, mesmo considerando o momento de dificuldades fiscais do País; e dar continuidade na oferta de bolsas de estudos para estudantes da graduação. No tocante às bolsas no exterior, recomendou-se conferir prioridade a concessão de bolsas de pós-graduação nas modalidades de doutorado pleno, doutorado sanduíche, pós-doutorado e mestrado.

Ademais a referida Comissão recomendou, aos gestores do CsF e às demais autoridades responsáveis pela formulação das políticas públicas de Ciência, Tecnologia e Inovação, que o CsF configurasse como política de Estado, e não apenas de governo, conferindo a iniciativa a forma de lei. Assim, a CCT propôs o Projeto de Lei do Senado nº 798/2015, no qual foram mantidos os termos do Decreto nº 7642.

A elevação do CsF à categoria de política de Estado teria conferido ao Programa um caráter mais permanente. Com isso, o Programa estaria menos vulnerável em relação a mudanças de governo, como a que ocorreu quando o presidente Temer assumiu a presidência, gerando o corte nas bolsas de graduação.

### 3.5 O funcionamento da concessão da bolsa de graduação sanduíche

Para viabilizar a participação de estudantes de graduação no Programa CsF, a Instituição de Ensino Superior (IES) originária deveria assinar o já mencionado “Acordo de adesão das Instituições de Ensino Superior”.

Analisando os termos do supracitado documento, temos que os compromissos das IES que participaram do CsF eram: conferir ampla divulgação na instituição das chamadas públicas do Programa; aderir as regras/condições dispostas nas chamadas públicas para bolsas de Graduação sanduíche, conforme acordo com o país de destino escolhido pelo estudante; indicar os estudantes com base nos critérios estabelecidos nas chamadas públicas; declarar o compromisso de reconhecimento dos créditos obtidos pelos estudantes nas instituições estrangeiras, com pleno aproveitamento dos estudos e do respectivo estágio, entendido tal reconhecimento como sendo parte das exigências e do currículo disciplinar de formação de seus estudantes nos respectivos cursos no Brasil; e indicar e divulgar o Coordenador Institucional Titular do Programa na IES.

O reconhecimento, por parte das IES participantes do CsF, dos créditos e/ou das atividades de treinamento obtidos por seus estudantes no exterior, de acordo com o plano de atividades previamente aprovado, também possuía expressa previsão no art. 12 do Decreto nº 7642/2011.

A bolsa de Graduação sanduíche abrangia uma duração de, no máximo, 12 meses. Contudo, caso houvesse realização de curso de língua estrangeira antes do início das aulas na instituição de destino, o prazo de concessão da bolsa poderia atingir um total de 18 meses.

Ressalte-se que tanto a CAPES quanto o CNPq lançaram em 2015 manuais com orientações para os bolsistas de Graduação sanduíche no tocante aos aspectos mais práticos da implementação dos benefícios, do acompanhamento pelas agências executoras e do encerramento da bolsa ao final do intercâmbio. A análise dos referidos manuais oportuniza ao público conhecer de forma mais detalhada as exigências para concessão da bolsa, que deveriam ser atendidas pelos graduandos, bem como os direitos conferidos aos bolsistas nesta modalidade.

Consta daí que aos intercambistas cabia providenciar o passaporte e o visto necessário junto ao consulado do país de destino. Da mesma forma, os estudantes eram responsáveis por arcar com os ônus decorrentes dos referidos procedimentos. Caso não houvesse a obtenção do passaporte ou do visto, advindo disso a necessidade de desistência da bolsa, o bolsista deveria devolver integralmente os valores já recebidos do Programa.

O manual elaborado pelo CNPq destaca que, mesmo com a emissão da carta de aceite pela instituição estrangeira parceira do CsF, cabia ao candidato aguardar o fim do processo de aprovação e a publicação no Diário Oficial da União para providenciar a emissão do visto e a compra da passagem.

Era vedado o acúmulo entre o recebimento da bolsa de Graduação sanduíche e de qualquer outro auxílio estudantil advindo do Governo Federal, Estadual, do Distrito Federal ou municípios. Assim o estudante que fosse beneficiário, por exemplo, de Bolsa de Iniciação Científica junto ao CNPq ou dos programas PROUNI (Programa Universidade para Todos) e FIES (Programa de Financiamento Estudantil) tinham a obrigação de providenciar a suspensão dos benefícios antes da concessão da bolsa pelo Programa Ciência sem Fronteiras.

A CAPES adotou duas ferramentas de consulta e de acompanhamento do processo do bolsista durante a realização dos estudos no exterior: o Sistema de Controle de Bolsas e Auxílio (SCBA), destinado ao recebimento de documentos, atualização de dados e acompanhamento de pagamentos em favor do bolsista, e a Linha Direta, que correspondeu ao canal oficial de comunicação entre o bolsista e o técnico de acompanhamento da CAPES responsável por monitorar as atividades do intercâmbio.

O gerenciamento por técnicos da CAPES via Linha Direta se dava desde o momento da candidatura até o regresso do estudante ao Brasil. Assim, um técnico da Coordenação de Candidaturas a Bolsas e Auxílio no Exterior (CCE) era responsável por manter o contato inicial com o candidato. Em seguida, quando o estudante obtinha êxito na concessão da bolsa, passava a ser acompanhado por um técnico da Coordenação de Acompanhamento de Bolsas no Exterior (CBE). Por fim, após o encerramento do período de intercâmbio, o contato era realizado por um técnico da Divisão de Acompanhamento de Egressos (DAE).

Quando o processo de implementação da bolsa junto à CAPES já havia tramitado pela Coordenação de Candidaturas a Bolsas e Auxílio no Exterior e pela Coordenação de Acompanhamento de Bolsas no Exterior, o bolsista tinha acesso ao Sistema de Controle de Bolsas e Auxílio (SCBA), que permitia o acompanhamento de toda a movimentação financeira referente aos pagamentos dos auxílios. A bolsa era considerada implementada no momento em que o estudante concordava com o Termo de Compromisso (assinado pelo interessado e pelo coordenador do CsF na IES de origem) e com o Termo de Aceite de Implementação, bem como fornecia seus dados bancários no SCBA.

No tocante ao processamento das informações operacionais realizadas pelo CNPq, o manual da instituição indicava a Plataforma Integrada Carlos Chagas, para envio de documentos, comprovantes, formulários, solicitações e acompanhamentos. Na verdade, o

primeiro contato do CNPq com o bolsista, após a publicação do resultado da concessão no Diário Oficial União, ocorria por meio do endereço eletrônico registrado no Currículo Lattes do estudante. A comunicação continha orientações e um link para formalizar a implementação da bolsa no exterior, no qual eram solicitadas credenciais para acesso à referida plataforma.

Com a implementação da bolsa de Graduação sanduíche, ocorreria a liberação dos benefícios pagos ainda no Brasil em conta bancária do bolsista, os quais incluíam auxílio deslocamento, auxílio material didático<sup>15</sup> e auxílio instalação. Já o pagamento do auxílio seguro saúde dependia da determinação expressa na chamada pública a qual o estudante estivesse vinculado, logo poderia ser concedido ao bolsista ainda no Brasil ou diretamente aos parceiros estrangeiros, na forma de seguro em grupo, quando o pagamento ocorria de maneira unificada para todos os bolsistas do país de destino. A contratação de seguro saúde era obrigatória e deveria cobrir todo o período de vigência do intercâmbio, sendo sua aquisição, no primeiro caso, uma responsabilidade do bolsista.

Claramente, a finalidade do auxílio deslocamento era fazer frente às despesas estudantis com as passagens de ida e volta do intercâmbio. Contudo a aquisição das passagens era atribuição do bolsista, que recebia o auxílio deslocamento em única parcela no Brasil, quando a duração da bolsa fosse de até 6 meses. Caso a bolsa tivesse duração superior a 6 meses, a parcela do auxílio referente a ida era paga no Brasil, enquanto a volta era paga juntamente aos últimos valores recebidos pelo estudante no exterior. Se o estudante beneficiado com bolsa superior a 6 meses retornasse ao Brasil em até 6 meses, não faria jus ao recebimento do auxílio deslocamento alusivo à volta. Ademais, o bolsista não teria direito ao recebimento do auxílio deslocamento de ida, caso já estivesse no exterior com antecedência maior que 20 dias em relação ao início da concessão.

O auxílio material didático visava permitir a aquisição de um notebook ou tablete, para que o bolsista realizasse seus estudos e mantivesse comunicação no exterior. A verba também poderia ser utilizada para compra de artigos como livros, materiais didáticos, software, dentre outros.

Para as despesas iniciais de acomodação, a exemplo de taxas de caução, de reserva ou seguros adicionais para o alojamento, gastos com roupa de cama etc, o bolsista de Graduação sanduíche recebia o auxílio instalação, pago em parcela única. Da mesma forma prevista para o auxílio deslocamento, o intercambista que estivesse no exterior com antecedência superior a 20 dias em relação ao início da concessão não teria direito a receber auxílio instalação.

---

<sup>15</sup> Na cartilha do CNPq consta que o auxílio material didático seria pago pelo Conselho por meio do Cartão Bolsista no Exterior, que consistia no Cartão Pré-pago Banco do Brasil Américas.

Além desses auxílios, havia o pagamento no exterior das mensalidades, das taxas escolares (segundo as particularidades de cada modalidade) e do adicional de localidade <sup>16</sup> (previsto especificamente para cidades de alto custo). O recebimento das mensalidades ocorria em parcelas trimestrais. Os pagamentos realizados no exterior eram processados exclusivamente por intermédio do cartão BB Américas.

Os valores das mensalidades para as bolsas de Graduação sanduíche poderiam sofrer alterações, quando a instituição parceira no exterior providenciasse o local para moradia e a alimentação do intercambista. Nesses casos, o pagamento correspondente era feito diretamente à instituição e o bolsista recebia um valor menor de mensalidade.

Ademais, a CAPES e o CNPq arcavam com custos extras relativos ao desenvolvimento do plano de estudo que fora aprovado pelas agências executoras do CsF, como taxas de matrículas, taxas de acesso a laboratórios e a sistemas de computação, cursos específicos. Contudo, consta, nos manuais das referidas agências, que a participação em congressos e seminários deveria ser custeada pelo próprio bolsista. O manual da CAPES previa ainda a necessidade de, antecipadamente, submeter a participação nesses eventos à aprovação da Coordenadoria. Além disso, outros afastamentos do local onde eram realizados os estudos, relacionados ou não ao intercâmbio, careciam de autorização da CAPES ou do CNPq e da instituição onde o intercâmbio era realizado.

Os alunos de graduação beneficiados com bolsas pela CAPES poderiam, a critério desta, realizar estágio profissional ou de inovação tecnológica em empresa, instituições ou centros de pesquisa e inovação. Diferentemente, as orientações expressas pelo CNPq em seu manual tratam como obrigatórias as atividades de estágio no exterior, durante o período de recesso acadêmico. Mesmo que o bolsista tivesse realizado estágio no curso do semestre acadêmico, não estava liberado de realizar estágio em período integral, indispensável para o gozo da bolsa por 12 meses. Se o estágio não fosse realizado, o bolsista poderia ser obrigado a restituir a mensalidade do período em que ficou sem atividade, além de ter seu retorno antecipado.

Ressaltamos que os trabalhos científicos frutos do intercâmbio deveriam fazer referência ao apoio recebido do governo brasileiro, especificando a instituição que havia custeado a bolsa de estudo. O bolsista devia ainda comunicar à CAPES e ao CNPq sobre

---

<sup>16</sup> A Orientação Normativa nº 3, de 13 de agosto de 2013, emitida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, definia o rol das cidades consideradas de alto custo para concessão do adicional de localidades. Da mesma forma, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico também estabeleceu, por meio da RN-036/2013, de 15 de outubro de 2013, as cidades de alto custo que ensejariam o pagamento pelo CNPq do adicional de localidade.

produções sujeitas a privilégio decorrente de proteção de propriedade intelectual, bem como de vantagens auferidas e registros assecuratórios dos referidos direitos em seu nome, considerando que foram resultantes de estudos beneficiados com recursos das instituições.

Importante esclarecer ainda que, a qualquer momento, a CAPES e o CNPq possuíam o direito de suspender ou cancelar a bolsa, exigindo a devolução do investimento concedido no todo ou em parte, nos casos em que o bolsista apresentasse baixo desempenho acadêmico ou qualquer conduta considerada desabonadora.

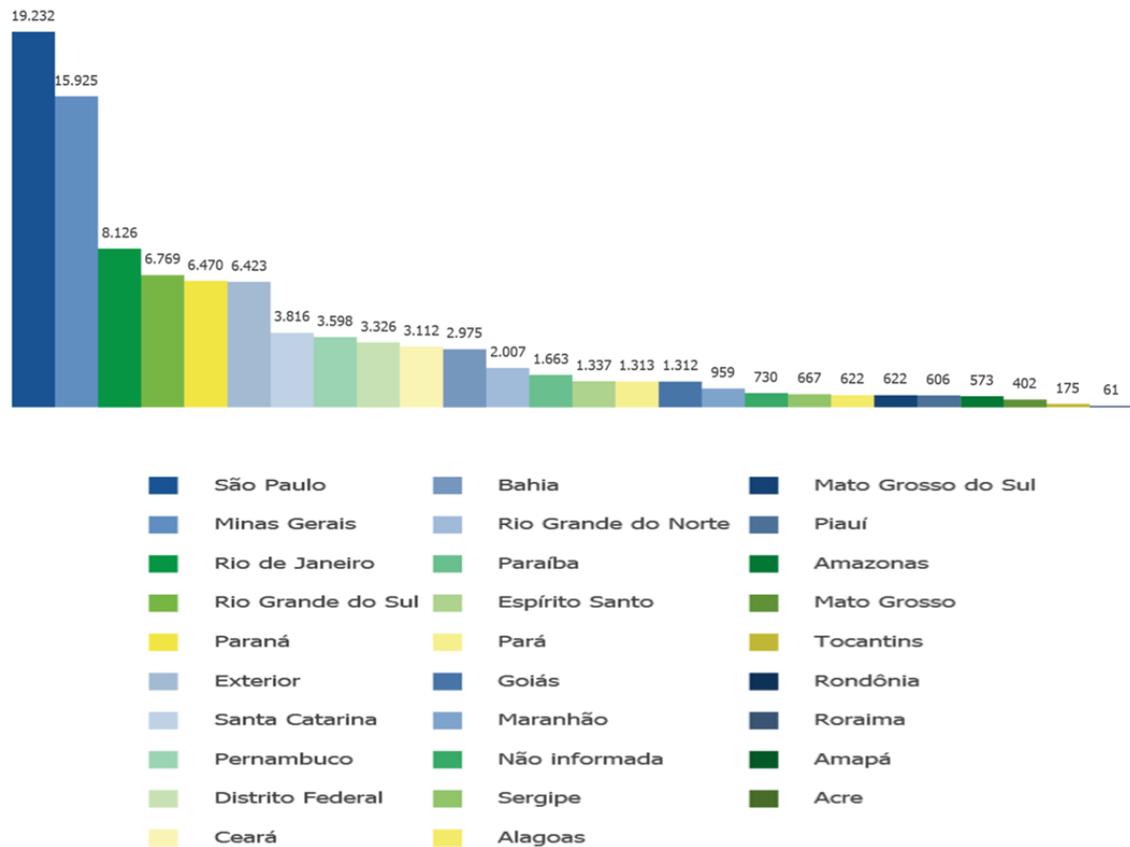
Finalizado o período de concessão da bolsa de graduação sanduíche, tinha início o encerramento do processo, com a verificação dos comprovantes enviados pelos bolsistas na devida prestação de contas. Inconformidades identificadas nesse procedimento, que implicassem em infração às obrigações assumidas pelos bolsistas, ensejariam a restituição de valores recebidos pelos estudantes, parcial ou integralmente. Também haveria a devolução dos recursos financeiros investidos no intercâmbio, se houvesse desistência da bolsa por parte do estudante sem a anuência da CAPES ou do CNPq quanto à justificativa apresentada pelo bolsista desistente.

Com a conclusão dos estudos, o bolsista deveria retornar ao País no prazo de 30 dias, contados do fim do período de concessão da bolsa de Graduação sanduíche. Além disso, o estudante tinha que cumprir um período de interstício, devendo permanecer no Brasil por período, no mínimo, equivalente ao tempo do intercâmbio. Somente após a comprovação da referida permanência, o bolsista egresso receberia uma carta de encerramento do processo.

#### 4 PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

O Estado do Ceará destacou-se em participação no Programa Ciência sem Fronteiras, sendo o segundo da Região Nordeste que mais obteve bolsas, atrás somente do Estado de Pernambuco, conforme se observa no gráfico abaixo:

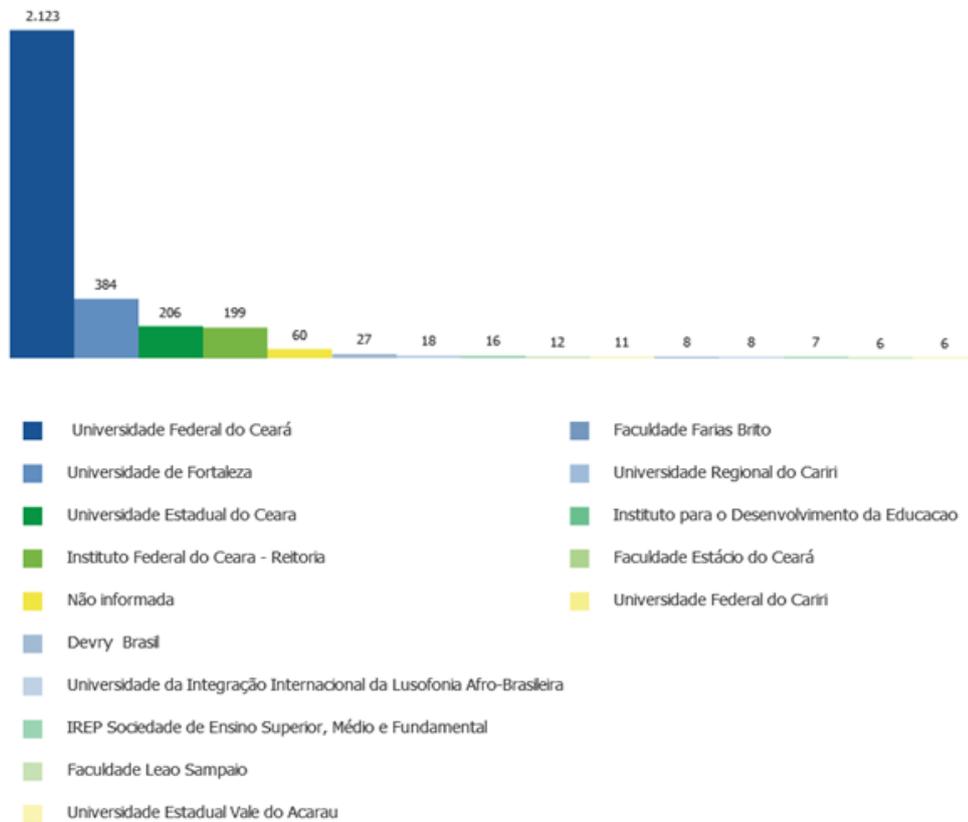
Figura 5 – Distribuição de bolsas implementadas por Estado de origem.



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Nesse cenário, a Universidade Federal do Ceará foi a IES contemplada com o maior número de bolsas no Estado, ao todo foram 2.123 bolsas, de acordo com dados divulgados no Painel de Controle do Programa. A seguir consta gráfico com a distribuição de bolsas implementadas no Ceará:

Figura 6 – Distribuição de bolsas implementadas por instituição de origem no Ceará.



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Nesta seção, a análise do Programa Ciência sem Fronteiras está focada no âmbito da Universidade Federal do Ceará. Com objetivo de promover o conhecimento da política no lócus da pesquisa, será abordada, em linhas gerais, a trajetória do Programa na instituição, bem como seu alcance, em números, junto ao público da graduação.

A seguir, ainda guiada pela proposta da Avaliação em Profundidade de Rodrigues (2008), portanto articulada com as discussões anteriores sobre o conteúdo e o contexto político do CsF, constrói-se uma análise da trajetória institucional do Programa na UFC, a partir da contribuição da pesquisa desenvolvida por Garcia (2020).

#### 4.1 A trajetória institucional na UFC

O Decreto nº 7642, que instituiu o Programa CsF, apresenta, como um dos objetivos da política, contribuir para o processo de internacionalização das instituições de ensino superior e dos centros de pesquisa brasileiros.

Assim, o Programa Ciência sem Fronteiras esteve inserido dentro da política de

internacionalização da educação superior promovida na Universidade Federal do Ceará, tendo constituído importante capítulo neste processo. Evidentemente, mesmo antes do CsF, já existia um movimento de internacionalização em curso na UFC, que sempre buscou parcerias internacionais com outras instituições. Contudo, o grande número de bolsas de estudos concedidas pelo Programa, leva ao pressuposto de que o lançamento da política pelo Governo Federal estimulou esse fenômeno de internacionalização na UFC.

Mas, além de um número expressivo de bolsas concedidas, quais foram os desdobramentos do CsF para a UFC, como instituição? Em outras palavras, o que, de fato, significou o CsF para a internacionalização da UFC? Essas questões foram centrais para a pesquisa desenvolvida por Garcia (2020), em sua dissertação intitulada “Trajetória da Internacionalização da Universidade Pública: avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará”. Para desenvolver esta seção, a avaliação de Garcia (2020) é tomada como referência.

A pesquisa realizada por Garcia mostra que compreender esses questionamentos exige reconhecer que as universidades na contemporaneidade estão sujeitas a tensões e a disputas de interesses que são resultado de concepções opostas de educação: educação como bem social ou educação como mercadoria? Quando se trata do processo de internacionalização das universidades, essa oposição se manifesta como: transferência de conhecimento visando razões economicistas ou como cooperação internacional?

Com seu estudo, Garcia (2020) auxilia na compreensão da experiência da política na UFC e como isso influenciou em sua internacionalização, a partir da visão dos sujeitos responsáveis pela implementação do Programa CsF na instituição. Para alcançar essa perspectiva, a autora ouviu os gestores envolvidos na implementação do Programa na UFC desde o início em 2012 até seu encerramento em 2016. Foram entrevistados 9 coordenadores de cursos de graduação que enviaram alunos para o Programa CsF, sendo 5 de cursos das áreas de Ciência e Tecnologia e 4 de cursos da área de Humanas. Além desses, foram entrevistados gestores da administração superior da UFC: 2 reitores, 2 pró-reitores de graduação e o coordenador de assuntos internacionais.

A implementação do CsF na UFC, iniciada em 2012, ocorreu durante a gestão do professor Jesualdo Pereira Farias (2008-2015). Esse foi um período em que a UFC colhia os frutos de um contexto nacional favorável à ampliação das políticas públicas de educação superior, com destaque para a democratização do acesso à universidade e para a reestruturação e expansão das instituições de ensino superior.

À época, as ações de internacionalização na UFC eram desenvolvidas pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI), que tratava dos acordos de cooperação e mobilidade acadêmica. Com a adesão da UFC ao CsF, a CAI, coordenada pelo professor Tito Lívio Cruz Romão nos anos de 2012-2015, assumiu as responsabilidades pelo Programa na instituição, embora o processo de concessão de bolsas de graduação ainda envolvesse outras unidades, como a Pró-Reitoria de Graduação (PROGAD) e as coordenações de cursos. Apesar do acréscimo significativo nas demandas da CAI com a execução do CsF, a estrutura da coordenadoria não sofreu alterações nesse primeiro momento.

Quando a nova configuração do Governo Federal, chefiado por Michel Temer, levou o MEC a anunciar o fim do Programa CsF em 2017, a reitoria da UFC estava sob o comando do professor Henry de Holanda Campos (2015-2019). Apesar da descontinuidade do CsF, as ações de internacionalização na UFC permaneceram em destaque nesse período. Desse movimento, ressalta-se a promoção da CAI para Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER). Nesse sentido, tem-se que:

[...] Prof. Henry de Holanda Campos desenvolveu na Universidade diversas ações voltadas para a internacionalização, dentre elas a transformação da Coordenadoria em Assuntos Internacionais (CAI) em Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER) em 2017; a criação do Comitê de Internacionalização (COMINTER) em 2017, envolvendo a participação de membros internos e externos à UFC; o estabelecimento do Plano Institucional de Internacionalização da UFC em 2017; a instalação do Instituto Confúcio em 2018, parceria entre a UFC e a Universidade de Nankai, da China, dentre outras [...]. (GARCIA, 2020)

Hoje, as políticas públicas de educação, incluindo aí aquelas voltadas à internacionalização, sofrem mais uma vez o impacto do novo contexto político, econômico e social que vivemos. O governo do atual presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) destina às universidades públicas um tratamento em que o viés mercadológico é extremamente reforçado. Como resultado desse cenário, em 2020, a UFC, que conta com o professor José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque a frente da reitoria, resolveu agregar à Pró-Reitoria de Relações Internacionais a atribuição de desenvolver o empreendedorismo e a inovação no âmbito institucional. Com isso, a PROINTER passou a se chamar Pró-Reitoria de Relações Internacionais e Desenvolvimento Institucional.

Considerando, a análise do contexto político nacional e institucional (no âmbito da UFC) durante a existência do Programa Ciência sem Fronteiras, bem como a análise do conteúdo da política, expresso sobremaneira em seus marcos legais, a pesquisa revela que a concepção de internacionalização que embasa o CsF, segundo os ditames da Organização Mundial do Comércio (OMC), é guiada pelo atendimento de demandas econômicas,

beneficiando o mercado com o fornecimento de mão-de-obra qualificada.

Todavia, quando a pesquisa se volta para a análise das trajetórias do CsF, institucionalmente, na UFC, emerge também, entre os gestores que participaram da implementação do Programa, uma concepção de internacionalização pautada na solidariedade, na cooperação, sintonizada com os preceitos defendidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesse ponto, apenas o coordenador do curso de Engenharia de Produção Mecânica manifestou uma concepção de internacionalização alinhada estritamente às demandas de mercado.

Sobre a internacionalização na UFC, os gestores da administração superior identificam um significativo avanço nesse processo, expresso, por exemplo, na criação de uma Pró-reitoria para tratar da matéria (PROINTER) e no destaque que a Universidade conquistou em *rankings* internacionais nos últimos anos. Além disso, a ênfase à internacionalização nos anos de 2012 a 2016 foi atribuída à mobilidade pelo CsF, que garantiu mais visibilidade à UFC.

Em que pese a melhoria nas condições institucionais relacionadas ao processo de internacionalização na UFC, os coordenadores de cursos argumentam que ainda é preciso avançar, já que algumas barreiras ainda precisam ser superadas, como, por exemplo, a deficiência que o corpo discente tem com a questão do idioma e o fato da Universidade ainda recebe poucos estudantes estrangeiros.

Com isso, Garcia (2020) revela que se manifestaram, na pesquisa, distintas interpretações sobre a relação entre o Programa Ciência sem Fronteiras e a internacionalização na UFC. Em sentido amplo, os gestores admitem que essa relação existiu. Todos os gestores da administração superior sustentam que houve uma influência direta do CsF na internacionalização da Universidade. Segundo a autora:

Os gestores da administração superior compreendem que, apesar de o CsF não ter aumentado as parcerias entre as universidades, o Programa representou a internacionalização da UFC, sensibilizou a comunidade acadêmica para a internacionalização, influenciou nos rankings de internacionalização da Universidade, contribuiu para o aumento da mobilidade acadêmica (passiva) na UFC. (GARCIA, 2020)

Por sua vez, a maioria dos coordenadores de curso não reconhece uma conexão tão clara, embora entendam que o CsF compôs a internacionalização da UFC no período em que esteve ativo.

Finalmente, ao avaliar as relações entre o Programa CsF e a internacionalização na UFC, Garcia (2020) também desvenda o olhar institucional da UFC sobre o Programa em si. Embora o direcionamento da presente dissertação esteja voltado para a perspectiva do estudante

beneficiário, apresentar aqui a compreensão da experiência da política sob o prisma da Universidade amplia a discussão de forma positiva, já que permite revelar em que medida essas perspectivas, dos sujeitos beneficiados pela política e da instituição UFC, são afins ou divergentes.

Assim, segue abaixo um resumo, elaborado por Garcia (2020), contendo as percepções dos gestores da UFC sobre o Programa CsF:

Quadro 1 – Síntese: a percepção dos gestores sobre o Programa CsF

<b>Gestores</b>	<b>Formulação</b>	<b>Planejamento</b>	<b>Implementação</b>	<b>Resultados do CsF para a UFC</b>
Gestores da Administração Superior (reitores, pró-reitores de Graduação e Coordenador de assuntos institucionais)	Ampliou as possibilidades na formação dos alunos;  Contribuiu para a democratização do ensino superior;  Estruturou o Processo de internacionalização da UFC.	Foi elaborado de forma muito rápida;  Desconsiderou a participação das Universidades e suas especificidades locais.	Falta de acompanhamento dos alunos pela UFC;  Dificuldade em Aproveitar as Disciplinas no retorno dos alunos;  Os alunos participantes do CsF demoraram mais tempo para se formar;  Falta de contrapartida dos alunos para a UFC no retorno do CsF;  Falta de institucionalização da UFC afetou a implementação do Programa.	Contribuiu para a formação dos alunos;  Contribuiu para identificar a rigidez dos currículos da UFC;  Maior visibilidade da UFC no cenário nacional e internacional;  Fortaleceu o processo de internacionalização;  Influenciou positivamente as Casas de Cultura.
Coordenadores de cursos	Ampliou as possibilidades na formação dos alunos.	Foi elaborado de forma muito rápida;  Desconsiderou a participação das Universidades e suas especificidades locais;  Processo seletivo não selecionava os melhores alunos;  Falta de Proficiência da língua comprometeu o desempenho dos alunos no intercâmbio.	Falta de acompanhamento dos alunos pela UFC;  Dificuldade em aproveitar as disciplinas no retorno dos alunos;  Os alunos participantes do CsF demoraram mais tempo para se formar;  Falta de contrapartida dos alunos para a UFC no retorno do CsF.	Contribuiu para a formação dos alunos.

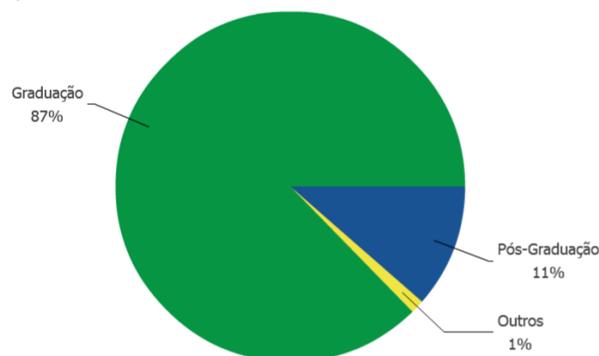
Fonte: Garcia (2020)

Ressalto que os resultados acima apresentados, encontrados na pesquisa de Gracia (2020), no tocante à percepção dos gestores sobre o Programa CsF, serão, posteriormente, confrontados aqueles obtidos a partir da visão dos beneficiários da política.

#### 4.2 O Ciência sem Fronteiras na graduação da UFC

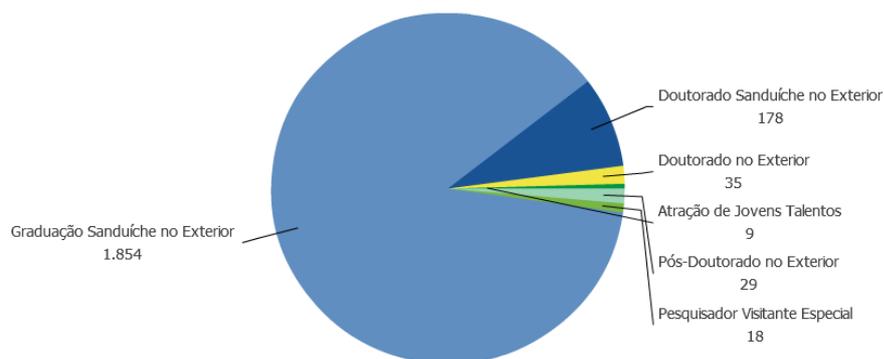
Segundo os dados divulgados no site do Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, das bolsas destinadas à Universidade Federal do Ceará, 87% beneficiou o público da graduação, o que correspondeu ao total de 1.854 bolsas de graduação sanduíche. Em segundo lugar, estão os bolsistas de doutorado, sendo que 178 bolsas foram concedidas na modalidade doutorado sanduíche no exterior e 35 na modalidade doutorado no exterior, conforme consta nos dados apresentados a seguir:

Figura 7 – Distribuição de bolsas implementadas por formação – Ceará – Universidade Federal do Ceará



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

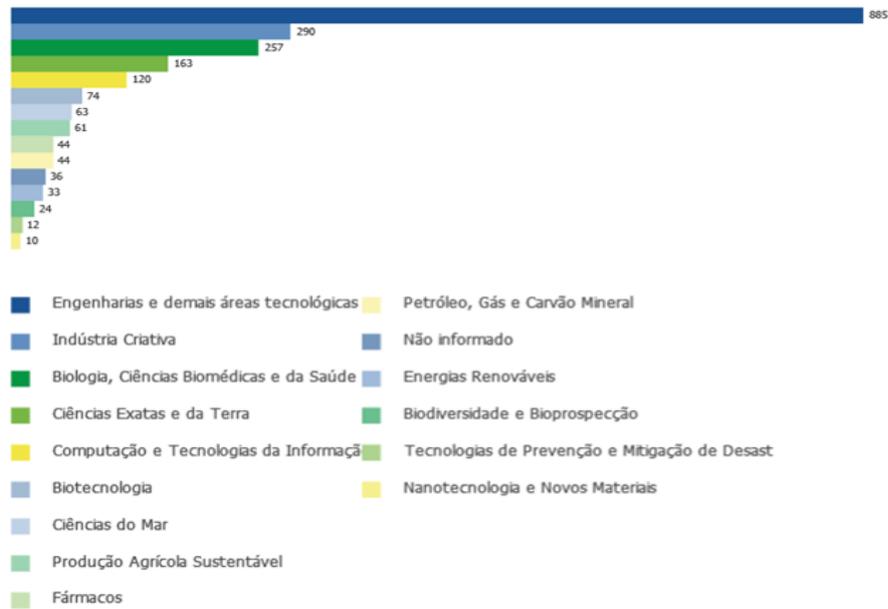
Figura 8 – Distribuição de bolsas implementadas por modalidade – Ceará – Universidade Federal do Ceará.



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

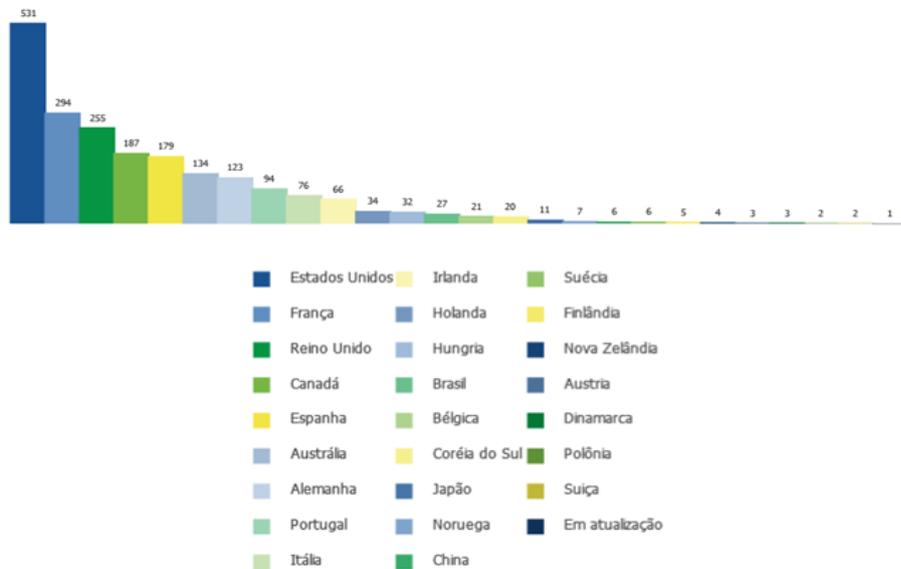
As bolsas do CsF na UFC estavam concentradas nas áreas de Engenharias e demais áreas tecnológicas (885 bolsas), Indústria Criativa (290 bolsas) e Biologia, Ciências Biomédicas e Saúde (257 bolsas). Quanto ao destino, os países que mais receberam estudantes da UFC foram Estados Unidos, França e Reino Unido.

Figura 9 – Distribuição de bolsas implementadas por área prioritária (15+) – Ceará – Universidade Federal do Ceará



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Figura 10 – Distribuição de bolsas implementadas por país de destino - Ceará - Universidade Federal do Ceará.



Fonte: Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (2016)

Na Universidade Federal do Ceará, a função de Coordenador Institucional do Programa Ciência sem Fronteiras foi desempenhada pelos professores Cláudio de Albuquerque Marques e Tito Lívio Cruz Romão. Segundo disposto no portal do Programa CsF, as atribuições dos Coordenadores Institucionais envolviam: divulgar o Programa Ciência sem Fronteiras nas instituições que representavam; homologar as candidaturas à bolsa graduação sanduíche no exterior, vinculadas à sua IES; acompanhar o andamento do processo de concessão de bolsas de graduação; ser o interlocutor entre a IES que representava e as agências de fomento CAPES e CNPq; ser o interlocutor entre a IES que representava e as IES no exterior que receberam seus alunos; verificar as disciplinas e estágios realizados pelos bolsistas vinculados à sua IES e a respectiva compatibilidade com as áreas, os temas do Programa, as realidades do curso e o semestre para aproveitamento dos créditos; acompanhar os bolsistas no exterior; avaliar os relatórios dos bolsistas e egressos de sua IES<sup>17</sup>.

O retorno dos primeiros estudantes de graduação da UFC egressos do Programa Ciência sem Fronteiras foi destaque na publicação nº 48 do Jornal da UFC, em novembro de 2013. Sob o título de “Os Sem Fronteiras voltam para casa”, a matéria destacou que o regresso à Universidade era um momento para “dividir as experiências positivas, alertar sobre as negativas e, principalmente, usar tal vivência para avaliar e repensar os próprios mecanismos que perpassam ensino, pesquisa e extensão na Instituição” (UFC, 2013).

Na oportunidade, o professor Tito Lívio, à época coordenador do CsF na UFC e titular da Coordenadoria de Assuntos Internacionais da Instituição, reconheceu a relevância do Programa na estratégia de internacionalização da Universidade e a necessidade de desenvolver uma metodologia para analisar a experiência da política no âmbito institucional.

Ainda em novembro de 2013, a Universidade Federal do Ceará realizou o seminário “Ciência sem Fronteiras (CsF) e Programas de Mobilidade no CT/UFC: Papel Pedagógico e Oportunidades”, para discutir com a comunidade acadêmica, por meio de palestras e mesas redondas, a mobilidade acadêmica internacional proporcionada pelo CsF. A iniciativa foi promovida pela Pró-Reitoria de Graduação, Pró-Reitoria de Extensão, Grupo Programa de Educação Tutorial (PET) Engenharia Ambiental e Centro de Tecnologia da UFC.

Com a finalidade de detalhar a abrangência do Programa Ciência sem Fronteiras no âmbito de formação da graduação, apresentei, por meio do Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (*e-SIC*), solicitação à CAPES, ao CNPq e à UFC sobre o universo de bolsas de graduação sanduíche concedidas na UFC.

---

<sup>17</sup> Informações sobre o papel do Coordenador Institucional no Programa estão disponíveis em: <http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csfpapel-no-programa>

De acordo com os dados fornecidos pelas agências de fomento na consulta realizada para esta pesquisa, a UFC teria recebido um total de 1890 bolsas para a graduação no âmbito do Programa Ciência sem Fronteiras, sendo 1.132 bolsas ofertadas pela CAPES e 758 bolsas conferidas pelo CNPq. Esse número é maior se comparado com aquele divulgado no Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, segundo o qual, conforme apontado anteriormente, a UFC teria recebido 1.854 bolsas de graduação sanduíche.

Na primeira resposta da UFC ao pedido de informação formulado pelo *e-SIC*, datada de 03 de abril de 2019, a Pró-Reitoria de Graduação da Universidade relacionou 1693 estudantes de graduação da instituição como bolsistas de graduação sanduíche do Programa Ciência sem Fronteiras. Os dados em questão foram reunidos em planilha eletrônica para simplificar a conferência, o que resultou na exclusão de 5 nomes que apareciam em duplicidade na lista.

Dentre as unidades acadêmicas da UFC, 11 tiveram cursos de graduação beneficiados com bolsas do Programa Ciência sem Fronteiras: Centro de Ciências (10 cursos), Centro de Ciências Agrárias (4 cursos), Centro de Humanidades (1 curso), Centro de Tecnologia (13 cursos), Faculdade de Medicina (2 cursos), Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem (3 cursos), Instituto de Cultura e Arte (3 cursos), Instituto de Ciências do Mar (2 cursos) e Instituto Universidade Virtual (1 curso). Ademais, tivemos bolsistas de graduação em cursos que integram o Campus da UFC em Quixadá (4 cursos) e o Campus da UFC em Sobral (4 cursos).

Cotejando as informações disponibilizadas pelas agências de fomento e aquelas fornecidas pela UFC, pude constatar algumas inconsistências, além da divergência quanto ao total de bolsas de graduação destinadas à Universidade no âmbito do CsF. A UFC apontou 25 estudantes como bolsistas de graduação do CsF, contudo os mesmos não foram indicados como bolsistas nem pela CAPES, nem pelo CNPq.

Além disso, a CAPES informou o nome de 173 estudantes dentre os bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) na modalidade de graduação sanduíche, contudo eles não constam na primeira relação encaminhada pela UFC. Da mesma forma, o CNPq informou o nome de 43 bolsistas que não haviam sido elencados pela Universidade.

Diante do exposto, solicitei, via *e-SIC*, novo pedido de informações junto a UFC, a fim de esclarecer as divergências supracitadas. Em sua segunda resposta, apresentada em 08 de julho de 2019, a autarquia confirmou que há registro no sistema acadêmico da participação no Programa CsF de 23 estudantes do grupo de 25 apontado no primeiro caso e, portanto, apenas 2 nomes deveriam ser excluídos, já que estes participaram de outro programa de mobilidade.

No tocante ao caso dos 173 alunos citados apenas pela CAPES, a UFC reconheceu, após nova análise, que somente 3 nomes realmente devem ser inseridos dentre os estudantes da instituição que foram bolsistas do CsF durante a graduação. Além disso, esclareceu que 2 estudantes apontados dentre os 173 já constavam, na verdade, na primeira relação enviada pela autarquia<sup>18</sup>. Quanto aos demais 168 estudantes, a Universidade informou que estes não devem ser incluídos na relação de bolsistas de graduação do CsF, já que 5 daqueles referem-se a nomes cujos registros não constam na lista de alunos de graduação da UFC, 21 referem-se a alunos da Universidade Federal do Cariri e 142 não tiveram a participação, no Programa Ciência sem Fronteiras, localizada nos registros acadêmicos da UFC.

Finalmente, em relação ao caso dos 43 alunos mencionados unicamente pelo CNPq, a UFC acolheu, após reexame, apenas o nome de 4 bolsistas. A Universidade reiterou que o nome de 1 bolsista elencado dentre os 43 estudantes já havia sido informado na primeira resposta da Universidade.<sup>19</sup> Já os 38 remanescentes não devem figurar na relação de estudantes de graduação da UFC que participaram do CsF, uma vez que 2 desses referem-se a alunos da Universidade Federal do Cariri e 36 não foram localizados nos registros acadêmicos da UFC como participantes do Programa.

Realizadas as correções indicadas pela UFC em sua segunda manifestação, conclui-se que 1696 estudantes de graduação da instituição foram agraciados com bolsa de intercâmbio do Programa Ciência sem Fronteiras. Convém destacar que, com a retificação, mais 2 cursos de graduação passaram a compor tal rol, quais sejam, Dança e Educação Física. Com a inclusão do curso de Educação Física, o Instituto de Educação Física e Esportes passou a integrar a relação das unidades acadêmicas agraciadas com bolsas de graduação do CsF, totalizando 12 unidades.

Ressalto que serão considerados neste trabalho, especialmente na etapa de pesquisa de campo, os quantitativos informados pela Universidade Federal do Ceará a despeito de divergências com os dados informados pelas agências de fomento CAPES e CNPq, já que a Universidade revisou as informações fornecidas no primeiro momento, consolidando a relação dos seus estudantes de graduação que foram bolsistas no Programa CsF.

Abaixo segue quadro contendo a distribuição de bolsas de graduação sanduíche por unidades acadêmicas da UFC:

---

<sup>18</sup> Na verdade, apenas 171 alunos constavam apenas na relação da CAPES, já que 2 estudantes já haviam sido identificados como bolsistas do CsF na primeira relação encaminhada pela UFC. Portanto, foram inseridos erroneamente no grupo.

<sup>19</sup> De fato, somente 42 estudantes estavam relacionados apenas pelo CNPq, uma vez que 1 dos nomes já havia sido elencado pela UFC em sua primeira resposta.

Tabela 2 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) por unidade acadêmica da UFC.

UNIDADE ACADÊMICA	CAPES	CNPQ	NÃO INFORMADO	TOTAL
CENTRO DE TECNOLOGIA (CT)	555	358	15	928
CENTRO DE CIÊNCIAS (CC)	148	110	1	259
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (CCA)	62	28	-	90
FACULDADE DE MEDICINA (FAMED)	20	65	1	86
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE (ICA)	35	47	1	83
FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM (FFOE)	51	23	-	74
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO MAR (LABOMAR)	26	36	-	62
UFC – VIRTUAL	21	36	-	57
UFC – QUIXADA	23	10	-	33
UFC – SOBRAL	14	4	-	18
CENTRO DE HUMANIDADES (CH)	2	2	-	4
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES (IEFES)	1	1	-	2
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>958</b>	<b>720</b>	<b>18</b>	<b>1696</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Os estudantes que não possuem a indicação da agência que concedeu a bolsa dizem respeito aqueles 22 que foram reconhecidos como bolsistas de graduação do CsF apenas pela UFC, sem que seus nomes constassem das listas encaminhadas pela CAPES e pelo CNPq. Na segunda manifestação da Universidade, a autarquia limitou-se a confirmar que os referidos estudantes participaram do Programa, sem, contudo, especificar a agência que financiou a bolsa. Destaque-se que foi possível identificar a informação em questão no tocante a 4 estudantes do grupo, após realizar consulta em seus Currículos Lattes.

Finalmente, constam, a seguir, os quadros discriminando o número de bolsas de graduação sanduíche por cursos da UFC:

Tabela 3 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Tecnologia da UFC.

<b>CENTRO DE TECNOLOGIA (CT)</b>	<b>928</b>
ENGENHARIA CIVIL	161
ARQUITETURA E URBANISMO	140
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO MECÂNICA	112
ENGENHARIA MECÂNICA	97
ENGENHARIA QUÍMICA	89
ENGENHARIA ELÉTRICA	88
ENGENHARIA DE TELEINFORMÁTICA	52
ENGENHARIA DE PETRÓLEO	47
ENGENHARIA METALÚRGICA	41
ENGENHARIA AMBIENTAL	35
ENGENHARIA DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	33
DESIGN	29
ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO	4

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 4 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Ciências da UFC.

<b>CENTRO DE CIÊNCIAS (CC)</b>	<b>259</b>
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	70
BIOTECNOLOGIA	64
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	50
QUÍMICA	26
GEOLOGIA	17
FÍSICA	14
MATEMÁTICA INDUSTRIAL	11
ESTATÍSTICA	3
GEOGRAFIA	2
MATEMÁTICA	2
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (CCA)	90
AGRONOMIA	37
ENGENHARIA DE ALIMENTOS	36
ZOOTECNIA	9
ENGENHARIA DE PESCA	8

Fontes: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 5 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Ciências Agrárias da UFC.

<b>CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS (CCA)</b>	<b>90</b>
AGRONOMIA	37
ENGENHARIA DE ALIMENTOS	36
ZOOTECNIA	9
ENGENHARIA DE PESCA	8

Fontes: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 6 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) na Faculdade de Medicina da UFC.

<b>FACULDADE DE MEDICINA (FAMED)</b>	<b>86</b>
MEDICINA	76
FISIOTERAPIA	10

Fontes: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 7 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Cultura e Arte da UFC.

<b>INSTITUTO DE CULTURA E ARTE (ICA)</b>	<b>83</b>
DESIGN – MODA	58
CINEMA E AUDIOVISUAL	12
COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA	7
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO	4
ARTES CÊNICAS – TEATRO	1
DANÇA	1

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 8 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) na Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da UFC.

<b>FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM (FFOE)</b>	<b>74</b>
FARMÁCIA	32
ENFERMAGEM	31
ODONTOLOGIA	11

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 9 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Ciências do Mar da UFC.

<b>INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO MAR (LABOMAR)</b>	<b>62</b>
OCEANOGRAFIA	46
CIÊNCIAS AMBIENTAIS	16

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 10 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto UFC Virtual.

<b>UFC – VIRTUAL</b>	<b>57</b>
SISTEMAS E MÍDIAS DIGITAIS	57

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 11 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Campus da UFC em Quixadá.

<b>UFC – QUIXADA</b>	<b>33</b>
ENGENHARIA DE SOFTWARE	14
REDES DE COMPUTADORES	9
SISTEMA DE INFORMAÇÃO	8
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	2

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 12 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Campus da UFC em Sobral.

<b>UFC – SOBRAL</b>	<b>18</b>
ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO	11
ENGENHARIA ELÉTRICA	3
ODONTOLOGIA	2
MEDICINA	2

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 13 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Centro de Humanidades da UFC.

<b>CENTRO DE HUMANIDADES (CH)</b>	<b>4</b>
PSICOLOGIA	4

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

Tabela 14 – Distribuição de bolsas do CsF (graduação sanduíche) no Instituto de Educação Física e Esportes da UFC.

<b>INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES (IEFES)</b>	<b>2</b>
EDUCAÇÃO FÍSICA	2

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com dados disponibilizados pela UFC, pela CAPES e pelo CNPq, por intermédio de pedido formulado no e-SIC.

### 4.3 Ciência sem Fronteiras segundo o olhar do bolsista de graduação da UFC

Para conhecer a olhar dos estudantes de graduação da UFC que participaram do Programa Ciência sem Fronteira, considerando o recorte já apresentado no trabalho, foi elaborado um questionário semiestruturado pelo Google Forms que abordou perguntas distribuídas em 6 eixos temáticos: perfil do estudante, processo seletivo para o CsF, planejamento do intercâmbio, experiência no exterior, retorno à UFC e formação propiciado pelo Programa CsF.

O questionário, integralmente disponibilizado no Apêndice A deste trabalho, foi enviado ao e-mail dos 720 estudantes considerados na amostra, dos quais 61 responderam ao instrumento. Ressalto que os dados obtidos foram organizados também em gráficos reunidos no Apêndice B.

Além de compreender o CsF pelo prisma dos estudantes, a apresentação e análise das respostas coletadas com o grupo permitem conhecer mais sobre os próprios beneficiários da política. Com isso, foi possível retratar melhor quem foram essas pessoas que conquistaram a chance de ter uma experiência formativa no exterior, custeada pelo Governo Federal.

#### 4.3.1 Conhecendo mais sobre os bolsistas

Os dados já tratados até aqui dizem respeito ao universo quantitativo dos estudantes favorecidos com bolsa de estudo do Programa Ciência sem Fronteira, transmitindo uma ideia da abrangência da política na UFC. Mas quem foram esses estudantes? A busca empreendida agora é por promover uma aproximação desses sujeitos, representados aqui pelos 61 beneficiários do CsF que responderam ao questionário desta pesquisa.

O grau de retorno entre as pessoas que responderam ao questionário foi maior entre as mulheres, sendo o grupo composto por 37 bolsistas do sexo feminino e 24 do sexo masculino. Em relação à idade, a idade média dos bolsistas que participaram da pesquisa, ao iniciar o intercâmbio, era de 21 anos. A idade mínima entre os integrantes do grupo foi de 18 anos e a

máxima de 33 anos. Importa evidenciar, nesse ponto, que a informação não pôde ser confirmada em relação a um dos bolsistas, já que este apontou, equivocadamente, o período em que esteve no exterior ao responder a pergunta sobre qual idade teria à época do início intercâmbio.

Quanto à raça, 32 estudantes se auto declararam brancos, 16 pardos, 1 branco ou pardo, 2 negros, 1 preto e 1 mestiça (nipo-brasileira). Ressalte-se que 8 bolsistas não responderam a pergunta. As informações coletadas mostram uma concentração do público entre brancos e pardos, refletindo, possivelmente, que o acesso à formação universitária ainda carece de representatividade racial.

No tocante à área de formação na graduação, tivemos respostas de estudantes de variados cursos, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 15 – Bolsistas participantes da pesquisa por curso de graduação e área prioritária do CsF.

(continua)

<b>Curso de graduação na UFC</b>	<b>Área prioritária do Programa Ciência sem Fronteiras</b>	<b>Nº de bolsistas que responderam ao questionário</b>
Arquitetura e urbanismo	Engenharias e demais áreas tecnológicas; Indústria Criativa	9
Engenharia Civil	Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra	6
Sistemas e Mídias Digitais	Indústria Criativa; Computação e Tecnologias da Informação	6
Engenharia de Produção Mecânica	Engenharias e demais áreas tecnológicas	5
Biotecnologia	Biotecnologia	3
Engenharia Ambiental	Engenharias e demais áreas tecnológicas	3
Engenharia de Teleinformática	Engenharias e demais áreas tecnológicas	3
Farmácia	Fármacos; Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	3
Medicina	Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	3
Ciências Ambientais	Ciências Exatas e da Terra	2
Ciências Biológicas	Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	2
Enfermagem	Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	2
Engenharia Mecânica	Engenharias e demais áreas tecnológicas	2
Fisioterapia	Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	2
Dança	Indústria Criativa	1

Tabela 15 – Bolsistas participantes da pesquisa por curso de graduação e área prioritária do CsF.  
(conclusão)

<b>Curso de graduação na UFC</b>	<b>Área prioritária do Programa Ciência sem Fronteiras</b>	<b>Nº de bolsistas que responderam ao questionário</b>
Design	Indústria Criativa	1
Design-Moda	Indústria Criativa	1
Engenharia de Computação	Computação e Tecnologias da Informação	1
Engenharia de Energias Renováveis	Engenharias e demais áreas tecnológicas	1
Engenharia de Petróleo	Engenharias e demais áreas tecnológicas	1
Engenharia de Telecomunicações	Engenharias e demais áreas tecnológicas	1
Geologia	Ciências Exatas e da Terra	1
Matemática Industrial	Ciências Exatas e da Terra	1
Oceanografia	Ciências do Mar	1

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Considerando a graduação cursada pelos estudantes na UFC, suas bolsas estavam relacionadas à 8 áreas prioritárias do Programa CsF, com base nas respostas fornecidas pelos beneficiários. Importa destacar que um mesmo curso de graduação podia estar inserido em mais de uma área prioritária, conforme se observa com Arquitetura e Urbanismos, Engenharia Civil, Sistemas e Mídias Digitais e Farmácia.

Apesar do predomínio de estudantes das áreas de ciências exatas, de tecnologia e da saúde, observa-se também no grupo estudantes do Instituto de Cultura e Arte da UFC, aí representantes dos cursos de Dança e Design-Moda. Como já discutido anteriormente, embora não fossem o público-alvo do Programa, estudantes de áreas ligadas a Ciências Humanas conseguiram a bolsa dentro da área de Indústria Criativa.

Os estudantes consultados nesta pesquisa realizaram intercâmbio em destinos diversos, somando 12 países ao todo: Inglaterra, Austrália, Canadá, Espanha, Portugal, Escócia, Bélgica, Coreia do Sul, Estados Unidos, Holanda, Irlanda do Norte e País de Gales.

Quanto ao tempo de permanência no intercâmbio, os participantes passaram em média 12 meses no exterior. A duração do intercâmbio para o grupo variou entre 10 a 18 meses, já que alguns estudantes realizaram estágio em laboratório/empresa e outros não. Tiveram ainda o caso dos estudantes que, a depender do resultado no teste de proficiência, precisavam realizar curso de idioma antes do início das aulas na universidade de destino.

Dos 61 bolsistas que responderam ao questionário, 96,7% atenderam ao planejado quanto ao tempo de permanência no exterior, ou seja, apenas 2 estudantes não cumpriram o período integral previsto para o intercâmbio, os quais apontaram, como justificativa para tal fato, reprovação e retorno antecipado (sem realização do estágio profissional) para não perder o semestre letivo na UFC.

Considerando que, anteriormente ao Programa Ciência sem Fronteira, a mobilidade acadêmica internacional para o público da graduação era pouco expressiva, buscou-se saber dos participantes se, antes mesmo do CsF, já tinham a intenção de realizar intercâmbio durante a graduação. As respostas mostram que 70,5% do grupo (43 estudantes) já desejava estudar no exterior, independente da existência do Programa CsF. Por outro lado, realizar intercâmbio durante a graduação não estava nos planos de 21,4% (13 estudantes) e 8,2% (5 estudantes) se mostravam indiferentes à possibilidade de estudar fora do país.

Alguns estudantes revelaram, nas respostas discursivas, que, na verdade, não se imaginavam realizando um intercâmbio porque consideravam uma experiência inviável de acontecer, principalmente em razão de não possuírem condições econômicas para arcar com os custos de estudar no exterior.

Reforçando essa realidade, 81,9% do grupo (50 estudantes) revelou que a bolsa ofertada pelo CsF foi imprescindível à viabilização do intercâmbio no exterior durante a graduação. Essa informação indica que o Programa representou uma oportunidade fundamental para ampliar a formação da maioria dos estudantes consultados, já que, sem a bolsa do CsF, eles não vislumbravam possibilidade de estudar em universidades estrangeiras durante o curso superior.

Contrapondo tal entendimento, 4,9% dos interrogados (3 estudantes) discordaram e 8,2% (5 estudantes) discordaram totalmente que, sem a bolsa, não teriam participado de intercâmbio durante o curso de graduação. Do total, 3 estudantes, ou seja, 4,9% se mostraram neutros quanto à possibilidade do CsF ter sido determinante para realizarem parte de seus estudos de graduação fora do país.

A maior parcela dos estudantes ouvidos, mais precisamente 67,2% (41 estudantes), declarou que o intercâmbio pelo Programa Ciência sem Fronteiras foi a primeira experiência que tiveram no exterior. Quanto aos demais, 16 estudantes já tinham estado no estrangeiro com fins de turismo, 2 já tinham vivenciado outras experiências de formação acadêmica no exterior (como, por exemplo, curso de idiomas, participação em congresso ou seminário), 1 havia feito um intercâmbio de trabalho no exterior e 1 já havia participado do intercâmbio acadêmico arquitetura -Acordo bilateral UFC - LA CORUNHA (por 5 meses).

Os bolsistas foram indagados sobre qual teria sido a maior motivação para participarem do CsF. As respostas revelam que 27 estudantes (44,3%) desejavam aprimorar sua formação acadêmica em instituição estrangeira de excelência. Para 18 estudantes (29,5%), a principal motivação estava direcionada a enriquecer sua qualificação profissional, a fim de obter melhor colocação no mercado de trabalho. Quanto aos demais estudantes consultados, 12 (19,7%) apontaram a oportunidade de morar no exterior como principal fator motivacional para ingressarem no CsF, enquanto 4 (6,6%) disseram que foram movidos mais pelo desejo de aperfeiçoar habilidades em língua estrangeira.

As informações obtidas sinalizam que, em maior parte, os estudantes estavam alinhados com o objetivo do Programa de promover a formação de estudantes brasileiros em instituições estrangeiras de excelência, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade.

#### ***4.3.2 A disputa por uma vaga no CsF***

Os bolsistas foram questionados sobre o processo seletivo ao qual se submeteram para ter acesso à bolsa do Programa Ciência sem Fronteiras. O primeiro ponto abordado buscava saber como o estudante tomou conhecimento da seleção. Ao responder, o aluno poderia indicar mais de uma fonte.

A divulgação institucional, realizada pela UFC (site/e-mail/coordenação do curso), foi apontada por 27 alunos (44,3%) como o principal veículo de comunicação do processo seletivo, o que sinaliza que a Universidade atendeu ao compromisso assumido no Termo de Adesão ao Ciência sem Fronteiras, no sentido de dar ampla divulgação das chamadas públicas do Programa na instituição.

Seguido dessa marca, 23 alunos (37,7%) disseram ter tomado conhecimento da seleção por meio do contato com beneficiários do Programa. Além desses, 16 alunos (26,2%) apontaram como resposta o portal do Programa CsF e 11 alunos (18%) o portal da CAPES/CNPq. Finalmente, os estudantes também revelaram que souberam da seleção por intermédio de amigos e colegas da universidade que também planejavam participar do CsF.

Ainda sobre a seleção, 24 bolsistas concordaram e 21 concordaram totalmente com a afirmativa de que o processo seletivo ocorreu de modo claro e acessível. Em sentido contrário, 7 estudantes disseram discordar dessa afirmação e apenas 1 beneficiário discordou totalmente. Houve ainda 8 integrantes do grupo consultado que se mostraram indiferentes, respondendo nem concordar nem discordar com a declaração.

Ademais, quando confrontados com a afirmação de que as informações sobre a seleção obtidas junto à UFC foram suficientes, 20 bolsistas concordaram e 12 concordaram plenamente com seu conteúdo. Por outro lado, 15 discordaram e 2 discordaram totalmente, enquanto 12 disseram nem concordar nem discordar.

A mesma assertiva foi colocada em relação às informações sobre a seleção obtidas junto ao CNPq. A agência executora do CsF teve um desempenho ainda melhor que o da UFC nesse aspecto, já que 32 estudantes concordaram e 12 concordaram plenamente que as informações fornecidas pelo CNPq no processo seletivo foram suficientes. Apesar disso, uma parcela do grupo também demonstrou insatisfação com atuação da agência nesse quesito, uma vez que 9 discordaram e 1 discordou totalmente da afirmação. Também houve bolsistas que se mostraram neutros, 7 dos bolsistas ouvidos declararam nem concordar nem discordar com a sentença.

Em que pese a maioria dos estudantes tenha avaliado como positiva a atuação da UFC na concessão de informações durante a etapa de seleção para ingresso no Programa, quando indagado posteriormente (em questão aberta) quais teriam sido, na opinião dos beneficiários, as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC, dos 58 bolsistas que responderam a pergunta (3 não responderam), 21 apontaram problemas com a seleção.

As críticas ao desempenho da Universidade relacionavam-se à deficiência no apoio oferecido ao aluno no momento de sua inscrição. Alguns bolsistas classificaram o processo seletivo como: obscuro - nas palavras de um estudante, “Conseguir informação era difícil porque nada parecia muito claro para ninguém, nem para os alunos e nem para as instituições”; desorganizado (outro apontou que “ocasionalmente, alguns documentos eram 'perdidos' pelos órgãos responsáveis da UFC, ou não era clarificado onde deveríamos entregar certos documentos, e isso dificultava o andamento do processo); e descentralizado, já que “algumas coisas eram na coordenação do curso, outra no setor internacional, outras no portal do CNPq, outras no site do CsF, o que fez com que a inscrição no programa tenha sido um pouco difícil”.

Outro aspecto levantado foi a falta de critérios (pré-requisitos) claros e precisos na seleção. Segundo um estudante, que afirmou ter pertencido ao primeiro edital do CsF, “Pouca coisa estava clara para os critérios de seleção de forma nacional e institucional”. Outro disse ainda que “pessoas com a mesma nota que a minha ou até melhores que não conseguiram e eu sim”.

Sintetizando as apreciações negativas observadas nesse ponto, destaca-se a resposta de um bolsista que afirmou: “O aluno precisa ir atrás do processo inteiro sozinho, não existe

muito auxílio direto da UFC no processo, além de informações sobre como funciona o programa, o que é preciso para se inscrever, as diferenças de editais de cada país, dentre outras minúcias”.

Ocorre que também existiram 10 respostas nas quais os alunos ou expressaram não ter experimentado dificuldades no processo seletivo ou fizeram uma boa avaliação sobre a atuação da UFC na seleção para o Programa. Assim, um bolsista declarou que “Na época do meu edital, o último período a abrir, os procedimentos na UFC foram bem tranquilos. Tanto a coordenação quanto a prograd foram muito ágeis, orientaram e resolveram as burocracias pré- viagem”. Outro ainda pontuou que:

Durante o processo, eu pouco tive contato com o que naquele tempo era a Coordenadoria de Assuntos Internacionais, eles apenas me ajudaram quando precisei traduzir meu histórico escolar. E nesse ponto, eles foram excelentes, entregaram a tempo, com selo e tudo. Caso contrário eu teria que pagar por esse documento traduzido.

Além dessas, também chamou atenção a resposta de um beneficiário que relatou que:

No ano que eu fui, eles estavam mudando quais cursos poderiam ou não participar. E a incerteza de se meu curso se encaixava ou não, por ser novo e ter uma nomenclatura diferente dos listados, foi um processo estressante. Mas a UFC apoiou os alunos até o fim e avançou o processo seletivo enquanto outras burocracias se resolviam. Eu não experienciei nenhuma dificuldade específica durante esse processo. Talvez falta de suporte no teste de línguas até bem tarde dentro do programa.

Os demais foram enfáticos em dizer que não enfrentaram dificuldades relevantes em relação à ação da UFC na seleção. Assim, repetiram-se respostas como: “Não encontrei dificuldades significativas durante o processo”, “Não vi dificuldades, tudo foi feito facilmente” ou, ainda, “Não lembro de dificuldades específicas inerentes a UFC”.

Buscando compreender as disparidades nas respostas obtidas e adotando como “gancho” o conteúdo das próprias declarações, passei a comparar as respostas com o ano da seleção desses beneficiários. Isso porque alguns estudantes, que tiveram dificuldade, disseram ter participado dos primeiros editais do Programa; enquanto outros, que passaram pelo processo com facilidade, participaram das últimas chamadas.

O que pude verificar foi que 42,8% (9 bolsistas) daqueles que apontaram problemas na ação da Universidade durante a seleção participaram de editais no ano de 2012, portanto se submeteram aos primeiros processos seletivos. Quanto ao restante, 33,3% (7 bolsistas) tiveram sua seleção transcorrida em 2013 e 23,8% (5 bolsistas) em 2014.

No tocante àqueles que disseram não ter encontrado dificuldades, 40% (4 bolsistas)

participaram da seleção em 2014, 40% (4 bolsistas) em 2013 e 20% (2 bolsistas) em 2012. Apesar de se tratar de amostras reduzidas, restringindo o alcance da análise, as informações obtidas parecem sinalizar que os empecilhos relatados pelos bolsistas estavam relacionados com o início do funcionamento do Programa Ciência sem Fronteiras.

Considerando o ineditismo e a extensão da política, no sentido de oferecer grandes números de bolsas de estudo no exterior para alunos da graduação, parece que as instituições responsáveis por executar o Programa CsF precisaram de um período para adaptar e aperfeiçoar suas ações. Tal aprimoramento possivelmente teve progresso na UFC, já que, à medida que as chamadas foram acontecendo (as últimas ocorreram em 2014), diminuem as reclamações e aumenta a satisfação dos beneficiários com a ação da UFC no processo seletivo.

Ainda nessa seção, os bolsistas foram instados a se manifestar em que grau concordavam com as seguintes afirmações: “O Programa foi bem recebido pela comunidade acadêmica” e “A UFC estava preparada para implementar o CsF”.

Na opinião da maioria dos 61 estudantes consultados, o Programa foi sim bem recebido pela comunidade acadêmica. Nesse sentido, 27 concordaram totalmente e 26 concordaram com a afirmação. Apenas 3 pessoas discordaram e 5 foram indiferentes (nem concordaram nem discordaram).

Relacionando essa questão com aquela em que se perguntou quais teriam sido as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC, ressaltou a opinião de uma estudante que declarou: “Nem todos os professores viam com bons olhos o programa”. Tais informações revelam que, embora houvesse um predomínio de expectativa positiva quanto ao Programa, nem todos apostavam em seu sucesso.

Finalmente, a maior parcela dos bolsistas também foi favorável a afirmação “A UFC estava preparada para implementar o CsF”, sendo que 24 concordaram e 14 concordaram totalmente. Nesse ponto, 16 nem concordaram nem discordaram, 6 discordaram e 1 discordou totalmente.

Finalmente, os bolsistas foram indagados (em pergunta aberta) sobre quais foram, em sua visão, as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC. Conforme já mencionado, dos 61 estudantes que atenderam ao questionário, 58 responderam ao questionamento.

Parte das respostas já foi adiantada quando, ao tratar da seleção para o Programa CsF, foi evidenciado que 21 bolsistas responderam a essa questão apontando problemas com a ação da UFC no processo seletivo, ao passo que 10 alunos manifestaram opiniões mais positivas sobre a seleção, expressando não terem experimentado dificuldades ou fazendo uma boa

avaliação sobre a atuação da UFC nessa etapa.

Também já foi mencionada a resposta da estudante que revelou que as dificuldades para implementação do CsF na UFC estavam, em sua opinião, relacionadas ao fato do Programa não ser bem aceito por todos os professores.

Quanto às respostas que ainda não haviam sido expostas, convém destacar a alta incidência de reclamações sobre o aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior. Assim, 13 estudantes ressaltaram a falta de reconhecimento dos créditos cursados no intercâmbio como maior dificuldade enfrentada na implementação do CsF na UFC. De acordo com um bolsista, “[...] muitos alunos tiveram dificuldade no aproveitamento de disciplinas e atividades. O aproveitamento deveria ter sido realizado por uma comissão específica para tal fim junto a Prointer. Vários professores se recusaram a aproveitar disciplinas de alunos do CsF”.

Considerando tal resistência, um estudante declarou que repetiu cadeiras que já tinha cumprido, em suas palavras: “Minha principal dificuldade foi em relação ao aproveitamento de cadeiras. Tive de repetir algumas que já havia feito anteriormente”. Outro disse ainda que, tendo em vista as constantes negativas, desistiu de pedir o aproveitamento, consoante se verifica no depoimento transcrito abaixo:

[...] Talvez a maior dificuldade tenha sido na volta, isso por conta das dificuldades encontradas na coordenação para realização de aproveitamento das disciplinas feitas no exterior. A grande burocracia e a alta chance de recusa, por observação dos pedidos de meus colegas, me desestimularam a tentar aproveitar as disciplinas equivalentes que fiz durante o csf.

Quanto as demais respostas obtidas, 9 bolsistas mencionaram o pouco apoio que tiveram por parte dos docentes do curso, especialmente no que diz respeito à escolha das disciplinas que seriam cursadas no exterior.

Dificuldades com o retorno à UFC, em outras palavras, com a reinserção do aluno após a conclusão do intercâmbio, foram lembradas por 4 bolsistas, os quais apontaram aspectos relacionados ao aproveitamento do conhecimento obtido no exterior e à realocação em turmas. Segundo um estudante, o grande óbice era: [...] como aproveitar o conhecimento externo na volta desses estudantes, como realocá-los em turmas e como dar conta da demanda de alunos “atrasados” em disciplinas, superlotando turmas já preenchidas por alunos “regulares”.

Problemas no status da matrícula dos estudantes na UFC durante a mobilidade acadêmica foram mencionados por 2 bolsistas. Um deles explicou que o óbice foi a “Mudança do status da matrícula para mobilidade acadêmica. Durante alguns meses nossas matrículas ficaram em situação de abandono”. No mesmo sentido, o outro estudante opinou que:

[...] Acho que a grande dificuldade foi com a PROGRAD e o cadastro dos alunos juntamente ao SIGAA. Eu não passei por esse episódio, mas sei de muitos amigos meus que tiveram seu status como 'inativo' durante o período do intercâmbio, mesmo eles tendo apresentado todas as documentações que indicavam que eles estariam ausentes.

Ademais, também constaram nas respostas dos bolsistas (ainda que mencionados uma única vez) empecilho com: exame de proficiência; orientação quanto à escolha da universidade de destino; repasse constante da bolsa; custos iniciais e má gestão da “Pró-Reitoria de Assuntos Internacionais”.

Finalmente, dentre as respostas obtidas, 1 estudante disse não lembrar bem de detalhes, devido ao transcurso do tempo; 1 estudante afirmou não saber responder essa pergunta; e 1 estudante respondeu que não houve nenhuma dificuldade.

#### ***4.3.3 Planejando o intercâmbio***

Nesta seção, busquei saber como os estudantes se prepararam para o intercâmbio, tanto no tocante a questões de ordem prática (passaporte, visto, recebimento dos benefícios pecuniários, contratação de seguro saúde), como de ordem acadêmica (certificado de proficiência, plano de estudo).

Em resposta à indagação sobre o grau de facilidade/dificuldade para obter passaporte, 29 estudantes disseram que foi fácil e 21 responderam que foi extremamente fácil. Apenas 4 bolsistas afirmaram ter considerado difícil concluir esse ato preparatório, ao passo que 7 mostraram-se neutros.

A acessibilidade ao visto de entrada no país de destino também foi considerada fácil por 31 bolsistas, em contraposição aos 9 que julgaram difícil. Aqui, 13 estudantes revelaram-se neutros quanto ao grau de facilidade/dificuldade para obter o documento, enquanto 4 entenderam como extremamente fácil e 4 extremamente difícil.

Sobre a facilidade/dificuldade para receber os benefícios que eram pagos ainda no Brasil (auxílio deslocamento, auxílio material didático e auxílio instalação), a maioria não teve problemas, já que 27 consideraram extremamente fácil e 26 fácil. Contudo, 6 bolsistas julgaram difícil e 1 extremamente difícil. Nessa questão, somente 1 aluno manteve-se neutro.

Ademais, a maioria também não enfrentou adversidade para contratar seguro saúde. Nesse sentido, apenas 1 estudantes respondeu que foi difícil, enquanto 28 beneficiários responderam que realizar tal procedimento foi fácil e 22 extremamente fácil. No total, 10 bolsistas exprimiram neutralidade.

Se nos quesitos obtenção de passaporte e visto, recebimento de benefícios e contratação de seguro saúde os estudantes mostraram-se uniformes no predomínio de avaliações positivas, o mesmo não se observou quanto aos preparativos de ordem acadêmica.

Iniciando a análise pela facilidade/dificuldade em obter o certificado de proficiência, as opiniões ficaram bem distribuídas entre fácil (20 respostas), neutro (18 respostas) e difícil (17 respostas). Somente 4 alunos disseram ter considerado extremamente fácil e 2 extremamente difícil.

Cabe aqui frisar, inclusive, que o exame de proficiência foi indicado por um estudante em resposta ao questionamento de quais teriam sido as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC.

Quanto ao planejamento das atividades acadêmicas, foi perguntado aos bolsistas se houve a elaboração de plano de estudos, 35 estudantes responderam negativamente e 24 positivamente. Houve ainda 1 bolsista que declarou ter elaborado plano de estudo no sentido de criar um direcionamento de quais disciplinas cursar. Além desse, ao responder sobre o plano de estudo, 1 estudante discorreu que recebeu um cronograma da universidade de destino (University of Strathclyde) com as disciplinas que seriam ofertadas. Apesar disso, disse que “na prática não foi efetivo pois tive alguns problemas para me matricular nas disciplinas e eles nem sabiam desse formulário”.

Sobre a participação do coordenador do curso de graduação na UFC e/ou do coordenador institucional do CsF na elaboração do planejamento acadêmico, apenas 6,6% (4 estudantes) declararam ter recebido auxílio, frente aos 68,9% (42 estudantes) que disseram não ter havido participação dos mesmos. Na oportunidade, 24,6% (15 estudantes) reiteraram que não houve planejamento.

Particularmente sobre as disciplinas que deveriam ser cursadas, 82% dos bolsistas (50 estudantes) revelaram não terem recebido orientação sobre o assunto, em oposição aos 14,8% (9 estudantes) que disseram ter havido alguma orientação. Como resposta, 1 bolsista informou que houve orientação de “professores e instituição estrangeira, quanto a disponibilidade por semestre”. Outro disse ainda que “Em conversa informal com um dos professores, ele me orientou a abrir oportunidades para conhecer disciplinas que não tinham na UFC ou que não eram do meu curso. E assim, o fiz”.

Convém aqui retomar as informações obtidas quando perguntado sobre as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC, já que 9 bolsistas apontaram como resposta o pouco apoio que tiveram por parte dos docentes do curso, principalmente no que diz respeito à escolha das disciplinas que seriam cursadas no exterior.

#### ***4.3.4 Experiências no exterior***

Ao serem inquiridos sobre a vivência no exterior, os estudantes, inicialmente, avaliaram sua adaptação considerando fatores como: cultura, fluência no idioma estrangeiro, ambientação acadêmica, relacionamento com colegas e professores da universidade de destino, suporte institucional.

Esmiuçando as informações obtidas, tem-se que a maioria dos bolsistas avaliou de maneira positiva a adaptação cultural (costumes, hábitos, alimentação etc), assim 29 estudantes a consideraram excelente e 26 disseram ter dito uma boa adaptação aos aspectos culturais. Do total, 5 responderam que tiveram uma experiência mediana e somente 1 estudante classificou a adaptação cultural como ruim.

A visita a equipamentos culturais (museus, teatros, cinemas, lugares históricos etc) foi considerada uma excelente experiência por 39 bolsistas. Quanto aos demais, tem-se que 17 classificaram o contato que tiveram com equipamentos culturais como bom, ao passo que 4 avaliaram de forma mediana e apenas 1 como ruim.

Os intercambistas do Programa CsF consultados não revelaram, em sua maioria, dificuldade com a fluência no principal idioma do país de destino. Isso porque a fluência na língua estrangeira foi considerada excelente por 27 estudantes, boa por 25 e média por 6. Em oposição, tiveram bolsistas que classificaram tal fator de adaptação no exterior como péssimo (2 estudantes) e como ruim (1 estudante).

Direcionando o olhar para avaliar a adaptação numa perspectiva mais acadêmica, 21 alunos responderam que tiveram uma excelente ambientação acadêmica e 21 estudantes classificaram-na como boa. A ambientação acadêmica foi considerada mediana por 15 bolsistas e ruim por 4.

Particularmente, no que diz respeito ao contato com discentes e docentes da instituição de ensino estrangeira, predominou a resposta dos bolsistas que consideraram o trato como bom. Nesse sentido, 20 respostas indicaram como bom o relacionamento com os estudantes estrangeiros e 23 como bom o relacionamento com os professores da universidade de destino. Tiveram ainda 14 bolsistas que identificaram como excelente o contato com os discentes no estrangeiro e 11 bolsistas classificaram como excelente o contato com os docentes.

Contudo, uma parcela considerável revelou ter tido uma interação mediana com a comunidade acadêmica no intercâmbio. Precisamente 17 bolsistas classificaram como médio o relacionamento com os colegas estudantes e 20 bolsistas classificaram como médio o relacionamento com os professores. Ademais, 10 responderam que o trato com os alunos

estrangeiros foi ruim. Por fim, a interação com os docentes também foi considerada ruim por 6 bolsistas e péssima por 1.

Os beneficiários do Programa Ciência sem Fronteiras também avaliaram o suporte institucional que receberam durante o intercâmbio por parte da UFC, da agência executora do CsF (CNPq), e da instituição de destino.

O melhor desempenho no suporte aos bolsistas foi atribuído às universidades estrangeiras que receberam esses estudantes. Dessa forma, tem-se que 28 beneficiários do Programa registraram o apoio dessas instituições como excelentes, enquanto 11 estudantes classificaram como excelente o apoio recebido do CNPq e 4 alunos consideraram excelente o apoio obtido da UFC.

O suporte oferecido pelas universidades de destino e pelo CNPq foi assinalado como bom por 23 estudantes, ao passo que o apoio oferecido pela UFC foi tido como bom por 14 alunos.

A assistência do CNPq foi considerada mediana por 19 bolsistas, semelhante à UFC que recebeu uma avaliação mediana de 18 estudantes. Ademais, 6 alunos também classificaram como mediano o desempenho das universidades estrangeiras no auxílio prestado durante o intercâmbio.

Verificou-se, ainda, que o auxílio da UFC aos estudantes durante o tempo que esses passaram no exterior foi apontado como ruim por 16 bolsistas, já o CNPq teve um desempenho ruim nesse quesito para 6 estudantes. A assistência das instituições estrangeiras também foi considerada ruim por 4 alunos.

Por fim, o apoio ofertado pela UFC foi declarado como péssimo por 9 estudantes, enquanto o suporte oferecido pelo CNPq foi tido como péssimo por 2 bolsistas.

As respostas dos estudantes no tocante ao apoio institucional durante o intercâmbio vão ao encontro daquelas fornecidas quando perguntado qual foi o principal contato institucional que os bolsistas tiveram no exterior. O setor de relações internacionais da universidade de destino apareceu em primeiro lugar, indicado por 38 alunos. Na sequência, praticamente com o mesmo desempenho, foram apontados os técnicos do CNPq (11 respostas) e setores/agentes da UFC, assim distribuídos: coordenador do curso na UFC (9 respostas), setor de relações internacionais da UFC (2 respostas) e Coordenador institucional do CsF na UFC (1 resposta).

No tocante às atividades acadêmicas, 43 bolsistas, logo a maioria dos estudantes ouvidos, realizaram outras atividades além das disciplinas cursadas durante o intercâmbio. Assim, 18 alunos dedicaram-se exclusivamente a cumprir as disciplinas previstas para a

mobilidade acadêmica, enquanto os demais realizaram também estágio em empresa (14 bolsistas), em laboratório (11 bolsistas) e na universidade de destino (1 estudante); participaram de seminário/congresso (9 bolsistas, sendo que 2 apresentaram trabalho no evento); e participaram de grupo de pesquisa (5 bolsistas).

Além desses, 1 estudante desenvolveu um projeto de pesquisa durante o summer break e outro declarou ter feito um summer course integrado com “estágio” e ter realizado trabalho voluntário com pessoas autistas e com síndrome de down, ambos pela universidade em que estudou. Teve ainda 1 bolsista que participou de atividades recreativas/esportivas na universidade estrangeira e 1 estudantes que participou de uma excursão de campo para outro país e desenvolveu um projeto final, que envolveu a participação de um professor da UFC em conjunto com um professor da universidade estrangeira.

A diversidade das atividades desempenhadas pelos alunos da UFC no exterior, releva que estes aproveitaram a oportunidade oferecida pelo CsF para enriquecer sua formação, já que estiveram expostos a experiências que, além da perspectiva acadêmica-profissional, estavam impregnadas de conteúdo cultural e social.

O grau de contentamento desses bolsistas mostrou-se elevado, uma vez que 26 disseram estar muito satisfeitos e 13 satisfeitos com o desempenho dessas atividades. Dos 43 estudantes que realizaram atividades acadêmicas extra sala de aula, 2 foram indiferentes a experiência e 2 revelaram-se insatisfeitos.

Buscando compreender tais avaliações negativas/indiferentes, recorri à análise integral do questionário desses estudantes. Assim, pude verificar que um dos bolsistas que disse ter sido indiferente ter participado de estágio em laboratório respondeu sobre o Programa CsF em outro ponto do questionário que: “Foi lá que descobri que não queria vida acadêmica e sim empreender. Hoje emprego 20 pessoas.”

O outro estudante, que também se mostrou indiferente à participação em estágio em laboratório, posteriormente, apontou a “Parceria com empresas para estágios fora da universidade de destino” como maior dificuldade na execução do Programa CsF.

Quanto à avaliação de insatisfação com o desempenho de atividades acadêmicas fora da sala de aula, tem-se que um deles afirmou sobre o CsF que “ [...] me fez perceber que eu estava cursando um curso de graduação que não tinha nada a ver comigo”.

Após realizar esse cruzamento de informações, fica evidente a necessidade de fazer uma análise integrada das respostas apresentadas, evitando, com isso, julgamentos superficiais. Especificamente nessa questão, percebe-se que a insatisfação dos bolsistas pode não estar estritamente relacionada à atividade que desempenharam fora da sala de aula. Outros fatores

podem ter interferido no julgamento dos bolsistas, como a expectativa frustrada de realizar atividades fora da universidade ou a não identificação com a área de estudo.

Ainda sobre a experiência que tiveram no exterior, os estudantes foram indagados se conheceram outros países além daquele em que moraram durante o intercâmbio. A maior parte do grupo, precisamente 54 estudantes (88,5%), respondeu positivamente, face aos 7 bolsistas (11,5%) que disseram não ter conhecido outros países durante o intercâmbio pelo CsF.

Em seguida, os estudantes que responderam afirmativamente foram demandados a opinar se consideravam que a vivência de desbravar outros países foi válida para sua formação. Dos 54 estudantes que declararam ter conhecido outros países, 7 não responderam a pergunta e 1 se limitou a responder que sim, considera que essa vivência foi válida para sua formação.

Os demais estudantes apontaram ganhos de diversas naturezas advindos do contato com outros países. A maioria enfatizou o enriquecimento cultural com o conhecimento de “obras e monumentos em diferentes regiões do mundo”.

A oportunidade de conhecer “outros estilos arquitetônicos in loco” e “ver de perto muitos objetos de estudo” foi especialmente destacada por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo. Nesse sentido, uma bolsista declarou que: “principalmente dado minha área de Arquitetura e Urbanismo, conhecer os locais que eu estudei e entender suas dinâmicas foi de extrema importância para uma melhor compreensão dos resultados da profissão”.

Os bolsistas indicaram que a experiência “também foi importante para treinar a capacidade linguística (idioma e habilidades de comunicação)”. O crescimento pessoal foi outro aspecto destacado pelo grupo, que mencionou ganhos relacionados ao desenvolvimento de “autonomia para resolver problemas de forma rápida e prática” e ao “planejamento financeiro, organizacional”.

Além disso, as respostas revelaram que o conhecimento de outras realidades além da brasileira favoreceu também um amadurecimento dos estudantes enquanto cidadãos. Nessa perspectiva, um bolsista destacou que “conhecer a cultura e costumes de outro país nos faz refletir a nossa situação como Instituição/ sociedade”. Outro disse ainda que: “Tive oportunidade única de conhecer novas culturas e novas realidades que me permitiram reavaliar o modo de vida aqui no Brasil e, principalmente, refletir em maneiras de mudar a realidade local”.

A ampliação do conhecimento de mundo oportunizada pelo CsF, além dos aspectos culturais, pessoais e sociais, gerou impactos de ordem acadêmica e profissional, segundo as opiniões dos beneficiários. Nas palavras de um estudante foi “Foi extremamente importante para conhecer novas realidades, novas abordagens de ensino e da profissão, como ela é vista

em outro país, com estrutura diferente acadêmica e profissional”.

Assim, alguns bolsistas disseram que a experiência permitiu “aumentar o network”, com o “contato com profissionais de outras instituições de pesquisa”. Outros disseram ter descoberto novas áreas acadêmicas. Tiveram ainda estudantes que declararam terem definido suas próximas escolhas profissionais a partir do contato com os países em que estiveram, conforme demonstram as respostas transcritas a seguir:

Sim, porque contribuiu para meu conhecimento de mundo e outros contextos sociais e de saúde, além de ter contribuído para minha escolha de residência (medicina de família e comunidade).

Sim, além do contato com outras culturas, era um respiro no dia a dia estressante das aulas. E, no meu caso, eu pude visitar outros museus, o que ajudou, mais tarde, no meu próprio trabalho de conclusão de curso em Design pela UFC. Esse contato definiu o que eu queria fazer profissionalmente.

Arrematando as respostas apresentadas pelos bolsistas, destaco a opinião exposta abaixo, por contemplar um pouco de tudo que foi abordado pelo grupo:

Sim, extremamente válida. Entendo que o intercâmbio ganha sua importância a partir da experiência acadêmica, claro, porém talvez tão importante quanto, também das experiências extra acadêmicas, entre as quais destaco a possibilidade de conhecer novos locais, culturas e experiências. Tal vivência permite um olhar mais abrangente de mundo e aguçar a visão para novos modos de resolver problemas que enfrentamos em nossa realidade, além claro de tornar-nos mais tolerantes e aceitadores das diferenças.

Por outro lado, embora minoritária, é importante trazer à discussão o entendimento de bolsistas que, ao avaliar se a experiência de visitar outros países (além daquele em que se deu o intercâmbio) foi válida para sua formação, expressaram as seguintes opiniões: “Não foi válida para a formação, apesar de ter composto uma parte importante da experiência provida pelo CsF” ou “Foi válida para expandir meus conhecimentos culturais, mas não acadêmicos”. Tiveram ainda aqueles que afirmaram que: “Eu usei o período de férias (winter break) para viajar aos EUA, então não teve nenhuma relação com a formação”; “Não. Porque foi para fins pessoais e não acadêmicos”.

As falas mencionadas sugerem que, no entendimento desses estudantes, formação está relacionada mais estritamente ao aprendizado de conteúdos formais, acadêmicos. Sendo assim, há o reconhecimento de que conhecer outros países constituiu “uma parte importante da experiência provida pelo CsF” e, ainda, que isso foi relevante para expandir “conhecimentos culturais”, contudo os estudantes não associam tal vivência a sua formação, uma vez que ocorreu em “período de férias” ou “foi para fins pessoais e não acadêmicos”.

Para finalizar a análise da seção do questionário destinada a compreender como se

deu a experiência no exterior a partir da visão dos intercambistas, foi solicitado que os estudantes identificassem a maior dificuldade enfrentada na execução do Programa CsF. A priori, é importante destacar que todos os 61 bolsistas interrogados apresentaram resposta a essa questão, dos quais apenas 3 mencionaram não ter identificado/não recordar de dificuldade na execução do Programa CsF.

A principal queixa trazida nas respostas diz respeito à carência no acompanhamento da atuação dos bolsistas no estrangeiro por parte da UFC, do CNPq e, até mesmo, da universidade de destino. Assim, 14 estudantes apontaram dificuldade com a falta de acompanhamento em suas atividades durante o intercâmbio, tanto numa perspectiva de orientação/suporte como de controle/fiscalização. Os relatos destacados a seguir demonstram bem esses empecilhos:

A falta de um plano de estudo e suporte. O coordenador da minha universidade de destino me deixou a vontade para eu mesma escolher minhas próprias disciplinas. Era tudo muito solto mesmo. Lembrando bem, eu dificilmente recorria aos superiores, o apoio que eu encontrava era nos próprios alunos que estavam na mesma situação e acabava que eles compartilhavam as informações. Os seis primeiros meses foram difíceis, eu cheguei a pensar em desistir, sentia que tinha cometido um erro e estava usando dinheiro público em vão. Consegui me acalmar mas mesmo assim solicitei a diminuição do período da bolsa, pra voltar logo após as aulas acabarem. E nessa solicitação, encontrei muita dificuldade e burocracia que era difícil pra resolver, pois eu estava longe. Então tive que pedir pra pessoas no Brasil levarem documentos pra UFC para serem assinados, entre outras falhas de comunicação. E mesmo solicitando a diminuição do período total, mesmo eles confirmando que meu período iria acabar em julho e não agosto, eu acabei recebendo a bolsa de agosto mesmo assim. Eu não acho que a UFC não estava preparada para o CsF, eu acho que a CNPq não estava preparada para o intenso fluxo de alunos passando pelo mesmo processo. Eu acho que eles não levaram em conta o fator humano mesmo que é passar por um intercâmbio. Não são passos, etapas a serem seguidas: ser aceito, se mudar, estudar, voltar. Existem vários pormenores na experiência completa e cada pessoa vai reagir diferente a todos esses estímulos. Principalmente sendo uma pessoa muito jovem.

[...] apenas o fato de que era tudo muito mal fiscalizado, ou pelo menos essa era a impressão. Conheci muitos alunos que mal pisavam na universidade, gastavam toda a bolsa com festas e viagens, reprovavam nas matérias... Isso passou para as pessoas a impressão de que não era um programa sério, apenas balbúrdia. Lembro-me de muitas pessoas criticando, o que acaba afetando todo mundo, inclusive quem estava lá, aproveitando essa oportunidade maravilhosa, que não seria possível sem o programa.

As respostas transcritas exemplificam como foi prejudicial para os estudantes lidar com a fragilidade no acompanhamento institucional de suas atividades durante o intercâmbio. Nesse sentido, a primeira bolsista mencionada revela que, diante da falta de apoio, considerou, inclusive, desistir da experiência de mobilidade no estrangeiro. Ao passo que a segunda estudante deixa transparecer o incômodo que sentiu com as críticas indiscriminadas que eram direcionadas ao aproveitamento do CsF, em razão do baixo desempenho de determinados bolsistas que, aproveitando-se do pouco controle do Programa, não cumpriam com suas responsabilidades acadêmicas.

Quanto aos demais aspectos abordados pelos alunos, foram elencadas dificuldades enfrentadas desde a etapa de seleção até o retorno do intercâmbio. Falhas quanto à comunicação foram apontadas por 13 bolsistas, que relataram demora no retorno de contatos feitos com o CNPq, contradição nas informações prestadas pelo CNPq e pela universidade de destino, falta de comunicação com o coordenador do curso no Brasil e com a UFC de modo geral. Segundo narrou um dos bolsistas, por exemplo, a maior dificuldade que identificou na execução do Programa CsF foi:

Contato com o CNPq quando estava tentando prolongar por mais quatro meses a minha estadia, já que tinha o convite do Ministério de Serviços Centrais para ficar por mais um semestre trabalhando com eles. A demora acabou me prejudicando pois não pude dar entrada no pedido de extensão do estágio a tempo.

Ao responder sobre a maior dificuldade identificada na execução do Programa CsF, 7 estudantes retomaram empecilhos enfrentados durante o processo seletivo e os atos preparatórios para o intercâmbio, destacando situações relacionadas à organização da seleção de candidatos, à proficiência, ao atraso no envio da documentação necessária pela instituição de ensino estrangeira para aplicação do visto, à burocracia com a documentação no início do programa e à abertura de conta bancária destinada a receber o pagamento para os processos da viagem (passagem, seguro saúde e entre outros).

Dificuldades que envolviam recursos financeiros também surgiram nas respostas dadas por 6 estudantes, por motivações como: problemas nos repasses das bolsas, alto custo de vida no país de destino e alto custo para obter visto para determinados países. Um estudante alegou ainda dificuldade com a “falta de ajuda de custo para alunos de baixa renda poderem fazer as provas de proficiência e conseguir demais documentações”. Em relação ao pagamento da bolsa, outro bolsista disse ter enfrentado obstáculo, em seu retorno, com um “processo bem burocrático e incerto” para devolução de 3 meses de bolsa que foram depositados a mais.

A carência no direcionamento para a escolha das disciplinas que seriam cursadas durante o intercâmbio, bem como a debilidade de informações sobre o aproveitamento acadêmico das atividades realizadas no exterior foram apontados por 5 bolsistas. Do grupo, 3 estudantes falaram da dificuldade com a compatibilização do que era estudado no Brasil e no exterior. Nas palavras de um desses estudantes: “O curso que pude cursar lá (farmacologia) tinha nuances muito diferentes do curso de Medicina”. Outro disse ainda que “queria ter tido um alinhamento maior entre meu curso e as disciplinas que eu fiz no exterior”.

Entraves com estágio durante o intercâmbio foram indicados por 4 bolsistas, os quais mencionaram dificuldade tanto em conseguir direcionamento para estágio como em

conseguir parceria com empresas para estágios fora da universidade de destino. Fatores relacionados à adaptação com as atividades acadêmicas cumpridas na universidade estrangeira representaram, na opinião de 4 estudantes, a maior dificuldade que enfrentaram na execução do Programa CsF. Nesse sentido, destaca-se a seguinte resposta de um estudante: “A maior dificuldade foi entregar os projetos e tarefas da maneira que os professores da universidade estrangeira esperavam, pois nem sempre estava claro o que deveria ser feito”.

Além desses aspectos, 3 estudantes mencionaram dificuldades com a adaptação ao chegar no país de destino, 1 estudantes citou a relação com os professores estrangeiros e 1 declarou que “não estava claro o objetivo do programa, não houve um alinhamento com a instituição estrangeira pra se fazer pesquisas, por exemplo”.

Finalmente, 1 bolsista narrou em sua resposta que enfrentou dificuldade com burocracia ao tentar viabilizar a obtenção de duplo diploma, embora houvesse previsão no edital. Segundo discorre o estudante:

No meu edital havia a possibilidade de obter duplo diploma, caso houvesse acordo entre as duas instituições (a internacional e a brasileira). Não havia acordo pré-estabelecido, entretanto tentei ver o que poderia fazer para facilitar esse acordo. A minha instituição portuguesa recebeu essa ideia de forma positiva e interessada, tentando entrar em contato com a UFC. No entanto, o setor de relações internacionais na UFC respondeu tanto para mim quanto para a instituição portuguesa, que precisaria de um prazo maior para estabelecer toda a burocracia necessária para efetivar o acordo (faltavam 3 meses para o fim do meu prazo).

#### ***4.3.5 O regresso à UFC***

Neste segmento, buscou-se conhecer como se deu o retorno dos bolsistas ao curso de graduação na universidade de origem, encerrada a mobilidade proporcionada pelo Programa Ciência sem Fronteiras.

De início, os estudantes foram indagados se as atividades planejadas para o intercâmbio foram realizadas. Com maior frequência, 28 bolsistas responderam que houve, em maior parte, alinhamento entre o planejado e o realizado. Para 12 estudantes, houve alinhamento total entre o planejado e o realizado, enquanto 8 estudantes consideraram tal alinhamento apenas parcial. Uma parcela menor do grupo expressou que não houve alinhamento entre o planejado e o realizado, sendo que 8 bolsistas disseram não ter havido alinhamento algum e 5 bolsistas que, em maior parte, não houve alinhamento.

Sobre o grau de satisfação quanto ao reconhecimento ou aproveitamento na UFC das disciplinas ou atividades realizadas no exterior, 20 estudantes mostraram-se satisfeitos e 18 muito satisfeitos. Em oposição, 10 bolsistas manifestaram-se insatisfeitos e 7 muito insatisfeito.

Finalmente, 6 alunos disseram-se indiferentes. Nesse ponto, convém reiterar que críticas dos estudantes ao aproveitamento das disciplinas cursada no intercâmbio já foram abordadas anteriormente.

A reinserção no curso de graduação foi avaliada positivamente pela maioria dos bolsistas, dos quais 26 disseram ter ficado satisfeito e 14 muito satisfeito com esse processo de recolocação. Por outro lado, 14 mostraram-se indiferentes e 7 insatisfeitos.

A fim de saber se a atuação no CsF influenciou a vida acadêmica dos bolsistas em seu retorno, foi perguntado no questionário se os estudantes perceberam melhora na participação em projetos da UFC e no rendimento acadêmico no tocante a atividades “extra sala de aula”. A resposta foi positiva para 33 estudantes, que responderam que passaram a participar de projetos de pesquisa, grupos de estudo, projetos de extensão, programas de iniciação científica e à docência, monitoria. Os outros 28 alunos responderam que não perceberam a melhora indagada.

Sobre o compartilhamento da experiência do intercâmbio com os professores e demais alunos do curso, 39 bolsistas (63,9%) afirmaram que só tiveram oportunidade de fazê-lo em conversas informais. Quanto aos demais, 11 bolsistas (18%) disseram ter compartilhado a vivência por meio da participação em projetos de pesquisa, grupos de estudo e 6 bolsistas (9,8%) por meio de reunião, palestras organizadas pela universidade. Por fim, 5 bolsistas (8,2%) declaram que não tiveram oportunidade de dividir a experiência do CsF com os professores e demais alunos do curso.

A última pergunta dessa seção buscou saber se os bolsistas participaram, na UFC, de alguma avaliação institucional quanto a sua atuação no CsF. A grande maioria, precisamente 54 estudantes (88,5% do grupo), respondeu que não, face aos 7 estudantes (11,5%) que afirmaram que sim.

Sobre o retorno dos bolsistas à Universidade é importante destacar a publicação realizada no Jornal da UFC nº 48 (novembro/2013), que abordou o regresso dos primeiros alunos que partiram rumo ao intercâmbio de graduação-sanduíche pelo Ciência sem Fronteiras. Na matéria intitulada “O retorno dos sem fronteiras”, fica clara a intenção de a UFC realizar uma avaliação sobre a experiência que seus estudantes tiveram no exterior. Na publicação, há o reconhecimento de que “O momento agora é de debate e troca: dividir as experiências positivas, alertar sobre as negativas e, principalmente, usar tal vivência para avaliar e repensar os próprios mecanismos que perpassam ensino, pesquisa e extensão na Instituição”.

Ocorre que as informações obtidas dos bolsistas neste trabalho indicam que o debate dentro da Universidade sobre os frutos do CsF foi insuficiente, já que a maioria dos

beneficiários ouvidos (63,9%) só teve oportunidade de compartilhar a experiência do intercâmbio com os professores e demais alunos do curso por meio de conversas informais. Ainda mais grave, uma parcela desses estudantes (8,2%) não dividiu suas experiências no CsF nem mesmo em conversa informal com os membros da comunidade universitária.

Além disso, 88,5% do grupo consultado revelou não ter participado de avaliação institucional quanto a sua atuação no CsF. Essa carência na avaliação dos resultados do Programa reduz o aproveitamento que a Universidade poderia extrair dessa política na continuidade da promoção da internacionalização da educação superior no âmbito da UFC (demanda atual e relevante quando se trata de política de educação superior).

#### ***4.3.6 A formação propiciada pelo Programa CsF***

O último bloco de perguntas do questionário teve como objetivo conhecer como os bolsistas percebem a influência da mobilidade promovida pelo CsF em sua formação, tanto numa perspectiva acadêmico-profissional quanto pessoal.

Nesse sentido, inicialmente, foi solicitado aos estudantes que expressassem o grau de concordância com a seguinte declaração: A participação no CsF teve um impacto positivo em minha formação acadêmica. Do total de 61 estudantes, 46 disseram concordar totalmente e 13 concordar com a afirmação. Apenas 2 estudantes disseram não concordar nem discordar.

Ademais, para a maior parte do grupo ouvido, a participação no CsF estimulou a busca por continuar seus estudos na pós-graduação. Nesse sentido, 23 estudantes concordaram totalmente e 11 concordaram que ter participado do CsF representou um incentivo para ingressar na pós-graduação. Quanto aos demais, 18 não concordaram nem discordaram com a afirmação, enquanto 5 discordaram e 4 discordaram totalmente.

Contudo, quando foi colocada a proposição “A participação no CsF influenciou meu ingresso na pós-graduação na mesma universidade onde estive pelo CsF”, apenas 3 estudantes concordaram totalmente e 1 concordou. As respostas dos outros participantes da pesquisa ficaram distribuídas da seguinte forma: 21 não concordaram nem discordaram, 19 discordaram totalmente e 17 discordaram. Tais respostas sugerem que os estudantes não estabeleceram vínculos acadêmicos mais sólidos nas universidades em que cursaram o intercâmbio, contrariando em certa medida um dos objetivos do Programa que era “criar oportunidade de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional”.

Quanto ao aspecto profissional, foi indagado se a participação no CsF conferiu mais reconhecimento e preparo para o mercado de trabalho. As respostas mostraram que 32 estudantes concordaram totalmente e 20 concordaram com a ideia proposta. Um grupo de 6 estudantes respondeu não concordar nem discordar da proposição, ao passo que 2 discordaram e 1 discordou totalmente.

Além disso, buscou-se saber se os estudantes consideraram que a vivência no exterior propiciada pelo CsF contribuiu para sua formação pessoal. Os bolsistas foram unânimes em responder afirmativamente, sendo que 56 concordaram totalmente e 5 concordaram com a afirmação.

Em seguida, a fim de conhecer qual a perspectiva de formação que os estudantes mais atribuem valor na experiência proporcionada pelo CsF, foi solicitado que colocassem em sequência de importância as conquistas de ordem acadêmica, profissional e pessoal. Em consonância com as informações obtidas nas questões anteriores, 36 bolsistas responderam que a maior importância da experiência de formação foi de ordem pessoal. A perspectiva acadêmica foi apontada por 13 estudantes como a maior contribuição do CsF em sua formação, enquanto 12 estudantes colocaram o sentido profissional como o aspecto mais relevante para a formação conquistada com o Programa.

Finalizando o questionário, a última pergunta feita aos bolsistas foi: Como a experiência de participar do Programa CsF colaborou para sua vida nos dias de hoje? A partir do retorno dos estudantes, é possível perceber que o Programa Ciência sem Fronteiras constituiu um fator de destaque em sua formação. A maior parte dos beneficiários relatou que a experiência provocou transformações em suas vidas, seja porque ampliou possibilidades acadêmicas e profissionais, seja porque propiciou um amadurecimento pessoal, com efeitos que influenciam suas vidas ainda nos dias atuais.

De acordo com as respostas obtidas, realizar parte da graduação em instituição estrangeira, morar em outro país (alguns mencionaram que foi a primeira experiência em morar só), conhecer e conviver com pessoas de cultura diferentes representou para esses jovens estudantes vencer desafios que fizeram com que se sentissem mais capazes e autônomos, gerando impacto em diversas áreas de suas vidas.

Nas palavras de um estudante, a vivência no CsF “Moldou quem eu sou hoje em todos âmbitos da vida, me fez mais aberto, mais curioso, mais interessado pela profissão e estudos”. Outra estudante afirmou que: “Hoje, como enfermeira residente, me sinto mais animada em encarar novos desafios e enfrentar o desconhecido, por saber que tenho capacidade para tal. Cresci em relação à independência, autonomia, confiança e coragem”.

Houve bolsista que mencionou que a experiência no CsF contribuiu para que se tornasse mais organizado, participativo, extrovertido. Outro destacou que a experiência fez com que tivesse expectativas mais realistas em relação à carreira e oportunidades de estudo. Vários estudantes indicaram a participação no CsF como um marco na construção de sua autonomia. Para ilustrar tal conquista ressaltou o seguinte depoimento:

Eu nunca cheguei a pensar em fazer intercâmbio, pois desde pequena achei que seria um sonho impossível. Apenas quando eu vi meus amigos indo, vendo que era possível, eu decidi agarrar a oportunidade e ter a coragem de ir. Viajar sempre é uma experiência formativa porque testa seus limites, te tira da sua zona de conforto. E morar sozinha foi um processo importantíssimo. De ser filha única e morar com meus pais e ir pra outro país, administrar o dinheiro, pagar aluguel, comida. Conciliar estudos e essas logísticas não parece difícil pra quem trabalha e estuda no Brasil, mas para a minha realidade, era. Quando voltei pro Brasil, claro que tive o privilégio de voltar a morar com meus pais, mas ter tido essa experiência me fez entender que sou capaz de fazer qualquer coisa. Que sou capaz de fazer coisas que eu não imaginava, me incitou independência, liberdade. E por vezes, me pego pensando que eu deveria ter feito algumas coisas diferentes, que talvez eu tenha ido muito nova, talvez não tenha aproveitado a oportunidade por completo, mas acho que eu tive que ir no momento que eu fui mesmo, tudo foi como era pra ter sido. O CsF foi uma experiência surreal, uma passagem pra vida adulta. Ter sido exposta aos ambientes que fui, as culturas, as pessoas.

Muitos estudantes frisaram a influência do Programa Ciência sem Fronteiras em seu desenvolvimento pessoal, considerando que a experiência modificou a visão de mundo que possuíam. Diversas declarações dos beneficiários expressam essa ideia, conforme demonstram as respostas apresentadas a seguir: “Morar no exterior fez com que eu tivesse uma nova visão de mundo.”; “Abriu meus olhos para o mundo e a muitas possibilidades.”; “Mudou a maneira como eu vejo o mundo e a vida.”; “Conhecer outras culturas me fez valorizar muito mais a minha.”; “A experiência permitiu grande crescimento pessoal através do conhecimento de diversas novas culturas, visto que a universidade do exterior abriga estudantes de vários países.”; “Convívio e aceitação com diferentes culturas.”; “Mudou minha forma de pensar, me fez enxergar novas realidades. Ampliou meu conhecimento de mundo, me fez ser mais tolerante com outras etnias, realidades e pessoas.”; “Amadurecimento, ampliação dos horizontes, oportunidades futuras.”; “A percepção e a forma de pensar e viver no contexto atual das mudanças rápidas e significativas ganharam uma perspectiva mais ampla e cheia de possibilidades de atuação.”.

Sintetizando a ampliação do conhecimento de mundo proporcionada pela oportunidade de estudar no exterior, uma bolsista declarou que:

Difícil resumir em poucas palavras! Mas, primeiramente, importância na minha formação pessoal, minha vivência e conhecimento de mundo, de sociedade, de relações humanas, o que contribui para minha visão de mundo e conseqüentemente tem impacto em todas as áreas da vida.

Os estudantes também destacaram ganhos acadêmicos, como: autoconfiança no trabalho acadêmico; oportunidade de elevar o nível acadêmico (“não somente em quantidade de conhecimento adquirido, mas em excelência, principalmente no que se refere a qualidade de trabalhos apresentados e documentos produzidos”); possibilidade de acessar outros assuntos pouco discutidos ou excluídos da grade curricular da UFC, preenchendo lacunas na formação acadêmica através das disciplinas cursadas no CsF; incentivo para ingresso em grupo de pesquisa; auxílio na aprovação de projetos para o recebimento de bolsa de estudos; estímulo a voltar a estudar no exterior; influência positiva para futura atuação no ensino acadêmico/preceptorial; engrandecimento do currículo.

Alguns bolsistas destacaram que devido ao intercâmbio puderam aprimorar suas habilidades em língua estrangeira. Outros atribuem o ingresso no mestrado/doutorado à experiência que tiveram no CsF, seja porque o intercâmbio contou ponto no processo seletivo, ou porque a pesquisa na pós-graduação está relacionada com que o estudante fez durante o estágio no Programa. Nesse sentido, um bolsista declarou que: “Depois do CsF pude fazer outro intercâmbio via Erasmus. Hoje sou aluno de mestrado graças ao incentivo do CsF.”

Além disso, participar do CsF incentivou alguns estudantes a partir em busca de pós-graduações em outras instituições, nacionais ou estrangeiras, como pontuado pelo estudante que afirmou: “Decidi sair do país e buscar realizar residência médica no exterior”. Outros depoimentos também foram no mesmo sentido, conforme demonstram as falas apresentadas a seguir:

Se não tivesse participado do CsF não estaria onde estou hoje. Por conta desse programa, fiz mestrado na UFC, participei de um curso intensivo de Harvard onde conheci um professor da USP que trabalha na mesma temática que eu e fui chamada por ele para fazer doutorado na USP. Hoje estou fazendo doutorado sanduíche na University of Southern California. Só tenho a agradecer ao CsF, foi um divisor de águas na minha vida.

O CsF melhorou o meu currículo, o meu desenvolvimento profissional e me deu uma noção de mundo e de dificuldades muito grande. Se eu não tivesse ido para o intercâmbio, eu não teria tido a coragem de sair do Ceará na pós-graduação (Hoje estou na USP).

Além disso, estou voltando a Espanha para um estágio eletivo da especialização, por haver mantido contato com uma profissional do serviço onde atuei durante a prática da graduação. Isso é extremamente gratificante e enriquecedor, não apenas profissional mas também pessoalmente. Não apenas para mim, mas também para a comunidade brasileira a quem retornarei todo o conhecimento apreendido.

Interessante frisar ainda que, de acordo com algumas falas, foi a partir da vivência proporcionada por intermédio do Programa Ciência sem Fronteiras que alguns estudantes alteraram suas trajetórias acadêmica e profissional, a exemplo do bolsista que declarou que:

“Foi lá que descobri que não queria vida acadêmica e sim empreender. Hoje emprego 20 pessoas”. Outro ressaltou que o CsF incitou “Autonomia para decisões pessoais e me fez perceber que eu estava cursando um curso de graduação que não tinha nada a ver comigo”. A mudança de área de estudo foi uma realização atribuída ao CsF por um estudante que respondeu que:

Depois do CsF eu não consegui acompanhar minha turma da engenharia de telecomunicações, isso me desmotivou bastante. Acabei fazendo o Enem novamente e encontrei uma área que realmente me identifiquei, engenharia ambiental. Sou formado pela UFC e muito feliz com essa mudança, que em parte foi graças ao CsF.

O desenvolvimento profissional foi mais um aspecto das conquistas realizadas pelos estudantes que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras. Realizar parte da graduação no exterior permitiu para alguns beneficiários ter um alcance mais global da profissão para a qual estavam sendo formados. Consoante declarou um bolsista, “O programa ampliou minha visão profissional e de vida”. Outro disse sobre a experiência que “Ela abriu meus olhos para diversos outros programas de intercâmbio, e o quão enriquecedor é pensar em chances globais ao invés de apenas o mercado de trabalho brasileiro”.

Contudo a vivência de formação internacional não permitiu unicamente uma visão profissional mais globalizada, mas também conferiu habilidades próprias aos beneficiários para que atuassem nesse mercado global, como bem ilustra a resposta citada a seguir:

Graças a experiência no Canadá, pude melhorar meu inglês consideravelmente e tive a oportunidade de conviver com culturas diferentes. Isso teve um e tem um impacto significativo em minha vida profissional. Hoje trabalho em uma multinacional em que constantemente estou de frente com pessoas de outros países e a experiência do intercâmbio me ajudou a estar mais preparada para essa fase que estou vivendo.

Segundo alguns estudantes a vivência no intercâmbio embasou a escolha por determinada área dentro da profissão, conforme expressa o depoimento abaixo:

Na área profissional em especial, isso foi extremamente importante, pois tive uma visão e vivência da Medicina em um país desenvolvido, de excelentes índices de saúde e desenvolvimento, e pude trazer isso para minha prática no Brasil. A Austrália tem a visão de fortalecimento da Atenção Primária, modelo prioritário nos países desenvolvidos porém ainda deficitário no Brasil. Escolhi minha especialização médica baseada, dentre outras coisas, nesse exemplo de modelo de sucesso de sistema de saúde - quanto mais forte a Atenção Primária, melhor a saúde de uma população. Estou na Residência de Medicina de Família e tenho a visão de fortalecer o SUS e a Atenção Primária agindo na prevenção e promoção à saúde, alvo que temos alcançado em nível regional pouco a pouco, e espero um dia atingirmos a nível de país.

Em algumas respostas, os beneficiários expressam que ter participado do Programa foi decisivo também para a própria inserção no mercado de trabalho, a exemplo do bolsista que declarou: “Acredito que fui aceito em alguns cargos devido a essa experiência”; e

de outro que disse: “Tenho certeza que ter participado do Programa CsF foi um diferencial para que eu conseguisse meus dois estágios durante a graduação e principalmente para ter passado no programa de trainee da Telefônica | Vivo, meu atual emprego”.

Ainda sobre contribuir para a atuação no mercado de trabalho, a fluência em idioma estrangeiro fruto do intercâmbio abriu mais uma possibilidade de trabalho para os bolsistas do Programa. Assim, um estudante respondeu que “Profissionalmente consegui um emprego de professora de inglês no qual minha experiência internacional contou para a contratação”. De modo semelhante, outro bolsista discorreu que:

Quando voltei, tentei me inserir no mercado de trabalho na minha área (moda), mas por motivos pessoais e familiares precisei procurar emprego em outra área. Assim, me tornei professora de inglês em uma grande instituição de ensino aqui em Fortaleza. O CSF foi importante porque me conferiu fluência no idioma, o que foi fundamental na minha entrevista de emprego para esse cargo. Hoje, como as coisas mudaram para mim, consegui ir atrás de um emprego na minha área, estou fazendo um estágio em marketing de moda, um dos principais focos da minha grade curricular no CSF, o que certamente me ajudou a despertar para essa área.

Diante de todo o exposto, considerando a amplitude das oportunidades de crescimento advindas da experiência de intercâmbio (reveladas aqui pelos próprios beneficiários), a conclusão não poderia ser outra senão aquela feita por um bolsista que declarou jamais ter imaginado vivenciar uma experiência tão enriquecedora: “É difícil descrever o quão útil e proveitosa foi a experiência no CsF. O desenvolvimento pessoal, profissional e das habilidades na língua estrangeiras são imensuráveis”

Assim, é importante frisar o sentimento de gratidão em relação ao CsF que ficou claro em diversas respostas. Estudar no exterior representou a concretização de um desejo que, antes do Programa, parecia inatingível para parte dos beneficiários, conforme se verifica na seguinte afirmação: “Ter tido uma experiência no exterior, algo que sempre pareceu tão distante, me permitiu ter ambições profissionais e pessoais que antes pareciam sonhos impossíveis”. Nas palavras de outro bolsista:

Me tornei uma pessoa mais responsável, com experiências de vida diferentes. Tudo isso graças a um programa que teve suas falhas, mas que propiciou um aluno pobre a viajar para outro país e ter uma experiência de intercâmbio. Algo que nunca achei que teria dinheiro pra fazer.

Finalmente, não poderia deixar de registrar, com destaque, o lamento que o encerramento do Programa Ciência sem Fronteiras causa, especialmente, para quem conheceu de perto as conquistas decorrentes da vivência, como a bolsista que assegurou: “Sou muito grata por ter tido essa oportunidade, posso dizer com todas as letras que participar do CSF mudou minha vida e minhas perspectivas pro futuro de todos os âmbitos, e eu sinto muitíssimo que o

programa não esteja mais acontecendo”.

#### 4.4 Delineando o perfil dos bolsistas e suas percepções

Com base nos dados obtidos com a aplicação do questionário, foi possível construir uma síntese das informações discutidas no tocante à percepção dos bolsistas acerca do CsF e ao perfil dos estudantes que participaram do Programa CsF. Inicialmente, apresento dois adros, contento as referidas informações:

Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF

(continua)

<u>Processo seletivo:</u> <b>Divulgação da seleção do CsF</b>	<u>Processo seletivo:</u> <b>Claro e acessível?</b>	<u>Processo seletivo:</u> <b>Obteve informações suficientes junto a UFC?</b>	<u>Processo seletivo:</u> <b>Obteve informações suficientes junto ao CNPq?</b>	<u>Processo seletivo:</u> <b>O Programa CsF foi bem recebido pela comunidade acadêmica?</b>
<p>- A divulgação institucional realizada na UFC (site/e-mail/coordenação do curso) foi apontada como o principal veículo de comunicação do processo seletivo.</p> <p>- os estudantes também ficavam sabendo das seleções, principalmente, devido ao contato com beneficiários do Programa.</p>	<p>- Sim (45) - Não (8) - Indiferente (8)</p> <p>* em que pese esse resultado, nas respostas discursivas, 21 bolsistas apontaram problemas na seleção como principal dificuldade enfrentada na implementação do CsF na UFC.</p> <p>A insatisfação com o processo seletivo deveu-se, em linhas gerais:</p> <p>- ao fato dele ocorrer de forma descentralizada (etapas junto ao CNPq e outras junto a diversos setores da UFC, como coordenações de cursos, PROGRAD e CAI), - à carência de critérios claros e precisos de seleção.</p>	<p>- Sim (32) - Não (17) - Indiferente (12)</p> <p>* em que pese esse resultado, a atuação da UFC na seleção foi criticada devido à:</p> <p>- dificuldade de informações; - desorganização; - deficiência no apoio ao aluno na inscrição.</p> <p>Comparando a avaliação do bolsista (se negativa ou positiva) e o ano em que se deu sua seleção, nota-se que, à medida que as chamadas foram acontecendo, diminuem as reclamações e aumenta a satisfação dos alunos com a ação da UFC no processo seletivo.</p>	<p>- Sim (44) - Não (10) - Indiferente (7)</p>	<p>- Sim (53) - Não (3) - Indiferente (5)</p> <p>* na opinião de uma bolsista, alguns professores viam o Programa com desconfiança, representado uma barreira para sua implementação na Universidade.</p>

Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF

(continuação)

Processo seletivo: <b>A UFC estava preparada para implementar o CsF?</b>	<u>Planejamento do intercâmbio:</u> <b>Obter passaporte</b>	<u>Planejamento do intercâmbio:</u> <b>Obter visto de entrada no país de destino</b>	<u>Planejamento do intercâmbio:</u> <b>Recebimento de benefícios que eram pagos ainda no Brasil</b>	<u>Planejamento do intercâmbio:</u> <b>Contratar seguro saúde</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sim (38)</li> <li>- Não (7)</li> <li>- Indiferente (16)</li> </ul> <p>* na opinião dos bolsistas, as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC foram com:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- processo seletivo;</li> <li>- o fato do Programa não ser bem aceito por todos os professores;</li> <li>- falta de reconhecimento dos créditos cursados no intercâmbio;</li> <li>- pouco apoio por parte dos docentes do curso;</li> <li>- reinserção no curso após a conclusão do intercâmbio, no tocante ao aproveitamento do conhecimento obtido no exterior e à realocação em turmas;</li> <li>- problemas no status da matrícula dos estudantes na UFC durante a mobilidade acadêmica;</li> <li>- exame de proficiência;</li> <li>- orientação quanto à escolha da universidade de destino;</li> <li>- repasse constante da bolsa;</li> <li>- custos iniciais e má gestão da “pró-reitoria de assuntos internacionais”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Extremamente fácil (21)</li> <li>- Fácil (29)</li> <li>- Neutro (7)</li> <li>- Difícil (4)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Extremamente fácil (4)</li> <li>- Fácil (31)</li> <li>- Neutro (13)</li> <li>- Difícil (9)</li> <li>- Extremamente Difícil (4)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Extremamente fácil (27)</li> <li>- Fácil (26)</li> <li>- Neutro (1)</li> <li>- Difícil (6)</li> <li>- Extremamente Difícil (1)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Extremamente fácil (22)</li> <li>- Fácil (28)</li> <li>- Neutro (10)</li> <li>- Difícil (1)</li> </ul>

Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF

(continuação)

Planejamento do intercâmbio: <b>Obter o certificado de proficiência</b>	Planejamento do intercâmbio: <b>Houve a elaboração de plano de estudos?</b>	Planejamento do intercâmbio: <b>O coordenador do curso de graduação/ coordenador institucional do CsF na UFC participou da elaboração do planejamento acadêmico?</b>	Planejamento do intercâmbio: <b>Houve alguma orientação quanto às disciplinas que deveriam ser cursadas?</b>	Execução do intercâmbio: <b>Principal contato institucional durante o intercâmbio</b>
<p>-Extremamente fácil (4) - Fácil (20) - Neutro (18) - Difícil (17) - Extremamente difícil (2)</p> <p>* a dificuldade para obter o certificado de proficiência foi apontada como uma das principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC</p>	<p>-Sim (24) - Não (35)</p> <p>* 1 bolsista disse ter elaborado plano de estudo no sentido de criar um direcionamento de quais disciplinas cursar; 1 explicou que recebeu um cronograma da universidade de destino com as disciplinas que seriam ofertadas.</p>	<p>- Sim (4) - Não (42) -Não houve planejamento (15)</p>	<p>- Sim (9) - Não (50) - Professores e instituição estrangeira, quanto à disponibilidade por semestre (1). - Um bolsista disse que; “Em conversa informal com um dos professores, ele me orientou a abrir oportunidades para conhecer disciplinas que não tinham na UFC ou que não eram do meu curso. E assim, o fiz”.</p> <p>*Ressalte-se que, ao tratar das dificuldades na implementação do CsF na UFC, 9 bolsistas apontaram o pouco apoio que tiveram por parte dos docentes do curso, principalmente no que diz respeito à escolha das disciplinas que seriam cursadas no exterior.</p>	<p>- Setor de relações internacionais da universidade de destino (38) -Técnico do CNPq (11) - Coordenador do curso na UFC (9) - Setor de relações internacionais na UFC (2) -Coordenador institucional do CsF na UFC (1)</p>

Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF

(continuação)

Execução do intercâmbio: Dificuldades enfrentadas na execução do Programa CsF	Retorno à UFC Houve compartilhamento da experiência com a comunidade acadêmica?	Retorno à UFC Participação em avaliação institucional na UFC sobre o CsF	Retorno à UFC Como a experiência do CsF colaborou para a vida do beneficiário, nos dias de hoje	Retorno à UFC Como a experiência do CsF colaborou para a vida do beneficiário, nos dias de hoje
<p>- empecilhos no processo seletivo e nos atos preparatórios para o intercâmbio (conforme já exposto);</p> <p>- dificuldade na abertura de conta bancária destinada a receber o pagamento para os processos da viagem;</p> <p>- carência no direcionamento para a escolha das disciplinas;</p> <p>- carência no acompanhamento dos bolsistas no estrangeiro por parte da UFC, do CNPq e, até mesmo, da universidade de destino, numa perspectiva de orientação/suporte e controle/fiscalização;</p> <p>- dificuldade em conseguir direcionamento para estágio;</p> <p>- dificuldade em conseguir parceria com empresas para estágios fora da universidade de destino;</p> <p>- dificuldades com a adaptação ao chegar no país de destino;</p> <p>- adaptação às atividades acadêmicas cumpridas na universidade estrangeira (dificuldade para entregar projetos e tarefas da maneira que os professores esperavam)</p> <p>- relação com os professores estrangeiros;</p>	<p>- Sim, apenas em conversas informais (39)</p> <p>- Sim, por meio da participação em projetos de pesquisa, grupos de estudo (11)</p> <p>- Sim, por meio de reunião, palestras organizadas pela universidade (6)</p> <p>- Não (5)</p>	<p>- Sim (7)</p> <p>- Não (54)</p>	<p><u>Transformações enquanto sujeitos:</u></p> <p>- mais preparo para encarar novos desafios e enfrentar o desconhecido;</p> <p>- crescimento em relação à independência, autonomia, confiança e coragem;</p> <p>- ser “mais aberto, mais curioso, mais interessado pela profissão e estudos”;</p> <p>- contribuiu para que se “tornasse mais organizado, participativo, extrovertido”;</p> <p>- marco na construção de autonomia;</p> <p>- modificou a visão de mundo que possuíam;</p> <p>- conhecimento de diversas novas culturas;</p> <p>- valorização da própria cultura (“Conhecer outras culturas me fez valorizar muito mais a minha”);</p> <p>- convívio e aceitação com diferentes culturas;</p> <p>- fez enxergar novas realidades;</p>	<p><u>Ganhos acadêmicos e profissionais:</u></p> <p>- alcance mais global da profissão;</p> <p>- conferiu habilidades para que atuassem no mercado global;</p> <p>- embasou a escolha por determinada área dentro da profissão;</p> <p>- facilitou a inserção no mercado de trabalho;</p> <p>- abriu novas possibilidades de trabalho, devido à fluência no idioma estrangeiro;</p> <p>- autoconfiança no trabalho acadêmico;</p> <p>- elevou o nível acadêmico, em quantidade de conhecimento adquirido e em excelência;</p> <p>- acesso a outros assuntos pouco discutidos ou excluídos da grade curricular da UFC;</p> <p>- preenchimento de lacunas na formação acadêmica através das disciplinas cursadas no CsF;</p> <p>- incentivo para ingresso em grupo de pesquisa;</p>

Quadro 2 – Percepção dos bolsistas sobre o Programa CsF

(conclusão)

<ul style="list-style-type: none"> <li>- dificuldade com a compatibilização do que era estudado no Brasil e no exterior;</li> <li>- demora no retorno de contatos feitos com o CNPq</li> <li>- contradição nas informações prestadas pelo CNPq e pela universidade de destino;</li> <li>- falta de comunicação com o coordenador do curso no Brasil e com a UFC de modo geral;</li> <li>- problemas nos repasses das bolsas;</li> <li>- alto custo de vida no país de destino;</li> <li>- alto custo para obter visto para determinados países;</li> <li>-“falta de ajuda de custo para alunos de baixa renda poderem fazer as provas de proficiência e conseguir demais documentações”</li> <li>- falta de informações sobre o aproveitamento acadêmico das atividades realizadas no exterior;</li> <li>- dificuldades com burocracia ao tentar viabilizar a obtenção de duplo diploma, embora houvesse previsão no edital;</li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>- ser mais tolerante com outras etnias, realidades e pessoas;</li> <li>- pensar e viver no contexto atual numa perspectiva mais ampla e cheia de possibilidades de atuação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- auxílio na aprovação de projetos para o recebimento de bolsa de estudos;</li> <li>- estímulo a voltar a estudar no exterior;</li> <li>- influência positiva para futura atuação no ensino acadêmico/preceptoria;</li> <li>- engrandecimento do currículo;</li> <li>- desenvolvimento de habilidades em língua estrangeira;</li> <li>- ingresso no mestrado/doutorado ;</li> <li>- participação em outro programa de mobilidade acadêmica (Erasmus Mundus);</li> <li>- busca de pós-graduações em outras instituições, nacionais e estrangeiras;</li> <li>- mudança de trajetória acadêmica/profissional (ingresso em novos cursos).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Quadro 3 – Perfil dos bolsistas que participaram da pesquisa

(continua)

<b>Sexo</b>	<b>Autodeclaração racial</b>	<b>Idade à época do CsF</b>	<b>Graduação na UFC</b>	<b>Área Prioritária CsF</b>
Feminino: 60, 7% (37) Masculino: 39,3% (24)	- Branco (32) - Pardo (16) - Branco/pardo (1) - Negro (2) - Preto (1) - Mestiça/nipo-brasileira (1) - Não respondeu (8)	- 18 anos (1) - 19 anos (6) - 20 anos (13) - 21 anos (16) - 22 anos (11) - 23 anos (8) - 24 anos (3) - 25 anos (1) - 33 anos (1) .	- Arquitetura e Urbanismo (9) - Engenharia Civil (6) - Sistemas e Mídias Digitais (6) - Engenharia de Produção Mecânica (5) - Biotecnologia (3) - Engenharia Ambiental (3) - Engenharia de Teleinformática (3) - Farmácia (3) - Medicina (3) - Ciências Ambientais (2) - Ciências Biológicas (2) - Enfermagem (2) - Engenharia Mecânica (2) - Fisioterapia (2) - Dança (1) - Design (1) - Design-Moda (1) - Engenharia de – Computação (1) - Engenharia de Energias Renováveis (1) - Engenharia de Petróleo (1) - Engenharia de Telecomunicações (1) - Geologia (1) - Matemática Industrial (1) - Oceanografia (1)	- Engenharias e demais áreas tecnológicas (27) - Indústria Criativa (11) - Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde (10) - Ciências Exatas e da Terra (5) - Biotecnologia (3) - Fármacos (2) - Computação e Tecnologias de Informação (2) - Ciências do Mar (1)
<b>País de destino</b>	<b>Duração do intercâmbio</b>	<b>Cumprimento do tempo previsto no intercâmbio</b>	<b>Intenção de fazer intercâmbio na graduação antes do CsF</b>	<b>O CsF foi decisivo para realizar o intercâmbio?</b>
Inglaterra (14) Austrália (11) Espanha (10) Canadá (10) Portugal (6) Escócia (3) Bélgica (2) País de Gales (1) Irlanda do Norte (1) Holanda (1) Estados Unidos (1) Coreia do Sul (1)	- 10 meses (9) - 11 meses (8) - 12 meses (30) - 14 meses (2) - 15 meses (5) - 16 meses (4) - 17 meses (1) - 18 meses (2)	- Sim (59) - Não (2)	- Sim (43) - Não (13) - Indiferente (5)	- Sim (50) - Não (8) - Indiferente (3)

Quadro 3 – Perfil dos bolsistas que participaram da pesquisa

(continuação)

<b>Primeira experiência no exterior</b>	<b>Motivação para participar do CsF</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto a fatores culturais</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto à visita a equipamentos culturais</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto à fluência no idioma</b>
- Sim (41) - Não (20)	- Aprimorar a formação acadêmica (27) - Enriquecer a qualificação profissional (18) - Oportunidade de morar no exterior (12) - Aperfeiçoar habilidade em língua estrangeira (4)	- Excelente (29) - Bom (26) - Médio (5) - Ruim (1)	- Excelente (39) - Bom (17) - Médio (4) - Ruim (1)	- Excelente (27) - Bom (25) - Médio (6) - Ruim (1) - Péssimo (2)
<b>Adaptação no intercâmbio quanto à ambientação acadêmica</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto ao relacionamento com os demais estudantes</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto ao relacionamento com os professores</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto ao suporte oferecido pela UFC</b>	<b>Adaptação no intercâmbio quanto ao suporte oferecido pelo CNPq</b>
- Excelente (21) - Bom (21) - Médio (15) - Ruim (4)	- Excelente (14) - Bom (20) - Médio (17) - Ruim (10)	- Excelente (11) - Bom (23) - Médio (20) - Ruim (6) - Péssimo (1)	- Excelente (4) - Bom (14) - Médio (18) - Ruim (16) - Péssimo (9)	- Excelente (11) - Bom (23) - Médio (19) - Ruim (6) - Péssimo (2)
<b>Adaptação no intercâmbio quanto ao suporte oferecido pela universidade estrangeira</b>	<b>Realização de atividades acadêmicas além de disciplinas</b>	<b>Satisfação com atividades acadêmicas fora da sala de aula</b>	<b>Visita a outros países</b>	<b>Atendimento às atividades planejadas (houve alinhamento entre o planejado e o realizado?)</b>
- Excelente (28) - Bom (23) - Médio (6) - Ruim (4)	- Sim (43) - Não (18)	- Muito satisfeito (27) - Satisfeito (14) - Indiferente (3) - Insatisfeito (3) - Muito insatisfeito (1) - Não respondeu (13)	- Sim (54) - Não (7)  *Ganhos apontados pelos bolsistas: -crescimento cultural, com impacto no campo acadêmico e profissional evidenciado, principalmente, por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo; -descobrimto de novas áreas acadêmicas;	- Alinhamento total (12) - Em maior parte, houve alinhamento (28) - Alinhamento parcial mediano (8) - Em maior parte, não houve alinhamento (5) - Não houve alinhamento algum (8)

Quadro 3 – Perfil dos bolsistas que participaram da pesquisa

(conclusão)

			- contato com profissionais de outras instituições; - aprimoramento da capacidade de comunicação em línguas estrangeiras; - ganho em autonomia; - amadurecimento enquanto cidadão, em uma perspectiva nacional e global.	
<b>Satisfação com o aproveitamento na UFC das disciplinas/atividades realizadas no exterior</b>	<b>Satisfação com a reinserção no curso da UFC</b>	<b>Após o CsF, houve melhora no rendimento acadêmico quanto à atividades “extra sala de aula”</b>	<b>Participação no CsF gerou impacto na formação acadêmica</b>	<b>O CsF representou um incentivo para a pós-graduação</b>
- Muito satisfeito (18) - Satisfeito (20) - Indiferente (6) - Insatisfeito (10) - Muito insatisfeito (7) * em que pese esse resultado, o reconhecimento e o aproveitamento na UFC das disciplinas ou atividades realizadas no exterior foi alvo de críticas quando os estudantes abordaram a implementação e execução da política (em questões discursivas).	- Muito satisfeito (14) - Satisfeito (26) - Indiferente (14) - Insatisfeito (7)	- Sim (33) - Não (28)	- Sim (59) - Não (2)	-Sim (34) - Não (9) - Indiferente (18)
<b>Incentivo para pós-graduação na mesma universidade onde ocorreu o intercâmbio</b>	<b>Participação no CsF conferiu mais reconhecimento e preparo para o mercado de trabalho</b>	<b>Participação no CsF contribuiu para a formação pessoal</b>	<b>Maior contribuição do CsF na formação dos bolsistas</b>	
-Sim (4) - Não (36) - Indiferente (21)	-Sim (52) - Não (3) - Indiferente (6)	-Sim (61)	- Importância pessoal (36) - Importância acadêmica (13) - Importância profissional (12)	

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Os dados ora apresentados trazem subsídios para realizar um delineamento do grupo sob análise que, predominantemente feminino, era composto por jovens estudantes, identificados, em sua maioria, como brancos e pardos. Concentrados principalmente em cursos ligados ao campo das engenharias e demais áreas tecnológicas, os estudantes já desejavam estudar no exterior, mas, para eles, a bolsa concedida pelo Programa Ciência sem Fronteiras foi determinante na concretização desse desejo.

Os estudantes possuíam, em média, 21 anos quando partiram, principalmente, para destinos europeus, a fim de realizar o intercâmbio pelo Programa CsF. Os bolsistas, que, em sua maioria, nunca tinham saído do Brasil, permaneceram na faixa de 12 meses estudando em universidade estrangeiras. Especialmente motivados a aprimorar sua formação acadêmica e profissional, a maioria esmagadora do grupo cumpriu o período previsto de intercâmbio.

O primeiro aspecto do Ciência sem Fronteiras avaliado pelos beneficiários foi seu processo seletivo. A maior parte dos alunos tomou conhecimento da seleção através da divulgação realizada nos canais de comunicação da UFC ou por meio de contato com outros estudantes que já participavam do Programa.

No geral, o público consultado considerou que o processo seletivo ocorreu de modo claro e acessível, e que as informações sobre a seleção obtidas junto à UFC e ao CNPq foram suficientes. Contudo ao cruzar esses dados com aqueles fornecidos em respostas discursivas, pode-se notar que 21 estudantes apontaram problemas na seleção como principal dificuldade enfrentada na implementação do CsF na UFC. As queixas apresentadas dizem respeito à dificuldade de informações, à desorganização e à falta de apoio institucional.

Em sentido contrário, 10 alunos manifestaram que não enfrentaram empecilho no processo seletivo ou que a UFC deve um bom desempenho na seleção do CsF. Diante da divergência, buscou-se uma relação entre respostas negativas e alunos que participaram dos primeiros editais, bem como respostas positivas e estudantes submetidos às últimas seleções. Ao comparar os dados, observou-se uma ligação entre os fatos, sugerindo que a UFC aprimorou sua atuação no processo seletivo do CsF com o passar do tempo.

Ademais, para a maioria dos estudantes, a UFC estava preparada para implementar o CsF, que, no geral, foi bem recebido pela comunidade acadêmica. Apesar disso, houve uma beneficiária que declarou que alguns professores viam o Programa com desconfiança, representado uma barreira para sua implementação na Universidade.

Além desses, outros empecilhos foram apresentados pelos bolsistas que responderam ao questionário, como: exame de proficiência; orientação quanto à escolha da universidade de destino; custos iniciais e má gestão da “pró-reitoria de assuntos internacionais”;

dificuldade para ver reconhecido no status da matrícula a condição de mobilidade acadêmica; problemas no repasse constante da bolsa; apoio restrito por parte dos docentes do curso; dificuldade no aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior; dificuldade de reinserção do aluno após a conclusão do intercâmbio, relacionada ao aproveitamento do conhecimento obtido no exterior e à realocação em turmas.

No tocante aos atos preparatórios para o intercâmbio, no geral, os estudantes tiveram facilidade para: obter passaporte e visto de entrada no país de destino, receber os benefícios que era pagos ainda no Brasil e contratar seguro-saúde. Sobre obter o certificado de proficiência, os bolsistas ficaram divididos entre respostas que classificavam o procedimento como: fácil (20), neutro (18) e difícil (17).

Por outro lado, os bolsistas não demonstraram um bom desempenho no planejamento das atividades acadêmicas que seriam realizadas no exterior. A maior parte não elaborou plano de estudos para o intercâmbio. Além disso, a maioria daqueles que estabeleceu um plano não contou com orientação da Universidade. Também não houve orientação institucional na escolha das disciplinas que poderiam ser cursadas no exterior, fato que para alguns também representou uma barreira na implementação do CsF na UFC.

Sobre a vivência no exterior, os bolsistas tiveram um ótimo resultado na adaptação cultural (costumes, hábitos, alimentação etc) e na realização de visitas a equipamentos culturais. Além disso, os estudantes tiveram um excelente desempenho na fluência no idioma do país de destino. No que diz respeito à ambientação acadêmica, de modo geral, a maioria teve um desempenho entre excelente e bom. Particularmente, em relação ao relacionamento com os demais estudantes e professores no intercâmbio, a maior parte dos bolsistas teve uma boa interação, mas há no grupo tendência a considerar a experiência mediana.

No geral, durante a adaptação no período do intercâmbio, os estudantes receberam um maior suporte institucional por parte da própria universidade estrangeira. O apoio oferecido pelo CNPq também foi positivo para a maioria dos bolsistas, que considerou como bom o desempenho a agência. Já a UFC teve o pior resultado, uma vez que a participação da Universidade nesse ponto foi média, ruim ou péssima para a maior parcela dos estudantes. Nesse sentido, o principal contato institucional dos bolsistas no exterior era com o setor de relações internacionais da universidade de destino, depois com os técnicos do CNPq e, por último, com a UFC, representada, principalmente, pelos coordenadores de curso.

Os bolsistas tiveram amplas oportunidades para desenvolver sua formação durante o período que passaram estudando no exterior. Além de cursar disciplinas nas universidades de destino, o grupo, em sua maioria, realizou outras atividades acadêmico-profissionais durante o

intercâmbio, como, por exemplo, realização de estágio em laboratório ou empresa ligados à área de atuação, participação em grupos de pesquisa, apresentação de trabalhos acadêmicos em seminários e congressos. Além disso, alguns estudantes também participaram de excursões de campo e de atividades esportivas, realizaram trabalho voluntário na universidade, fizeram curso ou desenvolveram projetos de pesquisa nas férias de verão. Em regra, os bolsistas ficaram muito satisfeitos com a realização dessas atividades extraclasse.

Ademais, o conhecimento de outros países representou mais um elemento que, de acordo com os beneficiários, enriqueceu a formação vivenciada durante a participação no CsF. Praticamente todo o grupo, salvo 7 exceções, conheceu mais países além daquele onde morou no intercâmbio. Dentre as conquistas oriundas da experiência, os beneficiários destacaram: o crescimento cultural, com impacto no campo acadêmico e profissional evidenciado, principalmente, por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo; o descobrimento de novas áreas acadêmicas; o contato com profissionais de outras instituições; o aprimoramento da capacidade de comunicação em línguas estrangeiras; o ganho em autonomia; o amadurecimento enquanto cidadão, em uma perspectiva nacional e global.

Ainda sobre o período que passaram no exterior, a maior dificuldade enfrentada pelos intercâmbistas na execução do Programa CsF foi a falta de acompanhamento em suas atividades no estrangeiro por parte da UFC, do CNPq e, até mesmo, da universidade de destino. Houve, inclusive, menção à dificuldade tanto em conseguir direcionamento para estágio como em conseguir parceria com empresas para estágios fora da universidade de destino.

Essa deficiência de acompanhamento foi notada tanto no sentido de orientação, como de controle e fiscalização. Para alguns, a situação favoreceu o descompromisso de alunos que não estavam empenhados com as responsabilidades assumidas na concessão da bolsa, o que, de forma geral, prejudicou muito a imagem do Programa.

Os bolsistas também tinham dificuldade para obter informações, considerando a demora no retorno aos contatos feitos com o CNPq, as contradições entre as informações prestadas pelo CNPq e pela universidade de destino e a falta de comunicação com o coordenador do curso no Brasil e com a UFC de modo geral.

Ademais, para alguns estudantes, houve empecilhos de ordem econômica, relacionados a problemas nos repasses das bolsas e ao alto custo de vida no país de destino; e de ordem acadêmica, no sentido de entregar projetos e tarefas da maneira que os professores da universidade estrangeira esperavam.

Concluído o período de estudo no exterior, os bolsistas regressaram ao Brasil e mostraram-se, no geral, satisfeitos com a reinserção em seus cursos na UFC. Avaliando o

intercâmbio, agora com a experiência concluída, predomina entre os estudantes o entendimento de que houve, em maior parte, alinhamento entre o planejado e o realizado.

Embora o reconhecimento e o aproveitamento na UFC das disciplinas ou atividades realizadas no exterior tenha sido alvo de críticas quando os estudantes abordaram a implementação e execução da política (em questões discursivas), no geral, os bolsistas mostraram-se satisfeitos nesse quesito.

A maioria dos beneficiários compartilhou a experiência do intercâmbio com os professores e demais alunos do curso apenas em conversas informais. Também não houve uma organização na UFC para realizar uma ampla avaliação da política na instituição.

Depois da participação no CsF, pouco mais da metade do grupo reconhece que melhorou sua participação em projetos da UFC e seu rendimento acadêmico no tocante a atividades “extra sala de aula”. No geral, os estudantes passaram a participar de projetos de pesquisa, grupos de estudo, projetos de extensão, programas de iniciação científica e à docência, monitoria. O que pode ser considerado uma consequência positiva para a formação desses sujeitos na graduação.

Para quase a totalidade do grupo, a mobilidade promovida pelo CsF teve um impacto positivo em sua formação acadêmica. A maioria ficou, inclusive, estimulada a continuar seus estudos na pós-graduação. Embora, os estudantes não tenham manifestado o desejo de cursar pós-graduação na mesma universidade onde estiveram pelo CsF.

O aspecto profissional também foi destacado, já que para a ampla maioria a participação no CsF conferiu mais reconhecimento e preparo para o mercado de trabalho. Foi, contudo, a contribuição do CsF para a formação em uma perspectiva pessoal que gerou unanimidade entre os bolsistas consultados. Todos reconhecem a contribuição da experiência em sua formação enquanto sujeitos.

Assim, para os estudantes a maior importância da experiência de formação proporcionada pelo CsF foi de ordem pessoal. Em segundo lugar, eles apontam a formação acadêmica e, depois, profissional, estando essas duas perspectivas de formação praticamente empatadas na ordem de relevância estabelecida pelo grupo.

Finalmente, os estudantes compreendem que participar do Programa CsF colabora para suas vidas ainda nos dias de hoje, já que a experiência provocou transformações na forma como veem o mundo, implicando também em crescimento em relação à independência, autonomia, confiança. Na opinião dos beneficiários da política, isso faz deles pessoas mais preparadas para vencer desafios em todos os aspectos da vida, inclusive, claro, no campo de formação acadêmica e profissional.

Diante do exposto, realizando o cotejamento das percepções dos estudantes com aquelas manifestadas pelos gestores da UFC, e evidenciadas por Gracia (2020) em sua pesquisa com foco na trajetória institucional do Programa na UFC, percebem-se, em geral, muitos pontos de proximidade.

Os dois grupos concluíram que o Programa CsF ampliou as possibilidades de formação dos alunos, sendo que os gestores destacam que a política contribuiu para a democratização do ensino superior. Sem dúvida os bolsistas reconheceram e ressaltaram que o financiamento do Programa foi imprescindível para viabilizar a experiência de formação no exterior, sobretudo para os estudantes mais pobres. Contudo, conforme será melhor abordado adiante, os bolsistas entrevistados revelam que estudantes de baixa renda se viram impedidos de participar da seleção do Programa em razão dos altos custos com passaporte, visto e teste de proficiência, requisitos necessários ao processo.

As dificuldades apresentadas pelos gestores quanto à implementação do CsF também foram apontadas pelos bolsistas, são elas: falta de acompanhamento dos alunos pela UFC, dificuldade em aproveitar as disciplinas no retorno dos alunos, retardo no tempo de formatura dos alunos participantes do CsF, falta de contrapartida dos alunos para a UFC no retorno do CsF.

Contudo, os bolsistas não trouxeram à discussão os aspectos relacionados a uma percepção mais institucional, como o fato de o Programa ter sido elaborado de forma muito rápida e desconsiderando a participação das universidades ou o fato de ter influenciado positivamente as Casas de Cultura.

Por fim, importa analisar que, dentre os coordenadores de cursos, surgiu a seguinte avaliação: falta de proficiência da língua comprometeu o desempenho dos alunos no intercâmbio. Contudo, essa interpretação não foi observada entre os bolsistas do Programa, que revelaram, em regra, um bom desempenho com o idioma estrangeiro. Sobre o assunto, convém ainda adiantar a percepção de um dos bolsistas entrevistados. Wagner defende que a ênfase na proficiência da língua como critério de seleção favorecia estudantes de melhores condições sociais, já que são esses que, em geral, saem do Ensino Médio com bom desempenho em língua estrangeira. Ele mesmo é um exemplo de estudante de baixa renda, oriundo de escola pública, que conseguiu superar a deficiência com o idioma e ter um bom desempenho acadêmico no Programa CsF, graças ao seu empenho para passar no teste de proficiência e a oportunidade, conferida pelo CsF, de realizar um curso de línguas no exterior antes do início do período letivo na universidade estrangeira. Depois de participar do Programa CsF, Wagner foi aprovado ainda na graduação para participar de outro programa de mobilidade acadêmica, o Erasmus Mundus, e atribui sua aprovação às conquistas acadêmicas e a proficiência em língua inglesa, adquiridas no CsF.

## **5 AVALIANDO COM AS TRAJETÓRIAS DOS ESTUDANTES: EXPERIÊNCIAS E FORMAÇÃO**

Inicialmente, retomo ao já exposto para reiterar que este trabalho segue, quanto à avaliação, o modelo embasado na experiência, que, segundo seu próprio autor, “respeita absolutamente o conhecimento, sentimentos e até a autoridade moral daqueles que estão dentro da situação política” (LEJANO, 2012).

Considerando que a experiência aqui investigada diz respeito à vivência de estudantes de graduação da UFC, propiciada pelo Programa Ciência sem Fronteiras, é fundamental trazer à discussão uma reflexão sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem.

A princípio, cabe esclarecer que o entendimento de educação que referencia esta avaliação se contrapõe ao modelo tradicional, baseado na superficial transmissão de conhecimento preestabelecido. Nesse sentido, ressalto o ensinamento do educador Paulo Freire, o qual, comprometido com uma educação transformadora, capaz de dotar o ser de autonomia, expressa que “transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2002).

Assim, sintonizada com a visão de análise da política proposta por Lejano (2012), a compreensão de educação que norteia esta pesquisa valoriza uma abordagem da formação do ponto de vista do sujeito aprendente, reconhecendo os saberes adquiridos em suas vivências, suas experiências. Com isso, a trajetória de formação dos estudantes de graduação da UFC que participaram do Programa CsF nos serve para pensar a avaliação da política.

### **5.1 Formação experiencial: processos de aprendizagem a partir de experiências formadoras**

Considerando o objetivo de enfatizar a educação para além de uma aprendizagem técnica, trazendo a experiência para o processo de formação, destaco a contribuição de Bondía (2002) que propõe, em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, pensar a educação a partir do par experiência/sentido.

Inicialmente, o autor ressalta que a experiência diz respeito a algo que nos sucede, que nos acontece, que nos toca. Contudo, reconhece que os tempos atuais são marcados por uma pobreza de experiências, impulsionada por fatores como: excesso de informação, excesso

de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho.

Segundo Bondía (2002, p.22), a busca demasiada por informações não garante aos sujeitos experiência, antes disso, impede que essa aconteça. Uma pessoa pode adquirir informações novas, passando a saber de coisas que antes desconhecia, mas não significa que haja nisso experiência, pois o conhecimento de informações não implica que algo aconteça e/ou toque o sujeito. Nesse sentido, o autor destaca que saber coisas é diferente do saber da experiência.

Além disso, Bondía (2002, p.22) chama atenção para o emprego da expressão “sociedade de informação” como sinônimo de “sociedade de conhecimento”, que, equivocadamente, faz crer que aprender corresponde unicamente a adquirir e processar informação.

O imperativo de ter uma opinião sobre tudo aquilo de que se tem informação constitui outro fator que, de acordo com o autor, oferece obstáculo à possibilidade de alcançar a experiência. Para Bondía (2002, p.22), a aprendizagem é afetada pelo par informação/opinião, em que a informação seria o elemento objetivo, enquanto a opinião seria a resposta subjetiva.

Outro empecilho para a realização da experiência é a falta de tempo. Na atualidade, os acontecimentos são processados numa rapidez tão intensa que as vivências ficam esvaziadas de sentido. O ritmo acelerado de vida e a abundância de estímulo causam uma falta de silêncio e de memória, que também repercutem negativamente na construção da experiência. Assim, consoante destaca o autor, “ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, mas nada lhe acontece (BONDÍA, 2002, p. 23).

O último motivo, apontado pelo autor, como óbice a experiência é o excesso de trabalho. Nesse ponto, Bondía (2002, p. 23) refuta veementemente o pensamento de que é no trabalho que se adquire a experiência, apresentando inclusive a demasia de trabalho como razão que tem tornado a experiência cada vez mais inabitual. A possibilidade de que algo nos aconteça e/ou nos toque é muito remota porque estamos sempre em atividade. Por outro lado, a experiência requer uma pausa para olhar, escutar, pensar, sentir.

Pensar sobre o sujeito da experiência é outro aspecto relevante trazido na reflexão acerca da educação a partir da experiência. Como atributo desse sujeito, o autor destaca que ele deve ser disponível, expondo-se para, com isso, receber os acontecimentos e ser transformado por eles (BONDÍA, 2002, p.24).

Nesse sentido, para o autor, a experiência proporciona um saber que representa uma intercessão entre o conhecimento e a vida humana. Mas não um conhecimento restrito ao sentido instrumental (conhecimento como mercadoria), tampouco a vida limitada à

sobrevivência, à satisfação de necessidades. Trata-se de um saber marcado pela singularidade, pela subjetividade, dado que cada pessoa é transformada pelos acontecimentos de modo particular. Assim, o autor assevera que:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 27).

Diante do exposto, tem-se que o saber da experiência possui como qualidade ser existencial, logo não pode ser separado da existência humana. Finalmente, convém ressaltar a observação de Bondía (2002, p. 28) para que seja afastada qualquer associação entre experiência e o sentido experimental. O experimento remete à lógica metodológica, como um caminho que busca a conformidade, o padrão, a uniformização. Opondo-se a tal conotação, a experiência, consoante discutido, é particular, imprevisível, relativa.

Nesse ponto, destaco as lições de Josso (2010b, p. 28), que conectada com “esse entusiasmo pelo singular, pela individualidade, pelo sujeito, pelo vivido, pelo experiencial, pela globalidade concreta, pelo existencial e pela complexidade dos processos de formação”, trabalha uma perspectiva teórica, metodológica e epistemológica centrada na abordagem biográfica, a qual permite aproximar a formação do olhar do sujeito aprendente.

Tratar a formação a partir desse referencial do sujeito aprendente, implica trabalhar com diversas dimensões da vida, dentre as quais se destaca a experiência, consoante apresenta a autora:

Como objeto de observação e objeto pensado, a formação, encarada do ponto de vista do aprendente, torna-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade (JOSSO, 2010b, p. 34).

A autora integra o movimento, constituído no início dos anos de 1980, das histórias de vida em formação. Com o emprego da metodologia de pesquisa-formação em histórias de vida, os sujeitos narram suas vidas a partir de recordações-referências daquilo que compreendem que compõe sua formação. Tais recordações-referências falam de experiências, que podem ser formadoras, já que aquilo que “foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida”.

Segundo Josso (2010b, p.51), a experiência pode ser construída levando em conta três modalidades de elaboração, que são: “ter experiências”, “fazer experiências”, e “pensar

sobre as experiências”. Com isso, tem-se que o processo experiencial pode ser diferenciado entre uma aprendizagem eventual (“ter experiências”) e uma aprendizagem planejada, refletida (“fazer experiências” e “pensar sobre as experiências”).

Assim, “ter experiência” está relacionado a situações e acontecimentos significativos, mas que não foram buscados; enquanto “fazer experiência” indica que houve uma busca, um planejamento naquela vivência relevante. Por outro lado, “pensar sobre as experiências” pode acontecer tanto no tocante as experiências provocadas como em relação àquelas espontâneas, e é concernente a reflexão sobre o que o sujeito extrai como conhecimento das experiências vividas. Tendo em vista tais modalidades de elaboração da experiência, a autora propõe distinguir as experiências feitas *a posteriori*, que diz respeito à modalidade de “ter experiência”, das feitas *a priori*, que envolve as modalidades “fazer experiência” e “pensar sobre as experiências”.

O objeto de estudo avaliativo em questão nesta dissertação, qual seja, o Programa Ciência sem Fronteiras está relacionado a “fazer experiência”, por se tratar de uma situação que envolve uma aprendizagem planejada. Convém destacar que, para Josso (2010b, p. 53), “a experiência científica e a experiência de formação em situação educativa são apenas casos particulares da experiência *a priori*”, que, conforme dito, diz respeito às modalidades “fazer experiências” e “pensar sobre as experiências”. Isso porque a experiência científica e em situação educativa “começa por aquilo que foi anteriormente formalizado, nomeado ou simbolizado, pondo-o em jogo num cenário de observações e práticas de conhecimento”.

Apesar da experiência *a priori* já se iniciar com certo grau de sistematização e de organização, dado ao planejamento prévio, aqueles que vivenciam esse tipo de experiência também estão sujeito ao desconhecido. Assim, os aprendentes devem se questionar se o que foi previsto por eles para experiência de fato ocorreu, ou ocorreu de forma diversa.

A proposta do Programa Ciência sem Fronteiras, consoante abordado na discussão do conteúdo da política, até esteve mais voltada para a capacitação, em universidades de excelência, de estudantes de determinadas áreas do conhecimento, considerando a aquisição de competências numa perspectiva mais instrumental, contudo avaliar essa experiência de formação a partir da ótica dos estudantes permite investigar como todo o processo agregou a esses sujeitos elementos que, além do aspecto educacional, científico e profissional, podem ter afetado a compreensão que esses indivíduos possuem de si mesmos e do meio social que integram.

Nesse sentido, a experiência do intercâmbio oferecido pelo CsF pode se destacar na vida dos estudantes como uma vivência significativa por ter proporcionado a aquisição de

conhecimentos acadêmicos e profissionais, e por ter motivado transformações na subjetividade e na identidade desses sujeitos. Afinal, são muitos os aspectos dessa experiência, como será visto mais detidamente, que podem ter provocado transformações na formação dos estudantes do CsF, como o contato com uma nova cultura (língua, costumes, tradições), a observação direta e participante de sociedades com formações históricas distintas, com outras organizações político-sociais, etc.

Considerando estes aportes analíticos sobre experiência, esta pesquisa pretende construir uma avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras usando como guia a experiência dos ex-bolsistas de graduação da UFC, revelando, em diversas perspectivas, o quanto significativa foi a política na visão dos participantes.

## **5.2 Ampliando a noção de formação**

Discutir o papel da experiência na formação, amplia a noção desta e seus significados, tanto numa dimensão individual como coletiva. Para tanto, recorro a Josso (2010a, p.29), que motivada por questionamentos relacionados à formação em geral e à intelectual em particular, desenvolveu um estudo profundo sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem.

Em busca de elementos teóricos para pensar as práticas educativas, a autora discorre sobre conceitos de formação segundo as acepções da sociologia e psicologia social, da antropologia, da psicologia e da pedagogia, ressaltando que, além das diversas interpretações para o mesmo assunto, as ciências que tratam do ser humano são afetadas pelo emprego de conceitos diferentes para designar uma mesma realidade.

Assim, tem-se que, para a sociologia, a educação ocupa um papel fundamental, já que constitui um meio de transmissão às gerações futuras das qualificações e valorizações necessárias à inserção no meio social. Logo, educação e socialização relacionam-se, uma vez que o indivíduo aprende a integrar uma sociedade também por intermédio da formação. Diferente da proposta sociológica que percebe a formação como interiorização de uma realidade socialmente construída, a psicologia social aborda a socialização por meio das relações interpessoais e intergrupais. Para a psicologia social, alienar as dinâmicas individuais do processo de socialização implica em riscos, tendo a educação atribuição positiva nas mediações entre o individual e o coletivo.

Ainda, segundo Josso (2010a, p. 41), a abordagem antropológica enfatiza alguns aspectos do conteúdo da formação relacionados à transmissão do sentimento de pertença e ao

sentimento de identidade. Logo, por seu sistema de educação, cada cultura transmite às novas gerações um capital de saberes e um capital de traços de identidade. Ao adquirir a cultura de seus pares (processo chamado de enculturação), o indivíduo sofre uma conformação as regras sociais que regulam as relações a que está submetido.

Enquanto a sociologia, a psicologia social e a antropologia conferem à formação um aspecto de adaptação face às exigências socioculturais, os aspectos da formação do ser em sua dimensão psicológica se distanciam em relação ao coletivo para conferir ao tema uma abordagem de desenvolvimento individual. A psicologia acrescenta à formação de indivíduos noções de individualização, de tomada de consciência, de emancipação, de autonomização. De acordo com a autora:

O conhecimento de si como unidade psicossomática, o conhecimento de suas capacidades psíquicas (intelectuais e afetivas), como o que é elaborado nas experiências, vividas aqui e agora, a capacidade de escuta interior e de confiança em si, a plasticidade das condutas, a capacidade de elaboração de sentido são outros aspectos da formação do ser em sua dimensão psicológica (JOSSE, 2010a, p. 50).

Josso (2010a, p.50) apresenta ainda o conceito de formação sob as abordagens da pedagogia, problematizando o tema a partir do ponto de vista dos aprendentes, tendo em vista o papel decisivo que desempenham em sua própria formação. Assim, trata a formação como aprendizagem de competências e de conhecimentos; como processo de mudança; e como projeto, produção de sua vida e de sentido.

Considerando a busca por fundamentos teóricos para tratar a corrente que aborda formação como aprendizagem de competências e de conhecimentos, a autora trabalha a classificação dos objetivos pedagógicos nos domínios cognitivos e afetivos, alertando para o fato de que nenhuma teoria da aprendizagem satisfaz a totalidade do fenômeno.

Os objetivos do domínio cognitivo dizem respeito à lembrança dos conhecimentos, ao desenvolvimento das habilidades e das capacidades intelectuais. O conteúdo da formação intelectual se apresenta, seguindo um grau crescente de complexidade, na seguinte hierarquização: aquisição dos conhecimentos, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação.

No tocante à aprendizagem no domínio afetivo, a reflexão proposta por Josso (2010a, p. 52) diz respeito ao processo de interiorização de valores, que ocorre quando o indivíduo supera a tomada de consciência de determinado valor, para tê-lo como referência em suas condutas e escolhas. Quanto à hierarquização na formação afetiva, tem-se: recepção, resposta, valorização, organização, e caracterização do indivíduo pelo (s) valor/valores em tela.

Josso (2010a, p.56) apresenta ainda o trabalho desenvolvido por Bateson,

pesquisador e docente norte-americano, para fundamentar a corrente que entende a formação como processo de mudança. Nesse sentido, as aprendizagens dos seres humanos integram um amplo conjunto relacionado à capacidade evolutiva, sendo, portanto, tratadas como processos que impõem mudanças.

Partindo dessa premissa, tem-se uma categorização das aprendizagens, que busca evidenciar os tipos de mudança que afetam esse processo. Apenas o resultado de um ato que tem o condão de melhorar uma competência indica a existência de aprendizagem. Assim se estabelece uma classificação hierarquizada das aprendizagens, em que a passagem de níveis exige mudanças cada vez mais complexas, relacionadas a processos reflexivos, a transformação de si e dos referenciais de interpretação. Outro aspecto relevante é representado pela tomada de consciência do que ocorre em termos de aprendizagem em cada nível para que seja possível avançar na classificação das aprendizagens.

Por fim, amparada nas contribuições de Paulo Freire, Carl Rogers, Bernard Honoré, Pierre Dominicé e Gaston Pineau, a autora propõe analisar a formação como projeto, produção de sua vida e elaboração de sentidos. Para essa corrente, a formação é um processo global composto por subconjuntos representados pelos processos de aprendizagem (JOSSO, 2010a, p.62).

A autora destaca que, para Paulo Freire, a formação vai além de uma aprendizagem técnica, constituindo-se de um processo de libertação, de humanização, em que o aprendente desenvolve uma consciência crítica, reconhecendo-se, não apenas por estar no mundo, mas por fazer parte dele. No entendimento de Freire, para que uma prática educativa seja considerada formadora, os aprendentes, enquanto agentes de sua própria formação, devem participar inclusive da construção da concepção da ação educativa.

Alinhado com o entendimento de aprendizagem professado por Freire, a obra de Carl Rogers trata de princípios que defendem o respeito à capacidade da pessoa nos processos educativos. Para Rogers, os sujeitos têm intrínseca a capacidade de aprender. Nesse sentido, apresenta a descoberta pelo aprendente a partir da experiência como critério do que seria aprendizagem formadora. Ademais fala da prevalência da autocrítica e da autoavaliação sobre a avaliação do outro enquanto fator para o desenvolvimento da independência, da criatividade, da autenticidade e da autodeterminação.

Analisando a abordagem de formação de Honoré, Josso (2010a, p. 66) revela que, para o autor, as experiências de formações estão relacionadas a um processo de mudança que leva ao desenvolvimento pessoal, como um projeto que possui um sentido próprio na história de cada indivíduo. Ressalte-se que, nessa abordagem teórica, as experiências de formação estão

restritas no tempo e no espaço às experiências educativas. São essas que fundamentam o processo de diferenciação e que movimentam o processo de formação.

Ademais, Josso (2010a, p. 68) analisa a contribuição dos trabalhos de Dominicé na abordagem da formação, destacando sua proximidade com o autor, com quem integra o Grupo de Pesquisa sobre os Adultos e seus processos de Aprendizagem (GRAPA). O autor trabalha a temática da formação a partir da avaliação das atividades educativas, contudo consegue enxergar a ação educativa como um lugar e um momento em que se faz possível o processo de formação, reconhecendo que a formação pode acontecer em outros momentos e lugares, ou seja, pode acontecer fora de instituições educativas e em períodos diversos daqueles socialmente definidos como formadores.

Dominicé está alinhado com a perspectiva de Educação Permanente, que defende a capacidade que todo indivíduo possui de se autoeducar de forma permanente. Para o autor, o adulto aprendente ocupa o lugar de autor e de sujeito de sua formação. Associado a Educação Permanente, Dominicé trabalha outros conceitos orientadores do processo de formação, quais sejam: autonomia como via educativa em que o homem, enquanto responsável por sua existência pessoal e social, é a finalidade da educação; desenvolvimento cognitivo e afetivo como facilitador do crescimento pessoal e como fator integrante do desenvolvimento social e cultural; e mudança como capacidade de resposta responsável e criadora face às alterações que afetam o meio.

Para que o projeto de autoformação ocorra, é imprescindível que o adulto alcance uma tomada de consciência, valendo-se, nessa empreitada, da autoavaliação, como forma de identificar, no percurso educativo, mudanças de compreensão de uma área do conhecimento, de compreensão pessoal, de comportamento e de ordem institucional.

Finalmente, cabe destacar que o trabalho de reflexão sobre o processo de formação desenvolvido por Dominicé está fundamentado em um método de inspiração sociológica, em que o autor se baseia em narrativas de histórias de vida centradas na formação. Assim, ele faz uso de materiais biográficos para compreender o conteúdo do processo de formação.

Josso (2010a, p. 77) finaliza seu esforço quanto à conceituação de formação discutindo a abordagem de Pineau, que compartilha com Dominicé o referencial do movimento de Educação Permanente e da abordagem biográfica nos estudos de autoformação. Contudo, enquanto Dominicé parte do material empírico para trabalhar o conceito de autoformação, Pineau faz uso da narrativa biográfica para ilustrar o conceito de autoformação já definido teoricamente.

Pineau trata da formação a partir do confronto entre a heteroformação (quando a

formação é conduzida por outras pessoas) e a autoformação. Para o autor, a formação de um indivíduo ocorre, a priori, por meio de relações heteronômicas, representadas pelos pais e, em seguida, pelos professores. A ruptura com essas instituições de heteroformações, família e escola, se dá no curso de um processo de autonomização, de autogestão que viabiliza uma emancipação do indivíduo das normas institucionais. Tal libertação confere ao indivíduo o comando de sua vida, fazendo surgir daí a autoformação.

O trabalho de autoformação, segundo Pineau, exige do indivíduo oportunidade de contato consigo mesmo, logo se faz necessário um tempo e um espaço específico como condição material para que o processo aconteça. O autor encontrou, pessoalmente, essas condições na noite, especificamente no sono ou na vigília solitária.

Toda essa discussão sobre o processo de formação, realizada com base em contribuições da sociologia, da psicologia social, da antropologia, da psicologia e da pedagogia, teve o propósito de evidenciar a complexidade e a multidimensionalidade da temática, para, com isso, opor-se, de modo mais fundamentado, ao posicionamento tradicional que reduz a formação dos sujeitos, dos estudantes, apenas ao aspecto do aprendizado técnico.

Desse modo, destacar a contribuição da experiência no processo de formação serve como referencial para a realização do escopo desse trabalho, que é compreender e avaliar o Programa Ciência sem Fronteiras por intermédio da experiência de formação do bolsista egresso da graduação da UFC, de suas trajetórias.

### **5.3 Delineando as trajetórias de formação**

A partir de narrativas de estudantes da Universidade Federal do Ceará sobre suas experiências no Ciência sem Fronteiras, é possível compreender o que o Programa representou em suas trajetórias de formação. E, com isso, pode-se perceber como esses estudantes se constroem como sujeitos a partir dos impactos causados em suas vidas pela oportunidade de morar e estudar no exterior.

Realizei entrevista com seis ex-bolsistas do Programa Ciência sem Fronteiras, que chamarei, aqui, pelos nomes de: Luna, Carlos, Dário, Bianca, Ricardo e Wagner, os quais são graduados na UFC, nos cursos de Design, Geologia, Farmácia, Arquitetura e Urbanismo, Sistemas e Mídias Digitais e Engenharia Ambiental, respectivamente<sup>20</sup>.

Desde o primeiro contato, eles demonstraram interesse e certo contentamento em

---

<sup>20</sup> Por razões de sigilo, optei por utilizar nomes fictícios.

poder falar sobre suas vivências no intercâmbio. Depois, em nossas conversas, pude perceber que o ânimo dos entrevistados era resultado do sentimento de gratidão que nutrem por terem participado do CsF. Alguns se identificavam como “fã de carteirinha” ou “militante de carteirinha” do Programa. E, não à toa, ouvi de Carlos: “[...] quando eu vi o seu e-mail, eu pensei: ‘eu realmente preciso responder isso’! Porque eu sou realmente muito grato ao que aconteceu”.

Os jovens responderam a perguntas que estavam reunidas nos seguintes temas: trajetória escolar, antes do ingresso na Universidade; formação na graduação da UFC; itinerário para receber a bolsa do CsF; execução do Programa (vivência e experiência de formação no exterior); retorno à UFC; avaliação do que representou o CsF dentro da trajetória de formação do beneficiário; encerramento do Programa CsF.

Dos seis ex-bolsistas ouvidos, dois, Dário e Wagner, chegaram à UFC vindos do interior do Estado, sendo que Wagner era oriundo da rede pública de ensino. Ricardo permaneceu em escola particular somente até a segunda série do Ensino Fundamental, quando passou a estudar na escola pública do bairro. Quanto aos demais, Luna, Carlos e Bianca, tiveram uma trajetória escolar integralmente em colégios particulares. Desses, os dois últimos concluíram o Ensino Médio em grandes colégios da Capital.

O ingresso dos estudantes na UFC ocorreu durante o período de 2009 a 2012. E, como é natural dessa fase, os jovens buscavam um caminho de formação universitária a seguir. Somente Dário não demonstrou dúvidas na escolha do curso, já que sempre desejou fazer Farmácia. Luna, antes de ingressar na primeira turma do curso Design, prestou vestibular para Arquitetura e Urbanismo. Carlos, que se formou em Geologia, pensava, durante o Ensino Médio, em tentar seleção para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Quando entrou para o curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC, Ricardo já tinha concluído sua primeira graduação em Marketing, na Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, com bolsa do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Por sua vez, Bianca trocou Engenharia Civil na UFC pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, enquanto Wagner desistiu de Engenharia Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) para fazer o mesmo curso na UFC.

Considerando a amplitude de cursos que a Universidade Federal do Ceará alberga, cada um desses seis estudantes estava cercado por uma realidade de formação própria. Luna fez parte da primeira turma do curso de Design e Ricardo da segunda turma de Sistemas e Mídias Digitais. O fato de pertencerem a cursos novos foi destacado por ambos como elemento condicionante da formação que tiveram na UFC. Os estudantes enfatizaram as dificuldades,

especialmente estruturais, de um curso recém-criado. Além disso, os alunos sentiam-se, como disse Ricardo, “muito cobaia ali no começo”. Luna expressa pensamento semelhante ao dizer: “realmente a gente entrou às cegas, não tinha pra quem olhar”.

Por outro lado, Ricardo enfatiza que o curso de Sistemas e Mídias Digitais lhe proporcionou ser bolsista da Universidade, desde o seu primeiro semestre até sua formatura, segundo conta: “Era algo que tinha bastante na época até, muitos alunos da Sistema e Mídias Digitais tinham bolsa”. Essa era sua principal fonte de renda durante a graduação na UFC e foi o que lhe permitiu concluir o curso, cuja carga horária é integral.

Como aspecto positivo de sua formação na UFC, Luna retrata que o clima organizacional do curso não era tenso ou pesado, apontando como provável causa a relação mais próxima que tinham com os professores. Para ela, isso representava, de certa forma, um privilégio, concluindo que “esse clima levava a gente a se dar muito bem no curso”.

Na trajetória de formação de Carlos, Dário e Wagner na UFC, destacam-se pontos em comum. Os três tiveram uma iniciação científica que ocorreu logo no começo da faculdade. Desde o primeiro ano do curso, os estudantes desenvolviam atividades de pesquisa, mesmo que na condição de voluntário. Além disso, Carlos e Dário também realizaram monitoria e Wagner foi bolsista de projeto de extensão. Contudo, diferente de Dário e Wagner, Carlos não permaneceu no universo de academia e pesquisa, como será esclarecido a seguir.

Bianca, por sua vez, ressalta, ao falar de sua formação, o fato de ter integrado o Canto, Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. A estudante permaneceu nesse projeto de extensão por mais de um ano, atuando com consultoria de arquitetura para comunidades e ajudando a implementar projetos. Além disso, realizou viagens com grupo para apresentar trabalhos.

Assim, de origens socioeconômicas diversas e de áreas do conhecimento também variadas, as trajetórias dos jovens na Universidade se cruzaram, quando tiveram a mesma oportunidade de formação, que foi realizar parte da graduação em universidade estrangeira com bolsa de estudos financiada pelo Governo Federal.

Para conquistar uma vaga no Programa Ciência sem Fronteiras, os estudantes tiveram que superar diversas barreiras seja de ordem acadêmica, especialmente, em relação à aprovação em testes de proficiência em língua estrangeira, ou de ordem econômica, já que os custos, para realização dessas provas e para obter passaporte e visto para a viagem, eram muito elevados. Além disso, o processo seletivo, que tinha suas peculiaridades a depender do edital e do país de destino, revelava-se, muitas vezes, confuso, demorado, e os alunos não contavam com tanto suporte institucional por parte da Universidade e das agências executoras CNPq e

CAPES.

Vencida a seleção, os ex-bolsistas entrevistados, Luna, Carlos, Dário, Bianca, Ricardo e Wagner, realizaram intercâmbio nos seguintes países: Holanda, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Coreia do Sul e Canadá, respectivamente. Lá, encontraram um mundo completamente novo. E, como eram muito jovens, a vivência no exterior representou, para alguns, a primeira ocasião em que saíam da casa dos pais. Assim, além dos desafios relacionados à mudança de país, os estudantes tiveram que aprender a lidar com as responsabilidades de cuidar, gerenciar a própria vida com total autonomia.

Dentre os fatores que mais impactaram o período de adaptação dos estudantes, a questão climática foi, especialmente, destacada por Luna, Carlos e Bianca. Os estudantes tiveram dificuldades, inclusive emocionais, por conta do frio e da falta de sol durante o inverno. Bianca conta que se sentia mal nessa época e que um professor da instituição estrangeira lhe explicou que lá chamam esse fenômeno de *winter blues*, que é a depressão do inverno.

A novidade de estar submetido ao sistema de ensino adotado nas universidades de destinos também foi um aspecto ressaltado pelos estudantes. Em regra, as disciplinas tinham uma carga horária menor, mas o volume de atividades fora de sala de aula era muito maior. Além disso, os alunos usufruíam de maior liberdade para produzir e contavam com uma infraestrutura diferenciada de oficinas, laboratórios, biblioteca que funcionava durante 24 horas no período de provas.

Os beneficiários do CsF ouvidos nas entrevistas frisaram ainda que conhecer, durante o intercâmbio, lugares e pessoas de outras culturas lhes trouxeram importante crescimento pessoal. Para as estudantes dos cursos de Arquitetura e de Design, esse contato cultural, além de contribuir na formação pessoal, representou também um ganho acadêmico e profissional. Bianca conta como ficou maravilhada por conhecer obras e ver de perto a arquitetura de lugares que tinha estudado durante o curso. Já Luna seguiu um caminho profissional diretamente influenciada pelo conhecimento sobre arte e museu que adquiriu na Europa.

Fica claro que os beneficiários da política atribuem um valor à aprendizagem no intercâmbio que supera, unicamente, a dimensão técnica. Alcançando diferentes perspectivas, as experiências obtidas foram, sem dúvida, transformadores de suas vidas. No próximo tópico, considerando as narrativas dos próprios sujeitos, apresento a visão de três beneficiários, Luna, Carlos e Dário, sobre o Programa Ciência sem Fronteiras, as experiências vividas no

intercâmbio e as conexões com suas formações<sup>21</sup>.

Convém esclarecer que as narrativas desses atores foram trazidas aqui porque ilustram que a formação ora avaliada foi ampla, com implicações de natureza pessoal, acadêmica e profissional, no sentido multidimensional trabalhado por Josso (2010a, 2010b). E, embora em cada uma das trajetórias haja um realce maior para uma dessas perspectivas, as narrativas provam que, acima de tudo, a formação acontece de forma integral e indissociada.

#### **5.4 A trajetória de Luna: CsF como uma experiência surreal de passagem para a vida adulta**

Em 2014, Luna era uma jovem estudante do recém-criado curso de Design da Universidade Federal do Ceará quando partiu rumo à Holanda para cursar parte de sua graduação no exterior, como bolsista do Programa Ciência sem Fronteiras. A estudante de 23 anos, que nunca havia pensado em fazer intercâmbio, pois achava que seria um sonho impossível, tomou coragem e decidiu agarrar a oportunidade quando viu seus amigos indo para o exterior. Assim, motivada a aprimorar sua formação acadêmica em instituição estrangeira, Luna seguiu para sua primeira experiência em país estrangeiro. Hoje, ela considera que ter tido essa vivência lhe incitou independência, liberdade, e a fez perceber que é capaz de fazer qualquer coisa, que é capaz de fazer coisas que não imaginava.

##### **5.4.1 A trajetória escolar antes de ingressar na Universidade**

Luna estudou em colégio particular durante toda sua vida escolar antes de ingressar na faculdade, contudo faz questão de ressaltar que foi em “*colégio de bairro mesmo, não foi em colégio grande de Fortaleza*”. Hoje, “*depois de grande*”, a jovem demonstra compreender os sacrifícios que foram feitos por sua família para manter seus estudos:

*“A gente não é uma família rica. Só o pai que trabalha, então a fonte de renda aqui vem só do pai. Meu pai é funcionário público. Então, mesmo só ele sustentando a casa, ele ainda conseguiu pagar escola particular pra mim durante minha vida toda. Eu não precisei, nem durante o ensino médio, mudar. Porque, geralmente, acontece isso, paga um colégio particular, mas também chega um ponto que não dá mais pra pagar e tem que ir para o colégio*

---

<sup>21</sup> Por considerar suficiente aos objetivos dessa pesquisa, optei pela análise dessas três narrativas. Contudo, apresento a transcrição das entrevistas realizadas com Bianca, Ricardo e Wagner em apêndices e resalto que, embora não estejam aqui tratadas detalhadamente, contribuíram igualmente na construção dessa dissertação.

*público. Mas a gente conseguiu aqui que eu ficasse”.*

Além do fato de ter vivido uma realidade privilegiada por estudar em colégio particular, Luna destaca outro aspecto desse período: frequentou o mesmo colégio desde o Jardim I até o 3º ano do Ensino Médio. O fato de ter estudado toda a vida escolar em um mesmo colégio de seu bairro revela o ambiente mais circunscrito, cercado pelo cuidado dos pais, no qual Luna viveu sua infância e adolescência. Tal contexto difere completamente daquele tempo e espaço global, multicultural, em que a jovem adulta Luna, terá que cuidar de si sozinha, quando parte para o intercâmbio na faculdade.

Concluída a fase escolar, Luna ainda demorou um tempo “*nos grandes cursinhos*” pré-universitários até ingressar na Universidade Federal do Ceará. A futura estudante do curso de Design ainda chegou a fazer o vestibular que era administrado e aplicado pela Coordenadoria de Concursos (CCV) da UFC. Mas foi no ano de 2012, primeiro ano que o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) foram aceitos pela UFC, que Luna obteve êxito no vestibular.

A jovem, que, inicialmente, tentou vestibular para o curso de Arquitetura, ingressou na primeira turma do curso de Design da UFC:

*“Eu queria Arquitetura, na verdade. Erroneamente, agora eu sei, porque não tem nada a ver comigo. Mas eu fiquei tentando, tentando Arquitetura, não conseguia. Aí eu vi que tinha o curso de Design, era a primeira turma e eu entrei nessa primeira turma”.*

Entrar na Universidade foi o passaporte para uma nova fase na vida de Luna, que chegou trazendo desafios e oportunidades de amadurecimento.

#### **5.4.2 Formação universitária em meio à construção de um novo curso**

Sobre a formação na graduação da UFC, antes de participar do Programa Ciência sem Fronteiras, Luna relembra as dificuldades de fazer parte de um curso recém-criado:

*“Foi muito difícil... O curso é um curso novo realmente. A gente entrou e meio que não sabia pra onde olhar, porque a gente funciona junto com o curso de Arquitetura, o curso foi criado por arquitetos dentro do Departamento de Arquitetura e a gente funciona dentro das instalações do curso de Arquitetura. Aí, a gente dividia esse espaço com os arquitetos, eles usavam pela manhã/tarde e a gente de tarde/noite. E aí, a gente entrou e tipo... Os alunos da arquitetura tinham os veteranos, eles tinham pra quem olhar, eles sabiam como é que ia ser o curso, eles já podiam conversar com alguém que tava fazendo o curso pra saber como era, quais as cadeiras mais difíceis, os professores... A gente não, realmente a gente entrou às cegas,*

*não tinha pra quem olhar. E a gente não sabia mais ou menos o que estávamos fazendo e eu acho que nem os professores, porque uma coisa é montar o PPP [Projeto Político Pedagógico], montar toda a política do curso, como é que vai ser o curso, mas você só vai saber quando começar”.*

Como consequência das incertezas de fazer parte de um curso novo e da carência de um referencial a ser seguido pelos alunos durante a graduação, Luna enfatiza que muitos de seus colegas desistiram do curso:

*“Então, foi difícil de conceber algumas coisas, a gente teve muita evasão, muita evasão mesmo. Algumas pessoas eu acho que já vinham de outros cursos e se desestimularam, mas a nossa turma teve muita evasão”.*

Por outro lado, como fator de destaque na formação oferecida aos primeiros estudantes do curso de Design, surgiu, à época, a oportunidade de estudar no exterior por intermédio do Programa Ciência sem Fronteiras:

*“A primeira turma de Design (eu não sei te dar números), eu posso afirmar que de todas as pessoas da minha turma que se graduaram, que pegaram o diploma, só uma pessoa não fez o intercâmbio. Praticamente, todas as pessoas da minha turma que se formaram foram para o intercâmbio. Foi uma coisa que realmente moldou o curso e foi bem no começo, porque a primeira leva começou a ir em 2013, apenas um ano após o início do curso”.*

Segundo Luna, os primeiros estudantes do curso de Design que partiram para o exterior conseguiram a bolsa de estudos, embora não tivessem uma bagagem acadêmica muito ampla. O que representou um forte incentivo para os demais estudantes, que, assim como Luna, sentiram-se motivados a tentar a seleção para o Programa CsF, pois viram que também tinham chances reais de conseguir aprovação:

*“Os meus amigos que foram no meio de 2013, eles tinham pouquíssima coisa, não tinham um portfólio muito grande, mas eles conseguiram ir. E aí, a gente ficou ‘Meu Deus, não é tão difícil assim, vai dar certo!’. Foi uma coisa que, no começo do curso, era quase que uma cadeira optativa. ‘Ah, você tem essa opção aqui, você pode fazer o intercâmbio.’”*

Somente depois de perceber que existia a oportunidade concreta de estudar no estrangeiro por meio do CsF é que Luna começou a sonhar com isso para si. Antes considerava uma experiência impossível:

*“E o louco é que eu crescendo, eu acho que eu nem tinha a pretensão de fazer um intercâmbio, eu acho que a minha pretensão era só entrar na universidade. Enquanto eu conversava com pessoas que falavam que tinham o sonho de fazer intercâmbio, que diziam ‘eu tô juntando dinheiro’, eu nem chegava a pensar nisso, porque eu achava que era uma coisa tão*

*distante, tão distante mesmo da minha realidade que eu nem chegava a pensar. E aí, quando eu tava na faculdade e vi as pessoas fazendo isso, eu fiquei ‘Nossa, eu posso sonhar também com isso, eu posso ter a pretensão de fazer isso também’. Então, realmente foi uma coisa que mudou o curso e moldou também, porque foi bem no começo, foi bem importante”.*

Nesse ambiente de incentivo, Luna começou a vencer sua insegurança e, aos poucos, iniciou, ainda em 2013, os preparativos para tentar a bolsa do CsF. Ela não queria tentar a bolsa de estudo no começo da graduação, porque *“realmente achava que não estava pronta em termos de portfólio”*. Contudo, também não queria demorar tanto para ir, pois tinha receio do Programa acabar, como, de fato, veio a acontecer em 2017. Assim, seus preparativos incluíam: tirar passaporte, se preparar para a prova de proficiência em língua inglesa e se dedicar ao curso já pensando no intercâmbio. Luna pensava: *“Eu tenho que dá o meu melhor aqui, pra fazer um projeto bom, um projeto legal, pra colocar no portfólio e esperar ser aceita numa universidade massa”*.

Assim, ela considera que foi no tempo adequado, pois já tinha feito três cadeiras de projeto, restando apenas um ciclo desses projetos a ser cumprido antes do trabalho de conclusão do curso (TCC). Luna já voltaria do intercâmbio pronta para começar seu TCC. Com isso, a estudante sentia-se mais segura para fazer o intercâmbio.

#### **5.4.3. Conquistando uma bolsa de estudo do Programa CsF**

Luna considerou o processo de seleção para o Programa CsF tão desgastante que diz ter apagado muita coisa da memória. Segundo a jovem, a experiência foi traumática, porque os obstáculos fizeram com que duvidasse de sua capacidade e aprovação:

*“Porque, assim, mexe com muita coisa o processo, porque você começa a duvidar de você, você começa a pensar: ‘Ninguém vai me aceitar, eu vou desistir de tudo!’”*.

Essas dificuldades não diziam respeito exatamente aos requisitos para habilitação na candidatura. A estudante sempre teve um índice de rendimento acadêmico (IRA) muito bom, por volta de nove, quando a exigência para o intercâmbio era ter mais que seis. Para Luna, o bom clima do curso, atribuído possivelmente à proximidade que tinham com os professores, levava os estudantes a terem um bom desempenho, em que pese a dificuldade natural de trabalhar com criação.

A escolha do país de destino foi um aspecto da seleção que trouxe inquietação para a estudante:

*“Eu fiquei indecisa sobre para qual país ir. Foi exatamente nesse tempo, que eu*

*tava aplicando, que eles cancelaram Portugal [dos países de destino]. As pessoas que aplicaram para Portugal tiveram que ser readequadas para outros países. Então, eu fiquei muito indecisa nos países e foi conversando com meus amigos que já tinham ido que eu me baseei nessa decisão de ir para a Holanda. Porque eu tava em dúvida em ir para o Reino Unido. E aí, como eu já tinha dois amigos da minha turma que já tinham ido para a Holanda, foi uma coisa que pesou para eu ir para a Holanda”.*

Outro fator que direcionou Luna a escolher cursar seu intercâmbio na Holanda foi sua nota no IELTS, teste de proficiência em língua inglesa. Segundo conta a estudante, “no Reino Unido, você podia entrar com uma nota até 4,5. E aí, se você tirasse 4,4 no IELTS, você podia ir para o Reino Unido, mas você tinha que fazer um curso de inglês lá antes de começarem as aulas”. Quanto à Holanda, a menor nota para ingresso no país era 6. Luna tirou uma nota maior que 6 no teste e achou que estava “tudo apontando para ir para a Holanda”.

Além disso, em sua decisão, a estudante considerou ainda a facilidade de deslocamento que a Holanda oferecia se comparada ao Reino Unido:

*“Claro que, no tempo, o Reino Unido era União Europeia, mas eu acho que facilitava mais você tá no continente que você tá numa ilha. Eu não vou dizer que era isolada, mas era mais fácil transitar se você estivesse no continente que no Reino Unido”.*

O custo de vida aparentemente mais elevado no Reino Unido e o fato de algumas de suas universidades não darem estadia também contribuíram para a escolha de Luna:

*“Isso pesou muito pra mim, como eu ia estar instalada lá. Eu não queria ter que dividir muitas coisas. Isso também veio muito da minha criação de filha única. Queria um canto que eu fosse ficar ok. Então, a Holanda me pareceu uma opção melhor”.*

Foram os desdobramentos até saber que foi aceita na universidade de destino que Luna classificou como o mais estressante. Os candidatos poderiam aplicar para três universidades e Luna foi aceita em sua terceira opção. Embora tudo tenha dado certo no final, a estudante frisa o desgaste emocional de ser rejeitada nas duas primeiras opções de universidade: “*Você fica: ‘Ah meu Deus, não vai dar certo, eu tô fazendo tudo isso em vão!’ ”.*

Finalmente, quando acreditava que não teria mais problema, Luna precisou recorrer ao CNPq para corrigir um erro: sua carta de aceite chegou como se tivesse sido aceita em outra universidade. Além disso, Luna enfrentou dificuldades com a demora na liberação dos auxílios que antecederiam a viagem:

*“Você recebia uma boa parte do dinheiro antes de ir. E aí, eu já tinha tirado o visto, o visto já tava chegando e nada desse dinheiro cair na minha conta. E chegou a [faltar] um mês [para a viagem] e nada do dinheiro cair e eu precisava comprar coisas”.*

A estudante necessitava pagar uma caução que ultrapassava 400 euros para reservar o apartamento em que ia ficar na Holanda. Com o atraso na liberação dos auxílios e sem recursos para financiar os gastos com os preparativos para a viagem, Luna cogitou fazer um empréstimo:

*“Eu me lembro que eu cheguei a ir no banco pra pesquisar como seria pra fazer um empréstimo, porque eu tinha que dar uma caução para o apartamento que eu ia ficar. E a solução que eu pensava era fazer um empréstimo, porque a gente não tem esse dinheiro aqui”.*

Somente depois de muitas tentativas de contato junto ao CNPq, a situação foi resolvida. Sobre esse momento, Luna destaca a dificuldade de comunicação com a agência de fomento:

*“Durante a homologação, durante esse processo, eu não procurei a UFC porque realmente a luta mesmo era com o CNPq. E o acesso com o CNPq foi difícil, parecia coisa de banco, tinha que ligar e passar horas esperando. Então, o contato com o CNPq foi bem desgastante nesse processo de homologação”.*

Para a estudante, o CNPq não estava preparado para o que foi o Ciência sem Fronteiras. Na verdade, Luna sentencia: *“ninguém tava [preparado], nem o CNPq, nem a gente, nem a Universidade”.* Mas reconhece, em relação ao CNPq, *“era muita coisa para eles lidarem também”*, especialmente em razão da *“quantidade de pessoas que eles estavam tendo que lidar ao mesmo tempo”.*

Quanto à participação da UFC nessa fase de seleção, Luna não manifesta queixas:

*“Nas vezes que eu procurei a UFC nesse processo, foi bem ok. Era preciso traduzir o histórico (com carimbo oficial) e eu fui na CAI [Coordenadoria de Assuntos Internacionais] e eles traduziram. E eu conheço pessoas que pagaram por isso. E eu fui na CAI e eles traduziram, carimbaram e me ajudaram com isso”.*

No tocante ao planejamento acadêmico para o intercâmbio, a jovem, de pronto, alerta: *“Eu sinto que vou decepcionar. A verdade é que não teve planejamento”.* Apesar disso, deixa claro que a falta de planejamento não refletia ausência de compromisso com o projeto de estudar fora, estava muito mais relacionada à sua inexperiência com esse tipo de vivência:

*“Eu olhei como é que ia ser a grade, o que eu ia estudar, mas em nenhum momento eu contactei a coordenação do meu curso pra saber como é que ia ser. Porque não é uma coisa assim tipo... ‘Ah, eu vou vê no que dá’. Não foi isso! Eu não sabia que era possível fazer isso. Quando eu falo que não teve planejamento parece que eu fui solta, na doida. Não foi assim. Como era a primeira vez que eu tava fazendo isso, eu não sabia que tinha essa opção de ‘Ah, vou sentar aqui com minha coordenadora pra saber o que eu vou fazer lá’. Como as coisas iam*

*acontecendo atropeladas, como eu tinha que me preocupar em fazer a faculdade e ser aceita lá, meio que não sobrava tempo pra eu planejar o que eu ia fazer lá. Então, o meu planejamento foi: olhei as coisas que ia ter no primeiro semestre e eu só meio que advinhei que eu ia fazer aquilo quando eu chegasse lá”.*

Hoje, Luna mostra-se, em certa medida, arrependida por não ter feito um plano de estudos para o período que passou fora:

*“Quando eu penso agora, eu fico assim... ‘Nossa, eu planejei como eu ia dormir, eu planejei onde eu ia ficar, eu planejei como eu ia chegar lá, eu planejei tudo isso. Aí eu planejei roupa, planejei mala, tudo isso, mas eu não planejei o principal que era o que eu ia estudar lá.’”*

Por outro lado, antes mesmo de partir, a estudante tinha o claro desejo de se dedicar, no exterior, ao que fosse relacionado a museus e exposições:

*“Mas eu também sabia, uma coisa que eu sabia que eu ia focar muito lá era que eu tava numa ‘vibe’ muito museu, exposições, nessa área. Então, eu sabia que eu ia tentar aproveitar o máximo disso. E eu vi que tinham algumas coisas, que a universidade de lá trabalhava com algumas galerias, fazia alguns projetos pra museu”.*

Embora Luna não tenha mencionado, sua narrativa evidencia a ausência de orientação por parte da Universidade nesse processo. Quando fala sobre a escolha do país de destino para realizar o intercâmbio, a estudante revela que tinha nos amigos, que já tinham partido para estudar no exterior, a principal referência para guiar suas ações. Além disso, também fica claro que não houve atuação da UFC no sentido de auxiliar seus estudantes na elaboração de um plano de estudos que permitisse um melhor aproveitamento acadêmico do intercâmbio.

Uma participação mais efetiva da Universidade, por intermédio das coordenações dos cursos, teria contribuído no direcionamento dos estudantes quanto às disciplinas que poderiam cursar no exterior, facilitando, inclusive, o aproveitamento das atividades realizadas no retorno à instituição de origem.

#### ***5.4.4 Desafios, adaptação e crescimento em solo estrangeiro***

Finalmente, concretizado o sonho de conseguir uma bolsa de estudos do Programa CsF, Luna chegou em seu destino em 28 de agosto de 2014. A bolsista divide o período que passou na Holanda em duas partes: os primeiros seis meses e o restante. A primeira etapa, que durou aproximadamente até janeiro de 2015, foi a parte mais difícil do intercâmbio para a

estudante, devido a “*questões pessoais e também por questões de aprendizagem e de adaptação de cultura*”.

Logo, em sua chegada à Holanda, Luna enfrentou dificuldades para se instalar. “*Eu não podia mais ficar no quarto que era pra mim, porque parecia que ele tinha sido invadido (alguma coisa assim) e aí eu não consegui arranjar outro quarto*”.

O problema demorou dias para ser resolvido: “*Eu lembro que toda noite eu dormia em um quarto diferente, eu dormia no quarto de uma amiga, aí depois a universidade arranhou outro quarto pra mim*”.

A universidade onde Luna estudou não possuía dormitórios, mas, para hospedar os alunos, mantinha uma parceria com um prédio próximo, que tinha 10 andares e era o maior prédio da cidade, segundo a bolsista. Contudo, o local não era exclusivo para estudantes da universidade: “[...] *tinha outras pessoas da cidade morando lá também, tinha imigrantes*”. Na sua concepção, tal fato também contribuiu para ter havido a confusão que a impediu de conseguir um quarto logo que chegou.

Luna ficou em Enschede, última cidade antes de chegar à Alemanha. Pequena para os padrões brasileiros, Enschede é uma das maiores cidades do sul da Holanda:

“[...] *era uma cidade relativamente pequena, era pequena pra gente, mas pra eles não era pequena. Isso também é outra percepção que foi muito louca, porque aqui no Brasil a gente tem cidades enormes. Fortaleza é a quarta maior cidade do país, a gente tem quase três milhões de habitantes. E, pra lá, isso é tão inconcebível...*”.

Além da dificuldade para conseguir alojamento, a bolsista não conseguiu chegar a tempo de participar da semana de recepção. Sobre isso recorda:

“*Eu comprei a passagem muito em cima, porque eu estava com medo do visto não chegar a tempo e realmente eu lembro que meu visto chegou na segunda e eu viajei na quinta (foi alguma coisa assim). E aí, eu não cheguei a tempo de ter essa semana de introdução, de ter esse tempo de adaptação. Então, eu já cheguei tendo aula. Eu tinha que ter aula e lidar com essa questão de não ter um canto fixo pra ficar. Eu tava com a mala, de quarto em quarto*”.

Esses acontecimentos foram apenas o início de um período que exigiu de Luna novas atitudes, já que precisava se responsabilizar integralmente por si mesma em um país estrangeiro, sem o auxílio direto de seus pais. Para a estudante, as mudanças foram especialmente sentidas em razão do seu contexto familiar:

“*E aí, esses primeiros seis meses foram de adaptação muito lenta, porque, sendo filha única e morando na casa dos meus pais, eu tinha, obviamente, todos esses privilégios que quando eu fui morar sozinha eu tinha que lidar. Além de lidar com a universidade, eu tinha que*

*lidar com a logística que era literalmente estar viva e me manter viva, que era comprar comida, fazer comida, lavar roupa. Eu tinha que lidar com todas essas coisas acontecendo ao mesmo tempo”.*

O inverno também representou outra barreira que impactou essa fase inicial do intercâmbio. Antes de chegar à Holanda, Luna acreditava que a mudança climática seria apenas uma questão secundária. Na verdade, imaginava que não ia sentir falta do Sol e que seria incrível viver em um lugar frio. Contudo, a realidade mostrou-se muito dura em relação ao clima:

*“Mas [não ver o Sol] pesa muito. E aí você começa a ficar triste, começa a não querer se levantar da cama, porque tá frio e escuro. Então, você não se dá conta que é um problema cultural, é um problema deles, o lance do inverno, de vitamina D. Isso influencia muito e você começa a perceber que realmente as pessoas ficam mais tristes nesse tempo. E aí, vai chegando o final do ano, o inverno vai aumentando... Vai chegando os feriados e as pessoas da sala voltavam pra casa dos pais e eu não podia voltar para o Brasil. Tudo isso vai pesando [...]”.*

As diferenças no tocante a questões acadêmicas, especialmente no que se refere ao modelo de formação oferecido pela universidade estrangeira, constituíram outro capítulo nesse percurso de ajustamento que Luna enfrentou durante o intercâmbio. Além disso, a estudante pontua: *“E também eu cheguei fazendo coisas do primeiro semestre e eu já tinha quase dois anos de curso no Brasil”.*

A instituição onde a bolsista estudou na Holanda é uma universidade de ciências aplicadas, focada numa abordagem mais pragmática do conhecimento. O desenvolvimento aplicado à prática, direcionado à formação profissional, é uma característica central nesse tipo de universidade. Essa mudança logo foi percebida pela bolsista:

*“Quando a gente chegou lá, a agente percebeu que era uma universidade muito mais técnica, era uma faculdade voltada muito para a formação técnica. Parecia mesmo um curso de como mexer em programas, não tinha tanto espaço para criar. Lá, na UFC, era um processo que valorizava muito mais o pensamento. Você tinha uma base teórica muito forte. Isso sempre foi uma diferença muito gritante. Estudar na UFC você tem uma base teórica muito mais forte, a gente é muito mais preocupado com o pensamento, com a teoria. Você lê mais, você discute mais, você pega textos pra ler, você faz resenhas, você faz laudas. Tem uma preocupação muito forte com a teoria. Quando eu fui para o intercâmbio não tinha tanto isso, era muito mais prático, era muito mais fazer, seguir tutorial e mexer em programas, era uma coisa muito mais mecânica”.*

Luna revela que, para ajudá-la nessa adaptação, o convívio com outros brasileiros no exterior foi fundamental:

*“Tinham cinco brasileiros (contando comigo) de outras universidades lá. Eu fui a única da UFC e os outros quatro eram: um da Bahia, dois de São Paulo e um de Brasília. Ter essa base de pessoas brasileiras lá foi muito importante. Eles também eram de universidades públicas e eles entendiam o que eu tava passando em relação a diferença entre as universidades”.*

Por outro lado, a estudante deixa claro que *“também tinham coisas na universidade da Holanda que eram incríveis”*. Algumas metodologias de ensino foram interessantes para desenvolver a parte prática do curso, mas, segundo Luna, o grande diferencial da universidade estrangeira era a estrutura:

*“Pode ser que agora eles tenham, mas a gente demorou muito para ter uma oficina. Um curso de Design que também envolve design de produtos (o curso é design gráfico e design de produto) não ter uma oficina própria? A gente tinha que usar as instalações do MAUC [Museu de Arte da UFC]. Então, você ter acesso a uma estrutura assim, você ter laboratórios pra você desenvolver coisas a hora que você quiser... Realmente, foi muito diferente”.*

Depois de cinco meses, Luna já se sentia mais adaptada à rotina do intercâmbio: *“as coisas vieram a melhorar em janeiro pra mim. Janeiro é o ápice do inverno, mas aí eu comecei a pegar o jeito”*. A melhora também se deu porque a estudante começou a fazer cadeiras em outros semestres, com outras turmas, outros professores. Ela afirma: *“foram as cadeiras que eu mais gostei”*. Além disso, com o fim do inverno, ela diz que *“o tempo foi melhorando, o Sol foi aparecendo. E você acha que não vai influenciar, e influencia...”*.

O conhecimento dessa primeira fase da vivência de Luna no intercâmbio ajuda a desconstruir impressões, unicamente, de prazer e diversão que muitos, por desconhecerem a realidade, relacionam à experiência vivida pelos bolsistas. Obviamente, que estar em um país estrangeiro causa um entusiasmo natural nas pessoas, já que remete à possibilidade de descobertas de novos espaços, sociedades e culturas. Contudo, morar e estudar no exterior exigem compromisso e habilidade de adaptação. Não se trata de passar por etapas estanques em um processo objetivo, cada pessoa vai reagir de maneira particular a todos esses estímulos.

#### ***5.4.5 Cultura e arte direcionando uma formação profissional***

O curso na Holanda era dividido em trimestres, a cada três meses começava um ciclo novo. Entre esses trimestres, os alunos tinham uma semana de folga das aulas. Então, em

fevereiro, Luna começou a se planejar para viajar justamente nesse interstício em que não tinha aula. De acordo com a estudante, *“obviamente você tá fora, então você quer conhecer, mas eu também tinha essa preocupação de não viajar durante as aulas”*.

Luna destaca que tinha uma grande preocupação em não continuar o estigma que foi criado a respeito do estudante do CsF, que estaria no exterior para *“farrear, pra conhecer os cantos”*. Na verdade, a bolsista revela que, desde o seu ingresso na UFC, já sentia a responsabilidade de ter seus estudos financiados com o dinheiro público:

*“Então, você já entra na universidade carregando isso. Pelo menos isso pra mim foi muito forte. E foi muito forte também pelo fato de eu ter vindo de colégio particular. Eu era acostumada a ter o meu pai pagando a minha educação. Aí, quando eu fui pra universidade, eu percebi que não é só meu pai que tá pagando minha educação, é a cidade toda, é o país todo que tá pagando pela minha educação”*.

Em relação a estudar no exterior com financiamento público, não foi diferente. Luna chega a se emocionar ao relembrar a responsabilidade que sentia representando o Brasil fora:

*“Então, quando eu fui para o intercâmbio... ‘Nossa, eu vou até chorar aqui!’ Você realmente sente que é o País todo que está custeando a sua morada lá fora e você tem que fazer valer isso. E era uma coisa que pesava muito pra mim lá... ‘Eu tô aqui representando o meu País, eu tô aqui usando dinheiro público, eu tenho que fazer valer isso’. Então, eu não queria viajar tendo aula. Eu queria viajar, mas eu queria fazer isso certo”*.

Conhecer outros países intensificou ainda mais na jovem estudante o desejo de se dedicar à área de arte e cultura. Luna conta que, durante a faculdade na UFC, antes de ir para o intercâmbio, estava fazendo projetos para o MAUC e começou a se *“apaixonar por esse universo de museus”*. O período coincidiu com sua ida a São Paulo para receber o visto necessário ao intercâmbio. Em São Paulo, a estudante visitou museus e, segundo conta, começou *“a moldar a minha graduação focada nisso”*.

Luna ficou ainda mais entusiasmada quando viu que o curso de Arte e Tecnologia que ia fazer na Holanda estava relacionado a museu, a arte. Estando na Europa, obviamente, Luna queria visitar a maior quantidade que pudesse de museus: *“Então, lá vai eu me meter no Louvre, fui na Uffizi. Tentei ir realmente em todos os museus considerados importantes”*.

Além de estar morando na Europa, a condição de estudante também beneficiava o acesso de Luna aos museus:

*“[...] na Holanda (se eu não me engano), não tem nenhum museu gratuito, todos são pagos. Só que lá a gente tinha um desconto de estudante. No Louvre, eu não paguei pra entrar, porque eu tinha carteira de estudante. Então, eu tinha um acesso facilitado para entrar*

*em museus lá”.*

Ao visitar todos esses museus, a estudante foi se apoderando do conhecimento do universo da arte. Luna começou a alimentar o desejo de trabalhar com isso e, em seu relato, conta que pensava: *“Meu Deus, agora eu tenho esse leque enorme. Eu já vi vários museus, consigo ver diferenças entre eles, consigo ver como é que eles expõem os trabalhos, consigo ver os tipos... Ah, esse museu aqui é mais focado nesse artista, esse é mais focado em arte contemporânea...”*.

No último projeto que desenvolveu na faculdade holandesa, Luna tinha que fazer um trabalho relacionado com sua identidade para expor numa galeria de lá. Ela fez um projeto que falava sobre sua conexão com arte, sua conexão com tudo que é visual.

No meio de 2015, Luna estava de volta ao Brasil. Segundo conta, estava *“totalmente no modo museu”*. Um semestre depois do seu retorno, já estava trabalhando no Museu de Arte Contemporânea do Ceará – MAC, que funciona no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Luna acredita que sua experiência no intercâmbio foi um dos fatores que influenciou para ser aceita para trabalhar no Museu de Arte Contemporânea daqui.

Sua vivência no intercâmbio também refletiu no trabalho de conclusão de curso que desenvolveu na UFC. Na verdade, Luna enfatiza que:

*“Impactou diretamente não só no meu TCC, meus amigos também produziram TCCs que elevaram o nível do curso. A qualidade dos TCCs produzidos pelos alunos do curso que foram para o intercâmbio foi realmente muito boa. Os professores inclusive reconheciam isso”*.

Com o seu trabalho de conclusão de curso, Luna tinha o desejo de *“expandir as histórias do MAUC, dos artistas do MAUC na cidade”*. Ela percebeu que tinham muitos cantos na cidade, relacionados com os pintores que faziam parte do MAUC, que estavam esquecidos:

*“Então, eu fiz uma exposição ‘on-line’, no aplicativo, que você tinha que percorrer a cidade para descobrir esses cantos e focado nos artistas que estavam no acervo do MAUC”*.

Luna trabalhou no MAC por três anos e, com o passar do tempo, foi ampliando sua visão para projetos sociais. O fato de o museu lidar com o público, de existir naquele espaço uma preocupação em formar cidadãos, abriu a visão de Luna para projetos públicos, para projetos sociais. Embora não esteja atuando mais com museu, ela acredita que ter trabalhado nessa área determinou muito do que deseja fazer profissionalmente.

Atualmente, a designer trabalha na Escola de Gastronomia Social. E, embora não saiba dizer se voltaria hoje a trabalhar com museus, afirma que *“definitivamente eu tô nesse lado”*:

*“Não é museu, mas tem mais ou menos a mesma premissa de lidar com o público e é um projeto social. Eu não quero trabalhar para uma agência privada, eu não quero trabalhar para um canto que só incentiva o consumo e rodar a máquina do capitalismo. Eu quero fazer diferença na vida de alguém, quero trabalhar pra projetos sociais que fazem a diferença na vida de alguém”.*

Luna deixa claro que estar nessa posição hoje é completamente um reflexo da trajetória que viveu na universidade.

#### **5.4.6 Compartilhando experiências de formação**

Quando retornou da Holanda, Luna estava empolgada para compartilhar com os colegas de curso o que viveu fora. Para ela, era uma preocupação muito grande dividir a experiência com as pessoas que queriam ir.

Movidos pelo desejo de que outros estudantes tivessem a oportunidade do intercâmbio, Luna juntou-se a amigos, que também tinham ido para o CsF em outros países (como Austrália, Canadá e Itália), para participar de reuniões e palestras com todos os estudantes do curso, dividindo informações e compartilhando aspectos importantes da formação que conquistaram fora.

*“A gente percebeu algumas similaridades. A preocupação que a UFC tem com a teoria foi quase unanimidade. Foi bom também pra gente gostar mais ainda da UFC. Mesmo com todos os problemas estruturais, a gente aprendeu a valorizar bastante o que a gente aprendia na UFC”.*

De acordo com Luna, a coordenação do curso também teve uma participação muito importante e intensa nesse processo. Ela ressalta que se lembra de ter tido várias reuniões, várias conversas com a coordenadora à época. O diálogo com os estudantes egressos do CsF trouxe consequências para o curso.

*“Isso pesou bastante em como os professores tavam dando aula na UFC. Eu me lembro que foi bastante intensificado lá no curso ter dois professores numa mesma sala. Quando a gente ia voltando, a gente ia compartilhando essa experiência de ter dois professores na sala pra ter outros pontos de vista”.*

Depois de conhecer outros sistemas de ensino, os estudantes também conseguiam falar com mais propriedade sobre a grade curricular da UFC, sugerindo melhorias: *“Oh, isso aqui não tá funcionando... Acho que essa metodologia é melhor... A gente consegue fazer de outro jeito, avaliação também, preparação pra projeto...”.*

Luna destaca que conseguiram mudanças, ainda que pequenas:

*“Eu me lembro que o projeto integrado surgiu mais ou menos nesse tempo. Todo semestre, a gente tinha um projeto gráfico, um projeto de produto e o projeto integrado que era um projeto que pegava esses dois. Você tinha que fazer um projeto que tinha gráfico e produto. Já tinha isso antes do intercâmbio, durante o intercâmbio, mas foi uma coisa que foi bastante intensificada. Foi uma coisa implementada, a gente conseguiu realmente implementar isso de uma maneira bem satisfatória. E pelo menos no meu tempo foi uma coisa que rendeu bastante”.*

Além disso, os estudantes fizeram proposta de revisão do PPP:

*“A gente começou também a revisar o PPP, começou a ter mais essa preocupação na estrutura do curso. Para o curso como um todo foi muito significativo. O PPP tem sempre que ser discutido, mas eu acho que a gente tinha muito mais flexibilidade e propriedade pra discutir”.*

Considerando a exposição de Luna, nota-se, facilmente, que a experiência de formação que os estudantes tiveram durante o Programa Ciência sem Fronteiras rendeu frutos que ultrapassaram a esfera pessoal dos bolsistas, influenciando também os rumos que o então recém-criado curso de Design iria tomar. Importante perceber ainda que o empenho em construir um espaço de debate sobre os aprendizados decorrentes do Programa demonstra que esses estudantes tinham um compromisso espontâneo em dar um retorno à Universidade, tendo em vista o fato de terem sido beneficiados com investimento público durante o intercâmbio.

#### **5.4.7 Ir para fora e olhar para dentro: transformação e empoderamento**

Passados cinco anos desde a conclusão do intercâmbio, ao olhar para trás e refletir sobre sua trajetória, Luna declara:

*“Eu realmente seria outra pessoa se eu não tivesse feito o CsF. Eu nunca sonhei, nunca pensei em ir para um intercâmbio. Mas quando eu vi a oportunidade, o incentivo dos professores... Nossa, eu poderia ser outra pessoa se eu não tivesse aceitado. Foi fundamental”.*

O Programa Ciência sem Fronteira transformou a vida da designer, principalmente porque lhe trouxe um sentimento de empoderamento. Depois do intercâmbio, a jovem se percebeu muito mais capaz para realizar seus planos. Além disso, ela também considera que ter participado do CsF é um diferencial caso queira seguir carreira acadêmica, tanto aqui como fora do País.

*“Então, ter essa experiência tanto de vida como profissional é muito válida, realmente te destaca bastante. Então, basicamente é minha vida antes e depois”.*

A vivência no exterior também transformou a forma como Luna percebe a realidade local, aguçando seu desejo por conhecer mais da própria terra. Ela conta que, quando voltou, pensava: *“Ai meu Deus, eu já fui na torre Eiffel, mas eu não conheço o interior do Ceará”*. Apesar de também considerar válido o desejo de permanecer no exterior, manifestado por muitas das pessoas que fizeram intercâmbio (ela menciona uma amiga que chegou a obter cidadania holandesa), para Luna, conseguir ter ido para vários países a fez perceber a importância de se voltar para onde estava:

*“Cada vez mais eu invisto mais nisso [conhecer mais de onde eu moro]. É meio que o caminho inverso de você olhar mais pra onde você tá, você querer fazer mudanças onde você tá, a nível regional. Na verdade, esse também é o intuito do intercâmbio, conseguir qualificar uma pessoa pra ela voltar, pra ela dar força de trabalho no país de origem. Então, isso me fez olhar pra dentro. E também pensar a nível latino. A gente é tão preocupado em ir para a Europa, mas a gente não tem tantas políticas aqui dentro da América Latina... Fazer mobilidade aqui dentro da América Latina”*

Exatamente por ter representado uma conquista significativa em sua vida, a designer diz ter sentido *“uma tristeza muito grande”* com o fim do Programa Ciência sem Fronteiras, ocorrido em abril de 2017. Luna sentia-se triste por ver alunos, que teriam um potencial incrível, sem a oportunidade de realizar um intercâmbio, como ela havia feito:

*“Eu tenho uma amiga que tava se preparando pra ir, mais ou menos como eu fiz. Ela tava fazendo um pouco mais do curso e começando a se preparar, aí ela não pôde ir. E ela é uma menina que eu acho que não tem nem 21 anos e já tá fazendo mestrado. Eu tenho certeza que se ela tivesse a oportunidade de ter feito o intercâmbio... Como eu tenho outra amiga que se deu tão bem que ela foi aceita de novo numa outra bolsa, dessa vez custeada pelo governo britânico e tá lá até agora. Então, são essas oportunidades que ela só teve acesso porque ela teve a oportunidade do intercâmbio primeiramente”*.

Apesar de lamentar o encerramento do Programa, Luna diz que já *“imaginava que, quando o governo mudasse, seria difícil continuar [com o CsF]”*, uma vez que *“era uma política atrelada a um governo específico”*. E completa: *“Infelizmente a gente já previa o fim, mas eu tinha esperança dele continuar em outros moldes”*.

Segundo a ex-bolsista, uma reformulação se fazia necessária para corrigir algumas falhas no Programa, relacionadas, principalmente, à ausência de um acompanhamento mais firme dos estudantes. Ela argumenta que:

*“[...] eles falharam em não estipular algumas regras. Eu me sentia muito solta. Claro que tiveram relatórios, teve um no meio e outro no final. Mas eu sinto que eles não tavam*

*tendo um controle muito grande. Eu acho que, para o Programa continuar, ele tinha que passar por muitas reformulações de estrutura, de regras, de acompanhamento”.*

Expondo isso, a designer demonstra que não possuía uma visão idealizada do CsF. Mesmo reconhecendo que o Programa precisava de aprimoramento, ela volta a defendê-lo:

*“Mas era muito importante você ter uma coisa tão oficial. Parecia muito oficial... Parecia que tinha realmente uma preocupação muito grande com a educação e o ensino superior no Brasil. Parecia que realmente a gente tava investindo e qualificando estudantes pra voltarem pra cá qualificadas e pra movimentar o mercado de trabalho e enfim continuar essa grande roda”.*

Essa fala expõe a questão central em um programa como o Ciência sem Fronteiras: a relevância de promover políticas públicas no campo da educação brasileira. Oportunizar uma formação com qualidade a jovens estudantes passa, impreterivelmente, por investimento em educação. Como Luna mesmo diz: “[...] a gente enfatizava muito na volta: não esquecer que houve esse programa e que ele foi muito importante. Dizer que é possível e que isso aconteceu”.

## **5.5 A trajetória de Carlos: trilhando novos caminhos a partir do CSF**

Carlos estava próximo de concluir sua graduação no curso de Geologia da UFC quando a possibilidade de realizar um intercâmbio, custeado pelo Programa Ciência sem Fronteiras, atravessou o seu caminho. Na época, ainda que algumas dúvidas já despontassem em seu íntimo, suas escolhas indicavam que daria continuidade a sua formação na universidade, seguindo uma vida acadêmica.

Carlos sempre quis pesquisa e, logo que entrou na UFC, tinha certeza que iria permanecer nessa trajetória. Com o passar do curso, Carlos já não estava mais tão seguro disso. O jovem, então, valeu-se do Ciência sem Fronteiras para concretizar seu desejo de morar no exterior, mas, principalmente, utilizou o Programa “*como uma estratégia para ganhar mais tempo para pensar*” qual caminho seguiria após a conclusão da graduação.

Depois de passar uma temporada de doze meses estudando no Canadá, o jovem geólogo descobriu que, de fato, “*não queria vida acadêmica e sim empreender*”. Ao sair da faculdade, ele abriu uma empresa e, hoje, emprega vinte pessoas.

### **5.5.1 Iniciando uma trajetória de formação na Universidade pública**

Depois de ter passado toda a vida escolar em três grandes colégios da rede privada

de ensino em Fortaleza, Carlos ingressou no curso de Geologia da Universidade Federal do Ceará em 2009. O estudante reconhece que a escolha do curso “*realmente foi bem aleatória*”, já que durante todo o seu percurso escolar queria fazer ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica). Sobre esse desejo, Carlos pondera: “*Os colégios são muito direcionados pra isso [ITA], ou medicina ou direito*”. Contudo, em seu terceiro ano do Ensino Médio, ele acaba optando por fazer Geologia.

Logo no primeiro semestre de faculdade, o calouro já começou a participar das atividades de um laboratório de pesquisa da área. A partir daí, não parou. Foi bolsista de monitoria e de iniciação científica, além de bolsista da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Sobre o curso de Geologia na UFC, Carlos é honesto e vai direto ao ponto: “*Eu não tenho uma avaliação muito positiva do meu curso, infelizmente*”. E acrescenta: “*Se eu tivesse que dar uma nota [para a formação na UFC], eu daria um 6*”.

De acordo com o estudante, a formação ofertada em sua graduação era muito defasada. “*Aquela coisa muito na mesmice: ‘Há 30 anos é feito assim, então...’*”. Somado a isso, tinha o fato de o curso possuir uma estrutura física ruim, nas palavras de Carlos: “*A estrutura física é de dar pena, sendo bem honesto!*”

Diante desse cenário de insatisfação, o estudante de Geologia cogitou transferir seu curso para a Universidade de São Paulo (USP), onde tinha realizado um curso de verão ainda no primeiro semestre:

“*No meu primeiro semestre, eu já fiz um curso de férias na USP, um curso de verão em janeiro. Eu passei quase o mês inteiro lá. E aí, eu pensei: ‘Eu preciso estar aqui, nesse centro aqui.’*”

Com isso, em seu segundo semestre, Carlos planejava mudar seu curso para a USP: “*Eu não cheguei a tentar transferência, mas eu estudei, conversei com meus pais, tentei viabilizar uma forma*”. Contudo, seu orientador à época conseguiu convencê-lo de ficar na UFC, sob o argumento de que ele poderia fazer um mestrado ou doutorado fora.

Quando chegou ao sexto semestre, Carlos já não estava convicto se queria seguir carreira acadêmica, principalmente, porque, segundo com o jovem, “*a pesquisa não está imune a uma série de problemas de ego... Ao perceber isso, comecei a ter dúvidas se era isso que eu queria*”.

Foi nesse momento que ocorreu o lançamento do primeiro edital do Programa Ciência sem Fronteiras em 2012:

“*Aí, eu pensei: bacana, porque é uma oportunidade de eu ir com meus próprios méritos, com bolsa, meus pais não vão gastar... Que sempre foi, mais ou menos, como foi minha*

*trajetória, eu sempre tentei fazer algo mais com os meus recursos”.*

Carlos já tinha o desejo de estudar no exterior, pois havia se arrependido de não ter realizado intercâmbio durante o Ensino Médio, assim como sua irmã havia feito:

*“A minha irmã chegou a fazer [intercâmbio] na época dela do Ensino Médio. Na época, eu não quis, depois eu até me arrependi muito. E foi um dos motivos pelo qual eu quis participar do CsF. Eu ficava com aquilo, tenho também que ter uma experiência”.*

Além disso, Carlos afirma: *“o Ciência sem Fronteiras veio exatamente como essa maneira de melhorar essa minha formação”.* Assim, partir para estudar no exterior por meio do CsF representou, para Carlos, a solução de suas inquietações naquele momento. O jovem realizaria o desejo de passar uma temporada fora do País, aprimorando sua formação em uma renomada instituição estrangeira na área de Geologia e, ainda, teria um tempo a mais durante o curso para refletir sobre qual caminho seguiria depois de terminar a graduação.

Até aqui, dois pontos centrais marcam as reflexões que Carlos deixa transparecer em sua própria narrativa. Primeiro, o jovem estudante, oriundo dos melhores colégios particulares da Cidade, fica decepcionado com a carência de estrutura física e o modelo de ensino que encontra quando ingressa na Universidade pública. Apesar disso, e esse é o segundo ponto de destaque, constrói um perfil de universitário dedicado aos estudos desde os primeiros tempos de faculdade. Olhando sempre para o futuro, ele busca ampliar sua formação técnica atuando como bolsista, desenvolvendo pesquisa em laboratório, realizando curso em outra instituição.

O estudante, que escolheu cursar Geologia de forma *“aleatória”*, ainda lutava para encontrar seu caminho quando foi surpreendido pela chance de participar do Programa Ciência sem Fronteiras já no final da faculdade. Experiência que, mais tarde, reconhece como *“um divisor de águas”* em sua trajetória.

### ***5.5.2 Ciência sem Fronteiras: um divisor de águas***

Carlos recorda como o período para candidatura no Programa CsF foi atribulado. Era novembro de 2012, período de férias, e o estudante estava fazendo um projeto para a Petrobras no Espírito Santo. Na época, ele era bolsista da empresa e teve que conversar com um diretor para voltar a tempo de participar da seleção para o CsF. Carlos tinha apenas trinta dias para anexar à inscrição o resultado do TOEFL, comprovando a proficiência em língua inglesa.

Como não havia vaga para realizar o teste em Fortaleza, Carlos teve que fazer a prova em Natal.

*“[...] em uma semana eu fiz minha inscrição no Ciência sem Fronteiras, fiz minha inscrição no TOEFL... Na outra semana, eu fiz o TOEFL e uma semana depois saiu o resultado... Eu anexeï, enfim, foi tudo bem atropelado, mas, graças a Deus, deu certo”.*

Além da pressa para cumprir os requisitos necessários, o estudante teve que superar outro empecilho:

*“Aí, eu viajei em agosto de 2013 e então eu já estava no meu décimo semestre. E, no CsF, você tinha que estar entre 10% e 90% do curso concluído. Então, o que foi que eu fiz... Nisso daí os professores, o coordenador do curso até me ajudou bastante... Eu já estava inscrito no meu décimo semestre e, se eu fizesse as disciplinas, eu passaria dos 90%. Então, eu tive que cancelar a minha inscrição nas disciplinas, fiquei só em uma [disciplina], porque eu tinha que estar matriculado, e eu fiz as outras disciplinas como ouvinte, já pra também aproveitar, fiz prova, fiz tudo normal. Então, eu viajei na risca dos 90% do meu curso concluído, mas, na prática, eu já tava com 95%, porque eu já tinha feito as disciplinas como ouvinte”.*

Ao chegar ao Canadá, país onde realizou seu intercâmbio, Carlos encontrou um Programa “*extremamente bem desenhado do ponto de vista estrutural*”. Sobre a organização do CsF no Canadá, ele explica:

*“[...] o Brasil contratou uma instituição que fazia a gestão dos alunos, que era o CBIE [Canadian Bureau for International Education]. Ele era sensacional! Até demandas psicológicas você podia... Se você quisesse, você podia conversar... Tinha psicólogos, tinha médicos, tinham pessoas que lhe ajudavam a encontrar as melhores disciplinas naquele semestre, lhe ajudavam a encontrar um estágio. Então, foi impressionante e muito acolhedor”.*

Contudo, a boa organização do Programa no Canadá, logicamente, não foi suficiente para neutralizar todas as dificuldades daquele período inicial de intercâmbio. Carlos conta que, para sua surpresa, teve um desempenho tranquilo em relação ao idioma. Mesmo tendo feito cursos particulares na época que estava no colégio e tendo cursado a Casa de Cultura Britânica da UFC depois de ingressar na faculdade, o bolsista acreditava que a questão do idioma poderia ser uma barreira inicial, mas não foi. Por outro lado, “*as coisas mais difíceis foram a diferença cultural (isso foi bem impactante) e o clima*”.

Assim como Luna, Carlos também teve problemas com o frio. O estudante ficou em Calgary, uma das cidades mais frias do Canadá. Sobre a experiência conta: “*Pra você ter uma noção, eu peguei menos 45 graus durante um mês inteiro. Lá tem seis, sete meses de neve*”.

Apesar disso, depois de dois meses, ele aprendeu a lidar com o clima do local, mais

que isso, passou a aproveitar o lado bom da situação:

*“Então, isso foi um problema, a questão do clima. Mas, também, quando eu soube me adaptar ao clima, eu passei a pegar daquele clima e tirar uma coisa bacana: eu passei a esquiar. Lá a cidade fica aos pés de uma grande cordilheira, então em uma hora e meia você estava nas maiores pistas de esqui, foi muito bom. Então, quando eu passei a me adaptar, eu passei a gostar daquele clima, mas num primeiro momento foi um impacto”.*

O bolsista não teve o mesmo desempenho para superar as diferenças culturais no que diz respeito à maneira como as pessoas interagem lá. Para Carlos, a *“frieza das pessoas”* o impediu de fazer amigos canadenses. Ele imaginava que faria vários amigos durante o intercâmbio, mas não foi o que aconteceu e isso representou um choque para o estudante:

*“Por exemplo, eu não fiz amigo canadense. Os amigos que eu fiz foram todos latinos: colombiano, venezuelano... Fiz um amigo alemão, que é muito amigo meu até hoje. Mas canadense, eu não conseguia. Eu não conseguia chegar nas pessoas e, assim, eu sempre fui uma pessoa extremamente comunicativa, extrovertida, mas lá eu, simplesmente, não consegui”.*

Por outro lado, o bolsista soube aproveitar a experiência em termos de estudo. Ele conta que, enquanto as pessoas faziam seis disciplinas em um ano, ele conseguiu fazer dez disciplinas no mesmo período. Carlos fala com empolgação sobre como foi ter estudado na University of Calgary, que possui o maior departamento de geociências do Canadá:

*“Em termos de estrutura, de oportunidade, de quantidade de professores, de disciplinas diferentes. Você poderia fazer disciplinas para milhões de áreas! As disciplinas que eu fiz lá foram sensacionais!”.*

Além do período de aula, os bolsistas do CsF tinham que fazer pesquisa na universidade ou estágio em uma empresa. Contudo, eram poucas vagas para estágio:

*“Obviamente todo mundo queria fazer estágio em uma empresa, mas, enfim, é complicado... Não é simples, tinha muito estudante de fora, então as empresas eram raríssimas. Acho que, de quarenta pessoas do meu programa, duas conseguiram vagas em empresa”.*

Carlos ficou entre três e quatro meses realizando pesquisa em um laboratório da universidade canadense. O estudante auxiliou três pesquisas de mestrado e uma de doutorado, e fez viagens profissionais pelo laboratório. *“Eu participei de um estudo numa ilha no Canadá, então eu fiquei duas semanas nessa ilha. Foi muito massa!”.*

Ao final, recebeu o convite desse laboratório para voltar e fazer mestrado lá. Segundo conta, o professor responsável, que, na época, atuava em dois projetos, um no Chile e outro no Canadá, disse para o estudante: *“em qualquer um dos dois você é bem vindo”.*

O estudante de geologia, que antes do intercâmbio já estava em dúvida sobre seguir a carreira acadêmica, finalmente decide que esse não seria o seu caminho a partir dali. A experiência que teve no laboratório canadense foi fundamental nessa decisão: *“Eu percebi que em termos de coisas que a gente já reclamava do mundo acadêmico aqui, lá era igual, senão pior”*. Com isso, Carlos estava seguro que *“realmente eu não queria vida acadêmica, seja no Brasil ou fora do Brasil.”*

### **5.5.3 O nascimento de um empreendedor**

Depois de regressar do Programa Ciência sem Fronteiras, Carlos permaneceu somente três meses na UFC. Como já tinha cumprido todas as disciplinas obrigatórias de seu curso, aproveitou cinco das dez disciplinas cursadas no Canadá como optativas e passou a se dedicar exclusivamente ao TCC. Apesar de, praticamente, não ter tido contato com as outras pessoas do curso em seu retorno, Carlos faz questão de ressaltar que, enquanto esteve no exterior, passou várias informações aos colegas que também queriam participar do Programa, já que foi o primeiro aluno da Geologia a ir para o CsF.

O geólogo reconhece que pouco era exigido do bolsista em seu retorno, o que constituía, em sua opinião, a grande falha do Programa:

*“A grande falha era não haver muita cobrança sobre o aluno. O Aluno depois que chegava não precisava prestar contas de muita coisa, não precisava desempenhar nenhum trabalho voluntário”*.

Além disso, Carlos considera que a falta de um acompanhamento mais rigoroso do estudante durante o período de intercâmbio representou outro grande erro na execução do Programa:

*“[...] quem quisesse simplesmente só curtir poderia, era um ano sabático, com tudo pago. Isso quando você tem um público entre... Sei lá, vamos dizer vinte a vinte e três anos... Isso é bem perigoso. Quando eu já escutava as críticas ao CsF, era sempre sobre isso: ‘Ahh, bando de aluno vagabundo!’ Sendo que assim a ideia do Programa era muito massa, sendo que os alunos que não sabiam aproveitar”*.

Esse, certamente, não foi o caso de Carlos. Sua narrativa sobre a experiência que teve no intercâmbio mostra o quanto ele se dedicou as atividades de ensino e pesquisa no exterior, tendo, inclusive, sido convidado para voltar à universidade canadense em uma pós-graduação. Contudo, o CsF lhe trouxe mais segurança e, a essa altura, já havia decidido que seu caminho seria outro.

Ainda no Canadá, o concludente de Geologia teve a ideia de abrir uma empresa quando voltasse ao Brasil. De lá mesmo, começou a conversar com seu atual sócio, um amigo que entrou na faculdade junto com ele. Sobre a contribuição do Programa Ciência sem Fronteiras em sua trajetória, ele arremata:

*“Completamente um divisor de águas, foi quem me formou profissionalmente. Foi quem tirou as dúvidas que eu tinha, acrescentou outras, mas de outro caminho. Foi quem me tirou da trilha do acadêmico e me colocou no mercado profissional. Foi graças ao CsF que minha vida profissional aconteceu como ela é hoje. Provavelmente, se eu não tivesse ido para o CsF, eu teria feito, mesmo desgostoso, um mestrado e aí depois, talvez, um doutorado. Hoje, realmente, eu vejo que foi o CsF que moldou a minha vida profissional. Como eu avalio isso? Sei lá... Foi um divisor de águas! Foi 90% das decisões que eu tomei foram formadas a partir da vivência que eu tive lá... Vivência de mundo, de pessoas, de network, de saber o que é que eu quero depois de formado e, principalmente, o que eu não quero”.*

Carlos acredita que o Ciência sem Fronteiras revolucionou toda uma geração de graduação que teve contato com universidades fora:

*“Hoje é comum você ver pessoas da minha faixa etária que tiveram formação também fora. Antes do CsF eram pouquíssimos os casos de algum aluno que conseguia fazer uma faculdade fora. Então, com certeza, isso é graças ao CsF. E eram muitas pessoas simples, pessoas que você via que, se não tivesse uma oportunidade de ir pra fora, puxadas pelo Governo, não teriam a vivência de tentar um mestrado fora e conseguir alguma coisa fora”.*

Por isso, o empresário lamenta: *“foi um projeto que infelizmente foi finalizado”*. Contudo, considerando as falhas já mencionadas e o custo da política, opina:

*“Então, eu acho que o Programa precisava ser reformulado, eu acho que fechar não. Da forma como ele era, eu acho que era insustentável a longo prazo, porque era um Programa muito caro. Mas eu acho que ele foi tão caro pela forma como ele foi feito, acho que tinham maneiras de ele ter sido mais barato e ter um retorno maior para o Brasil”.*

## **5.6 A trajetória de Dário: Oportunidade gera oportunidade, de Quixeramobim a Oxford**

Contar a história de Dário, a partir de suas narrativas, é fazer uma conexão entre a formação propiciada pelo Programa Ciência sem Fronteiras, objeto de estudo nesta dissertação, e o acontecimento que tem condicionado a forma de viver da humanidade em 2020: o combate global à pandemia provocada pelo novo coronavírus.

Essa relação revela outra faceta do Programa: como a política de

internacionalização da educação superior brasileira, que também foi promovida pelo CsF, é importante para colocar a ciência nacional e os nossos cientistas na rota das principais pesquisas desenvolvidas no mundo, em termos de relevância e atualidade.

O primeiro passo da trajetória que levou o jovem cientista brasileiro à Oxford foi ter se tornado aluno do curso de Farmácia da Universidade Federal do Ceará em 2009. De lá para cá, Dário passou uma temporada em São Paulo, onde fez mestrado em Alergia e Imunopatologia na Faculdade de Medicina da USP. Mas, o pesquisador considera que a sua participação no Programa Ciência sem Fronteiras, quando passou 16 meses estudando nos Estados Unidos ainda na graduação, foi o fator condicionante para ter alcançado as conquistas que acumula hoje.

Em 2017, Dário foi aceito para cursar doutorado na Universidade de Oxford. O cearense foi o único latino-americano a ganhar a bolsa mais prestigiada da renomada instituição. Atualmente, em seu doutorado, Dário trabalha com epidemiologia genômica, realizando estudos de sequenciamento de vírus (mapeamento de genoma), diante de surtos epidêmicos.

O jovem pesquisador, que conta apenas com 28 anos de idade, integra a grande equipe de cientistas, composta por brasileiros e estrangeiros, que conseguiu sequenciar o genoma do coronavírus que chegou ao Brasil, apenas 48 horas depois da confirmação do primeiro caso brasileiro de infecção, em fevereiro de 2020. Com o sequenciamento, foi possível identificar linhagens do vírus e investigar como o vírus foi introduzido e se espalhou pelo Brasil, fazendo uma reconstrução no tempo e no espaço da epidemia. Tal estudo tem o condão de orientar a adoção de políticas para conter e combater a doença no Brasil.

Como fruto da pesquisa, Dário teve um artigo científico, em que figura como primeiro autor, publicado na revista americana *Science*, uma das mais prestigiadas revistas científicas do mundo. A partir do reconhecimento de seu trabalho, ele ganhou destaque não somente na comunidade acadêmica e científica, mas também no noticiário nacional. Vários veículos de comunicação entrevistaram Dário, buscando conhecer mais da história do cientista que saiu do interior do Ceará para desbravar o mundo e conquistar um espaço de destaque na ciência em nível global.

A repercussão dos feitos do cientista quixeramobinense na mídia também despertou minha atenção, especialmente, porque Dário destacava, em várias entrevistas, que tinha sido bolsista do CsF. Determinada a conhecer sua visão sobre o Programa, tentei entrar em contato com o pesquisador que mora na Inglaterra. A agilidade das redes sociais facilitou a aproximação e consegui convidá-lo para uma entrevista. Sempre muito atencioso, Dário aceitou colaborar sem objeções, restava apenas encontrar uma data livre em sua agenda de compromissos.

Algumas trocas de mensagens e tudo se resolveu graças a solicitude do pesquisador.

A seguir, um pouco da trajetória de formação de Dário e suas conexões com o Programa Ciência sem Fronteiras.

### **5.6.1 A infância simples no sertão central cearense**

A primeira referência de Dário à infância é sobre o lugar onde nasceu. Em uma clara manifestação de orgulho, sua declaração inicial é: *“Eu sou de Quixeramobim, sou do interior do Ceará”*. Assim, ele começa a lembrar sua época de criança, quando, até a terceira série, estudava na escolinha que pertencia a sua tia:

*“Eu tive muita sorte com relação a minha educação, porque, apesar de vim de família, relativamente, pobre, a minha tia tinha uma escolinha. Então, a minha educação, desde a educação de base, foi particular.. Digo educação de escola. Então, eu tive educação particular na escolinha da minha tia até a terceira série [...]”*.

Seus estudos continuaram em um colégio particular de Quixeramobim, graças ao apoio indireto de um tio. Ele conta: *“E aí, entra uma questão interessante, que eu só estudava lá porque o meu tio já tinha três filhos estudando no colégio, então eu recebia desconto na mensalidade”*. O reconhecimento e a gratidão pelo apoio que recebeu de familiares e professores durante sua trajetória são marcas constantes em sua fala.

Dário sempre foi um aluno esforçado. Seu projeto, ao concluir o Ensino Médio, era continuar sua formação na cidade vizinha, Quixadá. Lá faria o curso de Farmácia na Faculdade Católica. Contudo, aos 15 anos, quando estava no segundo ano do Ensino Médio, Dário perde o pai e precisa construir novos planos para avançar em seus estudos:

*“Quando o meu pai faleceu, a nossa condição, que já não era muito boa, ficou ainda pior. Então, a minha mãe não tinha condições de pagar uma faculdade particular pra mim e aí os meus objetivos tiveram que mudar também”*.

Nesse contexto de dificuldade financeira, a única possibilidade que restava para Dário era tentar o ingresso na universidade pública. Contudo, o adolescente considerava difícil conseguir aprovação no concorrido vestibular da Universidade Federal do Ceará.

*“E aí, eu tive que me esforçar mais ainda pra tentar passar na Federal, o que, pra mim, era uma realidade muito distante. Pra quem mora... Não sei de onde você é, mas, pra quem mora no interior, acho que a gente vê muito a Capital como... ‘Ah, os colégios da Capital são muito bons, são muito melhores que a educação do interior e tudo mais’. Então, pra mim, já era um salto muito grande, que eu nem acreditava que eu fosse conseguir”*.

Apesar da insegurança, ele consegue passar para o curso de Farmácia da UFC e destaca: “*e é aí onde eu começo a minha jornada no ensino público!*”. E que jornada!

### ***5.6.2 Universidade Federal do Ceará: o ingresso para o mundo acadêmico***

Em 2009, aos 17 anos de idade, Dário inicia sua formação universitária na UFC. Ele destaca que, no curso de Farmácia, os estudantes são incentivados desde cedo a desenvolver pesquisa:

*“Na faculdade de Farmácia na UFC, é algo bem forte. Então, os professores sempre estão incentivando a gente a fazer pesquisa, a fazer atividades extracurriculares. Então, isso foi algo muito positivo na minha educação. Eu entro na parte de pesquisa, mesmo sem bolsa, no meu segundo semestre já da faculdade”.*

No terceiro semestre de faculdade, Dário já desenvolvia atividades de monitoria. Durante três anos, ele foi monitor das disciplinas de Físico-química, Farmacotécnica e Imunologia Aplicada. Nesse período, também foi bolsista de iniciação científica. Ele alternava entre a bolsa de iniciação científica e a bolsa de monitoria e esclarece: “*Ou eu era voluntário em uma, ou eu era voluntário na outras, porque você não pode ter duas bolsas, claro*”.

Então, antes mesmo do Ciência sem Fronteiras, Dário já tinha se vinculado a pesquisa e nutria o desejo, ainda que retomo, de realizar um intercâmbio. Contudo, o jovem não tinha como custear uma experiência dessa natureza e estudar fora, durante a graduação, parecia um sonho distante:

*“Olha, tinha sim um desejo [de participar de intercâmbio ainda na graduação], porque acho que o desejo de ir pra fora, de conhecer o mundo lá fora do Brasil já existia de certa forma. Mas nunca foi pra mim... Eu nunca enxerguei como uma realidade tangível, como algo que eu realmente pudesse chegar a fazer, porque existem as limitações econômicas, existem várias barreiras pra gente conseguir fazer isso, mas as limitações econômicas eram as principais barreiras. Então, existia sim um desejo, mas era um desejo muito reprimido de ‘Ah, seria bom um dia sair e tal, talvez no mestrado, no doutorado’. Mas nunca pensei de fazer isso na graduação”.*

Assim, o jovem aluno da UFC foi construindo sua trajetória universitária entre os estudos no curso de Farmácia, atividades de pesquisa e monitoria. Contudo, em 2011, o Governo Federal anuncia o lançamento do Programa Ciência sem Fronteiras, alterando mais uma vez a trajetória de Dário.

### 5.6.3 Ciência sem Fronteiras: o ponto de virada

Dário foi surpreendido com a oportunidade de realizar um intercâmbio custeado pelo Governo Federal, quando estava no terceiro ano de faculdade. Ao saber da novidade, o estudante não perdeu tempo:

*“Eu lembro demais ainda, porque foi algo que marcou muito a minha vida. Saiu o anúncio [do Programa Ciência sem Fronteiras] e eu já corri na coordenação do meu curso. Ninguém nem sabia o que é que era. Aí, eu fui na Pró-Reitoria, também ninguém sabia me informar nada, que era muito novo, que eles não tinham tido informação ainda do Governo. E aí, eu lembro que, na época, a gente tinha os grupos de Facebook e eu não sei se ainda tinha de Orkut, mas eu acho que era mais grupo de Facebook. E aí, nos grupos de Facebook, já tinha pessoas discutindo o Programa em si”.*

A atitude do estudante de procurar a Universidade logo que soube da existência do Programa do Governo Federal é representativa de sua postura sempre atenta às oportunidades de aperfeiçoar sua formação. Nesse sentido, Dário afirma:

*“Então, pra mim, eu sempre encarei muito como uma oportunidade. Então, é aquele tipo de coisa: se eu passar, eu vou e vou vê no que dá; se eu não passar, tudo bem, a vida continua, é vida que segue, não vou perder nada com isso. Então, foi sempre... Eu acho que, na minha vida, as coisas foram sempre assim, eu não tenho nada a perder”.*

Com esse pensamento de aproveitar as chances que surgiam, Dário começou a se preparar para concorrer a vaga no Programa CsF. Seu primeiro passo foi o TOEFL, teste de proficiência em língua inglesa. O estudante frisa que desconhecia completamente o exame até aquele momento e relembra:

*“E aí, quando eu decidi realmente que eu ia me inscrever, eu me registrei pra fazer o TOEFL. O que foi muito interessante, porque eu nunca nem tinha ouvido falar do teste antes. Então, existem todas essas barreiras que você tem que passar. Eu não me preparei, eu não sabia como era a prova, enfim eu cheguei lá cru. Eu fui a última pessoa a sair da sala e eu imaginei assim: ‘Pronto, eu mandei muito mal! Deu tudo errado! Eu não vou passar!’ Aí, dez dias depois, eu recebi o resultado. Eu tinha conseguido uma nota acima do que eu precisava pra ir”.*

Mesmo com a aprovação no teste de proficiência, Dário decide que não é o momento para se submeter à seleção para o CsF. O motivo era simples, mas determinante: o estudante não tinha dinheiro para pagar o passaporte e o visto. A falta de recursos financeiros fez Dário dar um passo atrás e desistir de participar do primeiro edital do Programa. Mas, na

chamada seguinte, o jovem consegue concluir o processo de habilitação para o CsF e alcança a sonhada bolsa de estudos.

*“A gente esperou muito tempo pelo resultado. Eu lembro que foi muito tempo, foi assim uns três, quatro meses para o resultado sair. E era tudo muito confuso, porque era um sistema muito novo. Então, tinha uma agência americana, o IIE (Institute of International Education), que cuidava das nossas ‘application’ dos Estados Unidos. E eu lembro muito da gente conversando no Facebook... Eu tinha amigos na UFC também de outros cursos que tavam se inscrevendo. E gente ligando pra lá pra saber... ‘Ó, o resultado não saiu ainda e tal’. E, assim, já tinha passado da data de sair o resultado, eu já tava super frustrado. E aí, um dia eu lembro que era tarde da noite... E aí, eu já tava assim super frustrado e eu falei assim: ‘Ah, vou olhar o meu e-mail só pra vê se tem alguma coisa lá’. E aí, eu olhei e tava lá... E foi assim a maior alegria da minha vida [...]”*

E assim, com financiamento público para estudar nos Estados Unidos, Dário conquistava sua primeira experiência fora do Brasil. Ele, que, até aquele momento, só tinha viajado de avião uma vez para ir a São Paulo e outra para Recife, relembra com empolgação:

*“Então, a minha terceira viagem já foi uma viagem de doze horas pra Dallas, pra pegar outro avião, falando em inglês e tudo mais... Então, é incrível, porque é uma jornada. Você olha pra trás e fala: ‘Nossa, eu fiz isso tudo!’”*

#### **5.6.4 Califórnia: “eu vou além desse sonho”<sup>22</sup>**

Dário foi aceito para a Universidade de Wisconsin, em Madison, onde passou dez meses cursando Farmácia. Como parte do Programa, depois desse período de estudo, o bolsista do CsF tinha que fazer pelo menos dois meses de atividade prática, pesquisa ou estágio. Então, Dário conseguiu um período de estágio em pesquisa na Universidade da Califórnia, em San Francisco.

Inicialmente, ele ficaria na Universidade da Califórnia apenas os dois meses que eram previstos pelo Programa. Contudo, no final do seu primeiro mês lá, o estudante recebeu uma oferta da universidade americana para estender seu estágio por mais quatro meses. Em razão do convite, Dário conseguiu uma extensão de bolsa da CAPES e permaneceu por seis meses realizando pesquisa em San Francisco.

Esse desempenho de destaque que Dário teve durante o intercâmbio, que resultou

---

<sup>22</sup> O título da seção faz referência à letra da música “De repente, Califórnia”, composta por Lulu Santos.

no prolongamento do tempo que passou no exterior, era o oposto do que o jovem imaginava que podia acontecer na experiência. Quando chegou aos Estados Unidos, o estudante ainda se sentia muito retraído, já que saiu do Brasil acreditando que os americanos eram, academicamente, muito superiores. E confessa: *“O meu grande medo era chegar lá e descobrir que eu não ia ser tão bom, que eu não ia conseguir ter um bom desempenho”*.

Contudo, a vivência logo desconstruiu essa previsão. O estudante brasileiro percebeu que o seu desempenho e o de outros compatriotas que também estudavam lá era *“tão bom quanto, ou melhor, que o dos americanos”*. Para Dário, o intercâmbio permitiu essa mudança de perspectiva. Ele percebeu que o brasileiro tem uma *“capacidade incrível”*, concluindo: *“E eu acho que só falta oportunidade, só falta investimento”*.

Além disso, o maior ganho, em termos acadêmicos, que Dário destaca do intercâmbio foi poder experienciar um novo sistema de ensino. Ele considera que o Brasil ainda tem um modelo muito hierarquizado:

*“[...] o sistema de ensino brasileiro, que eu acho que ainda é meio até patriarcal... Você tá sentado, com o professor lá na frente, e ele que te diz o que você tem que fazer o tempo todo”*.

Além disso, enfatiza que aqui os estudantes tem uma carga horária dentro de sala de aula muito extensa:

*“Então, na UFC, eu tive uma educação que é uma educação de sala de aula. Eu chegava na sala de aula as sete e meia, oito horas. Farmácia é um curso integral. Então, muitas vezes, eu saía cinco, seis da tarde, quando eu não tinha aula extra a noite. Mas aí que tempo que fica pra você fazer outras coisas? Pra você ter um estágio, pra você descobrir coisas por você mesmo, pra você desenvolver com uma melhor qualidade os trabalhos que são passados pra casa, os projetos?”*

Portanto, o sistema de ensino americano chamou a atenção de Dário, principalmente, por três aspectos: conferir uma maior autonomia ao estudante, permitir mais tempo de estudo fora da sala de aula e promover mais discussões entre docentes e discentes.

*“Então, a educação americana, assim como a educação aqui na Inglaterra [onde mora atualmente], ela é muito voltada pra uma educação quase autodidata. Você vai pra aula pra discutir aquilo que é mais importante, mas você fica uma hora ali. Você tem, no máximo, vinte horas de aula por semana, e isso ainda é muito. E o restante é muito trabalho pra casa, é projeto pra você fazer, é projeto sozinho, é projeto em equipe. Então, eles te dão uma autonomia muito grande pra você desenvolver a sua independência. Eu não vejo muito isso no Brasil. E eu acho que o segundo ponto da educação de lá que eu achei incrível foi um conceito que eu*

*não tive muito na minha graduação, que é o conceito de discussões. Aqui [na Inglaterra] o professor já manda o material antes, você tem que ler o material antes e você vai pra aula só pra discutir o material. Então, não é uma aula expositiva, o professor não vai te ensinar ou apresentar nada diretamente. Vocês vão discutir aquilo em grupo e o conhecimento é construído em grupo a partir do que cada um foi observando. Então, eu achei isso extremamente interessante e eu não tinha visto isso ainda na época.”.*

Sobre a estratégia que adotou para selecionar as disciplinas que cursou no exterior, ele conta que não tinha preocupação em fazer disciplinas fora para não precisar fazê-las no Brasil, como era comum entre os intercambistas. Assim, seu maior objetivo era buscar aquilo que não teria acesso no Brasil: [...] *no fim das contas, pra mim, o mais valioso era aprender coisas que eu não ia aprender normalmente.*

Dário conseguiu aproveitar algumas disciplinas que fez nos Estados Unidos como disciplinas extracurriculares. Ainda assim, depois que voltasse ao Brasil, teria mais um ano e meio de faculdade antes de se formar. Essa previsão não agradava o estudante: *“E aí, eu ia fazer Farmácia, ao invés de cinco anos, em seis ano e meio. Eu falei: ‘Ah, não dá, não dá!’.”* Para não atrasar mais a conclusão de sua graduação, em função do período que passou estudando fora, Dário contou com o apoio dos professores do curso na UFC:

*“Eu tive muita sorte dos meus professores serem muito legais comigo e eu consegui fazer várias disciplinas no mesmo semestre, pra poder terminar dentro de seis anos. Então, eu tive esse grande apoio, mas que era necessário pra que eu conseguisse terminar e passar pra uma nova fase da minha carreira”.*

Além da esfera acadêmica, Dário ressalta o aprendizado pessoal durante o período que passou intercâmbio, especialmente por permitir ao jovem interagir com pessoas de várias culturas, inclusive com brasileiros de outras regiões do País:

*“Eu acho que se eu não tivesse aprendido nada da parte acadêmica, só a experiência de morar em um outro país, conviver com outras pessoas de outras culturas... Não só os americanos, mas do mundo todo, e também de outras culturas do próprio Brasil. Porque, das doze pessoas que foram comigo, eu acho que nenhuma delas era do mesmo Estado que a outra. Eram doze Estados diferentes, e você tem aí uma gama de culturas diferentes, sotaques diferentes dentro no nosso País. E eu acho que eu cresci muito como pessoa. Você sai de casa assim... Na época, eu tinha vinte anos. E enfrentar um mundo completamente diferente, descobrir coisas novas, culturas novas... Então, realmente, a experiência pessoal, só a experiência pessoal por ela mesma já teria valido muito”.*

Interessante observar que mesmo tendo conquistado um significativo

aproveitamento acadêmico da experiência proporcionada pelo Ciência sem Fronteiras, Dário reconhece igualmente a contribuição que o Programa teve para sua construção enquanto sujeito. Demonstrando, com isso, que compreende que a formação vai muito além de aspectos técnicos, científicos ou profissionais. Recorro mais uma vez a própria fala de Dário para expressar o que o Programa Ciência sem Fronteiras representou dentro da trajetória de formação do atual cientista de Oxford:

*“Se eu tivesse que apontar um momento na minha vida que definiu o restante da minha vida profissional e pessoal é o Ciência sem Fronteiras. Então, é o bendito dia em que eu li aquela notícia que o CsF ia acontecer. Eu acho que uma forma bem simples de explicar é: se o CsF não tivesse acontecido, eu acho muito pouco provável de eu estar aqui hoje”.*

A experiência foi de tal forma transformadora que mudou a maneira como Dário enxergava o mundo e como enxergava a si nesse espaço global:

*“Não é uma questão só acadêmica, é uma questão pessoal, é a mudança de mentalidade do indivíduo... E eu vejo que isso foi claro pra mim. Depois do CsF, eu comecei a enxergar o mundo de outra forma, o mundo pra mim já não era mais só o Ceará, não era mais só Quixeramobim ou Fortaleza. O mundo, pra mim, era Europa, era os Estados Unidos, eram todas as possibilidades que eu podia ter. Então, eu acho que a minha carreira inteira não teria sido escrita dessa forma se o CsF não tivesse acontecido ali naquele momento”.*

### **5.6.5 Reflexões sobre o fim do Programa Ciência sem Fronteiras**

Assim como os demais beneficiários do CsF que entrevistei, Dário também aborda pontos do Programa que precisariam ser reformulados, dentre os quais ele destaca a falta de planejamento pra receber os brasileiros que retornavam do exterior.

Dário recorda que, quando regressou à UFC para concluir sua graduação, estudava e aplicava o conhecimento de uma forma diferente, graças às técnicas que aprendeu nos Estados Unidos. Apesar desse aproveitamento pessoal, ele sentia falta de atividades integrativas, na UFC, para os alunos que haviam sido contemplados com bolsa do CsF.

O estudante ainda procurou a coordenação de seu curso e fez algumas palestras sobre o Programa, mas considera que a experiência dos intercambistas poderia ter contribuído mais na Universidade:

*“Eu acho que a gente podia ter sido muito melhor aproveitado do que o que a gente foi. Você vai, você investe nesses alunos, eles estão expostos a várias coisas diferentes, a culturas diferentes, a ensinamentos diferentes, a técnicas diferentes e eles voltam e você não faz nada”.*

*com eles naquele momento”.*

Em sua opinião, a questão principal foi exatamente a ausência de ações na Universidade destinadas a aproveitar os frutos do Programa no momento em que o bolsista regressava para instituição de origem.

*“É claro, querendo ou não você colhe frutos diretamente do Programa pelas ações que aqueles alunos vão ter no futuro. Então, eu tô fora, tem várias pessoas que estão aqui em Oxford que fizeram o CsF também e a mudança que você vai vendo na sociedade. Mas aquela mudança imediata que poderia ter sido feita de... Sei lá, de sentar os alunos que foram do CsF... Isso que você tá fazendo agora, né? ‘Ah, o que é que você não gostou? O que é que a gente pode integrar aqui na Universidade?’ Eu acho que isso poderia e deveria ter sido feito no momento em que a gente volta, porque é aí que a mudança pode acontecer”.*

Contudo, Dário considera que essa foi uma falha geral e não restrita à UFC. Para exemplificar, ele menciona um fato ocorrido com uma bolsista do CsF:

*“Uma das minhas amigas de Madison que voltou para o Paraná chegou com o material que ela tinha trazido dos Estados Unidos e trouxe pra coordenação e a coordenação falou pra ela: ‘Olha, ótimo você aproveitou, foi super bom, mas você fica de boquinha calada, porque não é para os alunos pensarem que a nossa educação não é boa’. Então, ao invés de ver como uma oportunidade de crescer, de certa forma, foi visto como ameaça”.*

O incidente indica o despreparo da universidade para lidar com as mudanças que os estudantes (transformados pela experiência do intercâmbio) trariam para instituição de origem. Como bem pontua Dário, o que poderia ser tratado como oportunidade de troca e aperfeiçoamento, foi visto apenas como crítica ao que era praticado aqui, gerando um contexto de ameaça.

Por outro lado, sobre as acusações de ineficiência que o Programa sofreu daqueles que argumentavam que os bolsistas só tinham a intenção de fazer turismo, o pesquisador pondera:

*“Então, eu entendo a parte das críticas, mas eu acho que, quando você faz um Programa dessa dimensão, sempre vão ter as pessoas que não vão aproveitar a oportunidade da mesma forma. E isso pra mim não diminui a importância e o papel do Programa dentro da sociedade”.*

Dário defende ainda que permitir ao público da graduação a chance de estudar no exterior confere ao estudante uma maturidade precoce que lhe possibilita enxergar melhor suas possibilidades futuras:

*“Então, quanto antes você tem esse entendimento e essa experiência mais cedo você*

*consegue dar passos maiores também. Acho que até o Programa ficou muito manchado pelas notícias ruins, mas a gente precisa também ressaltar o lado que foi positivo e que teve muito ganho”.*

Ao comentar o fim do Programa Ciência sem Fronteiras, Dário é enfático em afirmar: *“Eu acho que é uma perda muito grande pra ciência brasileira... Pra ciência, pra tecnologia, pra educação, para o desenvolvimento do País”.*

Segundo o pesquisador, o CsF mostrava para o mundo o que o Brasil tinha de melhor para oferecer em termos de Educação: *“A gente tava mostrando para o mundo quem são as pessoas que estão nesse País, quem são os nossos profissionais no futuro”.*

Falando em expectativas mais promissoras para o futuro brasileiro, em que seja possível *“restituir esse respeito pela educação, pela ciência, pelos indivíduos que a gente tem no nosso País”*, Dário defende que, mesmo em proporções menores, seria importante ter outro programa como o CsF:

*“Eu acho que, se a gente pudesse ter um CsF atuando novamente, talvez não na mesma magnitude, mas proporcionando aos jovens brasileiros a experiência de ter um tempo fora do Brasil, isso é riquíssimo e eu acho que é um investimento que vale super a pena”.*

O centro da discussão é não fechar portas. Negar aos jovens universitários brasileiros oportunidades de investimento público em experiências de formação de qualidade, a exemplo do intercâmbio, é um retrocesso. Para Dário, a simples existência da oportunidade já é capaz de impactar positivamente a vida de um estudante:

*“Não é só quando você recebe [a bolsa] que a sua vida muda. Eu acho que, pra mim, a minha vida começou a mudar a partir do momento que eu tive a possibilidade de... Só a chance de poder estudar fora já mudou a minha cabeça! Porque eu já comecei a procurar mais sobre como ia, eu já comecei a ver faculdades de Farmácia que tinham o mais alto nível nos Estados Unidos, eu já via outras formas de ir também, entendeu? Então, se não desse certo o CsF, eu já ia tentar outras coisas. Então, eu acho que o CsF, pra mim, ele teve muito mais... Não só um papel ativo, direto, mas teve um papel indireto de me incentivar e de me apresentar uma realidade, uma oportunidade que, até então, eu nem sabia que existia”.*

O Programa Ciência sem Fronteiras contemplou mais de 101 mil estudantes de todo o Brasil com bolsa de estudos no exterior. E, ao conhecer mais dessa política, recorrendo a perspectivas dos próprios beneficiários, por meio do questionário e das entrevistas realizadas neste trabalho, foi possível tomar consciência de como a experiência impactou suas trajetórias. Levando, inclusive, alguns desses jovens a posições que jamais tinham imaginado alcançar, como aconteceu com Dário.

## 6 UMA AVALIAÇÃO ENTRE EXPERIÊNCIAS, FORMAÇÃO E O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Conforme visto, a participação no Programa CsF, durante a graduação, modificou a vida dos bolsistas em várias perspectivas. Aproximando-se dos beneficiários da política, especialmente a partir das narrativas dos entrevistados, percebe-se mais facilmente que essa grande vivência é composta por várias experiências, que precisam ser destacadas para que seja possível compreender o quanto foram formativas dos sujeitos e qual a avaliação que eles fazem do Programa CsF.

As barreiras experienciadas pelos estudantes logo no processo seletivo para o Programa foram destacadas como acontecimentos marcantes nessa trajetória. Tendo em vista o ineditismo da política, os alunos (principalmente aqueles que participaram dos primeiros editais) tinham dificuldade para conseguir informações junto às instituições responsáveis por colocar o Programa em execução (Universidade, CAPES E CNPq), uma vez que ainda não estava muito claro como o CsF funcionaria e quais eram os critérios de seleção. Além disso, a grande quantidade de alunos que o Programa CsF movimentava aumentou o grau de dificuldade para colocar a política em prática. Os beneficiários lembram desse período como caracterizado por muita demora, expectativa, insegurança e tensão.

A situação poderia ter gerado um ambiente de competição entre os candidatos, mas deu lugar para a troca e solidariedade entre os estudantes. A fim de enfrentar os desafios de uma oportunidade completamente nova, os alunos construíram redes de apoio, formando grupos nas redes sociais para compartilhar informações e experiências. E, à medida que os primeiros bolsistas partiam para o exterior, tornavam-se referência para os demais que também queria participar do CsF, prestando auxílio, por exemplo, na escolha do país e da instituição de destino. Dessa forma, apoiando uns aos outros, os estudantes buscavam superar a falta de suporte institucional no processo seletivo.

A experiência de participar da seleção apresentava empecilhos ainda maiores para estudantes oriundos de famílias de baixa renda, já que os altos custos para realizar o exame de proficiência em língua estrangeira, tirar passaporte e visto não eram cobertos pelo Programa CsF. Além disso, alguns estudantes tinham gastos a mais para cumprir esses requisitos, porque, muitas vezes, precisavam viajar para outros Estados a fim de obter o visto para o país de destino ou para realizar o teste de proficiência, quando não havia mais disponibilidade para realizá-lo em Fortaleza, já que a demanda, em função do CsF, era muito alta.

Das seis pessoas entrevistadas, cinco precisaram viajar para outros Estados para

tirar visto e/ou fazer o teste de proficiência, e três expressaram dificuldades financeiras para tentar a seleção do Programa. Dário teve que desistir de participar do primeiro edital, porque não tinha recursos financeiros para arcar com o passaporte e o visto, que incluía gastos com viagem para Recife. Wagner teve que usar o crédito de cheque especial, disponível na conta universitária que possuía por ser bolsista da UFC, para fazer frente aos custos em questão. Na época, o estudante também teve que viajar a Recife para tirar o visto e a Natal para realizar a prova de proficiência. Ricardo só pôde pagar o teste de proficiência, porque seus amigos lhe emprestaram o dinheiro necessário.

Depois de selecionados para o CsF, muitos estudantes de baixa renda usavam o dinheiro do auxílio instalação e do auxílio material didático, que serviriam para viabilizar a acomodação e os estudos no exterior, para quitar os custos da seleção que não eram contemplados pelo Programa. Foi o que aconteceu com Wagner, que, em suas palavras, já começou o Programa devendo:

[...] Por exemplo, eu usei dinheiro do material didático para... Lembra que eu falei que fiz uma dívida pra pagar o Toefl e ir pra Natal? Como eu ia para o Canadá, o meu voo passava pelos Estados Unidos. Então, eu tive que tirar o visto americano... Eu tive que ir pra Recife também. E eu não tinha dinheiro pra ir pra Recife, então foi tudo com cartão de crédito e cheque especial também. E o visto canadense era caro também, você tinha que fazer exame... E todo o processo de visto o Programa não cobria. Aí, toda essa parte inicial que foi Toefl, visto, visto americano, viagens a Natal e Recife eu tirei do auxílio instalação e do auxílio material didático, que eu recebi inicialmente. Então, assim o dinheiro seria suficiente, considerando que a pessoa teve dinheiro pra fazer as outras coisas anteriores... Mas, pra quem era pobre e não tinha, você ia acabar tirando do auxílio instalação quando você recebesse.

O comprometimento dos referidos auxílios com o pagamento dos gastos na seleção do CsF gerou um impacto no orçamento que Wagner dispunha para se manter no início do intercâmbio:

[...] os meus primeiros meses foram completamente de restrição, porque eu já tinha essa dívida e eu tava meio que pagando a dívida que eu fiz pra poder passar no Programa. Só depois que eu consegui quitar tudo isso, que eu comecei a... Que o dinheiro era suficiente.

Além disso, em alguns casos, houve ainda atraso no repasse dos auxílios que o bolsista recebia antes de embarcar para o intercâmbio. Foi o que aconteceu com Luna, que chegou a pesquisar como seria para fazer um empréstimo bancário, já que, faltando um mês para a viagem, ainda não tinha recebido os recursos do Programa e precisava de dinheiro para dar de caução na reserva do local onde ficaria na Holanda.

Em razão desses custos iniciais não assistidos pelo CsF, Bianca considerou o processo de seleção para o Programa excludente. Ricardo também reforçou essa opinião,

afirmando que “*essa barreira inicial derrubou muita gente*”.

Em termos de planejamento acadêmico, em grande parte, os bolsistas partiram para realizar o intercâmbio sem um plano de estudos definido, reforçando as informações obtidas a partir dos questionários. Essa situação se repetiu entre os bolsistas entrevistados, que não evidenciaram um roteiro muito estruturado em relação às atividades que realizariam no exterior.

Considerando que o público da graduação era muito jovem, composto por estudantes que tinham em média 21 anos de idade, o Programa Ciência sem Fronteiras representou, utilizando as palavras de Luna, uma espécie de marco para entrada na vida adulta. Nesse sentido, vários bolsistas ressaltaram que foi a primeira experiência de morar fora da casa dos pais e, para a maioria, foi também a primeira experiência em país estrangeiro.

A execução do CsF exigiu dos bolsistas coragem para enfrentar uma realidade desconhecida e um grande esforço de adaptação de ordem: pessoal, já que tinham que si cuidar sozinhos em um país estrangeiro; acadêmica, por estarem submetidos a outras abordagens/sistemas de ensino; e cultural, por viver em um espaço físico e social completamente novo. Os bolsistas destacam o apoio que receberam da universidade de destino e da instituição contratada pelo Programa CsF para fazer a gestão dos alunos no país estrangeiro. Três bolsistas entrevistados mencionaram o apoio psicológico oferecido pela instituição estrangeira.

Além do suporte recebido da universidade no exterior, os bolsistas enfatizam que contar com a convivência de outros brasileiros, também beneficiários do CsF, foi fundamental para amenizar o impacto sentido no intercâmbio.

Avaliando a formação acadêmica, tem-se que alguns bolsistas, embora aprovados no teste de proficiência, tinham dificuldade com o idioma estrangeiro. Nesse caso, o Programa CsF proporcionava um curso de línguas que antecedia as aulas do intercâmbio. Wagner enfatiza a importância dessa ação do CsF em sua experiência no intercâmbio:

E, na verdade, eu acho que, na época, eu não tinha nem nível de inglês pra fazer a prova [de proficiência], porque eu só tinha feito um curso de inglês básico no Cefet. Mas eu queria muito fazer o intercâmbio e, dada a oportunidade, eu acho que eu passei uns dois meses estudando só pra prova pra poder tirar a nota necessária para o edital. [...] Eu fiz a prova, consegui a nota. Na época, a nota que pedia era 60, eu tirei 77. [...] Aí, chegando inicialmente no Canadá, como eu falei, o meu inglês... Eu não tinha um inglês bom, eu estudei só pra tirar uma nota boa na prova de proficiência... Então, eu tive muita dificuldade com o inglês inicial, só que a nota mínima pra entrar sem curso de inglês na minha universidade era 84 e eu acabei tirando 77. Aí, eu fiz 4 meses de curso de inglês, que foi assim sensacional! O curso da minha universidade era muito bom, era inglês acadêmico. Além de inglês mesmo, eles ensinavam a parte de escrita acadêmica mesmo, pra escrever artigos científicos, formas de fazer fichamento, de como você apresentar em um congresso. Era assim excelente, o curso foi sensacional mesmo, ajudou muito... É tanto que o meu inglês deu um salto de 1000x de quando eu cheguei até quando eu terminei o curso.

Considerando a formação acadêmica, os bolsistas tiveram contato no exterior com um sistema de ensino que, em vários aspectos, era diferente daquele praticado na UFC. No caso de Luna, por exemplo, a instituição estrangeira proporcionava uma formação muito mais técnica por se tratar de uma universidade de ciências aplicadas. Já Bianca, Dário e Wagner descaram que o tempo em sala de aula no intercâmbio era bem menor e tinham mais atividades para desenvolver sozinhos. Nesse sentido, Bianca pondera que:

O que eu achava era que a gente tinha menos tempo de aula, tinham dias na semana que eu não tinha nenhuma disciplina, mas a gente tinha que fazer muito trabalho em casa. Era bem mais independente do que aqui. Então, o tempo que eu teria em sala de aula na universidade daqui pra fazer um projeto, era uma coisa que eu tinha que fazer muito mais em casa. Mas eu senti um apoio muito grande da Universidade de lá.

Contudo, resgatando os ensinamentos de Bondía (2002), tem-se que a experiência marca as pessoas de uma forma muito particular. Assim, embora tenham manifestado uma percepção similar quanto ao sistema de ensino estrangeiro, os referidos bolsistas divergiram em relação à satisfação com a experiência. Bianca não se mostrou contente com o formato estrangeiro:

Mas eu admito que eu fiquei um pouco desapontada com a questão acadêmica da universidade. Eu acho que aqui no Brasil, pelo menos na UFC, a gente tá acostumado a ser muito mais cobrado e a gente tem muita coisa pra fazer. E lá as disciplinas tinham menos tempo, eram muito independentes.

Por outro lado, essa maior independência no ensino experienciado no intercâmbio foi destacada por Dário como um ponto positivo:

Você tem, no máximo, vinte horas de aula por semana, e isso ainda é muito. E o restante é muito trabalho pra casa, é projeto pra você fazer, é projeto sozinho, é projeto em equipe. Então, eles te dão uma autonomia muito grande pra você desenvolver a sua independência.

Wagner endossa tal entendimento, afirmando ter percebido que o papel do professor no processo de aprendizagem é mais de facilitador. Com isso, o bolsista passou a se colocar de maneira muito mais ativa em sua própria formação:

Eu aprendi essa questão de você estudar o conteúdo assim que a matéria é dada ou então estudar o conteúdo antes de ir pra aula. Vendo que a responsabilidade pelo seu aprendizado é mais sua que do professor. Você se coloca como ator principal. E você estuda antes e a aula ali você vai mais pra tirar dúvida. Então, eu acho que foi isso que o Canadá agregou, mudou a maneira como eu estudava e com que eu me comportava em sala de aula mesmo.

O bolsista destaca ainda que as disciplinas cursadas no exterior tinham uma abordagem mais práticas, e exemplifica:

[...] eu fiz a disciplina de qualidade de água, então eu tive que projetar toda uma estação de tratamento de água nos padrões americanos e canadenses das agências ambientais, já no nível prático, no nível já que se alguém quisesse implantar essa estação em alguma cidade praquela população vai funcionar. Não era assim... ‘Ah, vamos fazer a questão com dados hipotéticos’. Era muito mais real a aplicação dos problemas. Isso, assim, eu acho que, pra minha formação, foi sensacional!

Já é possível notar que as vivências no Programa CsF sofriam a influência dos diversos fatores que estavam postos em cada contexto e da forma como o bolsista conseguia lidar com isso. Ricardo, por exemplo, fez seu intercâmbio na Coreia do Sul, e contou sobre a restrição na oferta de disciplinas em função do idioma:

Agora, a experiência acadêmica eu acho que poderia ter sido melhor, por vários motivos. Primeiro motivo foi a questão da língua, como a gente foi pra Coreia do Sul e a gente tava apto a assistir aulas em inglês, nem todas as aulas do curso estavam disponíveis pra gente.

A gente não tinha tantos cursos a nossa disposição, então a gente tinha que escolher e muitas vezes eu pegava uma disciplina que era de outro curso, porque não tinha opções legais naquele curso. Eu cheguei a fazer duas disciplinas do curso de Literatura Inglesa, porque, enfim, eram ministradas em inglês. E aí, eu fiz uma disciplina de Literatura de Fantasia e uma disciplina de Literatura Medieval. Foi legal a experiência, foi bem bacana. E aí, eu e meus colegas não gostamos muito da metodologia de ensino da Coreia do Sul. É um ensino muito fechado, onde as pessoas não participam muito, nem um pouco freiriano. É bem mesmo mecânico mesmo. Alguns professores eram mais desenrolados que outros e tal. E, normalmente, os alunos coreanos não participam muito da aula.

Apesar das peculiaridades de cada vivência, a estrutura das universidades estrangeiras foi um elemento igualmente destacado pelos bolsistas como um grande diferencial da experiência de estudo no exterior. Sobre o aproveitamento dessa estrutura, Ricardo conta com animação:

Teve uma coisa muito legal que a gente fez uma disciplina de produção de filme, de vídeo, que a questão da estrutura da universidade era maravilhosa. Algo que a gente nunca imaginava ter na UFC... Computador pra todo mundo... E a gente teve que fazer uns curtas lá pra um trabalho dessa faculdade e tinha todo o equipamento lá pra gente e tal. Então essa experiência foi incrível assim. A gente fez dois curtas nessa disciplina e eu mostro pras pessoas com orgulho esses curtas, porque ficaram muito legal. A gente chamou uns atores lá iniciantes, foi muito massa. E, nessa disciplina, a gente fez amigos coreanos também, pessoas que a gente mantém bastante contato.

Sobre o retorno dos bolsistas para a universidade de origem, prevaleceu entre os beneficiários o entendimento de que pouco era exigido em retribuição ao investimento público feito na mobilidade acadêmica. Os próprios estudantes consideravam isso uma grande falha do Programa CsF. Conforme manifesta Carlos: “A grande falha era não haver muita cobrança sobre o aluno. O Aluno depois que chegava não precisava prestar contas de muita coisa, não precisava desempenhar nenhum trabalho ‘voluntário’”.

Outros bolsistas também expressaram opinião semelhante, consoante destacado nas

falas transcritas abaixo:

Mas assim não teve não muito acompanhamento não. Que é uma das críticas minhas ao Programa em si. Não só a UFC, mas ao Programa em si. Não existiu um acompanhamento, né? ‘Ah, como é que foi?’ Não teve muito isso. Eles falaram que talvez chamassem a gente pra algumas palestras e tal. Mas nunca teve isso, nunca teve esse acompanhamento. (Ricardo)

Mas uma coisa que os bolsistas conversavam entre si era que a gente voltava para o País e não tinha uma cobrança do CsF, no caso do CNPq e da CAPES, de aplicar o que a gente desenvolveu lá fora. Eu passei um ano fora e o CNPq me pediu basicamente só documentação, mas em nenhum momento foi pedido alguma coisa acadêmica em relação ao que eu fiz lá. Eu não falo nem no sentido de produzir um artigo, ou algo do tipo, mas de talvez uma aplicação à própria universidade. Talvez estender o período de bolsa com algum trabalho voltado pra UFC com foco no que foi aprendido lá fora... Alguma coisa do tipo. Não é como se a Universidade tivesse ignorado, mas é aquela coisa... Agora que você voltou, você só vai continuar aquilo que você já estava fazendo aqui. Tá aqui no seu histórico que você foi, mas tá aguardado dentro de uma gaveta. Sua experiência tá dentro da sua cabeça. Mas eu acho que, no retorno, o bolsista deveria ter que fazer alguma coisa, pelo menos nos primeiros seis meses, que aplicasse a experiência, que desse um retorno pra Universidade. E eu não vi isso acontecer. A gente investiu em você um ano lá fora e agora você vai dá um retorno pra gente. Eu não vi acontecer e eu senti falta de que acontecesse. Nem mesmo o curso promoveu uma forma de compartilhar nossa experiência com os outros estudantes. (Bianca)

Alguns, de forma espontânea e consciente, organizavam-se para compartilhar suas experiências no intercâmbio com a comunidade acadêmica, numa tentativa de incentivar outros estudantes a participar do Programa e de contribuir para aprimorar o que era praticado em seus cursos de origem. Esse foi o caso de Luna e Dário:

Na volta, eu tava muito empolgada pra falar. Eu tinha contato com amigos que também tinham ido para o CsF em outros países. Então, eu tava muito empolgada pra falar não só com eles, mas também pra falar com as pessoas que queriam ir. Eu me lembro que era uma preocupação muito grande pra mim... Voltar e falar: gente, tem esse negócio aqui, que vocês podem fazer! Como é que a gente vai fazer? Era uma preocupação muito grande pra mim, querer que outras pessoas passassem pela experiência. E, nesse sentido, a participação da coordenação foi muito importante e intensa também. Obviamente, para eles, interessava muito o que a gente viveu lá, então eu me lembro de ter tido várias reuniões, várias conversas com a coordenadora no tempo... A gente marcou muitas conversas com os outros alunos que também tinham ido e a gente conseguiu compartilhar isso. Cada um conseguiu falar da experiência com a cultura, como é que era lá [...]. (LUNA)

Mas o que eu senti muito é que o Programa pecou um pouco, pra mim, na falta de estrutura pra receber os brasileiros que vinham de lá. Eu acho que a gente podia ter sido muito melhor aproveitado do que o que a gente foi. Você vai, você investe nesses alunos, eles estão expostos a várias coisas diferentes, a culturas diferentes, a ensinamentos diferentes, a técnicas diferentes e eles voltam e você não faz nada com eles naquele momento. Então, eu procurei a coordenação do meu curso, eu dei algumas palestras sobre o CsF, mas não existia nenhuma atividade integrativa pra gente dentro da Universidade. E eu senti muita a falta disso. (DÁRIO)

Assim, como não existia uma contrapartida estabelecida pelo Programa ou pela UFC, o aproveitamento institucional da experiência desses bolsistas dependia da iniciativa dos próprios estudantes e do tratamento que a coordenação do curso dava a situação.

Até mesmo o aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior dependia do tratamento conferido pelos professores e coordenadores dos cursos na UFC. Alguns estudantes tiveram dificuldade para aproveitar as atividades acadêmicas realizadas no intercâmbio, apesar de, na assinatura do termo de adesão ao CsF, a Universidade declarar “o compromisso de reconhecimento dos créditos obtidos pelos estudantes nas instituições estrangeiras, com pleno aproveitamento dos estudos e do respectivo estágio, entendido tal reconhecimento como sendo parte das exigências e do currículo disciplinar de formação de seus estudantes nos respectivos cursos no Brasil”.

A respeito dessa situação, Wagner conta que teve que apresentar recurso perante o departamento do curso para conseguir êxito no aproveitamento das atividades realizadas durante o Programa CsF:

Assim, tem o meu caso e tem o caso geral. Em geral, a UFC foi muito desorganizada na nossa volta, na questão do aproveitamento de disciplinas, aproveitamento de estágio curricular obrigatório... A nossa matrícula, mesmo no período do CsF, ficou duas vezes como abandono. A gente teve que entrar em contato com a UFC, tiveram algumas falhas. E a Universidade, ao meu ver, foi a maior falha do Programa... Foi que a Universidade... A UFC se isentou do processo de aproveitamento de forma institucional e deixou a responsabilidade para as coordenações dos cursos e a nível de professor. O que tornou o processo ainda mais complicado. Porque assim, por exemplo, a diferença do crédito europeu, americano, canadense para o crédito brasileiro é muito grande, porque eles passam muito menos hora-aula na sala de aula. Mas isso não quer dizer que você não tem o mesmo esforço e que você não vê a mesma coisa, vê até mais. Só que oficialmente é difícil de você provar isso em número de crédito. E a UFC deixou isso para as coordenações resolverem. Dependia muito de quem era o coordenador na época que você voltava. Quando eu saí, eu não tive auxílio da UFC na escolha de disciplinas pra fazer esse aproveitamento. Já, na volta, eu pedi aproveitamento das componentes e vários professores recusaram aproveitamento. Não aceitavam porque não batia a carga horária... ‘Ah, porque a disciplina que você... Convertendo o crédito dá, sei lá... 58 horas e a disciplina aqui da UFC era 64 horas. Não pode, por lei é 75%’. E, acabavam usando a lei geral para um caso específico, que era uma exceção... E o Programa era institucionalizado. A gente foi e, pra gente ir, a UFC teve que homologar, teve todo um processo. Mas essa volta... Eu tive vários colegas que não aproveitaram nada do que fizeram em componentes curriculares. Aí, o meu caso específico, eu juntei toda a documentação que eu podia de projetos que eu fiz, de ementas de disciplinas, como era a carga horária em laboratório, e horas com o professor... E fiz tipo um dossiê, entrei com recurso no departamento responsável pelo meu curso. E, com esse recurso, provando... Tipo, eu entreguei praticamente toda a minha documentação física que eu tinha, que pudesse provar. Aí, eles aceitaram e eu consegui aproveitar tudo que eu fiz no Canadá, inclusive o estágio obrigatório do meu curso. Mas, assim, foi por uma iniciativa minha, porque eu fui atrás do meu direito e bati o pé mesmo e fui pra todas as instâncias possíveis. Mas vários colegas não aproveitaram nada, porque era muito estressante, era muito cansativo.

Em decorrência do não aproveitamento das disciplinas cursadas durante o intercâmbio, os estudantes atrasaram a conclusão da graduação na UFC. Isso representou um prejuízo que poderia ter sido evitado caso a Universidade tivesse realizado um planejamento institucional sobre como se daria o retorno dos bolsistas do Programa CsF para a UFC. Em sua

pesquisa, Garcia (2020) ressalta que, embora o aproveitamento das disciplinas fosse uma atribuição exclusiva da universidade de origem, não foi identificado nenhum instrumento que regulamentasse a matéria na UFC. Em entrevista com os gestores da UFC, um reitor disse à pesquisadora:

Acho que faltou um arranjo nesse sentido, faltou uma posição talvez mais firme da Pró-Reitoria, da própria administração superior no sentido de determinar mesmo o aproveitamento desses créditos. (REITOR 2). (GARCIA, 2020)

Hoje, com as experiências proporcionadas pelo Programa CsF consolidadas, os beneficiários da política, entrevistados nesta pesquisa, olham para trás numa tentativa de situar o Programa dentro de suas trajetórias de formação. Dessa reflexão, o Programa emerge como um acontecimento que teve o potencial de mudar a vida dos bolsistas, constituindo-se, portanto, como uma experiência realmente formadora.

Os sujeitos falam que as vivências experienciadas no Programa CsF lhes trouxeram empoderamento, autoconfiança, autonomia, independência. A partir daí, enxergando a si mesmo e ao mundo de forma muito mais ampla, sentiam-se mais preparados para seguir seus caminhos enquanto indivíduos, profissionais, pesquisadores.

Assim, os beneficiários do CsF lamentam o fim do Programa:

Foi um programa muito bom, ele colocou os estudantes do Brasil num patamar... Hoje é comum você ver pessoas da minha faixa etária que tiveram formação também fora. Antes do CsF, eram pouquíssimos os casos de algum aluno que conseguia fazer uma faculdade fora. Eu acho que o CsF revolucionou toda uma geração de graduação que teve contato com universidades fora. (Carlos)

Por mais que eu tenha as minhas críticas, o CsF ele era um programa incrível! Algo que eu nunca imaginei que eu poderia ter, uma experiência que eu nunca imaginei que eu poderia ter na minha vida. De ser um aluno de escola pública, pobre... O meu pai não tem nem o Ensino Médio, a minha mãe só tem o Ensino Fundamental e Médio. Eu sou o primeiro que fiz faculdade da família. É um Programa incrível! (Ricardo)

Eu fico muito triste de pensar nesse desserviço de tirar um programa desse e de cortar esse tipo de recurso da educação. Porque é uma oportunidade que, como eu falei, mesmo eu que tenho uma boa condição financeira, não seria uma coisa que eu teria condições de arcar, porque é um custo muito alto. E o quanto isso ainda poderia mudar a vida das pessoas [...] (Bianca)

Eu fiquei muito triste, porque é uma perda muito grande para o Brasil como um todo, porque várias pessoas de origem humilde não vão poder ter essa experiência que eu tive, que foi um divisor de águas na minha vida. Isso meio que poda muito as suas oportunidades, porque as oportunidades que eu tenho hoje são as oportunidades que alguém, que... Só quem nasce em classe média alta ou classe média média pra classe média alta que consegue. Que já tem um inglês mais alto desde a escola, que são esses filtros sociais... Quebrando esse discurso meritocrático, que não é meritocracia, é muito mais essa questão da oportunidade. E a gente perde enquanto País quando você tem a descontinuidade de um Programa desse, que poderia impulsionar várias carreiras de pessoas de origem humilde também (Wagner).

Apesar de discordarem do fim do CsF, os entrevistados reconhecem que o Programa precisaria ser reformulado. Em geral, as indicações de mudança envolviam um

acompanhamento mais rígido das atividades desempenhadas pelos bolsistas no exterior e um melhor aproveitamento das experiências dos estudantes na universidade de origem.

Em sua avaliação sobre o Programa, Wagner vai além e considera que o Programa precisava adotar um critério socioeconômico na seleção. Ele argumenta que, no processo seletivo, a ênfase na proficiência em língua estrangeira beneficiava alunos de camadas sociais mais altas, já que são esses que saem do ensino médio com um bom desempenho em idiomas. Para Wagner, os estudantes mais abastados não valorizavam tanto a oportunidade conferida pelo Programa CsF e não precisariam de financiamento do público para estudar no exterior. Em suas palavras:

[...] eu acho, como ex-bolsista do Programa, que o Programa teve muitas falhas. A forma inicial que o Programa selecionava as pessoas considerando muito mais o nível de inglês e sem ter nenhum critério social, fez com que os primeiros editais do Programa fossem muito elitistas, de pessoas que já tinham ido pra fora, que já tinham um nível de inglês muito alto... E a gente sabe que essas pessoas... Quem sai do ensino médio com o nível de inglês proficiente geralmente é alguém muito rico. E a forma que o Programa selecionou, sem ter até o Toefl ITP no início, que depois foi uma coisa que tornou o Programa mais acessível, selecionou muita gente rica, que já tinha experiência fora, que aquilo ali não era a primeira oportunidade e que via o Programa muito mais... Como eu tive colegas de Programa que viam muito mais o Programa como umas férias remuneradas no exterior. Foi por isso que teve essa queda da imagem do Programa, que o Programa foi associado à viagem sem fronteira... ‘Ah, tão pagando para o pessoal viajar’. Mas eu que estava numa universidade onde tinham outras pessoas e pessoas de origem social mais humilde também... Eu via pessoas que tavam dando valor aquela oportunidade a cada segundo, como eu aproveitei cada milésimo de segundo da oportunidade pra impulsionar minha carreira. E eu via muito que as pessoas que não davam valor, que tratavam o Programa com descaso, que acabavam que nem fizeram disciplinas ou pegaram só disciplinas de idiomas pra facilitar a estadia... Eram pessoas que já tinham ido pra fora, que aquilo ali era só mias uma coisa na vida delas e não a oportunidade da vida. Eu e meus colegas de origem mais humilde, a gente agarrou essa oportunidade mesmo com tudo que a gente tinha naquele momento e soubemos aproveitar e fazer jus ao investimento dos impostos brasileiros que foi o que financiou o Programa.

Wagner entende que o Programa deveria ter concedido mais bolsas para a pós-graduação, o que daria “retorno de publicação”. Contudo, enfatiza que “Era importante a graduação, eu fui beneficiário, eu não vou criticar esse ponto, porque isso mudou minha vida completamente”. Além de defender uma democratização de acesso à política e um maior investimento no público de pós-graduação, Wagner aborda, em sua avaliação sobre o Programa CsF, que a promoção de uma política como essa exige também investimento para manter esse público qualificado no mercado nacional:

Então, além de pensar no Programa, você tem que pensar também em como reter essas mentes no seu país, porque não adianta nada se você vai investir, se não vai ter como esses profissionais se alocarem seja em universidade seja no mercado de trabalho como um todo.

O passo não era só criar um programa, era mais a retenção de cérebros depois que as pessoas voltassem, porque não faz sentido nenhum se eu investir em 100 mil bolsas e 80 mil dessas pessoas tão fora do País agora. Claro, a experiência individual é

sensacional, mas isso poderia potencializar muito a nossa economia e mudar um pouco a nossa sociedade, tanto na ciência quanto na educação.

O jovem reflete sobre o atual cenário brasileiro, no qual o pesquisador e o educador não são valorizados. Wagner, que está concluindo mestrado e se preparando para um doutorado no exterior, ressalta que a área ambiental, em que atua, tem sofrido especial ataque no contexto político nacional

E, hoje, com o cenário sociopolítico-econômico do Brasil, eu não... Eu vejo o Brasil como um lugar super hostil pra você fazer pesquisa na área ambiental, dado tudo isso que tá acontecendo, que tá sendo noticiado na mídia. Então, eu entendo que... Eu queria muito ficar aqui no Ceará pra continuar, dar continuidade ao meu doutorado e a minha pesquisa ter um retorno pra sociedade daqui, porque eu trabalho com semiárido e nada mais justo do que todo esse investimento retorne pra população de alguma forma, seja por política pública, que pode chegar de algum modelo que eu tô desenvolvendo, ou só na forma de gerir os recursos hídricos mesmo... Mas eu e vários colegas meus, ex-ciência sem fronteiras, estamos acabando optando sair do Brasil, tanto por questão da remuneração, já que as bolsas de pesquisa já tem quase 10 anos que não sofrem reajuste... A bolsa de doutorado é 2.200 reais, pra quem paga aluguel e despesas e tem família não é o suficiente... E por esse cenário de você estar num país em que o pesquisador, o educador não é valorizado... Isso desestimula muito.

A seguir, apresento um quadro que indica as experiências, a formação e a avaliação do Programa CsF, evidenciadas pelos sujeitos beneficiados com a política:

Quadro 4 – Experiências, formação e o Programa CsF na visão dos bolsistas

(continua)

<u>Experiências</u>	<u>Formação</u>	<u>Programa CsF</u>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- tomada de consciência da oportunidade de realizar um intercâmbio na graduação (<i>“poder estudar fora”</i>);</li> <li>- superação de barreiras impostas na seleção. Processo de ser aceito no CsF caracterizado por muita demora, expectativa, insegurança e tensão;</li> <li>- superação da dificuldade financeira para arcar com o exame de proficiência em língua estrangeira, tirar passaporte e visto (custos que não eram cobertos pelo Programa CsF);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ampliou os horizontes dos graduandos, ao mostrar novas oportunidades de estudo dentro da graduação;</li> <li>- <i>“Só a chance de poder estudar fora já mudou a minha cabeça”</i>;</li> <li>- desenvolvimento da solidariedade entre os estudantes, construindo redes de apoio para troca de informações e experiências;</li> <li>- fluência no idioma estrangeiro;</li> <li>- formação a partir da experiência com museus no intercâmbio, moldando a graduação, influenciando o TCC e a atuação profissional;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>razão dos custos com passaporte, visto e teste de proficiência, que não eram financiados pelo Programa;</li> <li>- o CNPq e a UFC tiveram dificuldade para lidar com a grande quantidade de estudantes que o Programa CsF movimentou;</li> <li>- atraso no repasse dos auxílios que o bolsista recebia antes de embarcar para o intercâmbio;</li> <li>- ausência de plano de estudos para o intercâmbio;</li> <li>- deficiência de orientação institucional no planejamento do intercâmbio;</li> <li>- processo seletivo excludente, em</li> <li>- falha na alocação em áreas (bolsistas fizeram intercâmbio em área diferente de seus cursos, embora afins);</li> </ul>

Quadro 4 – Experiências, formação e o Programa CsF na visão dos bolsistas

(continuação)

<ul style="list-style-type: none"> <li>- para alguns, foi a primeira experiência de morar fora da casa dos pais e a primeira experiência em país estrangeiro;</li> <li>- adaptação pessoal (cuidar de si sozinho em um país estrangeiro);</li> <li>- adaptação acadêmica (novos sistemas de ensino);</li> <li>- adaptação cultural (viver em um espaço físico e social novo);</li> <li>- resistência a dificuldades, inclusive de ordem emocional, por conta do inverno e da ausência do Sol;</li> <li>- <i>“frieza das pessoas”</i> como fator de impedimento para fazer amigos no exterior;</li> <li>- conhecimento de como é que as universidades são lá fora;</li> <li>- estar submetido a um sistema de ensino que confere maior independência e autonomia ao estudante;</li> <li>- usufruir de uma grande estrutura nas universidades estrangeiras;</li> <li>- conhecimento de outros países;</li> <li>- visita a equipamentos culturais (maior acessibilidade financeira na condição de estudante);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- despertou o desejo de continuar uma pós-graduação também fora do Brasil;</li> <li>- fator de destaque para uma pós-graduação;</li> <li>- conquista de autonomia, liberdade, segurança;</li> <li>- <i>“ir para o CsF me deu uma autoconfiança. Eu aprendi muito e, quando eu voltei, teve uma mudança de paradigma mesmo”</i></li> <li>- a formação no CsF (tanto acadêmica, como no domínio do idioma) abriu portas para a participação no Erasmus Mundos;</li> <li>- <i>“poder sonhar com coisas que antes pessoas mais humildes não podiam sonhar, como uma carreira acadêmica”</i>;</li> <li>- <i>“sentir que, sei lá, a pesquisa também é o meu lugar”</i>;</li> <li>- crescimento em compromisso e habilidade de adaptação;</li> <li>- superação do preconceito sobre a superioridade dos estudantes estrangeiros (<i>“ter a experiência de ir pra lá, conhecer outras pessoas que nem eu, normais assim, estudando e fazendo pesquisa em universidades americanas foi muito bom”</i>);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estágio em uma área que não guardava tanta relação com o curso;</li> <li>- restrição na oferta de disciplinas no intercâmbio;</li> <li>- bom desempenho da instituição contratada pelo Programa CsF para fazer a gestão dos alunos no Canadá;</li> <li>- Não existiu um acompanhamento/cobrança do bolsista no exterior, permitindo que alguns se desviassem dos estudos;</li> <li>- pouca exigência do bolsista no retorno;</li> <li>- dificultada para aproveitar as disciplinas cursadas no exterior</li> <li>- ausência de projeto institucional para aplicar na universidade de origem o que o bolsista desenvolveu no exterior;</li> <li>- propostas de revisão do PPP do curso de Design, a partir da experiência dos bolsistas no CsF;</li> <li>- percepção do CsF como política atrelada a um governo específico, com dificuldade de continuar quando o governo mudasse;</li> <li>- <i>“CsF revolucionou toda uma geração de graduação que teve contato com universidades fora”</i>;</li> <li>- permitiu que estudantes pobres tivessem oportunidade de estudar no exterior, com chance de realizar pós-graduação fora;</li> </ul>
---	--	--

Quadro 4 – Experiências, formação e o Programa CsF na visão dos bolsistas

(conclusão)

<ul style="list-style-type: none"> <li>- desenvolvimento de pesquisa em laboratório da universidade estrangeira;</li> <li>- viagens profissionais pelo laboratório;</li> <li>- estágio no escritório de arquitetura da faculdade</li> <li>- choque com a cultura de trabalho no país de destino (Coreia do Sul), por exemplo, a carga horária de trabalho normalmente é 12 horas e o estágio era 9 horas;</li> <li>- estágio em empresa da área, desenvolvendo o conhecimento técnico;</li> <li>- compartilhamento espontâneo das experiências no intercâmbio;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- empoderamento, capacidade;</li> <li>- tornaram-se mais responsáveis pelo seu aprendizado;</li> <li>- destaque na qualidade nos TCCs produzidos pelos bolsistas;</li> <li>- CsF <i>“foi quem me formou profissionalmente”</i></li> <li>- fator de destaque na colocação no mercado profissional;</li> <li>- <i>“Hoje eu entendo muito melhor o que é o valor das coisas”</i>;</li> <li>- <i>“valorizar bastante o que a gente aprendia na UFC”</i>;</li> <li>- formação técnica com oportunidade de estágio em empresa da área;</li> <li>- mudou a forma de pensar em sociedade; <i>“qual era o meu papel na sociedade e como eu me vejo hoje”</i>;</li> <li>- provocou o desejo de <i>“fazer mudanças onde você tá, a nível regional”</i>;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Programa muito caro;</li> <li>- faltou <i>“pensar também em como reter essas mentes no seu país, porque não adianta nada se você vai investir, se não vai ter como esses profissionais se alocarem seja em universidade seja no mercado de trabalho como um todo”</i>;</li> <li>- falta de avaliação do Programa;</li> <li>- <i>“É um Programa que tinha falhas, que precisava muito melhorar bastante coisa, mas era muito bom. Era incrível e pra quem sabia aproveitar ele era melhor ainda”</i></li> </ul>
---	--	---

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o Programa Ciência sem Fronteiras, ainda em funcionamento, sofria críticas por possuir um custo elevado e seus bolsistas eram acusados de se interessar apenas em fazer turismo, comecei a me questionar sobre como compreender tal política e conhecer seus resultados, considerando os sentidos atribuídos pelos próprios beneficiários.

Assim, todo esforço de análise aqui desenvolvido buscou compreender e avaliar o Programa Ciência sem Fronteiras, particularmente, sob o prisma dos bolsistas beneficiados com a política e, mais precisamente, a partir da formação que esses sujeitos construíram em suas experiências no intercâmbio.

Para tanto, nesta pesquisa avaliativa, foi adotada como referencial a proposta de avaliação de Rodrigues (2008), a fim de, com base nos eixos da Avaliação em Profundidade, alcançar uma descrição analítica do Programa CsF. Ademais, seguindo os preceitos do modelo experiencial de Lejano (2012), a avaliação considerou a experiência dos bolsistas atingidos pelo CsF, expressando, portanto, o conhecimento dessas pessoas sobre a situação da política em que estiveram inseridos.

Com fundamento na articulação dessas duas referências da pesquisa avaliativa, adotei uma abordagem interpretativa de avaliação de políticas públicas, buscando uma compreensão multidimensional do Programa CsF, com a construção de um caminho de análise que contemplou o campo prático da política avaliada. Portanto, longe de pretender estabelecer uma verdade absoluta, prevaleceu a intenção de promover uma reflexão sobre o CsF, revelando os significados que os atores atribuem à formação provocada pela política.

A avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras, considerando suas bases conceituais expressas nos marcos regulatórios, mostrou que a política de concessão de bolsas de estudo em instituições estrangeiras, cuja meta era conceder até 101.000 bolsas em quatro anos, visava beneficiar apenas estudantes e pesquisadores brasileiros de determinadas áreas do conhecimento, ligadas, basicamente, às engenharias e demais áreas tecnológicas, às ciências exatas e às ciências biomédicas. As áreas contempladas pelo CsF foram consideradas prioritárias em razão do impacto positivo que poderiam causar na tecnologia, na inovação e, consequentemente, na economia do País.

Além desse recorte quanto ao público, outros elementos do conteúdo da política revelaram as intencionalidades que estavam presentes na formulação do Programa, como, por exemplo, a ênfase a aspectos econômicos que consta em seus objetivos de: promover formação por meio de novas experiências educacionais e profissionais voltadas à qualidade, ao

empreendedorismo, à competitividade e à inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil; contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras; estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação.

Havia, inclusive, uma parceria do Governo Federal com a iniciativa privada para financiamento de uma parcela das bolsas que seriam concedidas pelo Programa. A proposta inicial era que, da meta de concessão de 101.000 bolsas, 16.000 bolsas seriam pagas com recursos de empresas públicas e privadas.

Assim, ficava evidenciada a intenção do Programa CsF de proporcionar uma formação técnica de qualidade para seus beneficiários em instituições estrangeiras de excelência, a fim de, com isso, fortalecer a mão-de-obra nacional e favorecer o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação do País, para aumentar a competitividade das empresas e expandir a economia nacional.

A análise do contexto político em que ocorreu a criação e implementação do CsF também reforçou essa conclusão. Conforme visto, o Programa foi criado em 2011, portanto durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2016), como uma saída para combater o déficit de recursos humanos qualificados nas áreas de engenharias, ciências básicas e demais áreas tecnológicas, conforme dito à época pelo então ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante.

A instituição do Programa CsF aconteceu por meio de decreto, representando uma política do referido governo, que deve ser compreendida dentro de um conjunto de ações estratégicas adotadas em planos de desenvolvimento econômico que previam, por exemplo, incentivos fiscais às pessoas jurídicas que promovessem a realização de pesquisa e o desenvolvimento de inovação tecnológica.

Além desses aspectos relacionados ao conteúdo e contexto do Ciência sem Fronteiras, a análise da trajetória institucional na UFC exposta aqui, em linhas gerais, a partir da pesquisa de Garcia (2020), também reitera que a concepção de política de internacionalização que embasou o CsF foi pautada no atendimento de demandas econômicas, que visavam beneficiar o mercado com o fornecimento de mão-de-obra tecnicamente qualificada.

Contudo, o que se observou no campo prático do Ciência sem Fronteiras é que ele não se encaixa exatamente ao desenho que foi previsto inicialmente com a criação da política. Assim, embora não fossem o público alvo do Programa, estudantes de cursos ligados às Ciências Humanas conseguiram participar do CsF, dentro da área prioritária de indústria

criativa. Na UFC, estudantes dos cursos de Design-Moda, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Comunicação Social – Jornalismo, Artes cênicas – Teatro, Dança e Psicologia também foram bolsistas do CsF.

Embora houvesse a previsão de concessão de bolsas para diversos níveis de formação (graduação, mestrado, mestrado profissional e doutorado), o Ciência sem Fronteiras, que alcançou sua meta com a concessão global de 101.446 bolsas, concentrou a oferta dessas bolsas no público de graduação, o qual conquistou 78,98% das bolsas implementadas pelo Programa, correspondendo ao total de 73.353 bolsas. Ainda que tenha representado um incentivo inédito em mobilidade para o referido público, especialistas defendiam que poderia ter existido uma melhor distribuição entre as bolsas do Programa. Nesse sentido, a Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT) do Senado, que avaliou o Programa, recomendou, ao final de seu relatório, que fosse conferido prioridade a concessão de bolsas de pós-graduação nas modalidades de doutorado pleno, doutorado sanduíche, pós-doutorado e mestrado.

Além disso, o financiamento de bolsas por parte da iniciativa privada também não ocorreu como o planejado, ficando abaixo da previsão feita pelo Governo Federal, conforme apresentado no referido relatório de avaliação do CsF, feito, em 2015, pela CCT do Senado.

Em que pese a concepção de internacionalização que norteia o CsF seja no sentido do atendimento de demandas econômicas, na avaliação da trajetória do CsF na UFC, realizada por Garcia (2020), também emergiu, entre os gestores que participaram da implementação do Programa, uma concepção de internacionalização pautada na solidariedade, na cooperação, sintonizada com os preceitos defendidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

No que diz respeito ao fio condutor desta pesquisa, qual seja, a formação dos bolsistas por meio do Ciência sem Fronteiras, também houve no desenvolvimento da política resultados que superaram a intencionalidade que caracterizou o desenho do Programa.

Conforme visto, os beneficiários do CsF se defrontaram com uma política completamente inédita de promoção de mobilidade acadêmica internacional e, portanto, precisaram desbravar os vários caminhos que essa oportunidade oferecia. Assim, o lançamento dos primeiros editais do Programa CsF em 2012, representou o começo de uma rica jornada em experiências para aqueles estudantes que desejavam realizar parte da graduação no exterior.

A caminhada começava por enfrentar um longo e complexo processo seletivo que possuía fases perante a Universidade (coordenações de cursos, CAI e PROGRAD) e as agências executoras (CAPES e CNPq). O fato de ser um Programa novo trazia muitas dúvidas sobre sua

execução, fazendo com que as informações, principalmente nos primeiros editais, não estivessem muito claras. Os alunos também se queixavam da falta de orientação quanto à escolha do país e da instituição de destino. Além disso, o processo seletivo para o CsF foi especialmente difícil para os estudantes de baixa renda, já que os custos com passaporte, visto e teste de proficiência em língua estrangeira competiam aos candidatos, representando uma barreira no acesso à política.

Tendo em vista esse cenário, os beneficiários do CsF retratam que o processo, até conseguir a aprovação no Programa, foi uma experiência caracterizada por expectativa, insegurança e tensão, superada quase sempre com o auxílio das redes de apoio construídas pelos próprios estudantes.

Com a conquista da bolsa de estudos no exterior, os jovens estudantes brasileiros partiram, ainda que sem um plano de estudos bem definido, para outros países em busca principalmente de aprimorar a formação acadêmica em instituição estrangeira e de enriquecer a qualificação profissional para melhor colocação no mercado de trabalho. Percebe-se, com isso, que a motivação dos bolsistas estava totalmente alinhada com a proposta de formação do Programa CsF.

De fato, os bolsistas tiveram várias experiências durante o intercâmbio que contribuíram para a formação acadêmico-profissional:

- curso de língua que antecedia o período letivo, para bolsistas que não tinham um desempenho suficiente no teste de proficiência;
- completa imersão no idioma do país de destino, além do contato com outras línguas em viagens realizadas durante o tempo que moraram no exterior; conhecimento de outras culturas e seus equipamentos culturais (especialmente destacado por estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design);
- vivência de outros sistemas de ensino, que, em geral, exigiam uma maior dedicação fora da sala de aula (desenvolvimento de projetos, trabalhos individuais e de equipe) e possuíam uma carga horária menor em sala se comparado à UFC;
- acesso a assuntos/disciplinas pouco discutidos ou excluídos da grade curricular da UFC; acesso a grandes estruturas nas universidades estrangeiras (laboratórios, oficinas, bibliotecas);
- desenvolvimento de pesquisa em laboratório da universidade estrangeira;
- realização de viagens profissionais pelo laboratório;

- participação e apresentação de trabalhos em congressos/seminários internacionais; estágio no escritório de arquitetura da faculdade;
- estágio em empresa da área no exterior.

Todas essas experiências possibilitaram aos bolsistas o desenvolvimento da formação acadêmica no tocante a:

- ampliação dos horizontes de formação, ao mostrar novas oportunidades de estudo dentro da graduação;
- fluência no idioma estrangeiro (que, posteriormente favoreceu a atuação de alguns bolsistas como professores de língua estrangeira);
- melhoria do nível acadêmico, em quantidade de conhecimento adquirido e em excelência;
- preenchimento de lacunas na formação acadêmica através das disciplinas cursadas no CsF;
- engrandecimento do currículo;
- autoconfiança no trabalho acadêmico;
- conquista de autonomia no processo de aprendizado;
- incentivo para ingresso em grupo de pesquisa, após o retorno à UFC (melhor rendimento acadêmico quanto a atividades “fora sala de aula”);
- emprego, no TCC e na atuação profissional, dos conhecimentos adquiridos com as visitas a equipamentos culturais;
- auxílio na aprovação de projetos para o recebimento de bolsa de estudos;
- estímulo para voltar a estudar no exterior;
- influência positiva para futura atuação no ensino acadêmico/preceptoria ou ingresso em mestrado/doutorado;
- incentivo para buscar pós-graduações em outras instituições, nacionais e estrangeiras;
- geração de oportunidades de participação em outros programas de mobilidade acadêmica (como o Erasmus Mundus);
- identificação de nova trajetória acadêmica (ingresso em novos cursos/áreas).

Além disso, as experiências de formação vividas no intercâmbio trouxeram impactos positivos para a atuação profissional dos beneficiários, já que permitiram:

- um alcance mais global da profissão;
- o desenvolvimento de habilidades para que atuassem no mercado global;
- o embasamento para a escolha por determinada área dentro da profissão;
- maior facilidade para a inserção no mercado de trabalho;
- novas possibilidades de trabalho, devido à fluência no idioma estrangeiro.

Diante de todas essas contribuições, os beneficiários do Programa relacionam suas atuais conquistas acadêmicas e profissionais à oportunidade que tiveram de viver e estudar no exterior durante a graduação, com financiamento do Governo Federal. Os dados coletados nesta pesquisa, por meio de questionário e entrevistas, dão conta de jovens que seguiram diversas trajetórias tanto no Brasil como mundo afora, e estão hoje colhendo os frutos da participação no Programa Ciência sem Fronteiras, com a realização de pós-graduação (mestrado e doutorado) e a atuação no mercado de trabalho.

Contudo, até mesmo aqueles que tiveram um alto rendimento acadêmico-profissional a partir do Programa CsF atribuem um valor ainda maior à formação pessoal proporcionada pela experiência. Não à toa, ouvi de um beneficiário da política que a “contribuição de quebrar a minha mente para que eu pudesse me reconstruir foi muito maior”.

O contato com outras culturas e sociedade socialmente mais justas provocou nos estudantes transformações na forma como se enxergavam enquanto sujeitos e enquanto membros de uma sociedade nacional e global. As experiências vividas no Programa CsF proporcionaram aos beneficiários um crescimento em relação à independência, autonomia, confiança e coragem, ao passo que fizeram com que se tornassem mais tolerantes com outras etnias, realidades e pessoas. No geral, os ex-bolsistas consideram-se mais preparados para encarar novos desafios.

Diante disso, consoante propõe Josso (2010a, 2010b), é possível constatar que a formação alcançada no CsF foi multidimensional, indo além de uma aprendizagem técnica e atingindo aspectos da subjetividade e da identidade dos estudantes. Retomando as lições de Bondía (2002), é possível concluir que as experiências dos bolsistas no CsF foram capazes de lhes tocar, de lhes transformar. Além disso, ao refletir sobre essas experiências, os sujeitos demonstraram consciência desse processo de mudança, ao qual atribuem o mais elevado valor.

Por outro lado, quando expressam o conhecimento que possuem sobre a maneira como a política foi implementada e executada, os beneficiários tecem críticas, principalmente quanto à: dificuldade de acesso ao Programa para estudantes de baixa renda; deficiência no

acompanhamento das atividades realizadas durante o intercâmbio, em uma perspectiva de orientação/suporte e também de controle/fiscalização; e falta de integração/aproveitamento, na UFC, do conhecimento adquirido no intercâmbio.

Contudo, ao finalizar a avaliação do Programa, os beneficiários são unânimes em dizer que a política precisava ser reformulada para a correção das falhas apontadas, mas não encerrada. Entre os ex-bolsistas, nota-se facilmente um sentimento de tristeza pelo fim do Programa Ciência sem Fronteiras, já que isso representa uma crise nos investimentos em educação e ciência no País. Mas, acima de tudo, os beneficiários lamentam que, com a descontinuidade da política, outros estudantes não tenham mais a oportunidade de formação que eles tiveram, já que, sem o financiamento público, realizar um intercâmbio no exterior volta a ser um privilégio restrito a elite brasileira.

Apesar de expressarem decepção com o encerramento do Programa CsF e consciência sobre o momento de crise que as políticas públicas de educação enfrentam no atual cenário brasileiro, ainda há entre os entrevistados alguma esperança de, num futuro próximo, ver surgir um outro programa de mobilidade acadêmica internacional nos moldes do CsF.

A postura desses jovens me faz regressar a epígrafe desta dissertação, quando trago a poesia de Milton Nascimento. A comovente composição “Coração de Estudante”, hino de uma juventude que, em 1983, lutava pela Democracia no movimento das Diretas Já, me remete a luta dos jovens de hoje.

Assim como o poeta mineiro, os sujeitos que ganharam voz nesta pesquisa também nos falam de uma coisa que “pode estar dentro do peito ou caminha pelo ar”, nos falam de renovar a esperança. Essa renovação, esse novo ânimo foi importante, até mesmo, para a conclusão deste trabalho, já que o contato com esses jovens durante a pesquisa de campo teve que acontecer em meio ao atual momento de crise mundial e enfrentamento à pandemia da Covid 19.

Quando os primeiros casos eram registrados no Brasil, em março de 2020, eu estava finalizando a coleta de dados por meio da aplicação de questionário e me preparava para começar a fase de entrevistas. Em um primeiro momento, a nova realidade suspendeu o fluxo ordinário das atividades do cotidiano, imponente, à toda sociedade, mudanças nos mais diversos aspectos da vida comum. Assim, adaptações se fizeram necessárias para evitar a transmissão do vírus e, com isso, vieram as restrições de deslocamento, o isolamento social, o uso de máscara, os cuidados adicionais com higiene, as novas dinâmicas de trabalho, tudo isso num contexto de insegurança, medo e tristeza face à doença que ainda ameaça a humanidade.

As atividades acadêmicas não ficaram de fora desse quadro e foi preciso

redirecionar a rota da pesquisa. As entrevistas não poderiam mais ocorrer presencialmente, como eram os planos iniciais. Mas, aos poucos, fomos estabelecendo uma nova rotina, encontrando novas formas de estar e de nos relacionar em sociedade. E a tecnologia teve uma contribuição fundamental nesse processo. Para evitar os deslocamentos e o contato físico, os encontros e reuniões passaram a ocorrer de modo virtual, por meio de aplicativos de chama de vídeo online. Logo, as videochamadas se difundiram e se consolidaram como ferramenta imprescindível para permitir o diálogo, a interlocução nesse momento de crise.

Portanto, a solução para seguir com a pesquisa de campo foi realizar as entrevistas por meio de videoconferências. O fato de os participantes constituírem um público jovem e mais adaptado a ferramentas digitais facilitou bastante o processo. Além disso, o recurso das videoconferências também revelou suas vantagens. Os entrevistados tinham mais facilidade de encontrar disponibilidade para um encontro virtual, já que, nesse caso, há maior flexibilidade de horário, além de permitir também que as pessoas estejam em qualquer lugar, desde que tenham internet. Foi esse fator, inclusive, que me permitiu entrevistar um participante que mora em outro país.

E, assim, as histórias foram chegando e permitindo a construção final da pesquisa. Cada história de vida e formação que foi narrada neste trabalho também falava de transformação, provando a força de estudantes que resistiram e venceram desafios, transformando a si mesmos e contribuindo com a mudança na sociedade, ainda que, em muitos momentos tivessem que esconder seus sorrisos de menino. Falar de suas trajetórias prova que ainda há “alegria e muito sonho espalhados no caminho” de quem acredita que é possível renovar uma Nação por meio da Educação. Então, cuidemos do broto, “pra que a vida nos dê flor e fruto”.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, André Luiz Mendes. **Uma avaliação dos impactos do Programa Ciência sem Fronteiras na perspectiva de beneficiários das instituições federais de ensino superior de Montes Claros - MG**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) – Departamento de Administração e Contabilidade, Universidade Federal de Viçosa, Florestal, 2016. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/8230>. Acesso em: 6 jan. 2020.

BONDÍA, Jorge Lorrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, DF: Casa Civil, 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm). Acesso em: 3 mar. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, DF: Casa Civil, 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm). Acesso em: 3 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2001. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110172.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm). Acesso em: 11 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.973, de 02 de dezembro de 2004**. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/110.973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.973.htm). Acesso em: 13 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.080, de 30 de dezembro de 2004**. Autoriza o Poder Executivo a instituir Serviço Social Autônomo denominado Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI, e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Lei/L11080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L11080.htm). Acesso em: 13 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.196, de 22 de novembro de 2005**. Institui o Regime Especial de Tributação para a Plataforma de Exportação de Serviços de Tecnologia da Informação - REPES, o Regime Especial de Aquisição de Bens de Capital para Empresas Exportadoras - RECAP e o Programa de Inclusão Digital; dispõe sobre incentivos fiscais para a inovação tecnológica e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11196.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11196.htm). Acesso em: 15 jul. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 11 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Plano de ação em ciência, tecnologia e inovação**: principais resultados e avanços: 2007 – 2010. Brasília, DF: MCT, 2010. Disponível em:

[http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/676/4/Plano%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20em%20Ci%C3%Aancia%2c%20Tecnologia%20e%20Inova%C3%A7%C3%A3o\\_principais%20resultados%20e%20avan%C3%A7os\\_2007-2010.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/676/4/Plano%20de%20A%C3%A7%C3%A3o%20em%20Ci%C3%Aancia%2c%20Tecnologia%20e%20Inova%C3%A7%C3%A3o_principais%20resultados%20e%20avan%C3%A7os_2007-2010.pdf). Acesso em: 18 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012 – 2015**: balanço das Atividades Estruturantes 2011. Brasília, DF: MCTI, 2012. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/218981.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação. Portaria Interministerial n. 251, 12 de abril 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 4, 13 abr. 2012. Disponível em:

[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/PORTARIA\\_INTERMINISTERIAL251.pdf](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/PORTARIA_INTERMINISTERIAL251.pdf). Acesso em: 9 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Interministerial n. 01, 9 de janeiro 2013. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p.24,11 jan. 2013. Disponível em:

[http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/MEC\\_MCTI\\_temas+prioritarios\\_Csf.pdf](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/documents/214072/5058435/MEC_MCTI_temas+prioritarios_Csf.pdf). Acesso em: 9 jun. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento. **Sobre o PAC**. Disponível em:

<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>. Acesso em: 9 jun. 2018.

CAMPOS, Henry de Holanda. O impacto transformador do Reuni na UFC. **O Povo**, Fortaleza, 13 maio 2015. Caderno Opinião. Disponível em:

<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2015/05/13/noticiasjornalopiniao,3436922/o-impacto-transformador-do-reuni-na-ufc.shtml>. Acesso em: 3 mar.2019.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de; MILANEZ, Bruno; GUERRA, Eliana Costa. Rentismo-neoextrativismo: a inserção dependente do Brasil nos percursos do capitalismo mundializado (1990-2017). *In*: RIGOTTO, Raquel Maria; AGUIAR, Ada Cristina Pontes; RIBEIRO, Lívia Alves Dias (org.). **Tramas para a justiça ambiental**: diálogo de saberes e práxis emancipatórias. Fortaleza: Edições UFC, 2018. p. 19-57. Disponível em:

[http://www.editora.ufc.br/images/imagens/pdf/2018\\_tramas\\_para\\_a\\_justica\\_ebook.pdf](http://www.editora.ufc.br/images/imagens/pdf/2018_tramas_para_a_justica_ebook.pdf). Acesso em: 6 abr. 2019.

CARVALHO, André. Ciência sem Fronteiras é alvo de ação na Justiça Federal. **IG**, São Paulo, 27 novembro 2012. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-11-27/ciencia-sem-fronteiras-e-alvo-de-acao-na-justica-federal.html>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CARVALHO, Claudiane Silva. **Programa Ciência sem Fronteiras na UFV - Campus de Rio Paranaíba**: êxitos e desafios. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <http://mestrado.caedufjf.net/programa-ciencia-sem-fronteiras-na-ufv-campus-de-rio-paranaiba-exitos-e-desafios/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **O Programa**. [S. l.], 2018a. Disponível em:

<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf>. Acesso em: 9 jun. 2018.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. **Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras**. [S. l.], 2018b. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em: 9 jun. 2018.

CNPq. **Informações de apoio aos estudantes e pesquisadores do exterior com bolsas do CNPq (SWG, GDE, SWE e PDE)**. Brasília, DF: CNPq, 2015. Disponível em: [http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/en/c/document\\_library/get\\_file?uuid=9faad6eb-897a-430c-840c-8176214f375d&groupId=214072](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/en/c/document_library/get_file?uuid=9faad6eb-897a-430c-840c-8176214f375d&groupId=214072). Acesso em: 15 mai. 2019

CANPq. Resolução Normativa n. 36, de 15 de outubro de 2013. Listagem de cidades de alto custo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 out. 2013. Seção 1, p. 9. Disponível em: [http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/1297921](http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/1297921). Acesso em: 15 abr. 2019.

CANPq. **Manual para bolsistas Graduação sanduíche**. Brasília, DF: CAPES, 2015. Disponível em: [http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=9377045b-e9b3-4b17-a0d9-8afc91d535a5&groupId=214072](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=9377045b-e9b3-4b17-a0d9-8afc91d535a5&groupId=214072). Acesso em: 15 mai. 2019.

CANPq. **Orientação Normativa n. 3, de 13 de agosto de 2013**. Brasília, DF: CAPES, 2013. Disponível em: <http://www.CAPES.gov.br/images/stories/download/legislacao/OrientNorm-3-13ago13-CidadesAltoCusto.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

COSTA, Valeriano. Políticas Públicas no Brasil: uma agenda de pesquisas. **Ideias**, Campinas, v.6, n.2, p.135-166, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649465>. Acesso em: 5 mar. 2019.

CUDISCHEVITCH, Clarice; LAMSTER, Isabela. Ciência sem Fronteira exclui pelo menos 24 cursos de novo edital. **Estadão**, São Paulo, 21 nov. 2012. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ciencia-sem-fronteiras-exclui-pelo-menos-24-cursos-de-novo-edital,963250>. Acesso em: 15 abr. 2019.

GARCIA, Márcia Monalisa de Moraes Sousa. **Trajetórias da Internacionalização da Universidade Pública**: avaliação do Programa Ciências sem Fronteiras à luz da experiência da Universidade Federal do Ceará. 2020. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51304>. Acesso em: 10 set. 2020.

GONÇALVES, Alicia Ferreira. Políticas públicas, etnografia e a construção dos indicadores socioculturais. **Revista Avaliação de Políticas Públicas (AVAL)**, Fortaleza, ano 1, v. 1, n.1, p. 17-27, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22512>. Acesso em: 10 jun. 2018.

GUSSI, Alcides Fernando. Apontamentos teórico-metodológicos para avaliação de programas de microcrédito. **Revista Avaliação de Políticas Públicas (AVAL)**, Fortaleza, ano 1, v. 1, n.1, p. 29-37, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22513>. Acesso em: 15 maio 2018.

GUSSI, Alcides Fernando. **Pedagogias da experiência no mundo do trabalho**: narrativas biográficas no contexto de mudanças de um Banco Público Estadual. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252968>. Acesso em: 23 jul. 2020.

GUSSI, Alcides Fernando; OLIVEIRA, Breyner Ricardo de. Políticas Públicas e outra perspectiva de avaliação: uma abordagem antropológica. **Revista Desenvolvimento em Debate**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 83-101, jan./jun. 2016. Disponível em: [https://inctpped.ie.ufrj.br/desenvolvimentoemdebate/pdf/revista\\_dd\\_v\\_4\\_1.pdf](https://inctpped.ie.ufrj.br/desenvolvimentoemdebate/pdf/revista_dd_v_4_1.pdf). Acesso em: 29 mai. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2019.

INTEGRANTES do Comitê de Governança da UFC tomam posse dia 14. Fortaleza: UFC, 16 jun. 2017. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2017/9792-integrantes-do-comite-de-governanca-da-ufc-tomaram-posse-dia-14>. Acesso em: 28 ago. 2018.

JOSSO, Marie- Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.

JOSSO, Marie- Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. ver. e ampl. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b.

JUDD, Katherine Elizabeth. **101 mil brasileiros no mundo**: as implicações do Programa Ciência sem Fronteiras para o Estado desenvolvimentista brasileiro. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15453>. Acesso em: 30 jan. 2020.

LAGE, Thelma Silva Rodrigues. **Políticas de internacionalização da educação superior na região norte do Brasil**: uma análise do programa ciência sem fronteiras na Universidade Federal do Tocantins. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/141>. Acesso em: 5 fev. 2020.

LEJANO, Raul P. **Parâmetros para a análise de políticas públicas**: a fusão de texto e contexto. Campinas: Editora Arte Escrita, 2012.

LIRA, Davi; BALMANT, Ocimara. Ciência com Fronteiras: os entraves à internacionalização da graduação do País. **IG**, São Paulo, 10 jun. 2014. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-06-10/ciencia-com-fronteiras-os-entraves-a-internacionalizacao-da-graduacao-do-pais.html>. Acesso em: 7 jun. 2019.

LUSTOSA, Geyza Leyde Camello. **Avaliação da política pública do Programa Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes da Universidade Federal Rural de**

**Pernambuco (2010-2015)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32005>. Acesso em: 13 fev. 2020.

MANÇOS, Guilherme de Rosso. **Mobilidade acadêmica internacional e colaboração científica**: subsídios para avaliação do programa Ciência sem Fronteiras. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100132/tde-08052017-161322/pt-br.php>. Acesso em: 18 fev. 2020.

MANÇOS, Guilherme de Rosso; COELHO, Fernando de Souza. Internacionalização da Ciência Brasileira: subsídios para avaliação do programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais**, João Pessoa, v.2, n.2, p. 52-82, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rppi/article/view/37056/18848>. Acesso em: 16 abr. 2019.

MARQUES, Fabrício. Experiência encerrada: o programa de intercâmbio Ciência sem Fronteiras, que gastou R\$ 13,2 bilhões, a maior parte com bolsas de graduação no exterior, deixa de existir. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 256, p. 27-29, jun. 2017. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/06/20/folheie-a-edicao-256/>. Acesso em: 2 abr. 2019.

MEC afirma que o Ciência sem Fronteiras terá 5 mil bolsistas na pós-graduação. 2017. **Portal MEC**, Brasília, DF, 2 abr. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/46981-mec-afirma-que-o-ciencia-sem-fronteiras-tera-5-mil-bolsistas-na-pos-graduacao>. Acesso em: 10 mar. 2019.

MEC anuncia bolsas para mestrado profissional no Ciência sem Fronteiras. **Portal MEC**, Brasília, DF, Assessoria de Comunicação Social, 3 out 2013. Disponível em: [portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/19128-mec-anuncia-bolsas-para-mestrado-profissional-no-ciencia-sem-fronteiras](http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/19128-mec-anuncia-bolsas-para-mestrado-profissional-no-ciencia-sem-fronteiras). Acesso em 4 abr. 2019.

MILHOMEM, Raquel Bezerra Barros. **Implementação do Programa Ciência sem Fronteiras no Estado do Tocantins**: limites, desafios e potencialidades. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas Públicas) – Curso de Pós-Graduação (Mestrado) – Profissional em Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/247>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de (org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagens de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINISTRO da C&T lança o programa Ciência sem Fronteiras. **Portal CAPES**, 26 jul. 2011. Disponível em: [www.CAPES.gov.br/36-noticias/4762-ministro-da-cat-lanca-o-programa-ciencia-sem-fronteiras](http://www.CAPES.gov.br/36-noticias/4762-ministro-da-cat-lanca-o-programa-ciencia-sem-fronteiras). Acesso em: 15 abr. 2019.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-)

73132003000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 8 fev. 2020.

MOURA, Marina Lourenço. **Avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras**: um estudo na área de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa/MG. 2018. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018. Disponível em: <https://locus.ufv.br/handle/123456789/24308>. Acesso em: 2 mar. 2020.

NETO, Lauro. MPF-CE pede anulação de aditivo do Ciência sem Fronteiras que exclui 26 cursos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mpf-ce-pede-anulacao-de-aditivo-do-ciencia-sem-fronteiras-que-exclui-26-cursos-6839414>. Acesso em: 15 abr. 2019.

NOVO organograma traz mudanças em pró-reitorias. **Jornal da UFC**, Fortaleza, ano 14, n. 77, p. 6, abr. 2017. Disponível em: [http://www.ufc.br/images/\\_files/comunicacao/jornal\\_da\\_ufc/2017/jornaldaufc\\_77\\_2017.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/comunicacao/jornal_da_ufc/2017/jornaldaufc_77_2017.pdf). Acesso em: 29 ago. 2018.

O RETORNO dos sem fronteiras. **Jornal da UFC**, Fortaleza, ano 10, n.48, p. 4, nov. 2013. Disponível em: [http://www.ufc.br/images/\\_files/comunicacao/jornal\\_da\\_ufc/2013/jornaldaufc\\_48\\_2013.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/comunicacao/jornal_da_ufc/2013/jornaldaufc_48_2013.pdf). Acesso em: 29 ago. 2018.

O QUE é o Ciência com Fronteiras. [Brasília, DF], 21 nov. 2012. Facebook: @CiênciaComFronteiras Disponível em: <https://www.facebook.com/CienciaComFronteiras/photos/a.446190075445551/446458972085328/?type=3&theater>. Acesso em: 7 mai. 2019.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. *In*: OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO. **Uma ponte para o futuro**. Brasília, DF: PMDB, 2015. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/UMA-PONTE-PARA-O-FUTURO.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2019.

PAVARINA, Paula Regina de Jesus Pinsetta; LAISNER, Regina Cláudia; MARIO, Camila Gonçalves de. Internacionalização das universidades estaduais paulistas: bases e implementação do Programa Ciência sem Fronteiras. *In*: LUNA, J.M.F.; SEHNEM, P.R. (org.). **O Programa Ciência sem Fronteiras em Avaliação**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Os três ciclos da sociedade e do estado. **Perspectivas**: revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 41, p.193-208, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/5625/4428>. Acesso em 5 abr. 2019.

PEREIRA, Vânia Maria. **Relatos de uma política**: uma análise sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15634>. Acesso em: 11 mar. 2020.

PINTO, Patricia Nogueira de Carvalho. **Internacionalização da Educação Superior: um estudo sobre o Programa Ciência sem Fronteiras no IFPB**. 2017. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9324>. Acesso em: 16 mar. 2020.

RESULTADOS parciais do Programa Ciência Sem Fronteiras na UFC. Fortaleza: UFC, 11 jul. 2012. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2012/1247-resultados-parciais-do-programa-ciencia-sem-fronteiras-na-ufc>. Acesso em: 27 ago. 2018.

RIBEIRO, Carlos Pedro da Silva. **Análise do Programa Ciência sem Fronteiras (Csf) e de sua efetividade na promoção da visibilidade internacional dos trabalhos científicos dos programas de pós-graduação do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas/UFVA**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública em Rede Nacional) – Departamento de Administração, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017. Disponível em: <https://locus.ufv.br//handle/123456789/13594>. Acesso em: 25 mar. 2020.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Avaliação de Políticas Públicas no Brasil: antecedentes, cenário atual e perspectivas. *In*: PRADO, Edna; DIÓGENES, Elione Maria Nogueira (org.). **Avaliação de Políticas Públicas: entre educação e gestão Escolar**. Maceió: EDFAL, 2011. p.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Propostas para uma avaliação em profundidade de políticas públicas sociais. **Revista de Avaliação de Políticas Públicas (AVAL)**, Fortaleza, ano 1, v. 1, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.avalrevista.ufc.br/index.php/revistaaval/article/view/3>. Acesso em: 15 mai. 2018.

ROUSSEFF, Dilma Vana. **Discurso da Ex-Presidenta do Brasil (2011-2016) por ocasião da 38ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)**. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 26 jul. 2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-38a-reuniao-ordinaria-do-pleno-do-conselho-de-desenvolvimento-economico-e-social-cdes>. Acesso em: 5 jun. 2019.

SANTOS, Damaris de Oliveira. **Ciências sem Fronteiras: Um estudo sobre as percepções de egressos que participaram do CsF na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6477163](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6477163). Acesso em: 9 abr. 2020.

SANTOS, Débora. Governo lança programa para oferecer para oferecer 100 mil bolsas no exterior. **G1**, Rio de Janeiro, 26 jul. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/07/governo-lanca-programa-que-oferecera-100-mil-bolsas-cientistas.html>. Acesso em 29 maio 2019.

SANTOS, Fabiana. CAPES e CNPq apresentam avaliação preliminar do Ciência sem Fronteiras. [S. l.]: Ciência sem Fronteiras, 2015. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views/>

/journal\_content/56\_INSTANCE\_VF2v/214072/5100172 . Acesso em: 10 mar. 2019.

SEMINÁRIO apresenta oportunidades do CsF e outros programas de mobilidade. Fortaleza: UFC, 25 out. 2013. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2013/4318-seminario-apresenta-oportunidades-do-csf-e-outros-programas-de-mobilidade>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SENADO FEDERAL. **Projeto de Lei do Senado nº 798/2015**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). Brasília, DF: Senado Federal, 2015. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/124533>. Acesso em: 9 jun. 2018.

SENADO FEDERAL. **Relatório Nº - CCT, DE 2015**. Avaliação de Políticas Públicas. Comissão de Ciência, Tecnologia, Inovação. Brasília, DF: Senado Federal, 2015. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?t=184659>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, M. O. S. *et al.* **Pesquisa avaliativa: aspectos teórico-metodológicos**. 2. ed. São Paulo: Veras Editor, 2013.

TIMÓTEO, Varner. **A internacionalização do ensino superior na Universidade Federal de São Paulo: o programa ciência sem fronteiras na graduação em saúde**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49892>. Acesso em: 13 abr. 2020.

UFC é a 10ª instituição do País em bolsas do programa Ciências Sem Fronteiras. Fortaleza: UFC, 26 set. 2013. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2013/4173-ufc-e-a-10-instituicao-do-pais-em-bolsas-do-programa-ciencia-sem-fronteiras>. Acesso em: 28 ago. 2018.

UFC é selecionada para programa de internacionalização da CAPES. Fortaleza: UFC, 21 ago. 2018. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/11709-ufc-e-selecionada-para-programa-de-internacionalizacao-da-CAPES>. Acesso em: 28 ago. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022**. Fortaleza: UFC, 2018a. Disponível em: [http://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/plano\\_developpemento\\_institucional/pdi\\_2018\\_2022\\_pub\\_2018\\_05\\_17.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano_developpemento_institucional/pdi_2018_2022_pub_2018_05_17.pdf). Acesso em: 28 ago. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano de Internacionalização da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2018b. Disponível em: [http://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf](http://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/plano-internacionalizacao-ufc/plano-internacionalizacao-ufc.pdf). Acesso em: 28 ago. 2018.

WEBER, Demétrio. Falta de apoio põe em risco bolsas do Ciências sem Fronteiras. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 fev. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/falta-de-apoio-poe-em-risco-bolsas-do-ciencia-sem-fronteiras-11624575>. Acesso em: 2 abr. 2019.

WELLE, Deutsche. Banco Mundial alerta para aumento da pobreza no Brasil. **G1**, Rio de Janeiro, 5 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/05/banco-mundial-alerta-para-aumento-da-pobreza-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2019.

## APÊNDICE A – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO

1. Endereço de e-mail \* \*Obrigatório

---

Perfil do Estudante:

2. Nome: \*

---

3. Sexo: \*

---

4. Raça:

---

5. Idade à época do início intercâmbio? \*

---

6. Curso de graduação: \*

---

## 7. Área prioritária: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Engenharias e demais áreas tecnológicas;
- Ciências Exatas e da Terra;
- Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde;
- Computação e Tecnologias da Informação;
- Tecnologia Aeroespacial;
- Fármacos;
- Produção Agrícola Sustentável;
- Petróleo, Gás e Carvão Mineral;
- Energias Renováveis;
- Tecnologia Mineral;
- Biotecnologia;
- Nanotecnologia e Novos Materiais;
- Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais;
- Biodiversidade e Bioprospecção;
- Ciências do Mar;
- Indústria Criativa;
- Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva;
- Formação de Tecnólogos.

## 8. País de destino: \*

---

## 9. Instituição de destino: \*

---

10. Qual foi o tempo de duração do intercâmbio em meses? \*

---

11. Cumpriu o período previsto no Programa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim.

Não.

12. Caso não tenha cumprido o período previsto no Programa, gentileza indicar abaixo as razões:

---

---

---

---

---

13. Avalie a seguinte afirmação: Antes do Programa CsF, você já tinha intenção de participar de mobilidade acadêmica internacional na graduação. \*

Escolher a resposta que mais se aproxima do que pensa sobre a afirmação acima.

*Marcar apenas uma oval.*

Concordo totalmente;

Concordo;

Não concordo nem discordo;

Discordo;

Discordo totalmente.

14. O intercâmbio pelo Programa CsF foi sua primeira experiência no exterior? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim.
- Não. Já havia conhecido outro(s) país(es) com fins de turismo.
- Não. Já havia vivenciado outras experiências de formação acadêmica no exterior (como, por exemplo, curso de idiomas, participação em congresso ou seminário).
- Outro: \_\_\_\_\_

15. Avalie a seguinte afirmação: Sem a bolsa do CsF, você não teria participado de intercâmbio durante seu curso de graduação. \*

Escolher a resposta que mais se aproxima do que pensa sobre a afirmação acima.

*Marcar apenas uma oval.*

- Concordo totalmente;
- Concordo;
- Não concordo nem discordo;
- Discordo;
- Discordo totalmente.

16. O que mais lhe motivou a participar do Programa CsF? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Aperfeiçoar habilidades em língua estrangeira.
- Oportunidade de morar no exterior.
- Aprimorar sua formação acadêmica em instituição estrangeira de excelência.
- Enriquecer sua qualificação profissional para melhor colocação no mercado de trabalho.

17. Como você tomou conhecimento da seleção para o Programa CsF? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Pelo Portal do Programa.
- Pelo Portal da CAPES/CNPq.
- Por divulgação institucional (site/e-mail/coordenação do Curso).
- Contato com beneficiários do Programa.

Outro:  \_\_\_\_\_

18. Escolher o grau de concordância ou discordância que mais se aproxima do que você pensa sobre as seguintes afirmações. \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
O processo seletivo foi apresentado claro e acessível.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Obtive informações suficientes sobre a seleção junto à UFC.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Obtive informações suficientes sobre a seleção junto à CAPES/CNPq.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O Programa foi bem recebido pela comunidade acadêmica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A UFC estava preparada para implementar o CsF.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Em sua opinião, quais foram as principais dificuldades enfrentadas na implementação do CsF na UFC? \*

---



---



---



---



---

Planejamento do intercâmbio:

20. Com que grau de facilidade/dificuldade você conseguiu concluir os seguintes atos preparatórios? \*

Escolher a opção de grau que mais se aproxima do que você pensa sobre os itens da primeira coluna (à esquerda).

Marcar apenas uma oval por linha.

	Extremamente fácil	Fácil	Neutro	Difícil	Extremamente difícil
Obter passaporte.	<input type="radio"/>				
Receber os benefícios que eram pagos ainda no Brasil (auxílio deslocamento, auxílio material didático e auxílio instalação).	<input type="radio"/>				
Contratar seguro saúde.	<input type="radio"/>				
Obter certificado de proficiência.	<input type="radio"/>				

21. Com que grau de facilidade/dificuldade você conseguiu obter visto de entrada no país de destino? \*

Escolher a opção de grau que mais se aproxima do que você pensa sobre os itens da primeira coluna (à esquerda).

*Marcar apenas uma oval.*

- Extremamente fácil;
- Fácil;
- Neutro;
- Difícil;
- Extremamente difícil;
- Não se aplica (caso em que não foi necessário solicitar visto de entrada no País).

22. Quanto ao planejamento das atividades acadêmicas, houve a elaboração de plano de estudos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim;
- Não. \_\_\_\_\_
- Outro: \_\_\_\_\_

23. O coordenador do curso de graduação na UFC e/ou o coordenador institucional do CsF na UFC participou (aram) desse planejamento? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim;
- Não;
- Não houve planejamento.

24. Houve alguma orientação quanto às disciplinas que deveriam ser cursadas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim;

Não.

Outro: \_\_\_\_\_

Experiência no exterior

25. Como você avalia sua adaptação no exterior quanto aos seguintes fatores? \*  
 Marcar apenas uma oval por linha.

	Excelente	Bom	Médio	Ruim	Péssimo
Adaptação cultural (costumes, hábitos, alimentação etc).	<input type="radio"/>				
Visita a equipamentos culturais (museus, teatros, cinema, lugares históricos etc).	<input type="radio"/>				
Fluência no principal idioma do país de destino.	<input type="radio"/>				
Ambientação acadêmica.	<input type="radio"/>				
Relacionamento com colegas estudantes.	<input type="radio"/>				
Relacionamento com professores da entidade estrangeira.	<input type="radio"/>				
Suporte institucional recebido durante o intercâmbio pela UFC.	<input type="radio"/>				
Suporte	<input type="radio"/>				

Suporte  
institucional  
recebido  
durante o  
intercâmbio  
pelas agência  
executoras do  
CsF.

---

Suporte  
institucional  
recebido  
durante o  
intercâmbio  
pela instituição  
de destino.

---

26. Você realizou outras atividades acadêmicas além das disciplinas cursadas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, participei de estágio em laboratório.
- Sim, participei de estágio em empresa.
- Sim, participei de grupo de pesquisa.
- Sim, participei de seminário (s)/congresso (s).
- Sim, participei de seminário (s)/congresso(s), no (s) qual (is) apresentei trabalho.
- Não.
- Outro: \_\_\_\_\_

27. Se sim, qual o grau de satisfação quanto à participação nas atividades acadêmicas fora de sala de aula?

*Marcar apenas uma oval.*

- Muito satisfeito;  
 Satisfeito;  
 Indiferente;  
 Insatisfeito;  
 Muito insatisfeito.

28. Você conheceu outros países além do país em que morou durante o intercâmbio? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim;  
 Não.

29. Se sim, você considera que essa vivência foi válida para sua formação? Por que?

---

---

---

---

---

30. Qual foi seu principal contato institucional no exterior? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Coordenador do curso na UFC;
- Coordenador institucional do CsF na UFC;
- Setor de relações internacionais da UFC;
- Técnico das agências executoras (Capes ou CNPq);
- Setor de relações internacionais da universidade de destino.

31. Qual foi a maior dificuldade que você identificou na execução do Programa CsF? \*

---

---

---

---

---

Retorno à UFC:

32. As atividades planejadas foram realizadas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Houve alinhamento total entre o planejado e o realizado.
- Em maior parte, houve alinhamento entre o planejado e o realizado.
- Houve alinhamento parcial mediano entre o planejado e o realizado.
- Em maior parte, não houve alinhamento entre o planejado e o realizado.
- Não houve alinhamento algum entre o que foi realizado e o que foi planejado.

33. Responda, por gentileza, às perguntas abaixo: \*

Marcar apenas uma oval por linha.

Muito  
satisfeito.    Satisfeito.    Indiferente.    Insatisfeito.    Muito  
insatisfeito.

---

Qual o grau de  
satisfação  
quanto ao  
reconhecimento  
ou  
aproveitamento  
na UFC das  
disciplinas ou  
atividades  
realizadas no  
exterior?

---

Como você  
avalia a  
reinserção no  
seu curso de  
graduação?

---

34. Depois do intercâmbio você percebeu melhora na sua participação em projetos da UFC/no seu rendimento acadêmico quanto a atividades "extra sala de aula"? \*

Marcar apenas uma oval.

Sim, passei a participar de projetos de pesquisa, grupos de estudo, projetos de extensão, programas de iniciação científica e à docência, monitoria.

Não;

35. Você teve a oportunidade de compartilhar a experiência do intercâmbio com os professores e demais alunos do curso? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, por meio da participação em projetos de pesquisa, grupos de estudo.
- Sim, por meio de reunião, palestras organizadas pela universidade.
- Sim, apenas em conversas informais.
- Não.

36. Você participou, na UFC, de alguma avaliação institucional quanto a sua participação no CsF? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim;
- Não.

Formação propiciada pelo Programa CsF:

37. Por gentileza, avaliar as seguintes afirmações: \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
A participação no CsF teve um impacto positivo em minha formação acadêmica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter participado do CsF representou um incentivo para ingressar na pós-graduação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A participação no CsF influenciou meu ingresso na pós-graduação na mesma universidade onde estive pelo CsF.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quanto ao aspecto profissional, a participação no CsF me conferiu mais reconhecimento e preparo para o mercado de trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Considero que a vivência no exterior	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

propiciada pelo  
CsF contribuiu  
para minha  
formação  
pessoal.

---

38. Em seqüência de importância, a maior contribuição da experiência proporcionada pelo CsF para sua formação foi de ordem: \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Importância acadêmica	Importância profissional	Importância pessoal
1	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

39. Como a experiência de participar do Programa CsF colaborou para sua vida nos dias de hoje? \*

---

---

---

---

---

## APÊNDICE B – DADOS OBTIDOS COM OS QUESTIONÁRIOS EM GRÁFICOS

### PERFIL DO BOLSISTA

GRÁFICO 1 – Bolsistas participantes da pesquisa por sexo

Sexo:

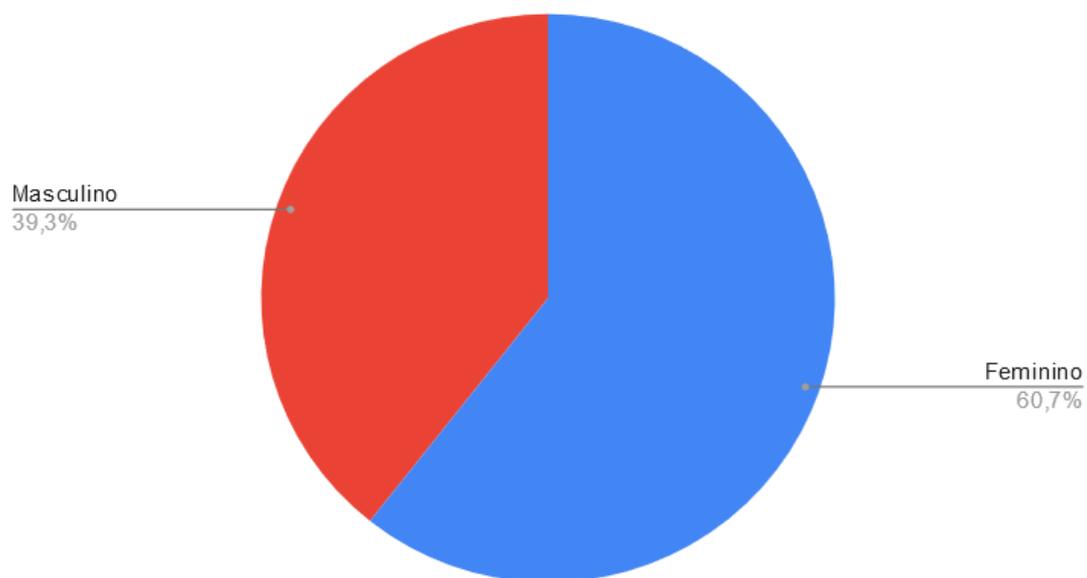
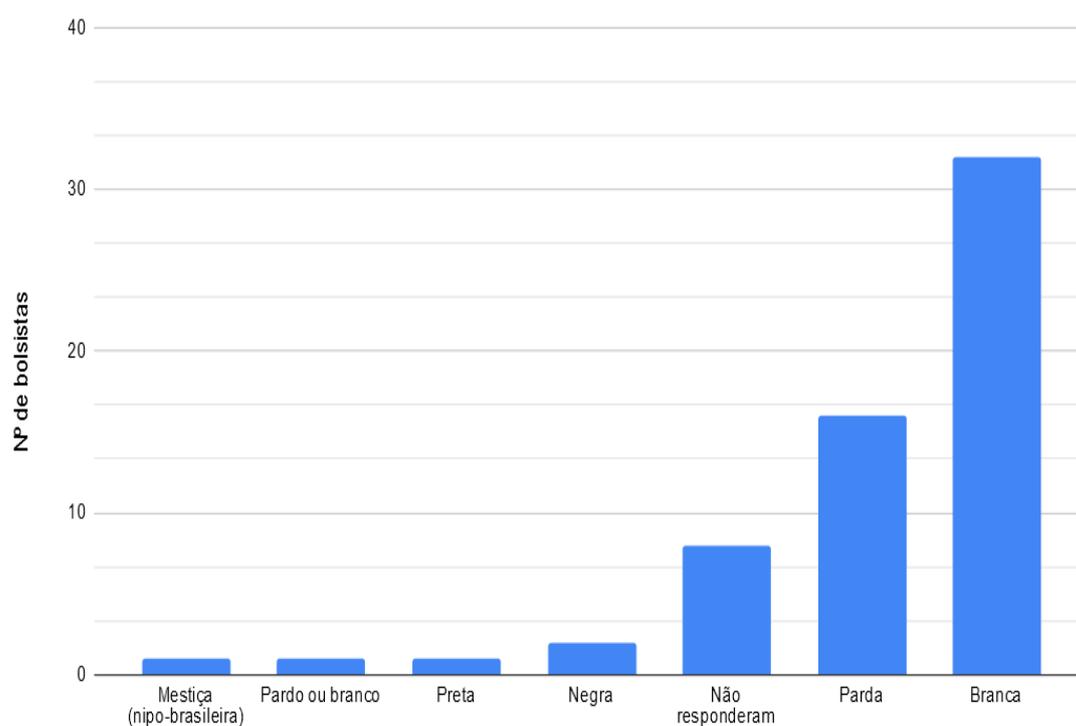


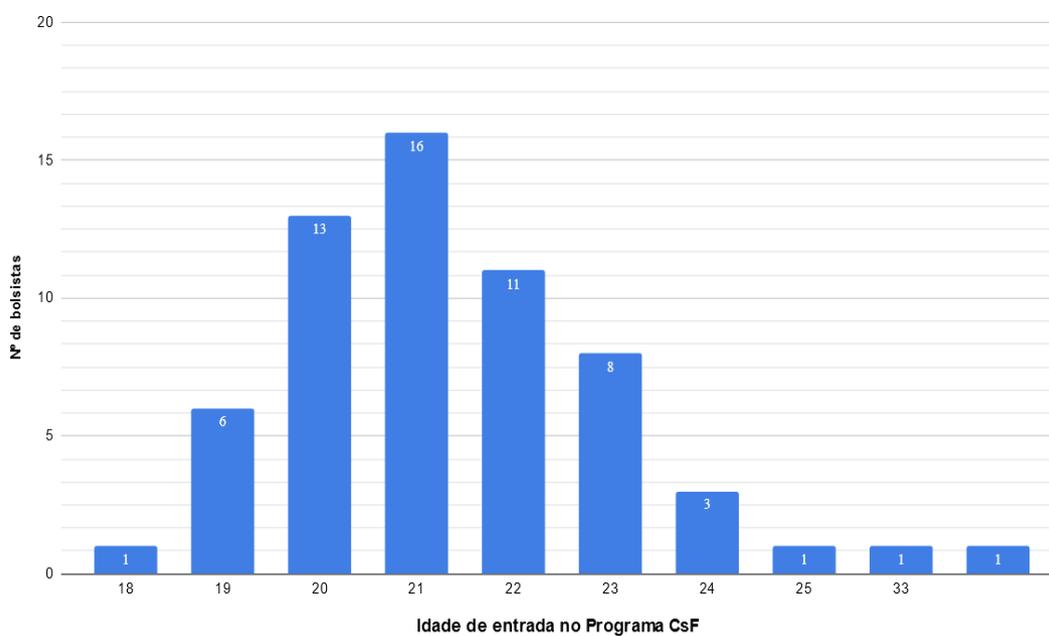
GRÁFICO 2 – Bolsistas participantes da pesquisa por raça

Autodeclaração de identidade racial:



### GRÁFICO 3 – Idade à época do intercâmbio

Idade à época do início do intercâmbio:



### GRÁFICO 4 – Bolsistas por curso de graduação na UFC

Curso de graduação:

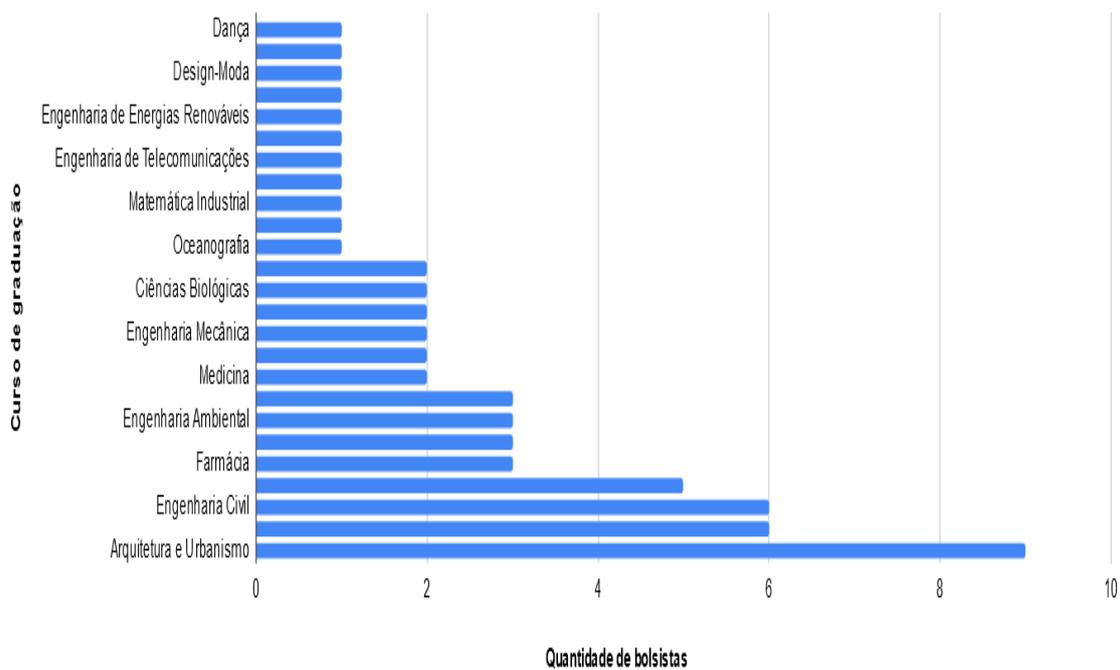


GRÁFICO 5 – Bolsistas por área prioritária do CsF

Nº de bolsistas por área prioritária

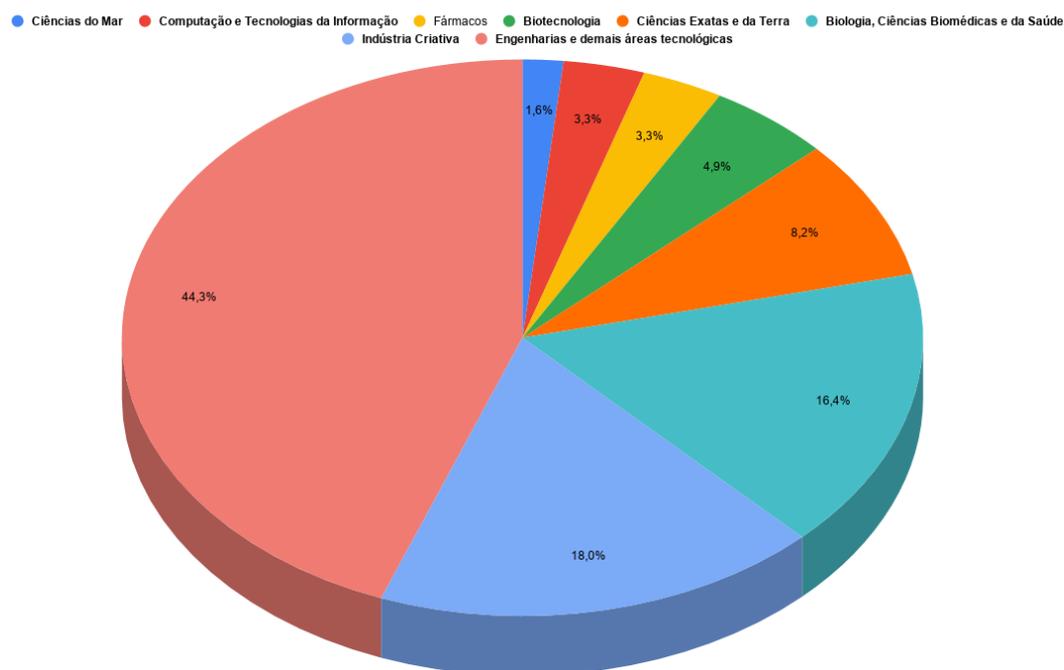


GRÁFICO 6 – Bolsistas por país de destino

Quantidade de Bolsistas por país de destino

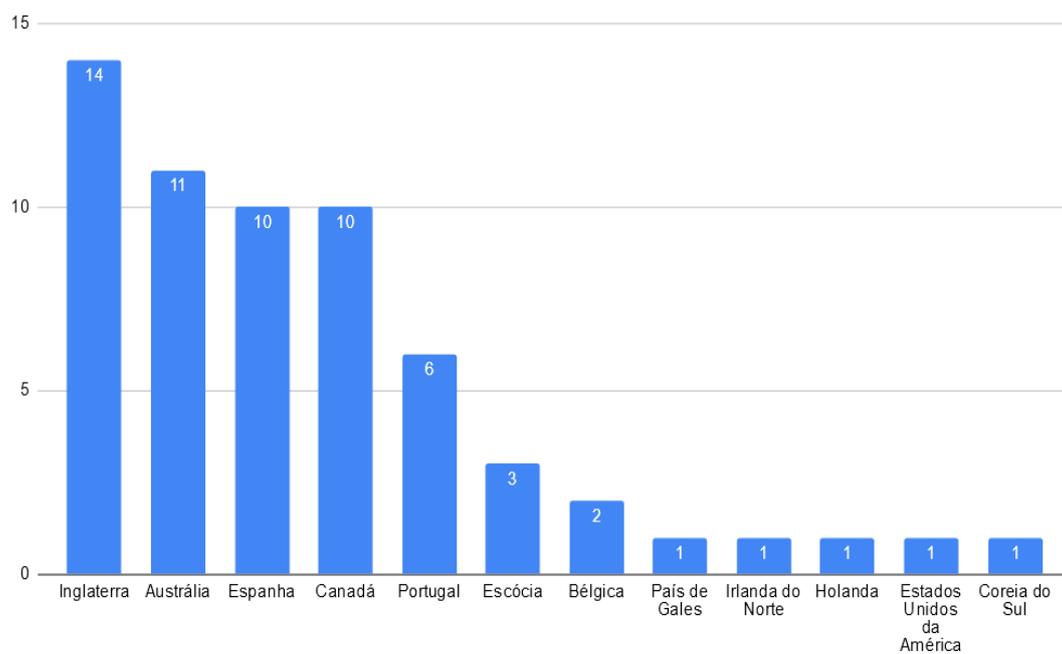


GRÁFICO 7 – Tempo de duração do intercâmbio

## Qual foi o tempo de duração do intercâmbio em meses?

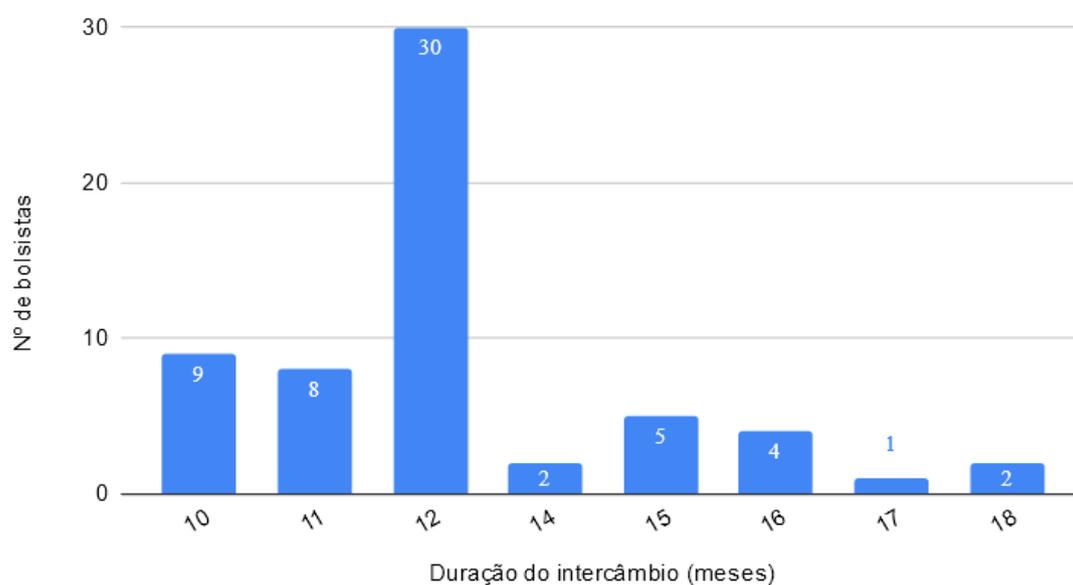


GRÁFICO 8 – Atendimento ao tempo previsto para o intercâmbio

## Cumpriu o período previsto no Programa?

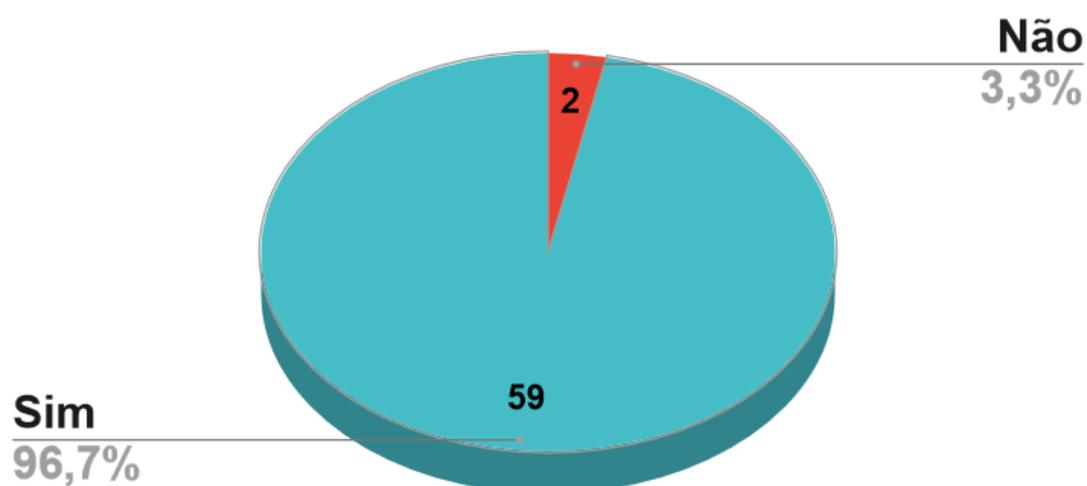


GRÁFICO 9 – Intenção de participar de intercâmbio na graduação antes do CsF

### "Antes do Programa CsF, você já tinha intenção de participar de mobilidade acadêmica internacional na graduação"

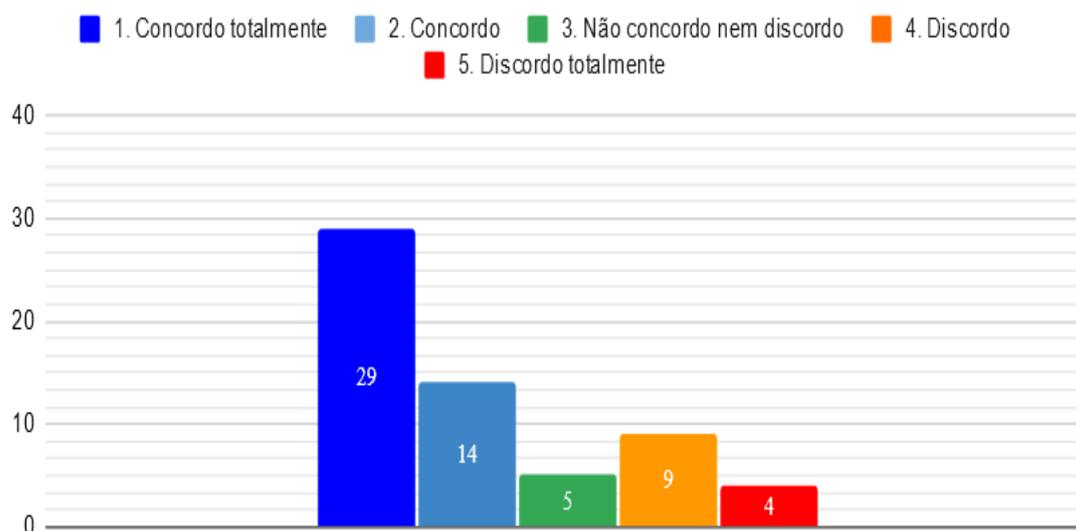


GRÁFICO 10 – Primeira experiência no exterior

### O intercâmbio pelo Programa CsF foi sua primeira experiência no exterior?

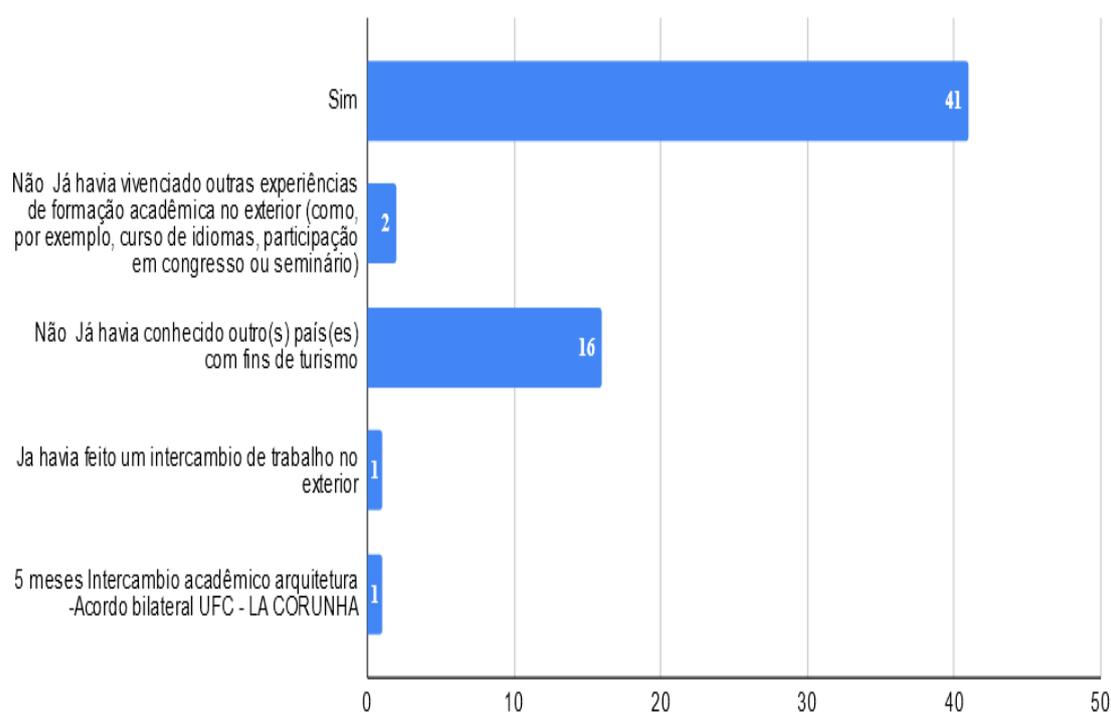


GRÁFICO 11 – CsF como fator decisivo para o intercâmbio

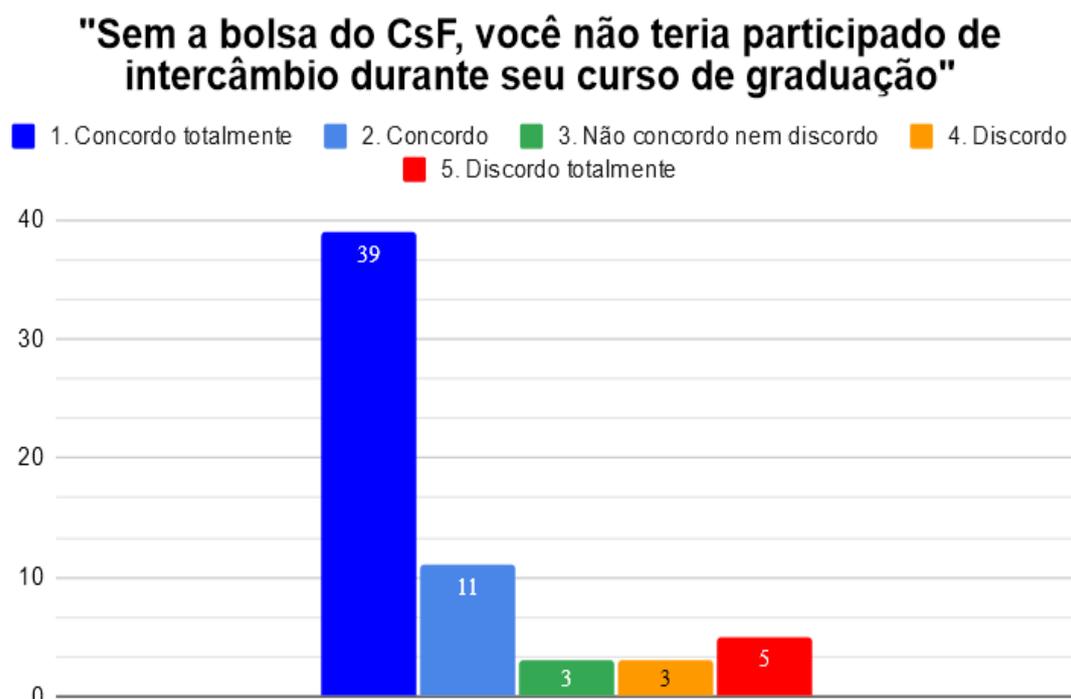
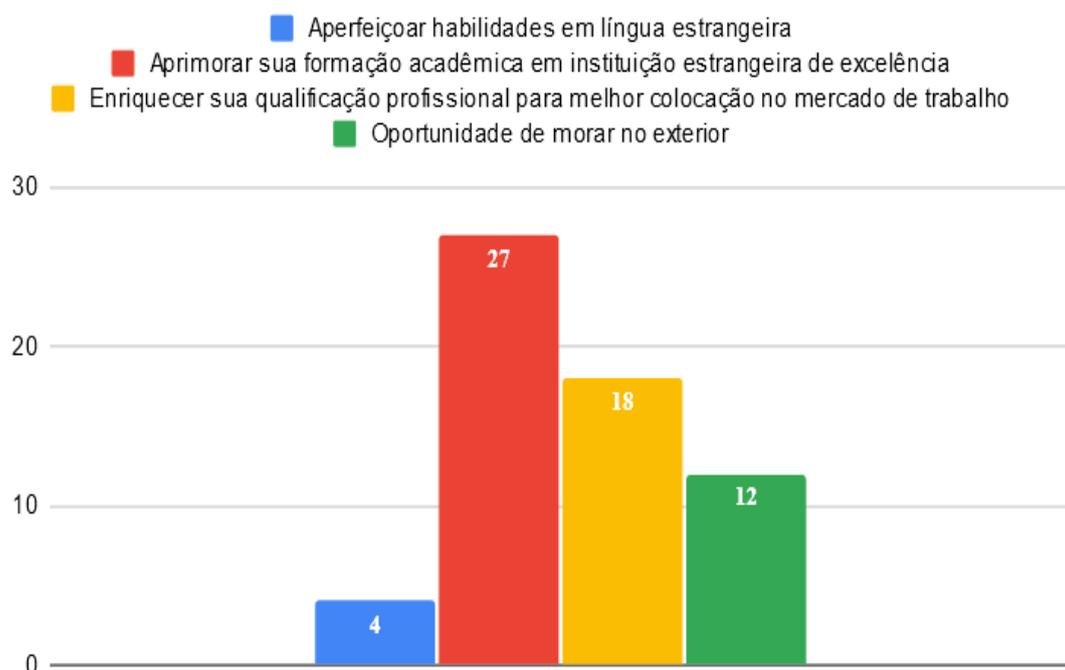


GRÁFICO 12 – Motivação para participar do CsF

### O que mais lhe motivou a participar do Programa CsF?



## PROCESSO SELETIVO PARA O CsF

GRÁFICO 13 – Meios de divulgação da seleção do CsF

**Como você tomou conhecimento da seleção para o Programa CsF?**

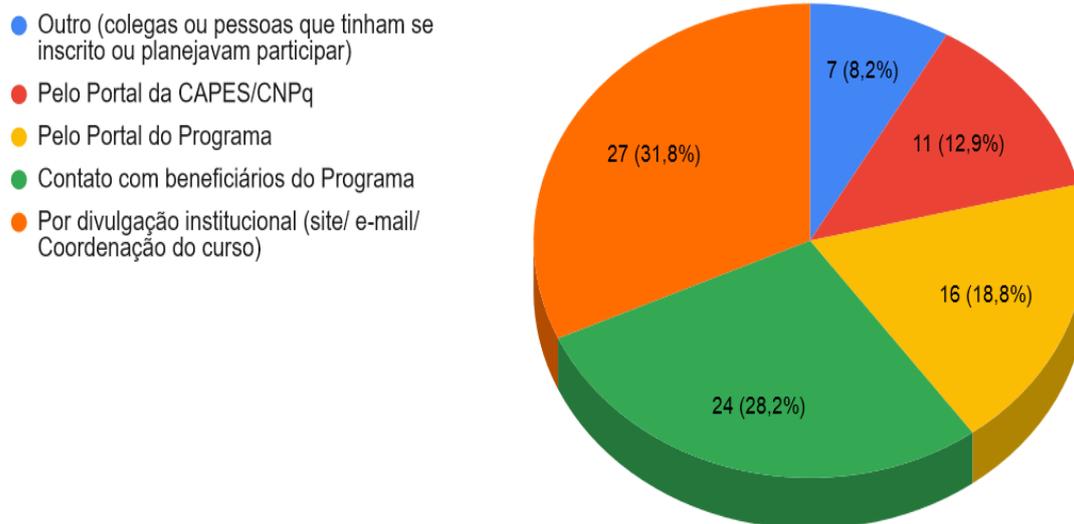


GRÁFICO 14 – Clareza e acessibilidade no processo seletivo do CsF

**"O processo seletivo foi apresentado claro e acessível"**

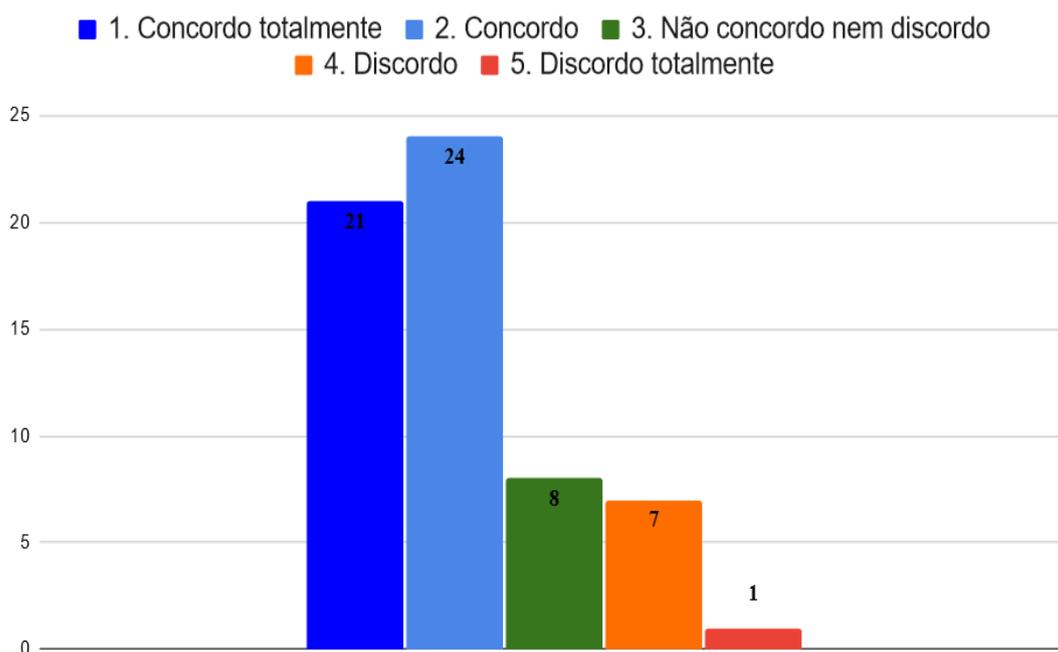


GRÁFICO 15 – Informações oferecidas pela ufc na seleção

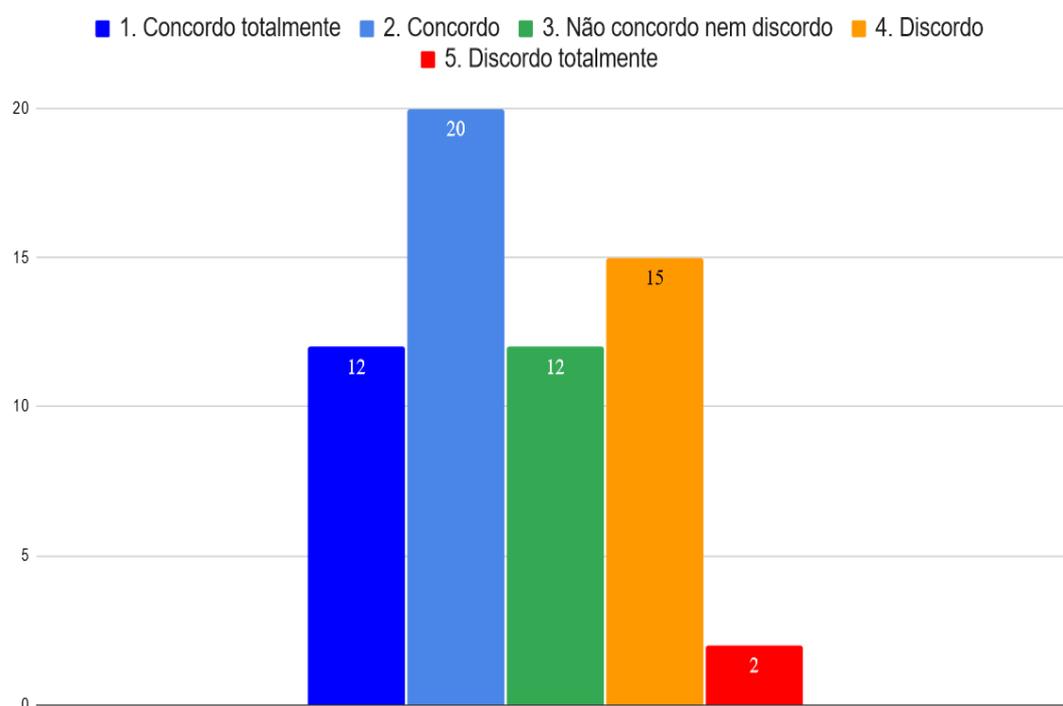
**"Obtive informações suficientes sobre a seleção junto à UFC"**

GRÁFICO 16 – Informações oferecido pelo cnpq na seleção

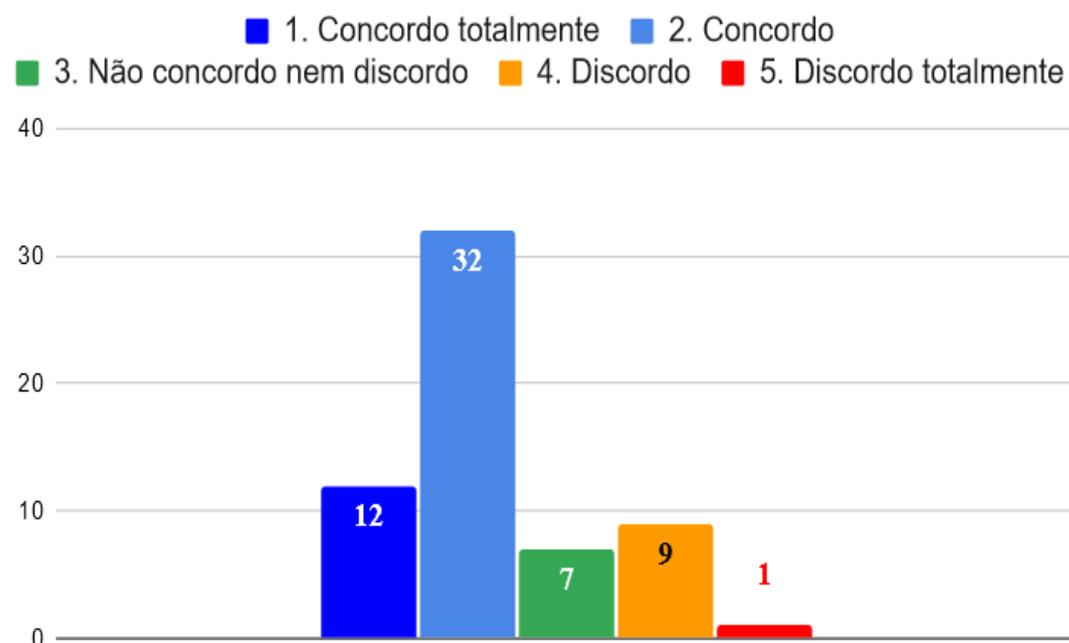
**"Obtive informações suficientes sobre a seleção junto ao CNPq"**

GRÁFICO 17 – RECEPTIVIDADE DO CsF PELA COMUNIDADE ACADÊMICA

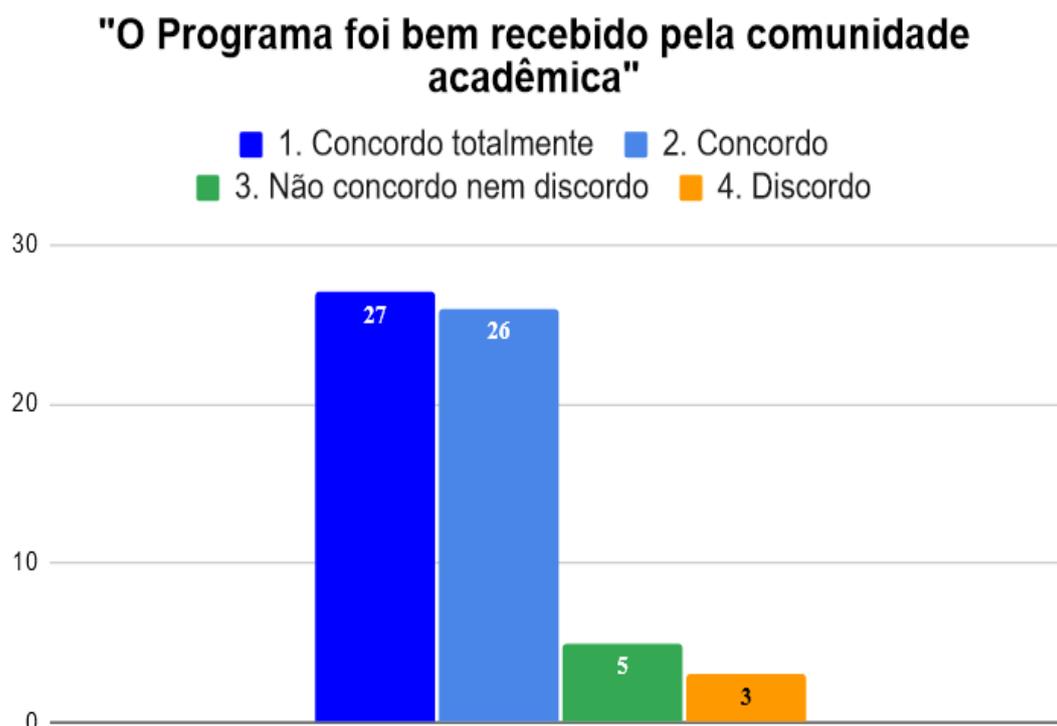
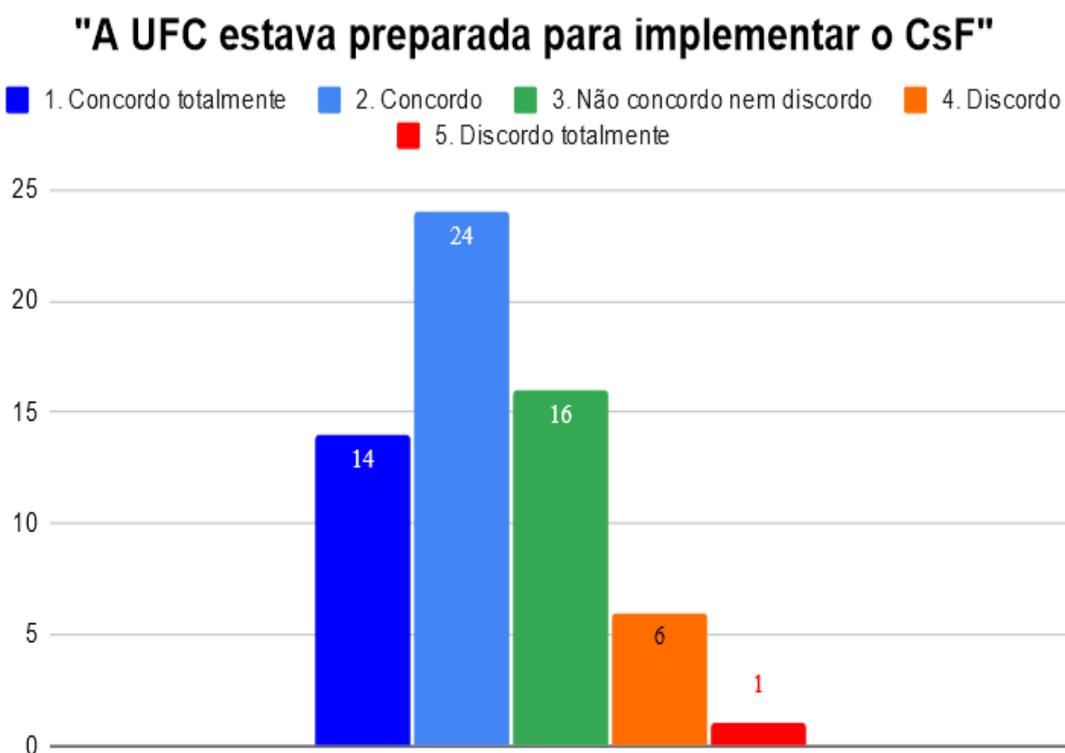


GRÁFICO 18 – PREPARO DA UFC PARA IMPLEMENTAR O CsF



## PLANEJAMENTO DO INTERCÂMBIO

GRÁFICO 19 – GRAU DE FACILIDADE/DIFICULDADE PARA OBTER PASSAPORTE

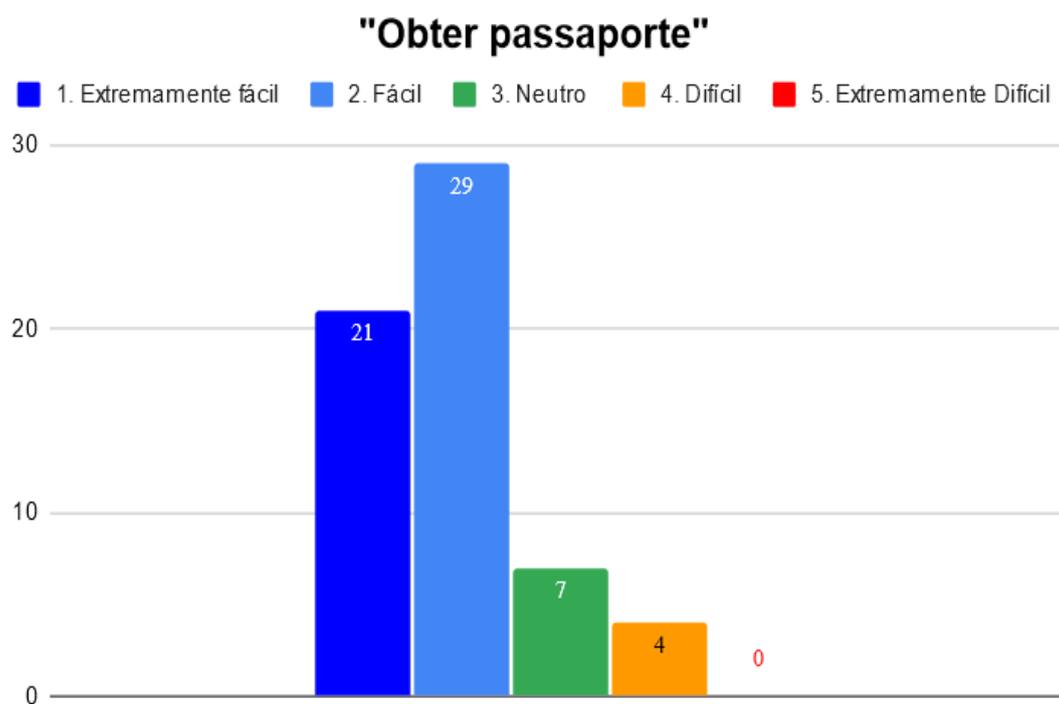


GRÁFICO 20 – GRAU DE FACILIDADE/DIFICULDADE PARA OBTER PASSAPORTE

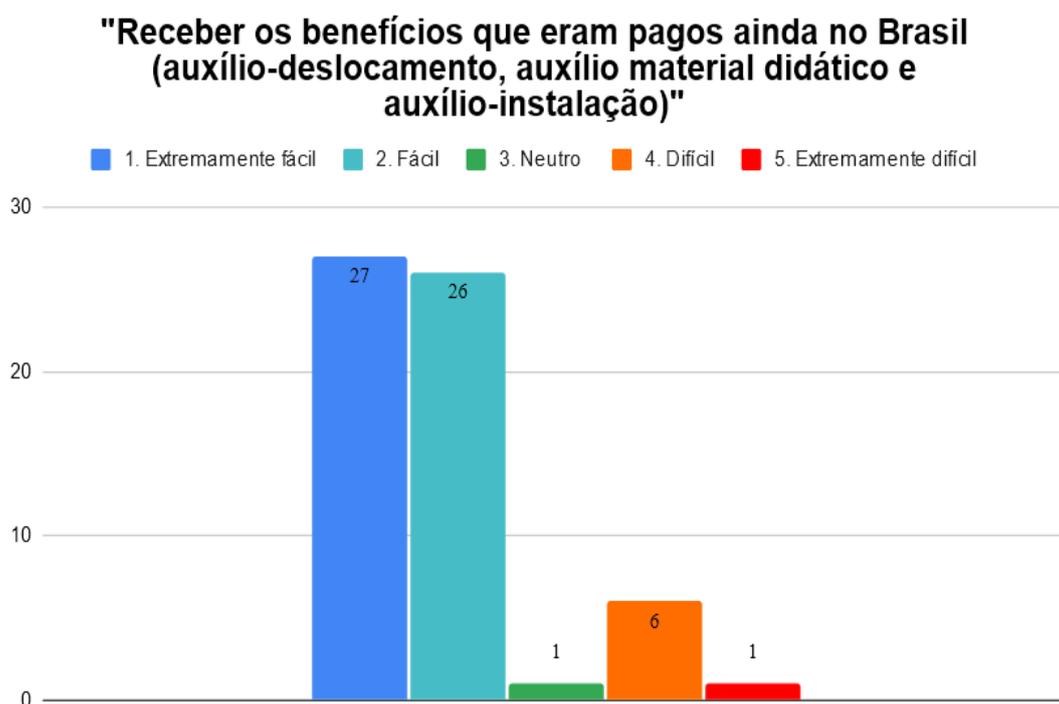


GRÁFICO 21 – GRAU DE FACILIDADE/DIFICULDADE PARA CONTRATAR SEGURO-SAÚDE

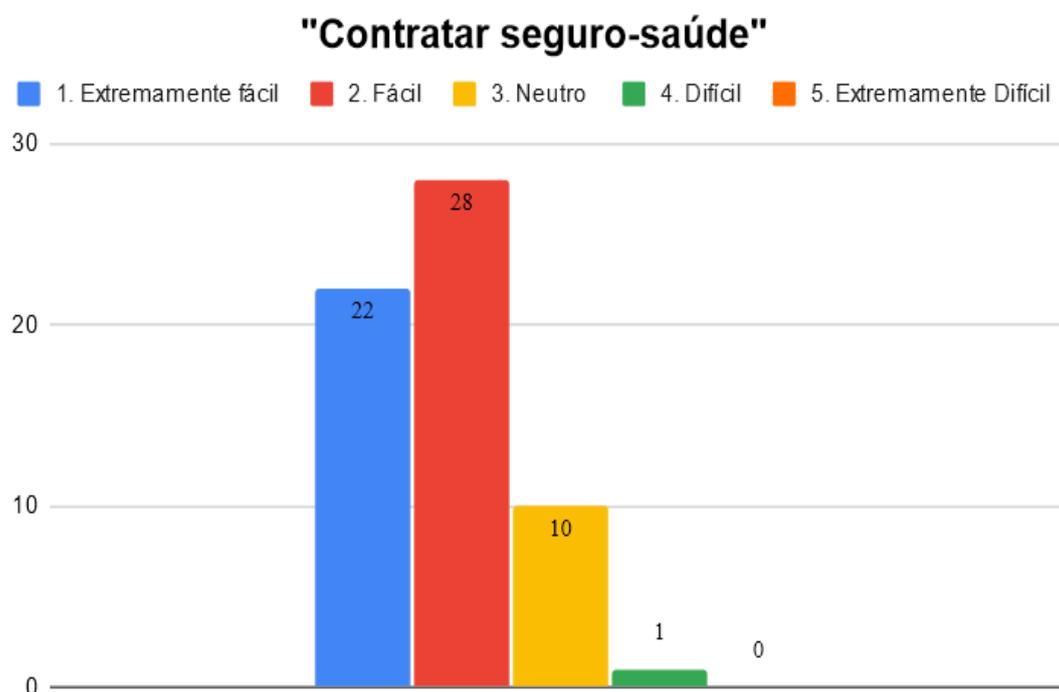


GRÁFICO 22 – GRAU DE FACILIDADE/DIFICULDADE PARA OBTER CERTIFICADO DE PROFICIÊNCIA

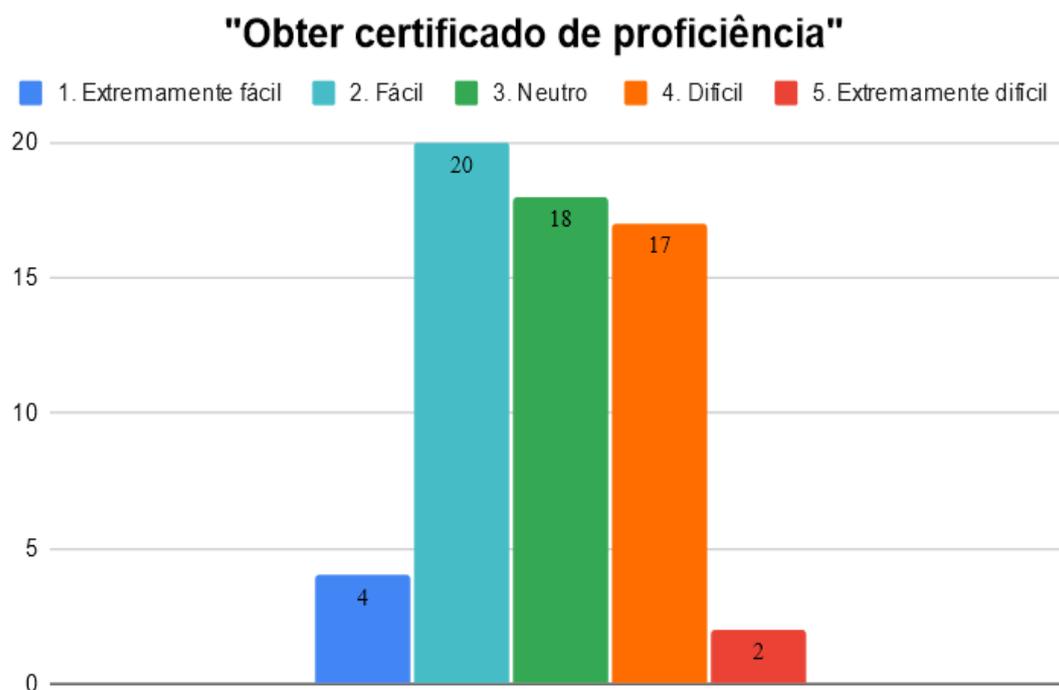


GRÁFICO 23 – GRAU DE FACILIDADE/DIFICULDADE PARA OBTER VISTO

**"Com que grau de facilidade/dificuldade você conseguiu obter visto de entrada no país de destino?"**

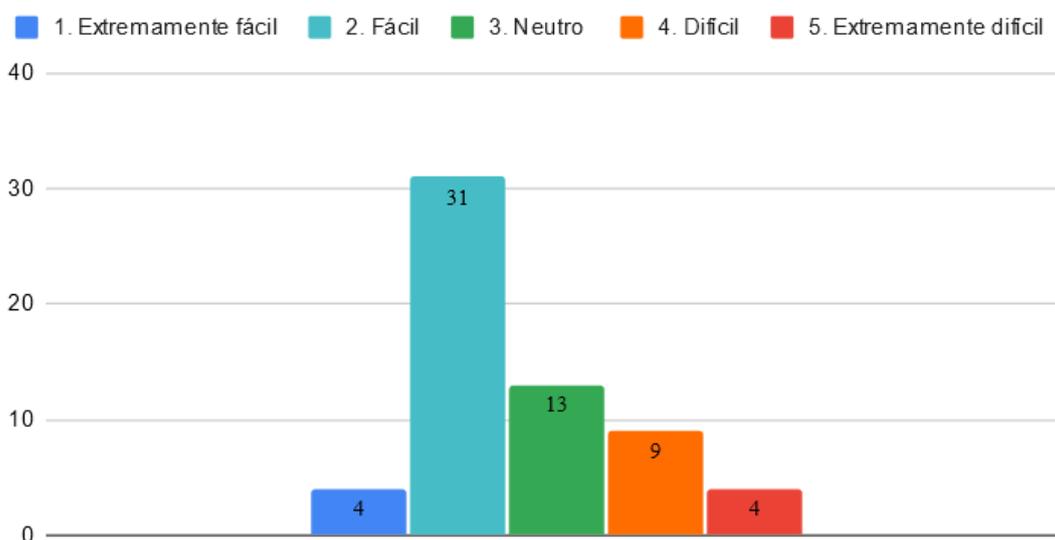


GRÁFICO 24 – REALIZAÇÃO DE PLANO DE ESTUDOS

**Quanto ao planejamento das atividades acadêmicas, houve a elaboração de plano de estudos?**

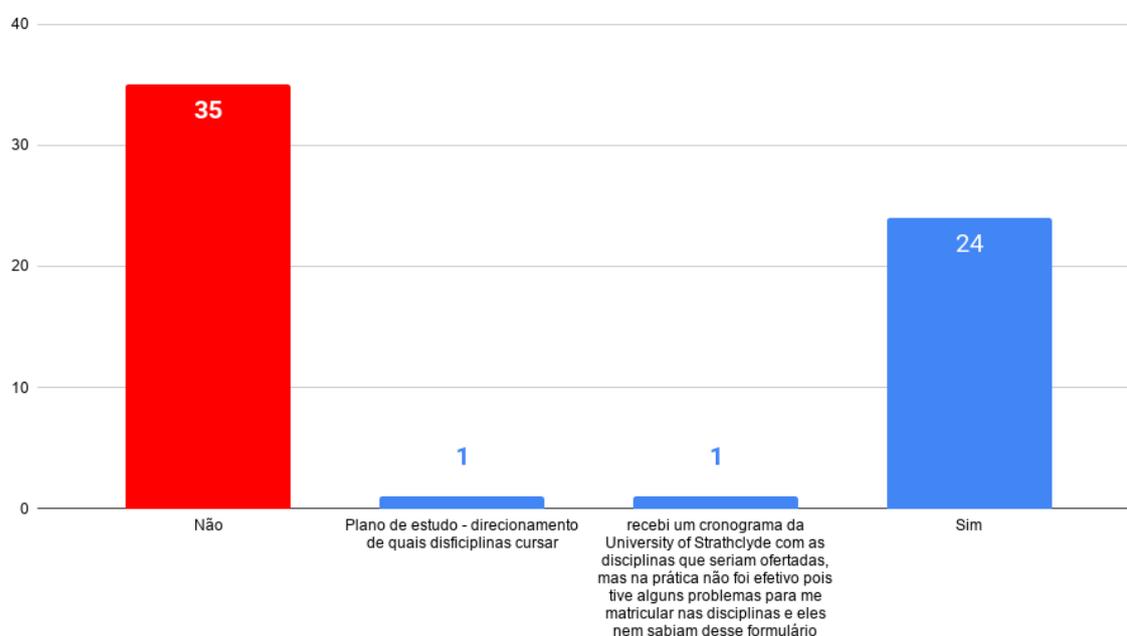


GRÁFICO 25 – PARTICIPAÇÃO DA UFC NO PLANEJAMENTO ACADÊMICO PARA O INTERCÂMBIO

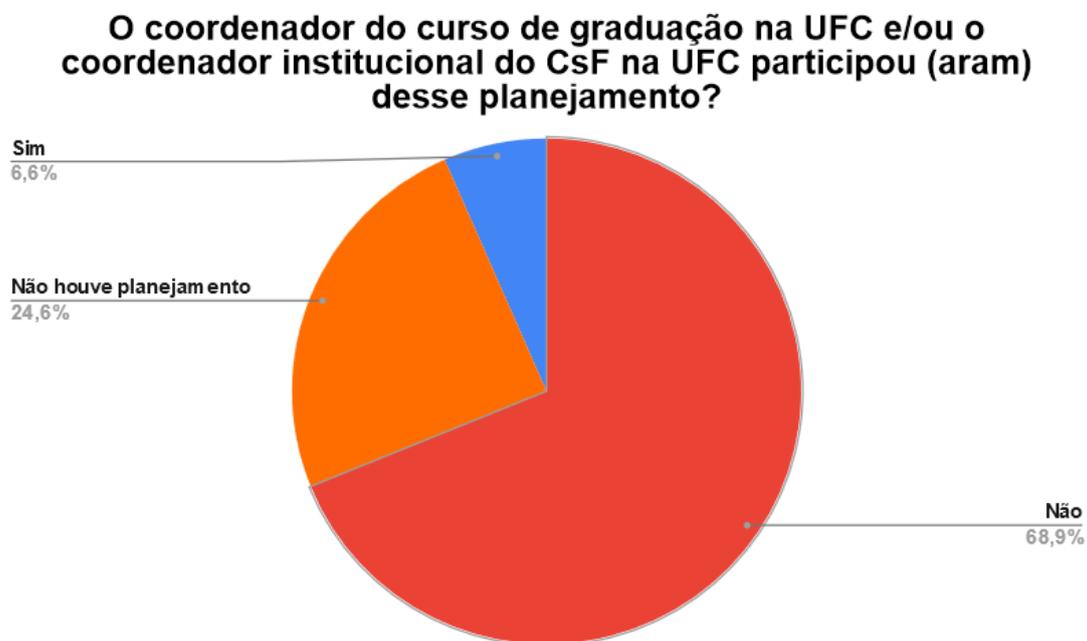
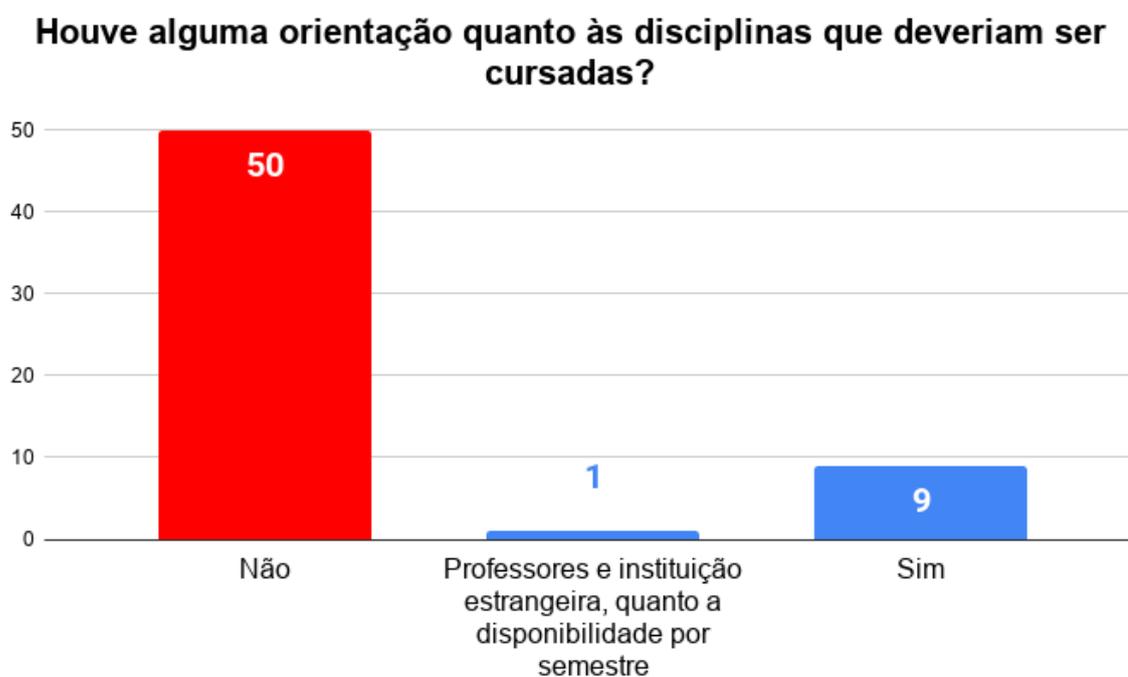


GRÁFICO 26 – ORIENTAÇÃO DA UFC QUANTO À ESCOLHA DE DISCIPLINAS NO CsF



## EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR

GRÁFICO 27 – ADAPTAÇÃO QUANTO A FATORES CULTURAIS

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto à adaptação cultural (costumes, hábitos, alimentação etc)?**

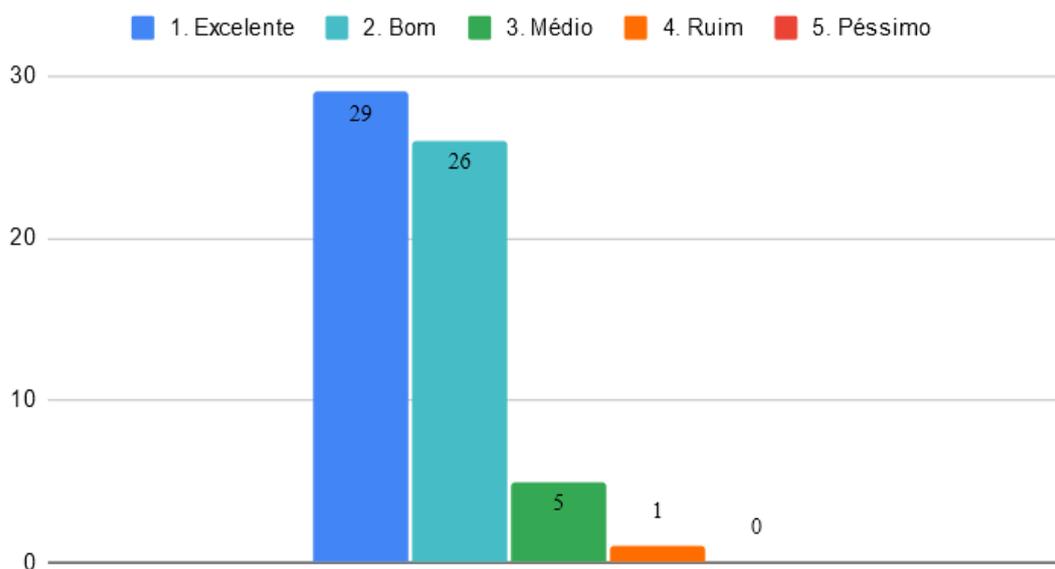


GRÁFICO 28 – ADAPTAÇÃO QUANTO À VISITA A EQUIPAMENTOS CULTURAIS

**Como você avalia sua adaptação quanto à visita a equipamentos culturais (museus, teatros, cinema, lugares históricos etc)?**

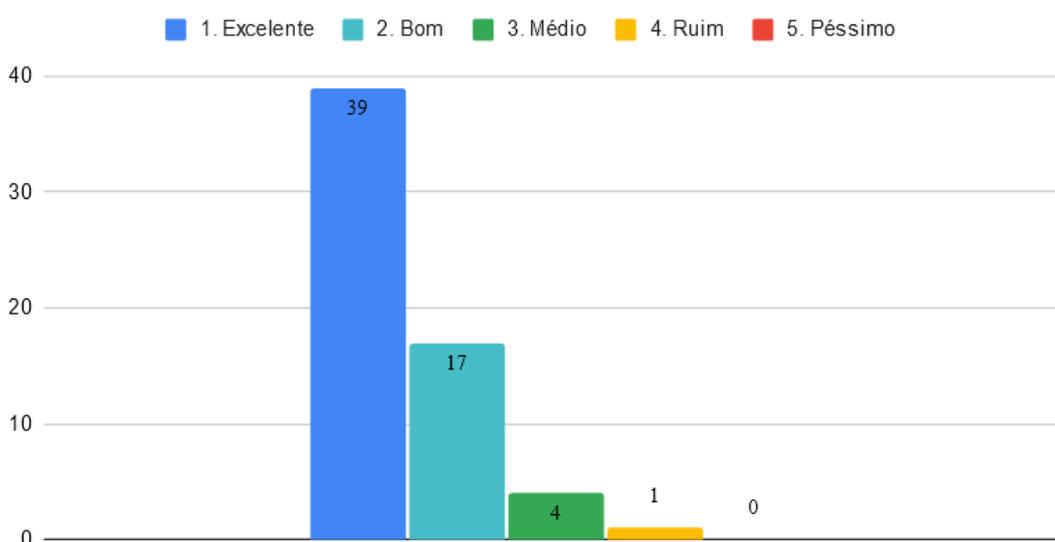


GRÁFICO 29 – ADAPTAÇÃO QUANTO A FLUÊNCIA NO IDIOMA

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto à fluência no principal idioma do país de destino?**

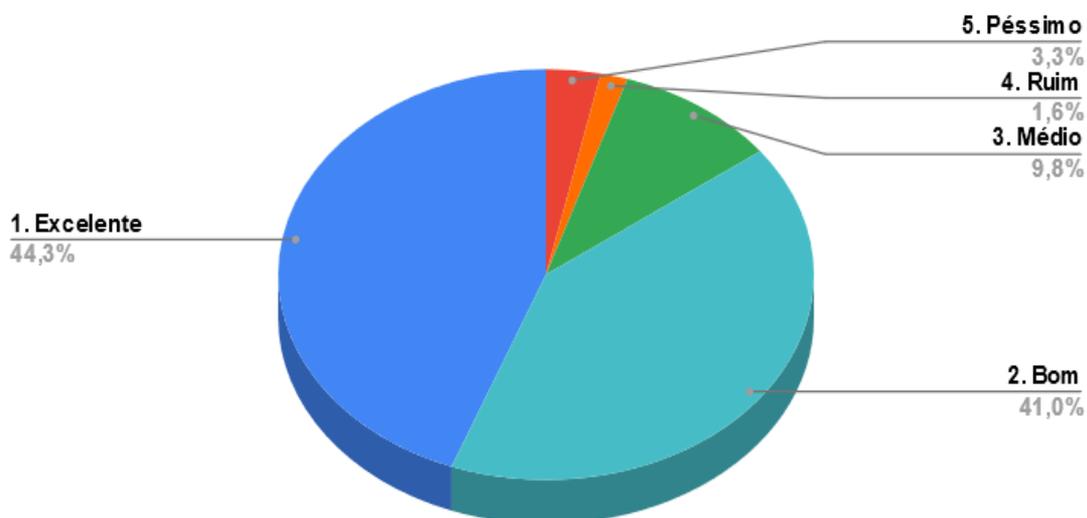


GRÁFICO 30 – ADAPTAÇÃO QUANTO À AMBIENTAÇÃO ACADÊMICA

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto à ambientação acadêmica?**

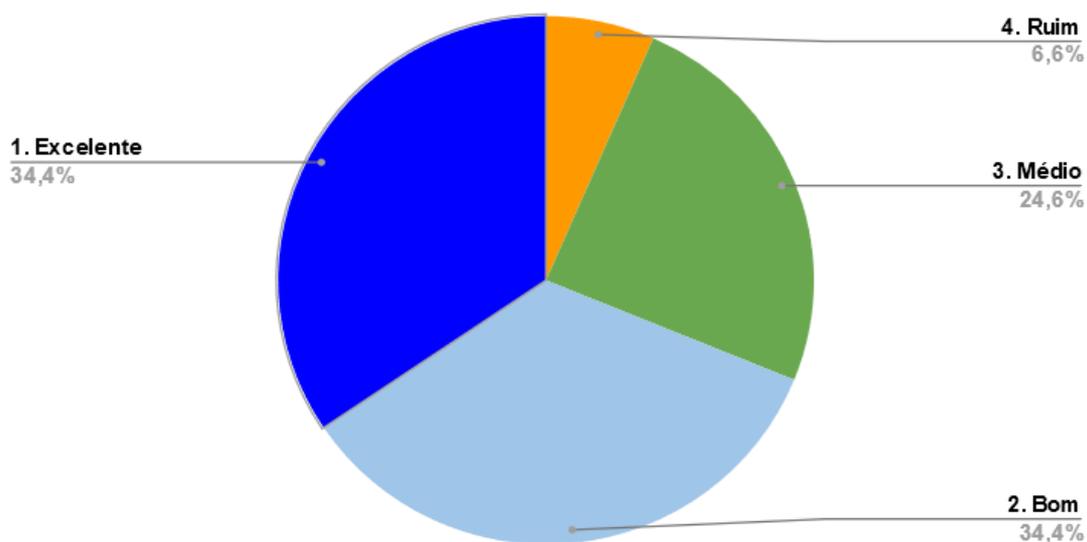


GRÁFICO 31 – ADAPTAÇÃO QUANTO AO RELACIONAMENTO COM OS DEMAIS ESTUDANTES

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto ao relacionamento com colegas estudantes?**

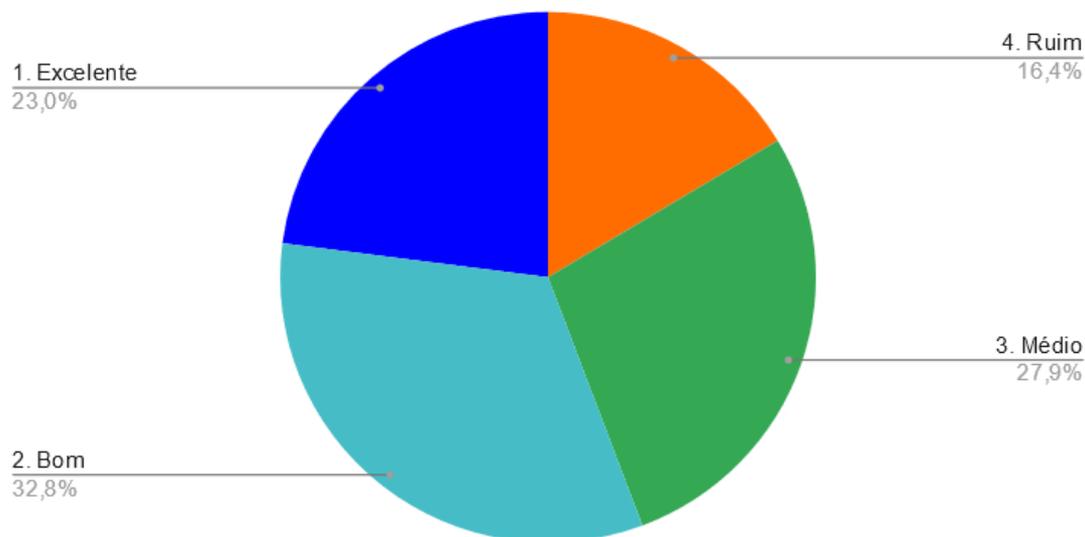


GRÁFICO 32 – ADAPTAÇÃO QUANTO AO RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto ao relacionamento com professores da entidade estrangeira?**

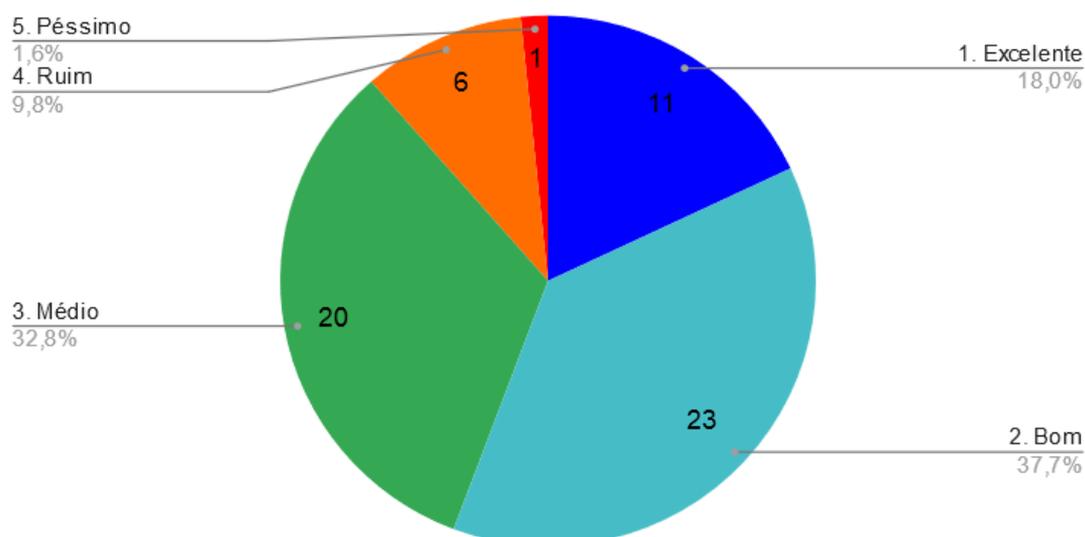


GRÁFICO 33 – ADAPTAÇÃO QUANTO AO SUPORTE OFERECIDO PELA UFC

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto ao suporte institucional recebido durante o intercâmbio pela UFC?**

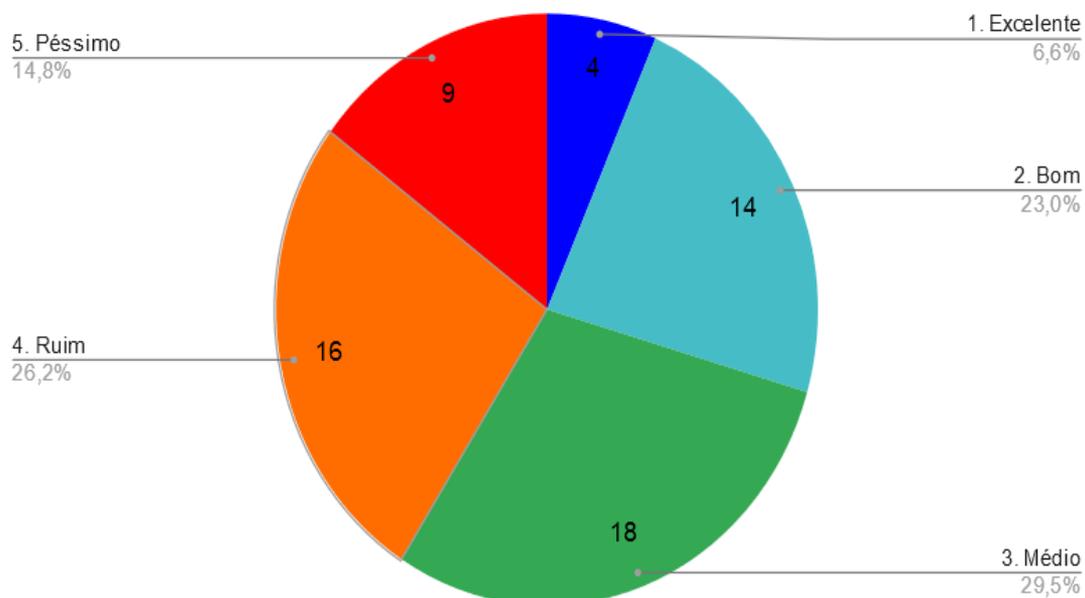


GRÁFICO 34 – ADAPTAÇÃO QUANTO AO SUPORTE OFERECIDO PELO CNPq

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto ao suporte institucional recebido durante o intercâmbio pelas agência executoras do CsF?**

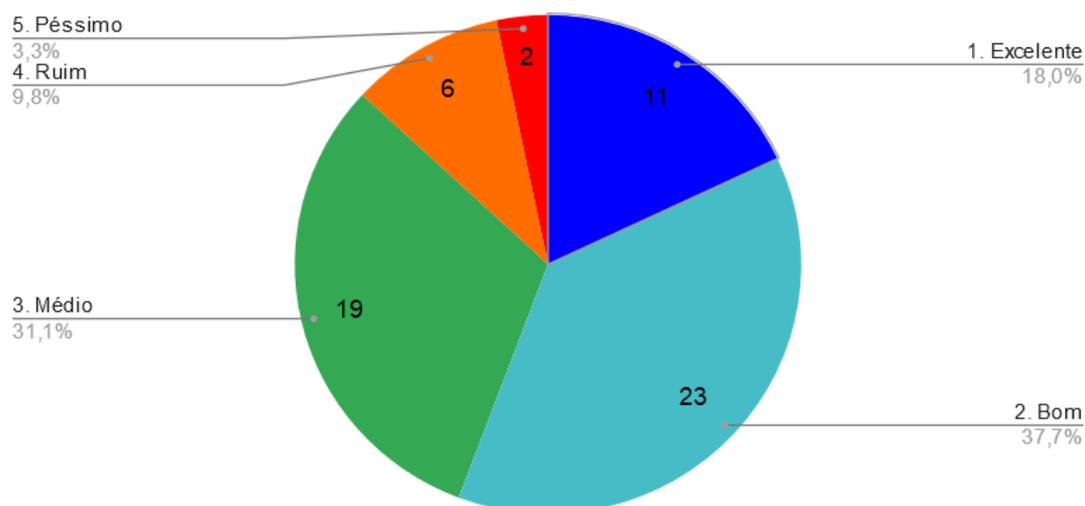


GRÁFICO 35 – ADAPTAÇÃO QUANTO AO SUPORTE OFERECIDO PELA INSTITUIÇÃO ESTRANGEIRA

**Como você avalia sua adaptação no exterior quanto ao suporte institucional recebido durante o intercâmbio pela instituição de destino?**

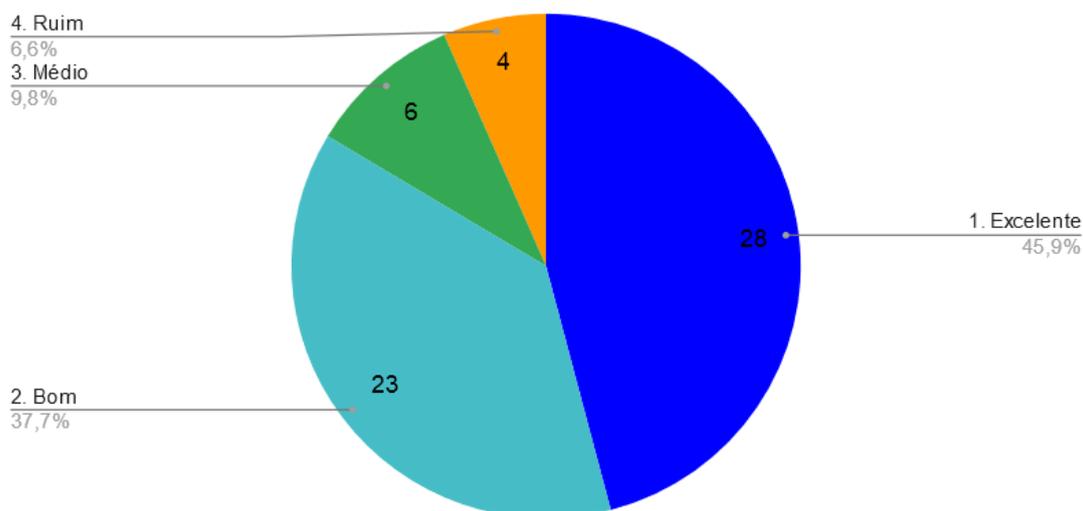
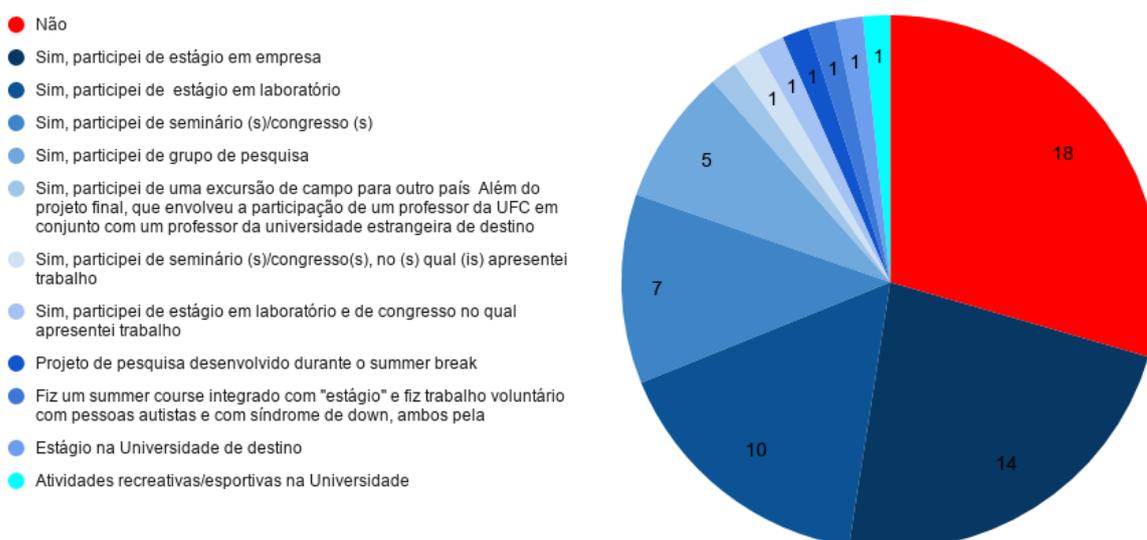


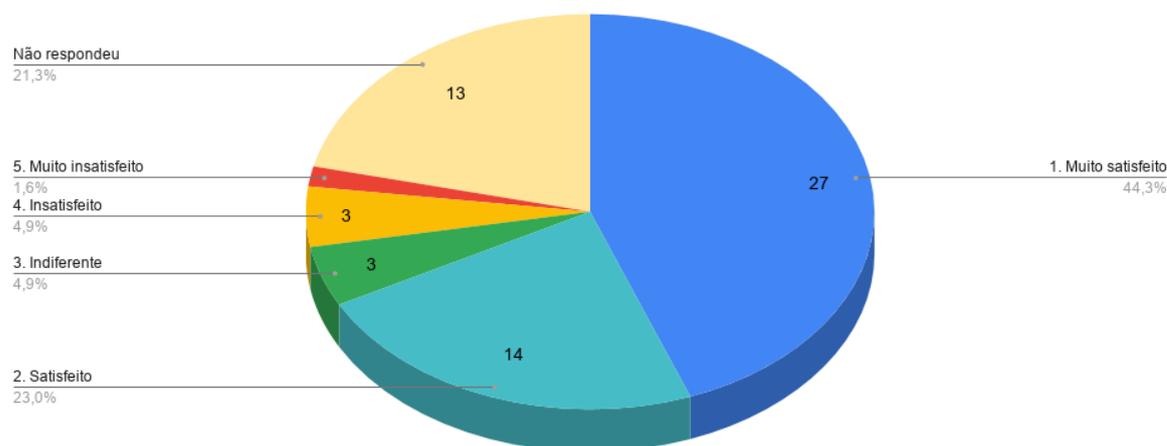
GRÁFICO 36 – REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS ALÉM DE DISCIPLINAS

**Você realizou outras atividades acadêmicas além das disciplinas cursadas?**



### GRÁFICO 37 – SATISFAÇÃO COM ATIVIDADES ACADÊMICAS FORA DA SALA DE AULA

Se sim, qual o grau de satisfação quanto à participação nas atividades acadêmicas fora de sala de aula?



### GRÁFICO 38 – VISITA A OUTROS PAÍSES

Você conheceu outros países além do país em que morou durante o intercâmbio?

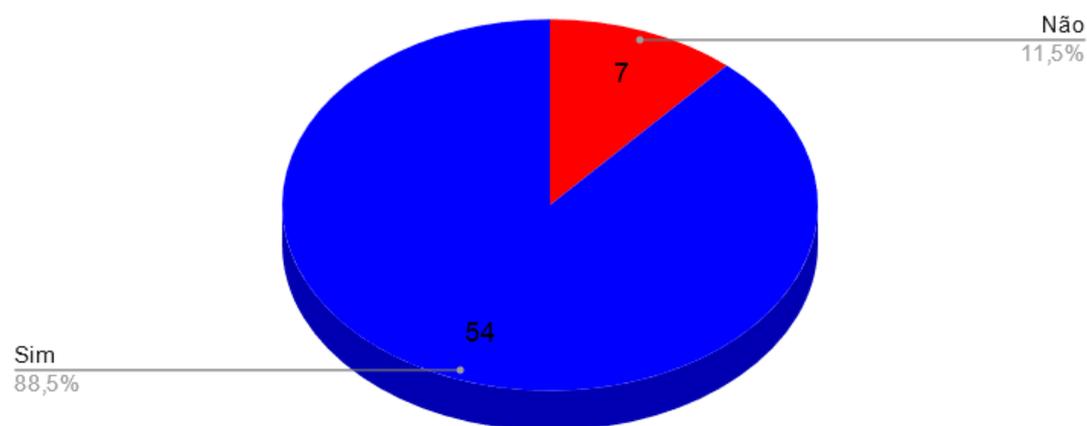
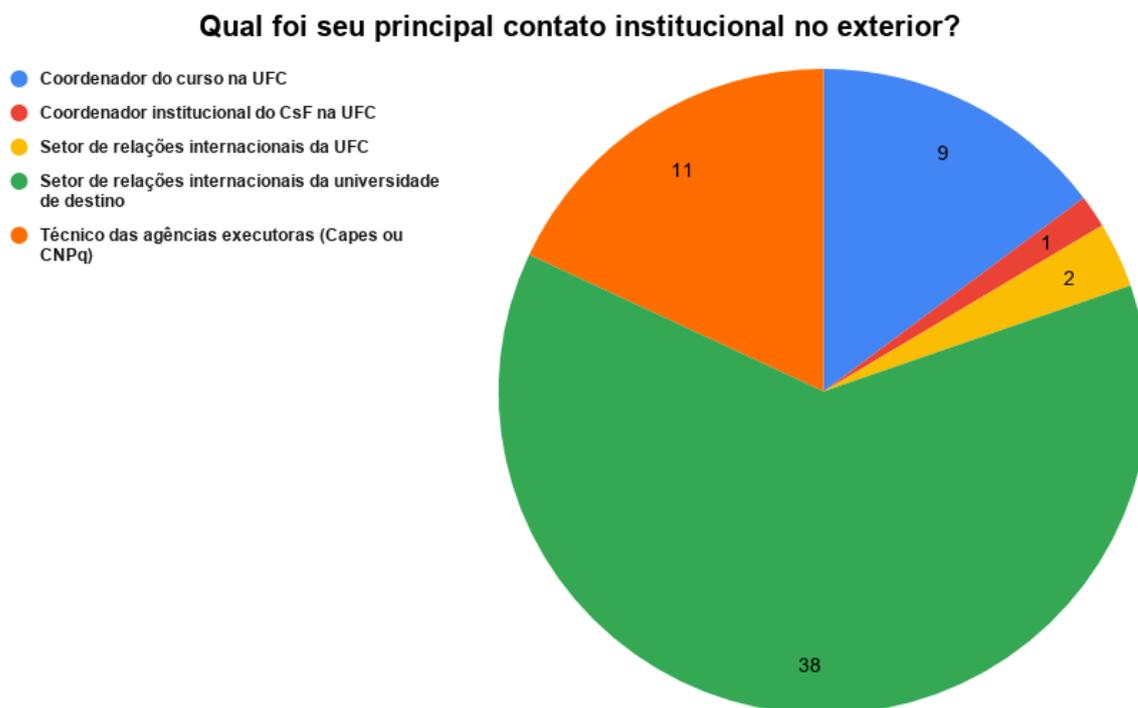


GRÁFICO 39 – PRINCIPAL CONTATO INSTITUCIONAL NO EXTERIOR



## RETORNO À UFC

GRÁFICO 40 – GRAU DE ATENDIMENTO ÀS ATIVIDADES PLANEJADAS

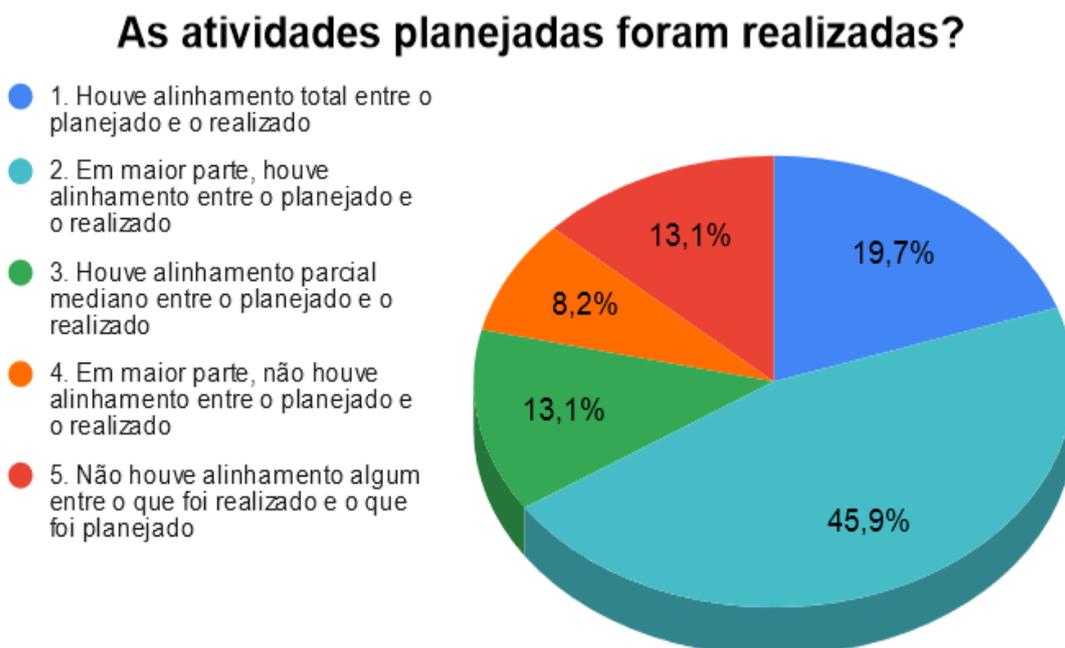


GRÁFICO 41 – GRAU DE SATISFAÇÃO COM O APROVEITAMENTO NA UFC DAS DISCIPLINAS/ATIVIDADES REALIZADAS NO EXTERIOR

**Qual o grau de satisfação quanto ao reconhecimento ou aproveitamento na UFC das disciplinas ou atividades realizadas no exterior?**

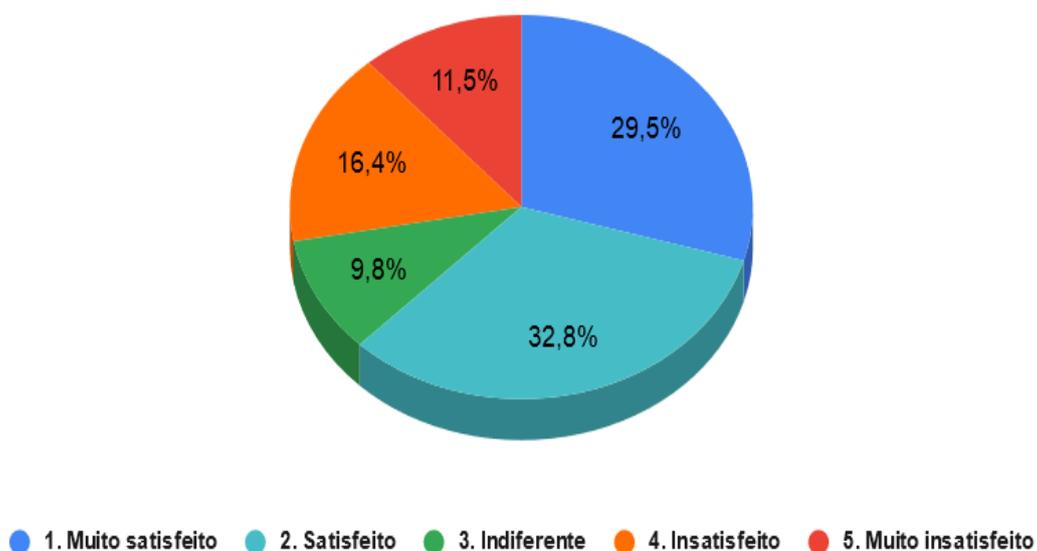


GRÁFICO 42 – REINSERÇÃO NO CURSO DA UFC

**Como você avalia a reinserção no seu curso de graduação?**

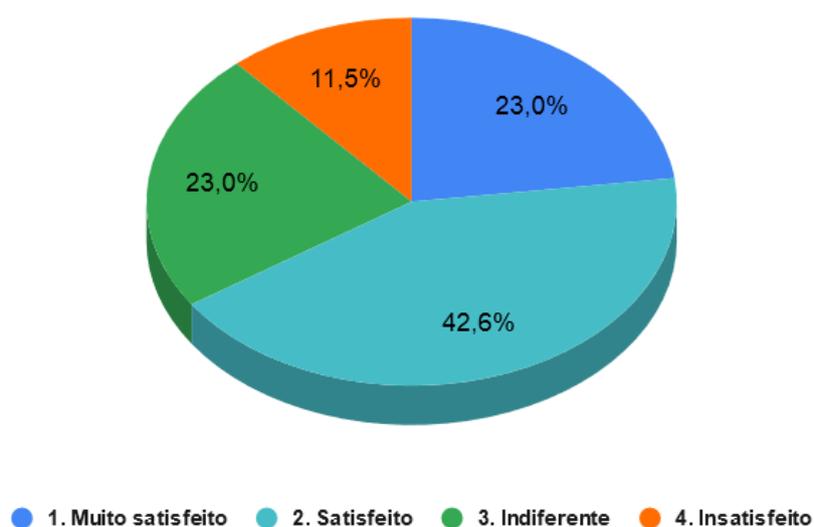


GRÁFICO 43 – MELHORA NO RENDIMENTO ACADÊMICO PÓS INTERCÂMBIO

**Depois do intercâmbio você percebeu melhora na sua participação em projetos da UFC/no seu rendimento acadêmico quanto a atividades "extra sala de aula"?**

- Não
- Sim, passei a participar de projetos de pesquisa, grupos de estudo, projetos de extensão, programas de iniciação científica e à docência, monitoria

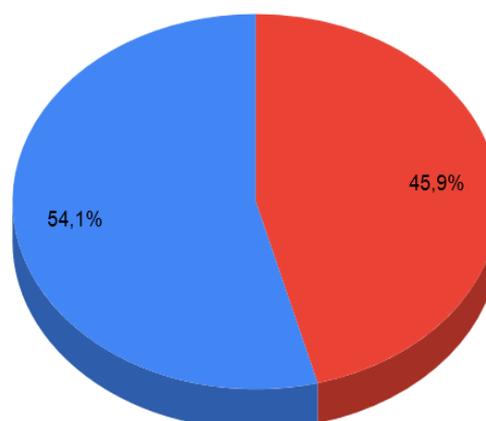


GRÁFICO 44 – COMPARTILHAMENTO DO INTERCÂMBIO NO CURSO DE ORIGEM

**Você teve a oportunidade de compartilhar a experiência do intercâmbio com os professores e demais alunos do curso?**

- Não
- Sim, apenas em conversas informais
- Sim, por meio da participação em projetos de pesquisa, grupos de estudo
- Sim, por meio de reunião, palestras organizadas pela universidade

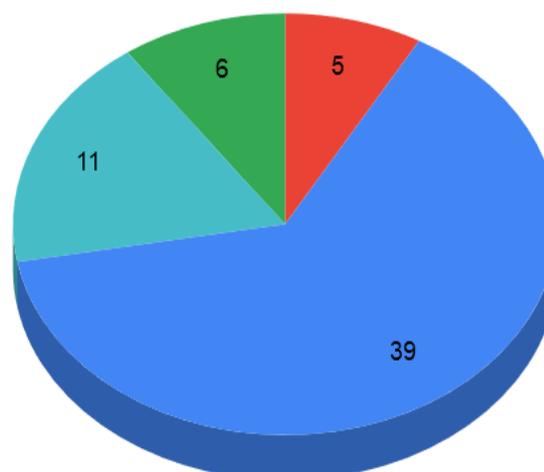
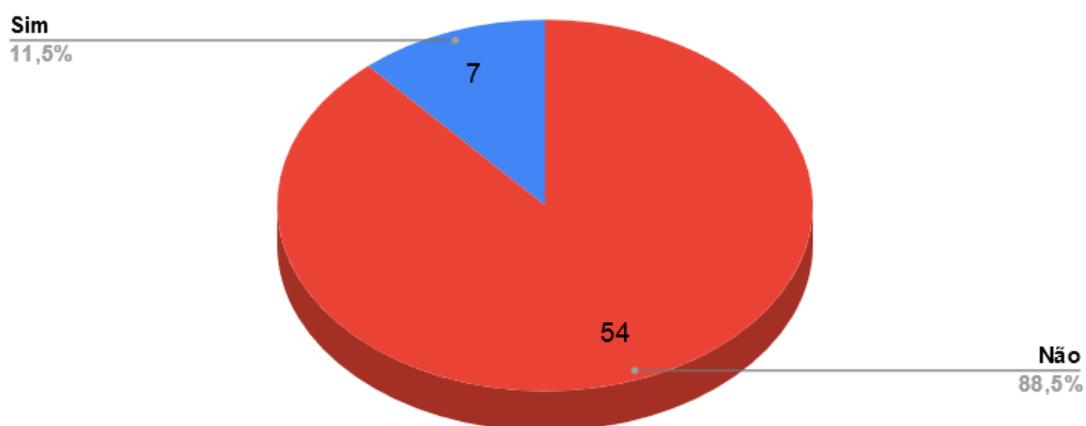


GRÁFICO 45 – PARTICIPAÇÃO EM AVALIAÇÃO SOBRE O CsF NA UFC

**Você participou, na UFC, de alguma avaliação institucional quanto a sua participação no CsF?**



### FORMAÇÃO PROPICIADA PELO PROGRAMA CSF

GRÁFICO 46 – IMPACTO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

**A participação no CsF teve um impacto positivo em minha formação acadêmica.**

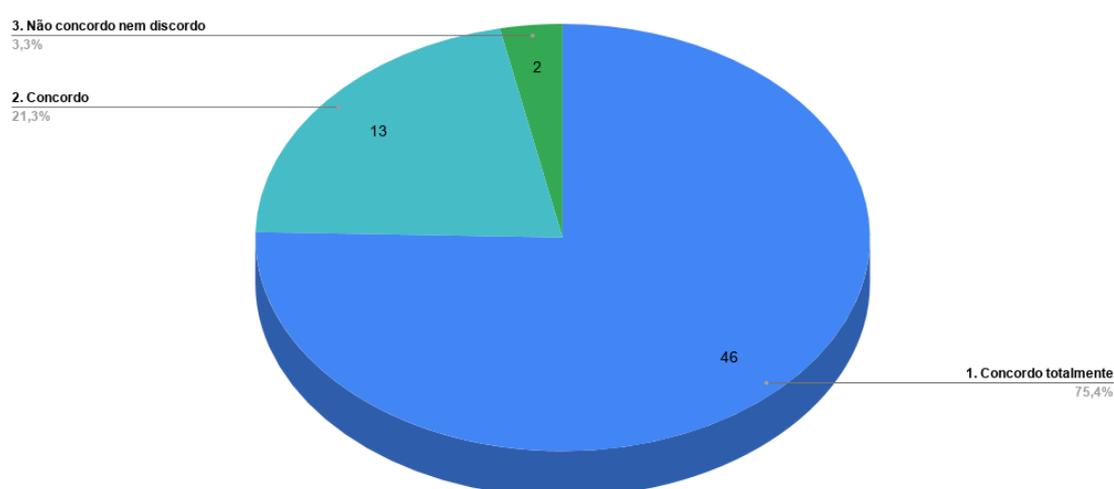


GRÁFICO 47 – INCENTIVO PARA PÓS-GRADUAÇÃO

**"Ter participado do CsF representou um incentivo para ingressar na pós-graduação"**

- 1. Concordo totalmente
- 2. Concordo
- 3. Não concordo nem discordo
- 4. Discordo
- 5. Discordo totalmente

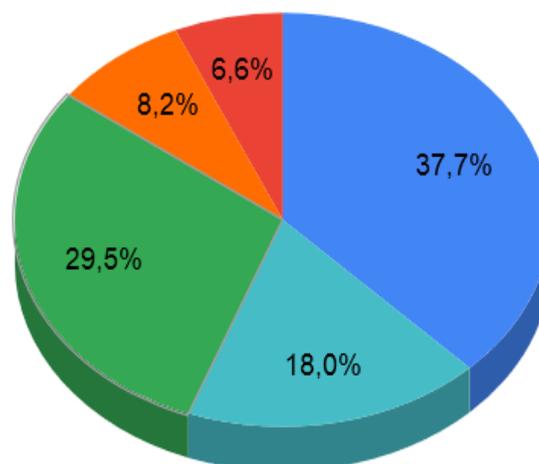
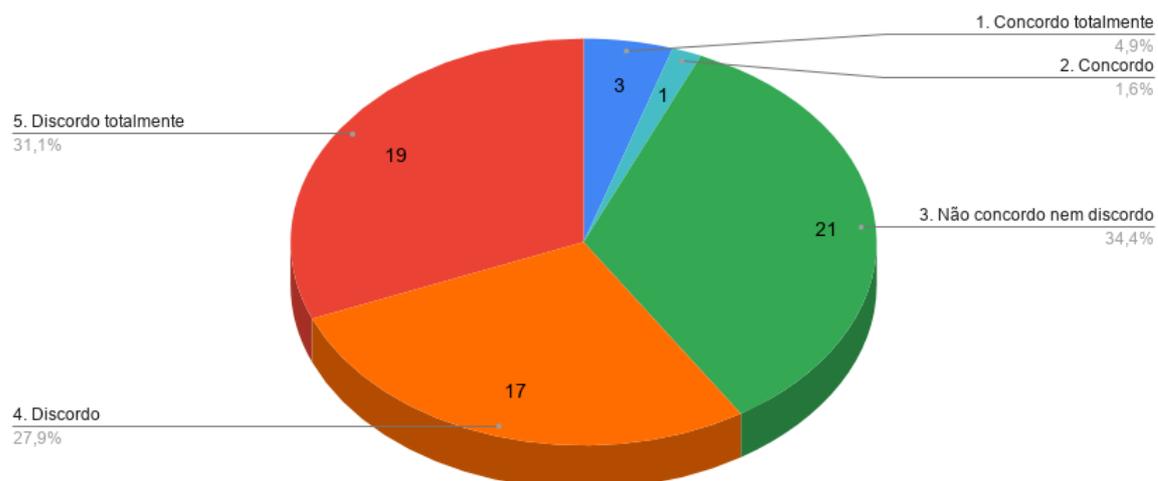


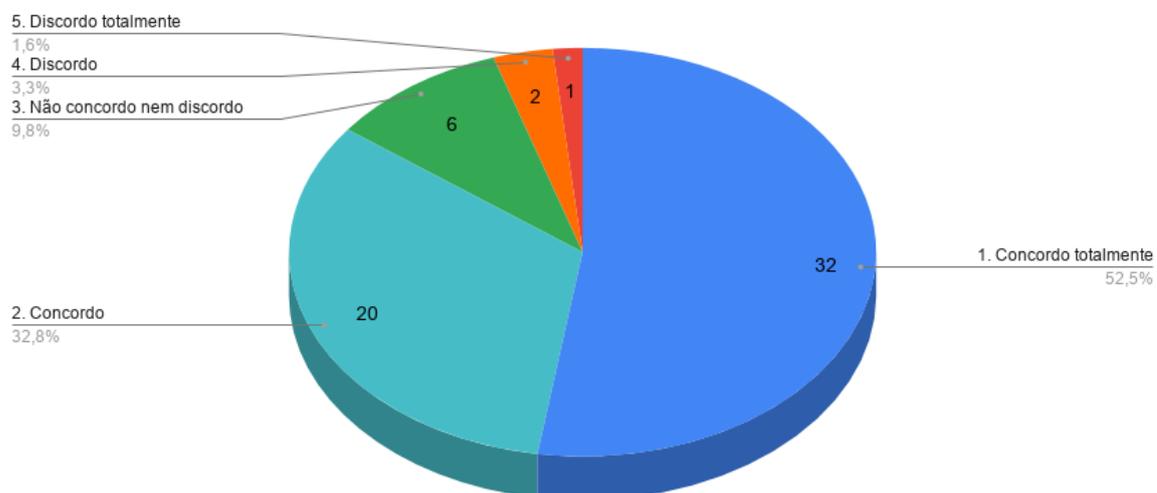
GRÁFICO 48 – INCENTIVO PARA PÓS-GRADUAÇÃO NA MESMA UNIVERSIDADE ONDE OCORREU O INTERCÂMBIO

**"A participação no CsF influenciou meu ingresso na pós-graduação na mesma universidade onde estive pelo CsF"**



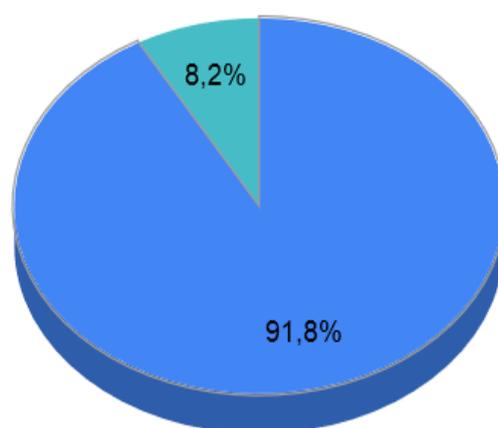
## GRÁFICO 49 – RECONHECIMENTO E PREPARO PARA O MERCADO DE TRABALHO

**"Quanto ao aspecto profissional, a participação no CsF me conferiu mais reconhecimento e preparo para o mercado de trabalho"**



## GRÁFICO 50 – CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO PESSOAL

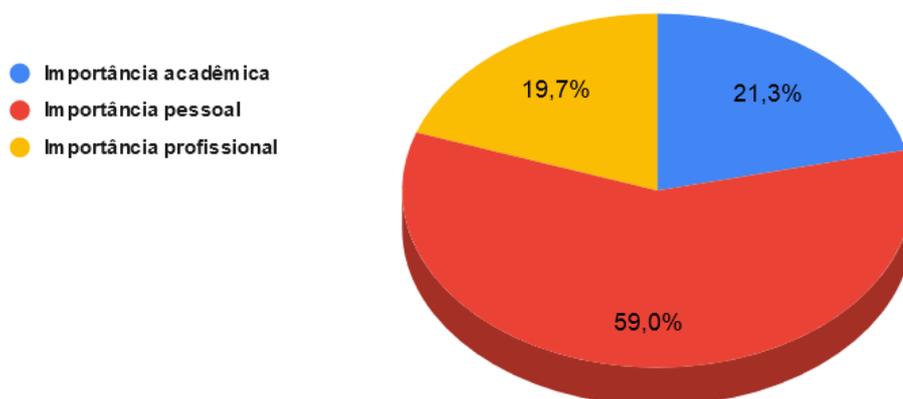
**"Considero que a vivência no exterior propiciada pelo CsF contribuiu para minha formação pessoal"**



● 1. Concordo totalmente ● 2. Concordo

## GRÁFICO 51 – MAIOR CONTRIBUIÇÃO DO CsF NA FORMAÇÃO DOS BOLSISTAS

**"Em sequência de importância, a maior contribuição da experiência proporcionada pelo CsF para sua formação foi de ordem":**



## **ADÊNCIDE C – SÍNTESE DO ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **Eixo1: Trajetória escolar**

- Fala um pouco sobre como foi sua trajetória escolar antes de entrar na Universidade? Você foi estudante do ensino público ou particular? Já tinha participado de outro intercâmbio antes de ingressar na UFC? Entrou na Universidade por meio da política de cotas?

### **Eixo 2: Formação na graduação da UFC antes do CsF**

- Como foi sua formação na graduação da UFC antes do CsF? Eu falo nas diversas perspectivas: acadêmica, de pesquisa, profissional, pessoal.

### **Eixo 3: Itinerário para receber a bolsa do CsF**

- Você pode resgatar como foi o itinerário para receber a bolsa do CsF?

### **Eixo 4: Execução do Programa CsF**

- Como foi pra você a vivência no exterior, durante o Programa CsF?  
- Como foi a experiência de formação que você teve lá?

### **Eixo 5: Retornar para a UFC**

- Finalizado o tempo no exterior, como foi retornar para a UFC?  
- Na sua condição de egresso do CsF, como você enxerga o tratamento/aproveitamento que a Universidade deu para essa política?

### **Eixo 6: Avaliação do CsF dentro da trajetória de formação**

- O que o CsF representa dentro da sua trajetória de formação?

### **Eixo 7: Encerramento do CsF**

- Em abril de 2017, o MEC anunciou o encerramento do CsF para a graduação. O que você pensa sobre o fim do Programa?

## APÊNDICE D – ENTREVISTA COM BIANCA

**Legenda:** C: Camila  
B: Bianca

C: Minha primeira pergunta é sobre a sua trajetória escolar antes de entrar na Universidade? Eu queria que você falasse um pouco de como foi sua vida escolar antes de entrar na Universidade.

B: Eu estudei em escola particular minha vida inteira. Eu estudei em dois colégios, eu estudei meu ensino médio inteiro no [colégio] 7 de setembro. E aí, fiz Enem e entrei pelo Enem. Na verdade, quando eu entrei, eu entrei na Engenharia Civil, e aí não gostei da Engenharia. E teve... Eu entrei naquele ano que teve aquele Sisu no meio do ano, porque ia ter um segundo Enem, mas não teve. E aí, no meio do ano, pelo Sisu de novo, eu entrei na Arquitetura, na UFC, que foi a minha formação. E, mesmo antes do CsF existir, eu sempre tive muita vontade de ir pra fora. Então eu vi no CsF uma oportunidade de ir pra fora e de juntar com a universidade, por ser uma oportunidade de bolsa e uma oportunidade de ensino... Eu vou ver como é uma universidade em outro país... Eu acho que isso é muito importante pra trazer pra gente, sabe? Antes da faculdade foi basicamente isso... Eu nunca estudei em escola pública, mas fiz o Enem, entrei na Universidade Federal pelo Enem. E, na Universidade em si, quando eu entrei na Engenharia... A Engenharia tem um outro programa. Eu não sei se você vai falar só do CsF, mas a Engenharia tinha um programa específico de graduação sanduiche com a França, que são dois anos no Brasil, dois anos lá e você volta pra terminar no Brasil e você recebe o diploma das duas universidades. E aí, era a minha ideia inicial. Mas aí, como eu não gostei da Engenharia, eu falei tipo: não, não é isso que eu quero. Eu realmente queria Arquitetura, foi o que eu sempre quis. E, quando eu tava na Arquitetura, a ideia [do intercâmbio] tinha ficado assim adormecida. Mas aí surgiu o CsF, né? E aí, eu fiquei naquela de... Porque não? Já era uma coisa que eu estava disposta a fazer na Engenharia, porque não fazer o CsF... E, pra mim, foi uma experiência maravilhosa. Em muitos aspectos foi maravilhosa, em outros aspectos foi bastante complicada.

C: Você pode abordar, de forma ampla, como foi a sua formação na graduação da UFC antes do Programa?

B: Na Universidade, eu não participei de iniciação científica, mas eu participei de programa de extensão. Eu não era bolsista, mas eu participava do Canto – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, que é um projeto de extensão da Prex. Eu participei por mais de um ano, viajei com eles pra apresentar trabalho... Era quase que um trabalho voluntário, porque a gente dava consultoria de arquitetura para comunidades, ajudava a implementar projetos e tal. Não fiz pesquisa científica, mas queria ter feito. Se eu pudesse voltar, eu teria feito, mas eu sempre fui muito engajada na faculdade, de querer participar das coisas, de tentar levar bem as cadeiras, sempre foi uma coisa que eu fiz com muito gosto. A única coisa que... Realmente, não participei de projeto científico, mas queria ter participado. Participei de [programa] extensão na faculdade, antes do CsF.

C: Bianca, resgata um pouco do itinerário até receber a bolsa do Programa. Como é que foi esse período, o processo?

B: Eu escolhi ir pra Inglaterra. Então, o processo começou com a inscrição, que era pela nota do Enem. Então, tinha um corte que nem todo mundo passava, porque tinha a nota mínima do Enem. E aí, depois que você fazia esse processo, dependo do país pra qual você se inscrevia, você tinha que fazer a prova de proficiência da língua. No caso da Inglaterra... Eu já tinha o TOEFL, só que teve um problema no meu ano, porque teve um problema de fraude nas provas. Então, a Inglaterra exigiu que fosse feita uma outra prova. Então, eu tive que fazer outra prova, que foi o IELTS, que, na época, ainda tava sendo feito aqui em Fortaleza. Eu fiz pra enviar. E aí, com base na nota do IELTS... E a gente tinha que escrever também uma carta de motivação. Então, quais eram os motivos que me levavam a querer participar do programa, porque que eu

achava que aquilo ia ser importante pra mim, minha ambição com o Programa, o que eu queria que aquilo me acrescentasse. E a inscrição era basicamente essa. Então, tinha todo um... Tinham uns questionários que a gente tinha que preencher, tinha essa carta de motivação e tinha a nota da prova. Daí, quando você passava... A gente escolhia três universidades e eu fui aceita pela minha primeira opção, que foi a Universidade de Portsmouth, que fica no sul da Inglaterra. E, depois que eu fui escolhida, eu tive que fazer todo o processo do visto, que foi o processo mais complicado. Isso variava muito de país pra país. Por exemplo, a minha amiga que foi para a Espanha... No visto dela, ela basicamente teve que enviar os documentos, pagou uma taxa e tudo foi enviado pra ela. Eu tive que... O formulário tinha mais de 20 páginas para serem preenchidas, eu tive que viajar... Eu tive que ir pra SP pra fazer uma entrevista por Skype com uma pessoa da Inglaterra. E o visto da Inglaterra era bastante caro e era um gasto que não era coberto pelo CsF. A gente que tinha que providenciar passaporte e o visto. Eles davam auxílio passagem e tal. Mas como ele deram auxílio de uma forma geral, eu sei que muitas pessoas se utilizaram desse auxílio para pagar o visto, mas eu paguei o meu visto. E eu lembro que, na época, ele foi uns três mil reais. Porque o visto da Inglaterra, a gente tinha que pagar... A gente pagava a taxa do visto, que era uns 500 dólares, e a gente tinha que pagar uma taxa de 200 libras, que era pra gente poder usar o sistema público de saúde como estrangeiro, como se fosse o SUS. Também por conta de um problema que teve na Inglaterra, porque tava tendo muito imigrante indo pra lá pra se utilizar do sistema de saúde e não tava dando conta. Então, para ter o visto de estudante (que me permitia até trabalhar lá), eu tinha que pagar essa taxa para usar o NHS (*National Health Service*). Mas, por mais que tenha sido caro, foi uma coisa que eu vi que valeu a pena, porque, as vezes que eu precisei usar, eu usei com muita facilidade. Então, foi um processo longo, que durou um ano. Então, querendo ou não, como cada país tem um processo de visto diferente, eu acho que dependendo do país que o estudante escolhia, acabava se tornando um processo excludente. Porque, por exemplo, os vistos que eram os mais caros, se eu não me engano, era o da Inglaterra e dos Estados Unidos. O meu foi uns três mil reais, sem contar os custos da viagem pra São Paulo. Eu fique na casa da minha irmã. A minha amiga que foi comigo [na mesma universidade], também ficou na casa da minha irmã comigo. Era um visto bastante caro. Diferente do processo da Espanha, que você enviava os documentos por Correio, pagava uma taxa, que eu acho que era menos de 200 euros, e os documentos eram enviados de volta pra você. Eu entendo que cada país funciona de uma forma, mas eu achava que era um pouco complicada a questão de não ser unificado, porque todo mundo passava por um processo diferente. Faltou um pouco de unidade: pra uns era muito facilitado, pra outros era muito difícil. Pra eu ser aprovada para esse visto, eu precisava da carta da universidade de lá, dizendo que eu fui aceita. Então, o primeiro passo era ser aceita pela universidade. Daí, depois que eu tirei o visto, foi mais uma questão de contato com a universidade pra saber em que alojamento eu ia ficar. O que era uma coisa que mudava de acordo com o país. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, os estudantes moravam em alojamento da universidade, e o pagamento da moradia era feito pelo Programa direto para a universidade. Mas, na maioria dos países da Europa, os estudantes moravam por conta própria, eles tinham a parte do dinheiro pra poder pagar aluguel. Isso foi uma coisa boa, porque eu não tive que me preocupar. Então, foi só o contato com a universidade pra saber onde eu ia ficar, qual ia ser o alojamento que eu ia morar, a partir de que dia eu podia chegar na universidade. Fora isso, foi mais uma questão de programação pessoal... ‘Ah, o que é que eu preciso fazer agora? Eu preciso comprar mala, preciso ver minha passagem, ver as coisas que eu vou levar’. E, nesse meio tempo, eu tive que abrir uma conta no Banco do Brasil pra poder receber a bolsa. A gente recebeu todos os auxílios iniciais em julho. E eu viajei em setembro. Por isso que eu falei que muitos usaram esse dinheiro do auxílio para pagar os vistos, mesmo que não fosse o propósito, por serem muito caros. A gente recebeu o auxílio em real... Então, na época, eu acho que eu recebi 18 mil reais, que era pra cobrir a passagem; pra cobrir a compra de um equipamento eletrônico pra ser usado na

universidade (eles davam tipo uma bolsa de 1000 libras para a compra de um equipamento eletrônico). Aí, tinha o auxílio do seguro de viagem, que era obrigatório. Era uma apólice bem pesada e era obrigatória para todos, porque era um seguro que... Caso acontecesse alguma coisa, um acidente e o estudante morresse, o seguro garantiria o traslado do corpo de volta para o Brasil. Esse seguro era uma coisa que a gente tinha que provar para o CsF que a gente tinha contratado. Eles davam também um auxílio meio que mudança. Porque, quando você vai pra um lugar, você vai ter que comprar eletrodomésticos, coisas de casa... E aí, como a gente recebia em real, cada um fazia o que queria do seu dinheiro. Tanto que, quando eu recebi, eu já tinha comprado minhas passagens. Então, eu só, basicamente, reembolsei o dinheiro. E aí, foi só o processo de montar o que eu ia fazer e, no dia da viagem, viajar.

C: Sobre a execução do Programa, eu tenho duas perguntas: como é que foi a vivência no exterior e como é que foi a experiência de formação na universidade estrangeira?

B: Sobre a vivência em relação ao Programa que você diz é do contato que eu tive com o CNPq, enquanto eu tava lá?

C: Digo a vivência nos 12 meses que você passou lá, um pouco mais sobre os detalhes.

B: Lá na Inglaterra funciona de forma muito diferente daqui do Brasil. A cidade que eu fui era basicamente universitária. Quando eu cheguei, a cidade tava bem vazia, porque as pessoas ainda não tinham retornado para o ano escolar, que lá começa em setembro. E aí, quando a gente chegou... Eu e minha amiga fomos as duas aqui da mesma universidade, do mesmo curso, pra fazer o mesmo curso na outra universidade. Isso foi muito bom, porque a gente viajou juntas e a gente se ajudou muito, mas a gente foi colocada em alojamentos diferentes. A primeira coisa que eu lembro de fazer foi... A gente chegou era a noite, então foi basicamente dormir. E, no outro dia, fui explorar a cidade. Então, a primeira coisa que eu fui fazer foi comprar um chip de telefone. Foram coisas que eu pesquisei muito antes. Eu lembro que eu olhei muitos blogs de pessoas que já tinham ido para o CsF, que tinham documentado todo o processo. Desde informações como qual a melhor mala pra comprar até qual a melhor companhia telefônica pra você ter lá. Essas pesquisas me ajudaram muito. Eu lembro que todo mundo que era do nosso edital, nosso edital da Inglaterra era o 195... Então, a gente tinha um grupo no Telegram e no Facebook, em que todo mundo se ajudava. Eu já sabia muita coisa que eu ia fazer lá. Pesquisei da cidade... Lembro que eu imprimi um mapa, porque eu sabia que não teria internet assim que chegasse e eu precisava chegar nos cantos. E aí, o processo de adaptação assim foi bem... Pra mim, foi muito tranquilo na questão da adaptação de casa, de morar sozinha. Tipo eu comprei coisas bem básicas, alguns eletrodomésticos, coisas do dia-a-dia, um liquidificador, uma torradeira, roupa de cama, produtos de limpeza. E aí, quando o ano realmente começou... A faculdade lá era bem diferente daqui, eu senti muito. O que eu achava era que a gente tinha menos tempo de aula, tinham dias na semana que eu não tinha nenhuma disciplina, mas a gente tinha que fazer muito trabalho em casa. Era bem mais independente do que aqui. Então, o tempo que eu teria em sala de aula na universidade daqui pra fazer um projeto, era uma coisa que eu tinha que fazer muito mais em casa. Mas eu senti um apoio muito grande da Universidade de lá. Tinha uma pessoa responsável por todos os bolsistas da arquitetura (eu acho que era por departamento). Nós éramos sete bolsistas da arquitetura e tinha uma mulher que era responsável e ela sempre foi muito aberta. Eu tive alguns problemas pessoais, porque eu não me adaptei muito bem a falta de sol lá. Eu já tinha um histórico clínico de depressão da adolescência. Então lá, apesar de gostar muito do frio, eu tava me sentindo mal. E eu conversei com meu professor da universidade, ele me explicou que tinha uma coisa que eles chamavam de winter blues, que é a depressão do inverno, que é exatamente por falta de sol. Aqui, a gente mora em Fortaleza, que é uma cidade que tem 12 horas de sol por dia o ano inteiro. E ir para um lugar que, no inverno, amanhece nove, dez horas da manhã e quatro horas da tarde tá escuro, foi muito difícil. Então, às vezes, eu tava fazendo um trabalho da faculdade era sete horas da noite, e eu olhava pra fora parecia que era duas horas da manhã. Foi uma adaptação um pouco difícil nesse

período. E eu lembro que eu conversei com a coordenadora do curso lá. E a universidade em si tinha um sistema de apoio à saúde mental que era muito bom e eu acho que mais bolsistas deveriam ter participado disso. Eu fiz terapia de grupo na universidade, provida pela universidade. E, pra mim, foi muito proveitoso. Era um dia na semana que a gente ia e conversava e tinha atividades pra fazer. E, como lá na Inglaterra tem muita gente da Europa inteira, muita gente da Ásia também, tem muito dessa experiência intercultural. Então, eu me senti muito acolhida no sentido de ser uma pessoa de fora, mas eles sabem que é diferente a experiência. Então, eles tentam prover um ambiente para que eu consiga me adaptar aquilo. Pra mim, nesse sentido, a experiência foi muito enriquecedora. Mas eu admito que eu fiquei um pouco desapontada com a questão acadêmica da universidade. Eu acho que aqui no Brasil, pelo menos na UFC, a gente tá acostumado a ser muito mais cobrado e a gente tem muita coisa pra fazer. E lá as disciplinas tinham menos tempo, eram muito independentes. Lá tem umas aulas que são basicamente palestras. Você senta num auditório, assiste a aula e, no final da disciplina, você vai ter que escrever tipo um artigo, mas não chega a ser um artigo sobre um tema que você escolhe. Não tem tanta interação com o professor, o estilo de aula é muito diferente. E eu fiquei um pouco desapontada, porque eu acho que eu esperava mais das aulas de lá. Mas uma coisa que a universidade de lá provinha que era muito boa... Eles tinham uma biblioteca central (eles tinham vários campi diferentes e uma biblioteca central) que durante maio (período de provas final, antes das férias de verão) ficava aberta 24h por dia. Era legal porque a gente sempre se juntava pra estudar juntos, pra fazer as nossas impressões. A gente tinha uma carteira da universidade (tipo um cartão de crédito), que tinha os nossos dados, o nosso alojamento, e, com essa carteira, a gente fazia basicamente tudo na universidade. Eu acessava a biblioteca, colocava crédito na carteira e pagava minhas impressões com ela. Era o mesmo cartão que eu usava, por exemplo, para entrar no meu quarto. O sistema da universidade lá era completamente diferente do Brasil. O método de ensino também. Eu me desapontei com o ensino, não por achar que os profissionais não eram preparados, mas pela forma que eu já tava acostumada aqui no Brasil de existir esse contato bem mais próximo com o professor. E essa questão do conteúdo, da cobrança e do tempo de sala de aula. Mas, de uma forma geral, foi muito bom, foi uma experiência muito enriquecedora pra mim.

C: Como foi a experiência de estágio que você teve na universidade estrangeira?

B: Então, o CsF eram nove meses de estudo e você tinha que fazer um estágio que era obrigatório. Tiveram pessoas que fizeram estágio em escritórios e tal. O meu estágio foi na universidade. A universidade tinha um escritório, como se fosse o escritório modelo daqui, mas era um pouco diferente. Eu estagiei nesse escritório. Foi durante seis ou oito semanas, que a gente trabalhou com alguns professores nossos em alguns projetos da cidade. Então, a gente trabalhou num projeto de renovação de uma igreja. Na verdade, foram três igrejas. Mas um era o centro comunitário da igreja, o outro era realmente um projeto de renovação da igreja e o último eu não consigo me lembrar o que era. A gente (eu e outra menina da arquitetura) fez levantamento em campo, fez o projeto no computador, apresentou o projeto. As outras meninas da Arquitetura foram estagiar em um escritório que era em outra cidade. Como a gente não queria ficar se deslocando todo dia pra essa outra cidade, a gente preferiu ficar na universidade. E foi ótimo também. A gente tinha os professores e a gente tinha quem tava contratando o projeto. Era um padre e uma moça que trabalhava com ele. A gente tinha reuniões todo dia e, no final, a gente apresentava os projetos. Foi bem bacana também.

C: Ao responder o questionário, você disse que conhecer outros países foi especialmente importante para o seu curso de Arquitetura. Fala um pouco sobre como foi essa vivência.

B: A questão de escolher a Europa para o CsF era exatamente a possibilidade de viajar mais, porque lá é muito fácil viajar. Eu não morava em Londres. Toda vez que eu falo Inglaterra... 'Ah, era em Londres. Não, não era'. Era uma cidade ao sul de Londres. Mas Londres ficava a uma hora e meia de trem. Na minha área da Arquitetura, foi especialmente incrível poder

conhecer tantos lugares que eu estudei. Então, visitar a Itália... Eu fui pra Roma, pra Florença e pra Veneza. Fui pra Paris duas vezes, fui pra República Tcheca, fui pra Barcelona. Visitei várias cidades da Inglaterra. Pra mim, foi muito a questão cultural, de conhecer a arquitetura daqueles lugares, especialmente obras que eu estudei e eu pude ver pessoalmente... É inimaginável, foi incrível! Eu lembro que a primeira vez que eu fui pra Paris, quando eu fui no Arco do Triunfo, que é uma rotatória... Eu ficava pensando: será que as pessoas que passam de carro por aqui todo dia sabem por onde eles estão passando? Será que eles sabem a história disso? Eu ficava muito maravilhada com tudo que eu via. Desde os pequenos perrengues que a gente passava em cada lugar, como se perder... Ou, por exemplo, na Bélgica, em todo restaurante que você entra, por mais que você compre, você tem que pagar pra usar o banheiro. É muito diferente. No Brasil, você pede para usar o banheiro em qualquer barzinho de esquina. Então teve muito o choque cultural das coisas serem diferentes. Mas foi uma experiência muito maravilhosa. Principalmente pra mim da Arquitetura, poder olhar para aqueles espaços e pensar: Puxa, eu sei porque que as coisas são assim. Eu estudei isso. Eu estudei como foi que essas cidades se formaram, esses monumentos, essas obras. Porque que é tão importante que essas arquiteturas dessas cidades sejam preservadas. Então, eu vi basicamente a história que eu estudei. Eu vi as oito cadeiras de história que eu fiz na minha faculdade criando vida. Foi uma experiência incrível pra mim. Eu não trocaria por nada. Eu tenho amigas que foram para a Austrália, para os Estados Unidos, mas eu não trocaria a Europa por nada.

C: Você mantém contato com as pessoas que conheceu nesse período?

B: Sim. Eu tenho uma grande amiga que mora lá na Inglaterra. A gente se fala sempre. Inclusive, quando a gente tava no período de férias de verão (quando todos os estudantes voltam pra casa e ficavam no campus só os intercambistas), eles colocaram todos os estudantes pra morar junto, pra eles ficarem só com um alojamento aberto. Eu e minha outra amiga aqui da UFC ficamos muito amiga da Themis e fomos visitar ela nas férias, conhecemos os pais dela e ficamos quase uma semana na casa dela, viajando também para cidadezinhas próximas. A facilidade pra viajar lá é incrível. Uma coisa que me perguntavam muito era sobre o valor da bolsa. Dava que sobrava, era só saber administrar bem. Eu viajei bastante, eu lembro que eu comprei passagem de avião de Barcelona pra Londres por 22 euros. Se você soubesse se organizar, você vivia bem com o dinheiro. Foi uma das coisas que eu me orgulho muito, mas que muita gente não soube fazer bem no CsF e que eu acho que podia ser uma parte educacional do Programa. Ter palestras ou workshops obrigatórios de coisas que a gente precisava fazer para estar fora. Isso é muito da minha experiência pessoal, já que eu sempre soube lidar bem com dinheiro, porque meus pais sempre me ensinaram. Então assim, no período em que eu estive lá, em nenhum momento eu pedi dinheiro para os meus pais. Eu sabia direitinho quanto que eu gastava por mês, meus gastos fixos... Com celular, por exemplo, com academia... Tinha, mais ou menos, uma ideia de quanto eu gastava por mês com comida e isso permitia ter uma noção de quanto sobrava pra eu fazer outras coisa, pra viajar. Mas eu vi pessoas que foram extremamente descontroladas com dinheiro e tipo assim, se o pai e a mãe não ajudassem, iam passar fome lá. Porque a gente recebia bolsa pra três meses, então a gente recebia três meses de bolsa e a gente só ia receber dinheiro de novo três meses depois. Então, eu imagino que teria sido interessante se eles tivessem dado essa abordagem, porque muita gente não sabe lidar com isso e é uma independência muito grande. E essa também é uma diferença que tem entre você deixar pra fazer um intercâmbio na faculdade e no ensino médio. Porque você não vai morar na casa de uma família. Você é maior de idade, você tem que cuidar de si mesmo, você tem responsabilidades. Eu tive que abrir conta em banco lá, eu tive que fazer cadastro no sistema de saúde público... Questões de médico, comprar comida, me organizar. Eu tive muita sorte de ter pais que me ensinaram a fazer isso, mas eu sei que muitas pessoas não tem essa educação em casa e eu acho que talvez se fosse uma coisa que o CsF tivesse provido de alguma forma, por entender que existe um choque cultural muito grande entre como a gente faz as coisas no Brasil

e como as coisas são feitas em outros países e também de sair da realidade de morar com os pais e ir pra uma realidade de morar em outro país, onde eu vou ser completamente independente... Talvez algumas pessoas tivessem tido um proveito melhor.

C: Você disse no questionário que ter participado do Programa te incentivou a pensar em pós-graduação. Fala um pouco sobre isso.

B: Eu faço pós-graduação [especialização] na UNIFOR em Arquitetura e Projeto Sustentável. Então, minha pós-graduação tem foco em sustentabilidade, que é uma questão que dentro da minha profissão, não é mais nem o futuro, tem que ser o presente. Questão de recursos, de como a gente pode manejar energia de uma forma mais eficiente. E eu tenho muita vontade de fazer um mestrado fora. Inclusive, eu tinha pesquisado um mestrado de um ano Portugal-Itália, só que com a pandemia eu não sei mais como vai ser. Eu não me inscrevi, porque não ia dar tempo de terminar a pós-graduação antes de ir. Eu ia me inscrever agora no final do ano se eles abrissem. Você se inscreve em dezembro, janeiro, pra ir em setembro. Eu terminei a faculdade tem dois anos, eu terminei em julho de 2018. Minha faculdade foi em cinco anos de curso e um ano de CsF. Eu terminei a faculdade sem saber bem o que eu queria fazer. Eu sempre soube que eu não queria ter um escritório de arquitetura, mas, por outro lado, eu não tive muito incentivo de participar de iniciação científica na faculdade, por exemplo. E hoje eu faço pós-graduação e sou professora de inglês, e foi uma coisa que eu descobri que eu gosto muito de ensinar. Então, eu tenho pensado: Porque não juntar as duas coisas? A arquitetura, que eu amo, e ensinar, que é uma coisa que eu descobri que eu gosto, que eu sou boa. Só que o processo aqui no Brasil é mais complicado. Eu tenho vários amigos que fazem mestrado na UFC em diversas áreas (na geografia, na medicina) e o que eu vejo dos meus amigos sofrendo. Eu acho que o mestrado é muito ingrato. Isso me leva a pensar se eu quero mesmo me meter nisso. E aqui, no Brasil, eu acho mais difícil você aplicar para um mestrado, se você não fez a iniciação científica na faculdade. Lá fora já é diferente e eu também sempre quis morar fora. Então, eu pretendo fazer um mestrado fora e ficar por lá.

C: Sua atuação como professora de inglês você relaciona com o Programa, com a experiência que teve na língua no estrangeiro?

B: Também. Eu já era fluente. Porque assim outra coisa que era legal no CsF era que tinha uma nota mínima na prova de proficiência, em que você podia ir sem curso de línguas. E tinha uma nota que você ia com curso de línguas, então você ia alguns meses antes pra fazer um curso de línguas lá no país de destino. Eu fui em setembro, mas teve um pessoal que foi em julho e passaram julho e agosto fazendo o curso de línguas e em setembro a universidade começou e eles tinham que ter uma cadeira da língua inglesa durante o curso na universidade. Eu já era fluente, proficiente na língua quando eu fui, mas, querendo ou não, como é a única língua que você vai falar com todo mundo lá, contribui muito. E hoje, quando eu estou em sala de aula, meus alunos perguntam muito... 'Ah professora, mas, na Inglaterra, se fala assim? Então, me permitiu ter uma base comparativa muito boa. Eu tenho essa vivência de saber que o que se aprende, nem sempre é a forma como as pessoas falam na vida real. O contato com a língua muda o que você aprende sobre aquela língua.

C: Finalizado o tempo no exterior, como foi retornar para a UFC? Na sua condição de egressa do CsF, como você enxerga o tratamento/aproveitamento que a Universidade deu para o Programa?

B: Quando eu voltei, era como se eu tivesse tirado um ano sabático da Universidade. No sistema, foi como se eu tivesse com um trancamento e, quando eu voltei, eu me matriculei normal pra começar o semestre meio que de onde eu tinha parado. Só que eu fiz aproveitamento de cadeiras. Eu aproveitei uma disciplina obrigatória de projeto e duas disciplinas optativas. Como eu comentei, o sistema era muito diferente. Eu tive que juntar duas cadeiras pra conseguir aproveitar uma aqui, porque a quantidade de créditos é diferente, o tempo de disciplina lá é menor que aqui. Na época, o coordenador me ajudou muito para aproveitar tudo que podia do

CsF. Exatamente porque eu tinha dedicado um ano da minha vida pra estudar em outro país, e é complicado você chegar de volta e não aproveitar nada disso academicamente. Eu voltei pra faculdade normal e continuei basicamente de onde eu parei. Mas uma coisa que os bolsistas conversavam entre si era que a gente voltava para o país e não tinha uma cobrança do CsF, no caso do CNPq e da CAPES, de aplicar o que a gente desenvolveu lá fora. Eu passei um ano fora e o CNPq me pediu basicamente só documentação, mas em nenhum momento foi pedido alguma coisa acadêmica em relação ao que eu fiz lá. Eu não falo nem no sentido de produzir um artigo, ou algo do tipo, mas de talvez uma aplicação à própria universidade. Talvez estender o período de bolsa com algum trabalho voltado pra UFC com foco no que foi aprendido lá fora... Alguma coisa do tipo. Não é como se a Universidade tivesse ignorado, mas é aquela coisa... Agora que você voltou, você só vai continuar aquilo que você já estava fazendo aqui. Tá aqui no seu histórico que você foi, mas tá aguardado dentro de uma gaveta. Sua experiência tá dentro da sua cabeça. Mas eu acho que, no retorno, o bolsista deveria ter que fazer alguma coisa, pelo menos nos primeiros seis meses, que aplicasse a experiência, que desse um retorno pra Universidade. E eu não vi isso acontecer. A gente investiu em você um ano lá fora e agora você vai dá um retorno pra gente. Eu não vi acontecer e eu senti falta de que acontecesse.

C: No próprio curso, não foi promovido nada? Nada que compartilhasse a experiência com os demais estudantes?

B: Não. A gente compartilhava entre si. Até porque o meu CsF foi o último, foi a última edição do Programa. Eu não sei quantas edições tiveram antes, mas a minha turma, basicamente, metade dos alunos foram em 2014, 2015 e a outra metade foi 2015, 2016. Então, os meus amigos que chegaram quando eu tava pra ir... A gente basicamente... Foi só a gente compartilhando experiências, mas nada que fosse oficialmente promovido pela Universidade pra que aquilo acontecesse. E eu realmente senti muita falta disso.

C: Da sua turma de graduação, muitos estudantes foram...

B: Quase todo mundo foi. Foram poucas as pessoas que não foram. Eu acho que assim... Na Arquitetura, eram 32 alunos. A minha turma eu acho que tinha uns 30 estudantes, contando com quem desistiu... Acho que, desses 30, menos de 10 não participaram do Programa.

C: Como você pensa e vê o Programa CsF dentro da sua trajetória de formação? O que ele representa na sua trajetória?

B: De vida?

C: De formação no sentido amplo.

B: Foi uma experiência muito enriquecedora, porque eu coloquei na ponta do lápis quanto que se gastava nesse Programa, como foi alto o investimento do Governo, sabe? E é uma coisa que, por mais que eu tenha uma boa condição de vida, tenha os meus pais e nunca tenha passado nenhum tipo de necessidade, não é uma coisa com a qual a gente conseguiria arcar, porque é muito dinheiro. Então, assim, é maravilhoso saber que a gente teve essa oportunidade pelo Governo. E, pra mim, foi muito importante no aspecto do estudo, porque eu pude ver como é que é lá fora, como é que as universidades são lá fora, como é diferente do que a gente faz aqui. Eu acho também que as pessoas tem muito a síndrome do vira lata de achar que tudo lá fora é melhor. Isso é uma coisa que me irritava muito, sabe? Quando eu tava lá, eu não podia abrir a boca pra reclamar de nada, nem do CsF, nem do país, que as pessoas diziam... 'Ah, mas tu tá na Europa!' Gente, nem tudo aqui é melhor! Uma coisa que eu falo muito é que o CsF me preparou muito pra uma situação de independência. Hoje, eu me sinto muito mais confiante, muito mais confortável em aplicar para um mestrado fora, porque eu já sei o que me aguarda; em ir morar sozinha, porque eu já sei como eu me viro em muitos aspectos. Na vida, isso foi muito importante, porque foi uma experiência de independência e liberdade, mas com prazo de validade. Então, eu sabia que aquilo ia acabar e quando acabasse eu ia voltar a minha vida normal. Eu ia retomar de onde eu parei, mas com uma cabeça muito diferente. Então, eu acho que hoje eu valorizo as coisas de uma forma diferente. Inclusive a universidade e o sistema de

ensino das nossas universidades, porque, como eu falei, as pessoas gostam muito de achar que tudo que é de fora é melhor e nem sempre é, nem sempre só porque tá lá fora é melhor do que tá aqui. Pra mim, foi uma experiência que valeu muito a pena... Eu inclusive era pra ter ido no de 2014, mas eu desisti do processo por motivos pessoais. E aí eu pensei 'Não, ano que vem eu vou'. E ainda bem porque foi o último ano... Então, quem foi, foi, quem não foi, não vai mais. Eu fico muito triste de pensar que o Programa foi, por hora, extinto e que outras pessoas não vão ter essa oportunidade. Porque eu acho que é algo que realmente pode mudar a vida das pessoas. Eu tive uma amiga do Design que foi pra Londres e teve um desempenho tão bom que a faculdade pediu pra ela ficar lá por mais seis meses a parte do CsF e eles arcaram com todas as despesas dela. Então, isso muda a vida de uma pessoa. A gente ter tido uma oportunidade dessas proveniente de um programa do governo é uma coisa muito mágica. Eu fico muito triste de não ter mais. Pra mim, foi uma coisa que mudou a minha vida, hoje eu sou outra pessoa, no sentido de que eu sinto que eu estou mais preparada pra vida, por ter tido essa experiência, do que uma pessoa que não teve.

C: Interessante que a pergunta seguinte era justamente sobre o que você acha do fim do Programa...

B: Eu fico muito triste, muito triste mesmo, porque assim... Eu fique muito triste, na época, pelos meus amigos que não foram. Eu ouvia de algumas pessoas... 'Ah, eu não vou, porque eu vou atrasar minha faculdade!' Gente, pelo amor de Deus! A gente atrasa a faculdade por besteira, porque não quer fazer uma cadeira e fica enrolando. Eu sempre converso com minha mãe e ela diz assim: uma pena que um negócio tão bom acabou. Porque é uma experiência que você pode estudar aqui o tanto for, você pode sair da sua cidade pra sei lá... Estudar em São Paulo, estudar em Minas ou numa USP da vida, mas você ter uma experiência em outro país é completamente diferente. Eu fico muito triste de pensar nesse desserviço de tirar um programa desse e de cortar esse tipo de recurso da educação. Porque é uma oportunidade que, como eu falei, mesmo eu que tenho uma boa condição financeira, não seria uma coisa que eu teria condições de arcar, porque é um custo muito alto. E o quanto isso ainda poderia mudar a vida das pessoas... Se ele fosse aplicado também de uma forma melhor, daquilo que eu falei de trazer um retorno, realmente um retorno que... Você como bolsista do CsF, bolsista do CNPq, da CAPES, você tem que dar um retorno pra sua extensão do seu País, na sua universidade, no seu curso de alguma forma. Era uma coisa que eu achava falha no Programa e agora nem isso, né? E, agora, a gente não tem nem mais a esperança de 'Ah, não, mas esse ano a gente vai fazer diferente'. Esse ano não vai ter mais. E já tem um tempo que não tem. Então, assim, eu fico muito triste, muito triste mesmo. E me sinto muito privilegiada de ter podido participar dessa experiência.

C: Você falou do custo do Programa que era alto. Você fez alguma estimativa de quanto foi feito de investimento?

B: Olha, a minha... Eu posso tentar fazer os cálculos aqui pra ti. A minha bolsa... A universidade que eu estudei cobrava 14 mil libra pra estudantes internacionais por ano, fora os custos de acomodação. A acomodação era, mais ou menos, 150 libras por semana. A minha bolsa era de 420 libras por mês e eu recebi ainda todos aqueles auxílios. Eu acho que... E eu fui numa época que a libra tava muito cara. Então, assim, eu recebia em libra, eu não recebia em real. Então, a libra tando a 4 reais, a libra tando a 7, porque quando eu tava lá a libra bateu 7 reais, eu ia receber a mesma quantidade de dinheiro. Então, tipo assim, o Governo arcava com esses custos, né? E eu acho que era uma bolsa que assim... A Inglaterra era um dos países mais caros, mas tinham muitos países que eram considerados... A Austrália quase inteira era considerada alto custo, porque a Austrália era um país muito caro. Então tipo, a bolsa da Austrália era muito mais alta, porque lá as coisas eram mais caras. Uma colega minha que foi só de aluguel ela gastava quase mil dólares de uma bolsa de 1500. Então assim, eu acho que quando eu coloquei, eu fiz, mais ou menos, os gastos era mais de 130 mil reais por estudante. Daí tu tira quantos

estudantes foram nesse meio tempo. Então assim, o gasto do Governo foi de milhões.

C: Também dependia do custo de vida no país.

B: Sim. Existia no CsF... Eu não sei se você sabe, mas, no CsF, existia... Era um valor fixo, mas ele mudava pela moeda. Então, assim, eu, na Inglaterra, recebia 420 libras. Na Europa, era 420 euros. Nos Estados Unidos, era diferente, acho que era 400 ou 300 dólares. Então, tinham as diferenças, mas assim eu morava numa cidade que o custo era considerado normal. Mas quem morava em Londres era considerado alto custo, eles recebiam a bolsa dobrada. Então, ao invés de receber 420, eles recebiam 840, porque o custo lá era muito mais alto. Então existiam algumas cidades, basicamente as capitais, eram consideradas alto custo. Então, Paris era alto custo, Londres era alto custo, Madri era alto custo. Na Austrália, das cinco cidades participantes do Programa, acho que quatro eram alto custo. E aí, tinha essa diferença. Mas como tipo o valor era o mesmo... Eu recebi 1000 libras pra poder comprar um computador, quem foi pra Europa recebeu 1000 euros, quem foi para os Estados Unidos recebeu 1000 dólares. O valor era o mesmo, mas a moeda que mudava.

C: Bom, a gente cumpriu o roteiro de perguntas, foi isso. Eu queria te agradecer de novo pela oportunidade de trocar essas informações. Esse material vai ser muito valioso pra trabalhar na dissertação.

B: O que é que você tá falando, na tua dissertação, do Programa em si? Tá avaliando como ele funcionava ou o impacto dele?

C: Na verdade, é a percepção de formação que o Programa trouxe para os estudantes. A questão da formação, mas não estritamente acadêmica. Como a experiência transformou o estudante, na visão do próprio estudante.

B: Pra mim, foi muito mais uma experiência de vida que uma experiência acadêmica. Se eu for botar na balança o que pesou mais, de onde eu tirei mais proveito, de onde eu aprendi mais lições e aprendi mais coisas... Foi como experiência de vida. Foi viver em outro país, foi lidar com situações que eu nunca precisei lidar aqui, foi cuidar completamente de mim. Se eu tava doente, eu que tinha que cuidar de mim; se eu tava com fome, eu que tinha que fazer minha comida, eu que tinha que ir comprar; se quebrava alguma coisa, eu tinha que dá um jeito de consertar, eu tinha que contratar alguém pra consertar; eu tinha que ir no banco resolver todos os meus problemas; eu tinha que ir no médico resolver tudo que era relacionado a médico; eu tinha que tratar de todos os trâmites legais. Tudo, tudo quem tinha que resolver era eu! Eu não podia dizer: Mãe, tu pode ligar pra marcar um médico pra mim? Então assim eu acho que isso força você a crescer, força você a amadurecer; força você a si colocar numa posição de controle da sua vida.

C: De autonomia.

B: Você tá ali, você tem apoio até certo ponto. Mas não é como se... 'Ah, eu estou tendo um problema com o meu banco.' Não é como se o CNPq fosse resolver isso pra você. Você tem que fazer uma conta num banco lá, você que tem que ir lá resolver. Então assim força um amadurecimento, querendo ou não. Você tem que ir atrás de saber fazer as coisas, você tem que descobrir, você tem que crescer. Se você não cresce, você não consegue, você desiste daquilo, você não aguenta. Então, eu acho que isso, pra mim, foi o mais importante. Porque é como eu falei, hoje eu me sinto muito mais preparada pra uma situação de sair de casa; pra, eventualmente, como eu quero, ir morar em outro país. Eu já sei o que me aguarda, porque eu tive o privilégio de participar de uma experiência que me forçou a fazer tudo isso, mas que por um período de tempo. Então, eu tinha um prazo de validade. Eu sabia o que meu amanhã ia ser e hoje eu me sinto mais preparada pra ter uma nova experiência dessas onde eu não sei o que vai me aguardar. Então, pra mim, o meu maior proveito foi a experiência de vida que o programa me trouxe, muito mais do que acadêmico, muito mais do que qualquer outra coisa.

C: Você enxerga isso como tendo sido parte da sua formação?

B: Com certeza. Eu acho que eu seria uma pessoa com valores diferentes. Hoje eu entendo

muito melhor o que é o valor das coisas, sabe? Então assim, só pra dar um exemplo mais palpável... É, às vezes, as pessoas acham aqui... Vamos supor... Eu vivia com 400 libras por mês, 420 libras por mês. E, aqui, você fala... Ah, ninguém consegue viver com 400 reais no Brasil. O que eu mais falava era: gente, o problema não é você pegar 400 libras e tipo converter pra real ou achar que uma libra ter o mesmo valor que um real vai ter. Então assim, aqui no Brasil, com um real, o que é que a gente consegue fazer? Quase nada, você não consegue nem mais comprar uma garrafa d'água direito com 1 real. Enquanto, na Inglaterra, com uma libra, só pra dar um exemplo, eu comprava uma cabeça de alface e seis tomates, já era a minha salada pra semana. Então, o valor do dinheiro era muito diferente. Eu lembro que, quando minha mãe foi me visitar, ela queria testar o cartão dela pra vê se tava fazendo compra internacional. A gente foi numa loja de roupa que eu sempre ia, que é uma loja bem conhecida e que é uma loja barata, que é a Prime Mark, que tem em vários países. E tinha uma blusa que tava tipo seis libras. Eu achei a blusa bonita, mas resolvi não levar porque achei cara. E minha mãe falou: minha filha, como é que uma blusa de seis libras tá caro? Eu disse: mãe, porque eu sei que daqui a um mês ela entra de promoção e não ficar por duas [libras]. Seis libras? Eu gastava 40 libras pra comer a semana inteira... 40, 50 libras era o que eu gastava pra fazer supermercado pra comer a semana inteira. Então, pra tomar café da manhã, almoço, jantar, lanche. Então assim eu entendia de outra forma o que era o valor do dinheiro. E isso é uma coisa que eu trouxe pra minha vida. Hoje eu tenho uma relação diferente com o dinheiro. Hoje eu entendo o que é ter que se organizar financeiramente, porque lá eu tinha o meu dinheiro por mês, que eu tinha que me controlar, porque eu sabia que eu não podia tá todo mês... Ah mãe, passa tanto dinheiro pra minha conta, porque acabou o meu dinheiro. Eu não podia me dar ao luxo de fazer isso, porque isso é um luxo. Então assim é muito diferente... Assim, o valor que as coisas tem também, acho que o valor de vida. Por exemplo, uma coisa que eu sempre dizia, que eu sempre explicava para os meus amigos lá, é que a gente como classe média no Brasil tem uma porção de regalias que nem classe alta lá fora tem direito, porque aqui no Brasil serviço é uma coisa muito desvalorizada. Então assim, aqui, se eu quiser, eu vou toda semana no salão... Faço minha unha, me depilação, faço minha sobancelha, faço meu cabelo. Lá, é muito caro. Então, lá as pessoas aprendem a fazer as coisas sozinhas. Eu fazia minhas unhas em casa, eu me depilava em casa. Então, você começa a entender também o que é o valor das coisas, não é o quanto elas custam, mas o valor que as coisas tem. Então assim, aqui a gente empregada doméstica... Diarista, passadeira, cozinheira, às vezes. Aqui em casa, por exemplo, a gente tem uma passadeira que vem de duas em duas semanas e tem uma diarista que vem uma vez por semana. E eu lembro que, quando eu tava próximo de voltar, eu tava comprando uns presentinhos pra trazer e fui comprar um presente pra elas, que são pessoas que estão na minha vida desde criança, me conhecem desde que eu nasci, então são da família basicamente. E eu lembro que eu tava conversando com um amigo meu, e eu falando... Ah, eu tô aqui comprando um presente... E não tem outra palavra, tipo assim, não tem uma palavra pra diarista, pra passadeira. A palavra que se usa no inglês é maid, que é a palavra de empregado. E eu lembro que eu usei a palavra no plural, eu falei tipo for my maids at home. E ele virou pra mim e falou assim: mas o quão rica tu é? Tu tem empregadas? E eu fui explicar pra ele todo o contexto, de como é diferente. Então, qual o valor das coisas, o que é o valor do serviço de alguém, o valor do dinheiro mesmo, sabe? Então tipo, é uma coisa que, hoje, eu penso muito mais antes de gastar dinheiro do que antes, antes de eu ir para o Programa. Porque eu entendo o valor que o dinheiro tem. Quando eu paro pra pensar que eu gastava 40 libras por semana em comida. Mesmo que eu converta isso pra real, você não faz um supermercado com esse valor. Então assim, é muito diferente e isso abriu muito os meus olhos pra muitas coisas. Pra mim, foi o que mais valeu da minha experiência.

## APÊNDICE E – ENTREVISTA COM RICARDO

**Legenda:** C: Camila  
R: Ricardo

C: Antes de entrar na experiência do intercâmbio, eu queria que você falasse um pouco de como é que foi a sua trajetória escolar antes de ingressar na UFC.

R: Eu estudei no ensino particular até a segunda série do Ensino Fundamental e, a partir da terceira série, eu já fui pra escola pública. Estudei em escola pública, alí do meu bairro. Tentei um vestibular a primeira vez em 2006, ainda era aquelas duas fases da UFC e tal. E eu não consegui entrar pra UFC, mas eu fiz Enem também e aí consegui entrar pelo PROUNI. Consegui uma bolsa integral do PROUNI e aí eu fiz minha primeira faculdade na Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro, que hoje é outro nome... E fiz Marketing. Depois, eu me formei em Marketing e, em 2011, eu tentei UFC novamente já com o modelo do Enem. Nesse ano, eu consegui entrar para o curso de Sistema e Mídias Digitais, que foi o curso que eu consegui a bolsa do CsF. Aí, eu não lembro se eu entrei por alguma cota, talvez eu tenha entrado por alguma cota... De escola pública ou pardo. É isso, basicamente. Eu nunca tinha feito intercâmbio antes, tinha muito interesse, sempre tive. Mas, no caso, por conta da minha condição financeira, dos meus pais, foi algo que eu nunca imaginei fazer. Só tinha vontade mesmo.

C: Sobre a sua formação no curso de Sistemas e Mídias Digitais... Eu queria que você falasse um pouco de como foi sua formação antes de ir para o intercâmbio.

R: É um curso que, quando eu vi a grade curricular, eu já tinha me interessado bastante, certo? Quando eu fiz Marketing, a parte que eu mais gostei foi essa área da publicidade, da comunicação. E aí, eu vi, no curso de Sistemas e Mídias Digitais, um curso que não era tão concorrido como a publicidade e que tinha muito dessas coisas e também tinha algumas coisas da área de jogos, que é meu principal objeto de pesquisa atualmente e me interessei muito pelo curso. E, quando eu entrei, de forma geral, eu gostei da experiência do curso. Eu sou da segunda turma, né? Então, o curso ainda tava... Mudou muito... Hoje, eu tenho muito contato com pessoas que fazem o curso hoje em dia, inclusive ex-alunos meus tão fazendo agora, e mudou muito, é um curso que mudou muito. A gente ainda era muito cobaia ali no começo como a segunda turma. E a principal coisa que a gente sofria era a falta de estrutura, porque a gente não tinha bloco, a gente ficava meio parasitário em alguns prédios da UFC. A gente teve aula na Química, teve aula na Seara da Ciência, teve aula num puxadinho que fizeram ali do lado da biblioteca para o nosso curso. E aí, só depois que eu me formei, é que construíram o bloco. Mas assim eu gostava dos professores, a maioria. Eu acho que é um curso bem prático. Na época, eu não sabia disso, mas, olhando agora outros cursos, hoje eu percebo que é um curso voltado para área prática mesmo. Não produzi muita coisa científica no curso, os artigos que eu publiquei foram por causa de bolsas que eu fiz com outros professores, de outros cursos. Até trabalhei um pouco, mas não cheguei a publicar. Mas eu sempre tive bolsa, que era a coisa que me fazia sobreviver era a bolsa da UFC. Desde o primeiro ano, desde o primeiro semestre, felizmente, eu consegui bolsa. Era algo que tinha bastante na época até. Muitos alunos da SMD tinham bolsa. E, desde que eu entrei no curso até quando eu fui para o intercâmbio, e depois que eu voltei, era minha principal fonte de renda, eram essas bolsas da UFC. Era algo que dava pra conciliar, porque era um curso integral. A gente tinha aula de manhã e de tarde. E aí, ficava muito difícil de conseguir um emprego, um estágio. E, basicamente, o que eu sobrevivia era das bolsas. Deixa eu ver, o que mais... É, basicamente, isso... Eu entrei já, entre aspas, tarde para o que é comum. Eu já tinha 21 anos quando entrei. Então, eu tive muito contato com alunos de 16, 17, 18 anos, que tavam saindo do Ensino Médio. Eu já tinha trabalhado, já tinha feito uma faculdade. Então, teve um pouco desse choque. Eu era muito imaturo, mas não tão imaturo

quanto a galera que tinha acabado de sair do Ensino Médio. Teve um pouco desse contato, mas, assim, sempre gostei muito do curso. Não acho um curso muito difícil. Não tive essa experiência que muita gente tem de assim... 'Ah, virei várias noites fazendo trabalho!' Nunca tive isso. Não sei se é por causa do meu perfil ou se foi o curso que realmente não exige tanto desse lado. Mas é um curso muito prático, pela minha experiência não teve muita leitura. A gente não era obrigado a ler tanta coisa assim como em alguns cursos. É, basicamente, isso!

C: Sobre o itinerário para você receber a bolsa do CsF, eu queria que você resgatasse como foi o processo. Como é que você ficou sabendo do Programa? Como é que foi a preparação para o intercâmbio?

R: Foi um período bem tenso. Tem até uma história meio trágica. Eu fiquei sabendo do Programa principalmente pelos colegas do curso que tinham conseguido ir pra Portugal. Daí, eu me informei, me interessei bastante... Um intercâmbio onde é de graça, entre aspas, de graça... A gente não precisava pagar e tal. Vou ter essa oportunidade... Ah, eu fiquei maluco, doido pra conseguir. E aí, pesquisando os locais, o que mais me interessou inicialmente foi Inglaterra, que é um país que eu sempre tive vontade de conhecer e tal, gosto muito da cultura e tal. E aí, descobri que era preciso fazer a prova, né? Tinha que fazer uma prova de inglês, um teste de proficiência, que, na época, era o IELTS ou o TOEFL. E percebi que era muito caro, era muito acima do que eu tinha condição de pagar. Na época, eu achava caro, que era 400, 300 reais. Hoje em dia tá 1000 reais, por causa do dólar e tal. Mas eu não tinha condição, porque, como eu falei, eu vivia de bolsa que era 300,400 reais por mês. Só que teve uma palestra do pessoal do IELTS e eles falaram que tinha como conseguir isso de graça, se o aluno fosse baixa renda e tal. E aí, eu fui atrás de falar com o Assuntos Internacionais da UFC e eles disseram que dava certo, que era só eu passar meu e-mail, que eles conseguiam que eu fizesse a prova do IELTS de graça. E aí, certo dia eu tô lá na UFC e um cara do meu curso chegou e falou: 'Pô, tu nem foi pra prova que teve ontem do IELTS!' E aí, eu: 'Como assim!' E ele disse: 'Ah, chamaram até teu nome lá, mas tu não tava'. Aí, eu gelei, né? Eu descobri, não lembro como foi que eu descobri, mas eu descobri... Na época, eu usava e-mail yahoo. Meu e-mail era alguma coisa ponto yahoo.com.br e a pessoa que respondeu ao meu e-mail colocou só .com e não com.br. E o cara me respondeu como yahoo.com. E eu nunca recebi esse e-mail e eu não fiquei sabendo da prova e não fiz. E aí, eu perdi a oportunidade de ir pra Inglaterra pelo CsF. Eu fiquei muito triste, eu chorei no banho, foi horrível [risos]. Porque era a oportunidade que eu tinha de fazer a prova de graça e não consegui, né? E aí, uns amigos, que tavam muito afim de ir pra Coreia, eles ficavam direto me perturbando: 'Vamos pra Coreia, vamos pra Coreia!'. Eu dizia: 'Macho, que negócio de Coreia, eu não sei nem o que tem na Coreia'. Na época, a Coreia do Sul não era um país tão conhecido como é hoje, que a cultura deles já chegou aqui no Ocidente mais. E aí, eles falaram: 'Oh, a gente te empresta o dinheiro pra fazer a prova do teste de nível, se tu quiser ir pra Coreia'. Aí eu: 'Beleza!' E era uma prova mais barata, é o... Esqueci agora o nome da prova. É uma prova mais barata, ela é mais tranquila. É de inglês também. Basicamente, toda semana tem. E eu acabei fazendo a prova, tirei uma nota boa e me inscrevi no processo. Eu me lembro que o processo foi bem demorado, mas eu não lembro de detalhes agora... Foi um processo de mais ou menos seis meses. A gente mandar documentação e receber, e aí mandar prova e tem que se inscrever no site. No dia lá, o site deu problema, eu passei o dia tentando. E aí, já depois, tinha que conseguir o visto. A gente não precisou viajar, a gente mandou o sedex pra embaixada da Coreia em Brasília, mandou nossos documentos e depois eles devolveram... Aí tive que tirar passaporte. Por isso que eu falo de graça entre aspas, porque essa barreira inicial derrubou muita gente. Porque você vai fazer um intercâmbio, vai ser de graça, vai receber dinheiro do Governo para estudar... Apesar disso, é muito difícil, pelo menos na minha experiência na Coreia, eu ver gente com o perfil que eu tinha... De ter estudado em escola pública, de ser uma pessoa que não tinha muito dinheiro e tal. Na minha percepção, tinha certa barreira financeira inicial... Pra fazer a prova, pra conseguir os documentos, pra conseguir

o visto, né? Mas aí deu tudo certo, a gente passou por alguns meses... E foi isso.

C: Sua seleção aconteceu em 2013?

R: Foi, exatamente.

C: E você viajou em 2014?

R: Não. O processo foi, mais ou menos, no primeiro semestre de 2013 e eu fui em agosto de 2013. Esse processo todo aí... Depois que eu passei, né? A gente recebeu um dinheiro inicial, que eram três meses adiantados mais ajuda de custo pra viagem, seguro saúde, seguro viagem... E aí, é isso. A questão do visto foi só depois de ter recebido o dinheiro, então foi mais tranquilo.

C: Sobre a execução do Programa, eu tenho duas perguntas: Como é que foi pra você a vivência no exterior, durante o intercâmbio do Ciência sem Fronteiras? Como foi sua experiência de formação nessa universidade estrangeira?

R: São duas coisas bem diferentes, né? Primeira, eu sempre morei na casa dos meus pais, então a primeira vez que eu fui morar fora foi no intercâmbio. Foi a primeira vez que eu peguei avião na minha vida, foi a primeira vez que eu saí do Brasil. Então, já foi aí logo com uma viagem de 24h... [risos]. Eu era muito inexperiente e tal. E experiência de vida pessoal foi fantástica! A gente morava num apartamento só com estudantes da UFC, eram só pessoas daqui, do meu curso... Foram dois amigos do Sistemas e Mídias Digitais e mais um da Computação, que eu não conhecia bem, mas hoje é um dos meus melhores amigos. Essa experiência era outra coisa que era um dos meus sonhos... Era ter essa experiência de friends, de dividir o apartamento com a galera.

C: Eram só estudantes da UFC?

R: Nesse apartamento, sim. Era tipo um apartamento que era alojamento da universidade e, nesse prédio, moravam só estudantes estrangeiros. Era um prédio pequeno, com outros estudantes brasileiros de outros Estados, estudantes da Europa. Então, como experiência de vida, foi algo muito engrandecedor. Eu não cozinhava em casa, minha mãe não deixava eu cozinhar. Então, eu tive que aprender a cozinhar. E era uma cultura completamente diferente, eram comidas completamente diferentes. Era uma liberdade que eu nunca tive, de poder sair pra beber, de poder chegar em casa sem me preocupar. E conhecer pessoas, conhecer culturas. Falar inglês com as pessoas, porque a gente foi não sabendo coreano, dava pra ir com o inglês. Então, não aprendi o coreano, aprendi só o básico, só pra sobreviver. Aprendi a ler o alfabeto coreano, que é bem fácil inclusive. Traduzir o alfabeto é bem fácil, aprendi também isso. Consegui viajar... Nas férias, eu viajei para o Japão, que é um país que eu sempre quis viajar. Na volta, eu consegui fazer um stop over na França. Eu parei na França, passei alguns dias lá e aí depois vim para o Brasil. Isso já era uma maturidade, porque na ida eu já podia ter feito isso, mas, como era a primeira vez que eu tava viajando, eu não tava querendo arriscar, mas, na volta, eu já fiz isso. Já foi uma experiência bem melhor, porque foi uma viagem de 12 horas, passei alguns dias lá e mais uma viagem de 12 horas para o Brasil. Na ida, foi aquela chibatada de 24 horas de uma vez. Então, como experiência pessoal foi incrível! Conheci pessoas, conheci lugares, aprendi a viver sozinho, sem precisar dos meus pais e tal. O problema é que eu tava namorando na época e eu tive que ficar namorando a distância, o que foi horrível [risos]. Foi uma experiência bem traumática, tanto antes, que ficava naquela expectativa de quando seria a viagem, como depois. A gente ficou esse um ano namorado a distância, que eu não recomendo a ninguém. É uma experiência bem ruim. Mas, depois que eu voltei, deu tudo certo, a gente se casou. Também tinha que ficar longe da família, mas como eu nunca fui muito apegado, foi ruim, mas não foi tão ruim assim. Ficar longe da namorada foi o mais difícil. Mas foi isso, como experiência pessoal foi maravilhoso. Agora, a experiência acadêmica eu acho que poderia ter sido melhor, por vários motivos. Primeiro motivo foi a questão da língua, como a gente foi pra Coreia do Sul e a gente tava apto a assistir aulas em inglês, nem todas as aulas do curso estavam disponíveis pra gente. O nome do curso era Mídia e era um curso muito parecido com o curso que eu fazia na UFC no Sistema e Mídias digitais. Eles deram opções pra gente escolher, eram

três opções que a gente tinha. Essa era minha segunda opção, minha primeira opção era um curso de Design. Então primeiro era isso. A gente não tinha tantos cursos a nossa disposição, então a gente tinha que escolher e muitas vezes eu pegava uma disciplina que era de outro curso, porque não tinha opções legais naquele curso. Eu cheguei a fazer duas disciplinas do curso de Literatura Inglesa, porque, enfim, eram ministradas em inglês. E aí, eu fiz uma disciplina de Literatura de Fantasia e uma disciplina de Literatura Medieval. Foi legal a experiência, foi bem bacana. E aí, eu e meus colegas não gostamos muito da metodologia de ensino da Coreia do Sul. É um ensino muito fechado, onde as pessoas não participam muito, nem um pouco freiriano. É bem mesmo mecânico mesmo. Alguns professores eram mais desenrolados que outros e tal. E, normalmente, os alunos coreanos não participam muito da aula. Eles têm muito aquele negócio de terminou a aula, eles vão falar com o professor, mas, no meio da aula, é muito difícil eles fazerem alguma pergunta, eles comentarem alguma coisa. Geralmente, o que acontecia era a gente estrangeiro comentar na aula e os coreanos ficarem todos calados. Porque, primeiro, as aulas eram em inglês e eles tem muita vergonha de falar inglês errado. Eles são uma cultura tímida sim. A gente tem um pouco esse preconceito de que o oriental é tímido, mas acaba sendo verdade. Principalmente, na Coreia. Eles são bem mais tímidos do que no Japão. E algumas vezes a gente sentia que a universidade tava meio que... Porque assim, na verdade, não existia uma avaliação muito grande. Não existia. A gente não podia ser reprovado, a verdade era essa. Então, na faculdade, a gente era meio que uma colher de chá. Tanto que a gente até brigou pra ter uma disciplina de desenho lá com um professor. E aí, a gente conseguiu uma disciplina de desenho só com estrangeiros, alias era só com brasileiros, eram cinco ou seis brasileiros. E era mais um grupo de estudo, na verdade. E a gente percebia isso, eles pegavam muito leve com a gente. Os trabalhos, as disciplinas...tiveram poucas que eu achei interessante, que eu realmente aprendi algo. Algumas sim, mas a maioria nem tanto. Teve uma coisa muito legal que a gente fez uma disciplina de produção de filme, de vídeo, que a questão da estrutura da universidade era maravilhosa. Algo que a gente nunca imaginava ter na UFC... Computador pra todo mundo... E a gente teve que fazer uns curtas lá pra um trabalho dessa faculdade e tinha todo o equipamento lá pra gente e tal. Então essa experiência foi incrível assim. A gente fez dois curtas nessa disciplina e eu mostro pras pessoas com orgulho esses curtas porque ficaram muito legal. A gente chamou uns atores lá iniciantes, foi muito massa. E, nessa disciplina, a gente fez amigos coreanos também, pessoas que a gente mantém bastante contato. Então, é basicamente isso, a questão da formação. O edital da Coreia do Sul eu sei que era diferente, mas lá eles tinham muito essa coisa de colocar todo mundo em estágio. 'Ah, toda pessoa que vai para a Coreia do Sul tem que entrar no estágio'. Não era uma coisa oficial, não era uma coisa que tava no edital. Era uma coisa que era opcional, mas eles iam muito atrás disso. E aí, a embaixada do Brasil foi atrás de estágio pra gente. A gente dizia, mais ou menos, a nossa área, a área que a gente tinha interesse, e eles achavam para gente. E aí, foi uma experiência que não foi muito legal esse estágio, porque arranjaram uma empresa que era uma startup de design de produtos pra mim. Só que minha área não era design de produto, era design digital, design gráfico. E aí, lá fui eu e outro brasileiro (era uma cara de Minas Gerais, que era da área de design de produto) e a gente foi pra essa startup, que era uma empresa de utensílio para cozinha, que era outra coisa que eu não sabia de nada... Eu nem manjava de design de produto, nem de artigo de cozinha. Aí foi uma experiência um pouco traumática. Era basicamente a gente desenhando várias coisas, mostrando para as donas e elas falando isso não tá legal, faz outra coisa. Foi uma experiência bem ruinzinha. A gente não recebia [por esse estágio], a gente recebia só a bolsa e recebia um almoço. Foi um estágio que era em outra cidade. Eu levava, mais ou menos, duas horas e pouco pra ir e duas horas e pouco pra voltar. E o estágio era nove horas, porque, lá na Coreia, a carga horária de trabalho normalmente é doze horas e o estágio era nove horas. Então, eu passei duas semanas nisso. A minha vida era isso... Acordar, ir para o estágio. Na época, tava no inverno, eu tava pegando -10, -15 graus. Eu ia para o estágio em

outra cidade e voltava pra casa só na hora de dormir. Até que chegou um certo momento que a mulher chegou e disse: ‘Olha, eu acho que vocês tão perdendo um pouco do tempo de vocês aqui e a gente também, então vamos encerra aqui o estágio’. Na hora, a gente disfarçou, mas depois a gente deu graças a Deus, porque não tava aguentando mais. Então, foi um estágio que não foi muito bem direcionado, me colocaram numa área que não tinha nada a ver comigo e foi uma experiência meio ruim por causa disso.

C: Você acredita que a experiência não foi boa porque, realmente, não tinha relação com seu curso? E seus colegas do curso de Sistema e Mídias Digitais tiveram experiências diferentes?

R: Teve um que não quis fazer e os outros dois que foram para estágio também relataram que foram experiências meio ruins. Eu não lembro direito, exatamente, porque que era ruim, mas eles também não gostaram, não foram experiências favoráveis. Tiveram uns que gostaram um pouco e tiveram muitos que a experiência foi ruim, por causa da cultura de trabalho da Coreia, que é bem diferente aqui do Brasil. Então, existiu um choque muito grande.

C: Finalizado o tempo no exterior, como foi retornar pra UFC? E, na sua condição de estudante de egresso do CsF, como é que você enxerga o tratamento e o aproveitamento que a Universidade deu pra essa política?

R: Eu sinto que não teve muita diferença não. Eu consegui aproveitar algumas disciplinas, mas isso é uma coisa bem mecânica mesmo... Ah, tinha que fazer umas disciplinas livres e as disciplinas que eu fiz lá serviram pra mim. Serviu algumas coisas como hora complementar. Mas assim não teve não muito acompanhamento não. Que é uma das críticas minhas ao Programa em si. Não só a UFC, mas ao Programa em si. Não existiu um acompanhamento, né? ‘Ah, como é que foi?’ Não teve muito isso. Eles falaram que talvez chamassem a gente pra algumas palestras e tal. Mas nunca teve isso, nunca teve esse acompanhamento. A gente teve que prestar contas de algumas coisas. Eu fiquei sabendo de algumas pessoas que tiveram algumas falhas na prestação de contas, mas isso acabou não dando em nada. Então eu sinto que o Programa em si foi muito bom pra mim... Eu voltei triste óbvio, porque eu tava tendo uma experiência muito boa lá. A única coisa que eu sentia falta aqui era a minha namorada. Mas eu tava tendo uma experiência muito boa lá, então a volta é bem triste. A gente volta pra realidade aqui do país de terceiro mundo e tal. Mas eu não senti que a UFC aproveitou isso de mim. Vai muito na minha experiência, que eu acho que foi uma experiência muito mais pessoal do que uma experiência acadêmica ou profissional. Por causa, principalmente disso. A gente não teve tanto contato, tinha uma barreira muito grande por causa da língua. A universidade tratava a gente bem, mas era muito nesse negócio de... como se eles não levassem tanto a sério, como se fosse uma... Ah, vamos aqui dá umas disciplinas pra eles e tal. E, na volta, eu não senti muito isso não... Da UFC aproveitar isso e tal. Não tive essa percepção não.

C: Você foi em 2013 e voltou em 2014. Então, passado todos esses anos, eu queria que você me dissesse o que você acha que o CsF representou pra sua trajetória de formação, de forma ampla. Formação enquanto estudante, enquanto pessoa, profissional. Como você situa o Programa CsF dentro dessa sua trajetória?

R: A experiência pessoal, como eu já falei, foi muito boa, né? É... Eu me casei em 2016. E, tipo assim, muitas das coisas que eu passei saindo da casa dos meus pais e indo pra outra casa, eu já tinha passado no intercâmbio. Então, foi uma experiência que eu já quebrei algumas barreiras. Então, eu já sabia de algumas coisas e tal. A experiência pessoal foi maravilhosa. Quando a gente lembra, eu e meus amigos, parece uma outra vida. Como experiência profissional, acadêmica, não sei... Às vezes, eu sinto que eu poderia ter aproveitado mais. Porque, assim, a parte acadêmica eu fiz certinho, fiz todas as disciplinas... Dei o máximo que eu pude fazer e tal. Porque tinha muita gente lá que, realmente, não tava nem aí... Vivia viajando, não fazia as disciplinas direito e tal. Então, eu procurei aproveitar o máximo, mas, às vezes, eu sinto que, sei lá... Será que eu poderia ter aproveitado mais? Será que eu poderia ter ido atrás de alguma coisa e tal. Me mostrou, assim, que é possível ter uma experiência de intercâmbio. Então, eu

passsei alguns anos tentando ir pra fora de novo, tentando mestrado fora. Tive contato com alguns professores. Tenho um colega que tava no CsF, agora ele tá no Canadá... Ele conseguiu, né? E eu fico nessa... ‘Ah, foi uma experiência tão legal e tal. Queria fazer de novo’. Então, eu tentei algumas vezes, fiz o IELTS pra vê se eu conseguia uma chance de novo no exterior, mas por enquanto ainda não deu certo.

C: A respeito do encerramento do Programa... O que você pensa sobre o fim do Programa?

R: Por mais que eu tenha as minhas críticas, o CsF ele era um programa incrível! Algo que eu nunca imaginei que eu poderia ter, uma experiência que eu nunca imaginei que eu poderia ter na minha vida. De ser um aluno de escola pública, pobre... O meu pai não tem nem o Ensino Médio, a minha mãe só tem o Ensino Fundamental e Médio. Eu sou o primeiro que fiz faculdade da família. É um Programa incrível! Toda vez que eu falo sobre isso, todo mundo fica... ‘Ah, meu Deus, tu foi pra Coreia! Como assim?’ E aí, eu sempre falo: Resquícios de uma era passada. A minha vida toda, toda a minha carreira acadêmica foi... Por isso, que eu sempre coloco nos meus agradecimentos... Eu devo ao governo do PT... Porque eu consegui o PROUNI por causa do governo do PT, eu consegui entrar na Universidade Federal por causa que eles transformaram a prova numa prova mais acessível, com o Enem e aí eu consegui entrar, consegui o CsF por causa do governo do PT. Então, eu sou extremamente grato. Eu sou...[risos]. Eu sou de carteirinha, eu sou assim mesmo. Com as falhas que teve, com... Eu acredito que teve falhas, mas eu sou fã de carteirinha por ter me dado essa oportunidade. O CsF eu acho que era um projeto muito bom, mas poderia ter sido melhor. Eu acho que, realmente, faltava essa prestação de conta, faltava essa... Eu acho que era algo que era gasto muito dinheiro e faltava uma avaliação melhor mesmo. Porque a quantidade de pessoas que eu conheço que não levava muito a sério é muito grande. Tando que o pessoal brincava... ‘Ah, é férias sem fronteiras’. Porque tinha gente que, realmente, levava nesse nível e simplesmente não tinha avaliação. A gente que estudava direitinho, que ia pra todas as aulas se sentia meio trouxa às vezes, porque a galera tava aproveitando e é isso. Mas era muito bom, era pago bem direitinho. A gente recebia sempre com meses antecedência. Como eu economizava muito, como eu fui muito pão duro, eu voltei pra casa com um dinheiro muito bom. E consegui comprar coisas para os meus pais e, até em 2016, eu ainda tinha dinheiro. Até em 2016, muitos dos móveis que eu comprei quando eu casei foi com o dinheiro guardado do CsF, que eu não tinha gasto, né? Eu sei que cada edital era diferente. Mas o edital da Coreia, pelo menos, era muito bom. A gente ganhava muito bem, dava pra viver bem. Mas, realmente, faltava um pouco mais de organização. Por mim, mesmo com esses problemas, tinha continuado, porque é uma experiência muito engrandecedora. Principalmente pra pessoas de baixa renda que nunca iam poder pagar um intercambio na vida, que a gente sabe que é uma coisa muito cara. Essas agências privadas e tal. Então, eu fiquei triste porque acabou. Na época que acabou foi quando? 2017?

C: Isso.

R: É, pronto. Já tinha acontecido o golpe e a gente tava bem anestesiado na época, porque tinham vários programas públicos sendo cortados e tal. E aí, o Programa CsF era só mais um que foi cortado na época. Mas, pra gente que foi para o CsF, foi um baque, né? A gente fica triste. E é algo que eu não vendo acontecendo tão cedo mais no Brasil, infelizmente. Os próximos governos aí, se ainda existir, a gente vê se vai ter algo do tipo. Mas a minha avaliação é essa... É um programa que tinha falhas, que precisava muito melhorar bastante coisa, mas era muito bom. Era incrível e pra quem sabia aproveitar ele era melhor ainda, né?

## APÊNDICE F – ENTREVISTA COM WAGNER

**Legenda:** C: Camila  
W: Wagner

C: Eu queria que você falasse um pouco da sua trajetória escolar, da sua vida estudantil.

W: Eu estudei em escola pública. Na verdade, eu vou voltar um pouco mais. Eu venho do interior do Ceará. Eu estudei a minha vida inteira em Pindoretama e em Cascavel, que antes era considerado interior, mas hoje já é considerada região metropolitana de Fortaleza. Até o fundamental, eu estudei em escola pública e, no ensino médio, eu estudei em escola de bairro, que é equivalente a uma escola de bairro aqui de Fortaleza. É uma escola particular, mas não é considerada uma escola que aprova (que aprovava, na época) aluno no vestibular da UFC. Então, eu concluí o ensino médio nessa escola em 2010. Em seguida, eu ingressei na graduação em Engenharia Ambiental no IFCE/Maracanaú. Só que o ano era 2010, aí eu fiz 3 semestres no IFCE/Maracanaú, até que o IFCE entrou de greve e eu acabei decidindo mudar pra UFC. Aí, eu fiz o Enem em 2011 e optei pelo Sisu em 2012 pra entrar no curso de Engenharia de Energia e Meio Ambiente da UFC. Na minha época, em 2012, ainda não existiam cotas, eu tentei ampla concorrência, não passei de primeira, passei na lista de espera e iniciei a minha formação na UFC. Como eu já tinha feito algumas disciplinas, eu consegui realizar o aproveitamento e fiquei cursando disciplinas de vários semestres, fiquei aluno fatorial. Mas assim que eu entrei na UFC, eu entrei em março, no finalzinho de março, eu já estava iniciando com pesquisa de iniciação científica. Então, eu entrei por ampla concorrência, sou oriundo de escola particular, mas de bairro. Acho que só.

C: Sobre a sua formação na graduação da UFC antes do Programa, o que você pode pontuar? Você já disse que foi bolsista, já começou com essa experiência cedo.

W: Assim que eu entrei na UFC, eu fui para o ciclo básico. Algumas disciplinas como cálculo, que é uma disciplina anual, eu consegui aproveitar, mas outras como física, por existir uma diferença de crédito entre IFCE e UFC, eu tive que refazer. Então, o meu início da graduação na UFC foi um malabarismo, porque eu já entrei como voluntário de um laboratório de pesquisa... Eu entrei pra um grupo de pesquisa que é na Engenharia Agrícola que é o HIDROSED, que trabalha com hidrologia e hidrosedimentologia do semiárido. E eu trabalhava mais com pesquisa laboratorial de análise de qualidade de água e o laboratório que eu fazia parte era o Equal [Laboratório de Efluentes e Qualidade de Água], que está localizado no Labomar da UFC. Então, o meu início da graduação era fazer as disciplinas de ciclo básico e fazer esse malabarismo de horários... Todo horário que eu tinha livre, eu tinha que ir para o laboratório pra fazer análise de água de açude. E era bem tenso, porque antes não tinha [ônibus] intercampi, então eu tinha que ficar indo do Pici para o Labomar de ônibus e eu perdia muito tempo no trânsito. Mas, até aí, até antes do CsF, eu considero que foi uma formação básica, de ciclo básico... O maior engajamento que eu tinha na UFC era a pesquisa, aí eu passei o ano de 2012 inteiro na iniciação científica. Aí tentei, no final de 2012, que era meu primeiro ano na UFC, já tentei o Programa CsF. E, no primeiro semestre de 2013, eu fui bolsista de extensão na Seara da Ciência, trabalhando com experiências científicas e demonstração de alguns experimentos para alunos do Ensino Médio, lá no rol da Seara da Ciência mesmo. Esse foi basicamente a minha formação antes do Programa CsF.

C: Resgata um pouco o itinerário pra receber a bolsa. Você tinha concluído o primeiro ano de faculdade, tava nessa vivência de ser bolsista e tal. Surgiu o Programa CsF, que foi lançado no final de 2011. Fala como foi esse percurso pra receber a bolsa.

Certo, eu vou resgatar só mais uma coisa. Eu era aluno de primeiro ano, quando o Programa CsF surgiu, mas antes eu tinha cursado 2 anos no IFCE. Foi isso que me deu os créditos suficientes,

porque tinha um mínimo de porcentagem de curso que tinha que ter concluído. Foi juntando o que eu tinha de IFCE com esse primeiro ano de UFC que eu pude tentar a vaga do CsF. Sobre o processo de bolsa eu vou resgatar um pouco mais, porque no meu edital, que foi o segundo edital CBIE do Canadá. Nessa época, não existia ainda a parceria do Toefl ITP<sup>23</sup>. Eu só podia fazer ou o Toefl IBT ou o IELTS e eu não tinha condições financeiras pra fazer. E como a demanda por proficiência no Estado era muito grande, porque todo mundo queria tentar o CsF e você só podia tentar ou o Toefl IBT ou o IELTS, não tinha mais vaga aqui em Fortaleza pra eu fazer a prova. Então, eu tive que ir para o Rio Grande do Norte, pra Natal, pra fazer a prova do Toefl IBT... E eu não tinha dinheiro nem pra viagem, nem pra pagar a prova do teste. Quando eu entrei na UFC, eu criei aquela conta universitária do BB pra receber a bolsa e essa conta universitária disponibilizou um cheque especial. E foi com esse cheque especial que eu paguei o Toefl IBT e pude ir pra Natal fazer a prova, porque eu não tinha dinheiro. Aí mais na frente, vai fazer sentido porque eu usei isso.

C: Entendi. Quer dizer, além da taxa do teste, ainda tem a questão da viagem, né? De deslocamento pra outro Estado e tal.

W: Isso. E eu não tinha condições mesmo. E, na verdade, eu acho que, na época, eu não tinha nem nível de inglês pra fazer a prova, porque eu só tinha feito um curso de inglês básico no Cefet. Mas eu queria muito fazer o intercâmbio e dada a oportunidade, eu acho que eu passei uns 2 meses estudando só pra prova pra poder tirar a nota necessária para o edital. Daí, eu já comecei a ida para o Programa devendo, porque eu gerei essa dívida pra pagar o teste e deslocamento de cidades.

C: Entendi. Então, esse foi o primeiro passo pra inscrição? Que foi a questão do teste de proficiência, que já teve esse nível de dificuldade. E aí, você foi fazer a prova em Natal e...?

W: Eu fiz a prova, consegui a nota. Na época, a nota que pedia era 60, eu tirei 77. Ou seja, eu já tava com grandes chances de ir. Eu tinha tirado uma nota acima do que a minha universidade pedia, a universidade que eu queria ir no Canadá. Aí, a aplicação já foi muito específica, porque eu sabia que tinha o meu curso onde eu queria ir, eu sabia que o meu curso era bom e eu tinha nota com 17 pontos de vantagem na frente pra poder passar naquela universidade. Então, eu tinha quase certeza que eu ia ser aprovado já, dado que já tinha saído a nota de proficiência e o meu CR na época era acima de 8, então o Programa pedia 6 de IRA, eu acho. Eu tava com folga nos requisitos, então eu tinha quase certeza que eu ia ser aprovado. Por isso, que eu arrisquei financeiramente, mesmo sem ter dinheiro, eu arrisquei. Aí, eu já comecei o Programa devendo [risos].

C: Os outros estudantes com quem eu conversei falaram que esse percurso de inscrição, de teste de língua era um pouco longo. Esse percurso aí pra alguns durou seis meses. Como foi pra ti essa questão de tempo?

W: Nossa, eu não lembro assim... Mas foi por volta de 6 meses também. Foi tipo no meio do ano de 2012, até tentar, se inscrever no edital, sair o resultado das provas... Eu acho que o

<sup>23</sup> Segundo informações extraídas do portal <https://www.estudarfora.org.br/toefl-ibt-toefl-ipt/>: O TOEFL IBT (*Internet Based Test*) é um exame “completo” que avalia as quatro habilidades (*Listening, Reading, Speaking e Writing*) necessárias para alguém fluente em inglês. A duração é de aproximadamente 3 horas e 30 minutos. Mesmo sendo um exame *online*, o candidato precisa dirigir-se a um centro aplicador para fazê-lo. Por ser o exame mais robusto, ele costuma ser mais aceito por universidades estrangeiras, tanto para cursos de curta duração quanto cursos mais longos. Existe também a modalidade do **TOEFL ITP (*Institutional Testing Program*)**. Ele pode ser realizado tanto em papel quanto online, dependendo do caso. Mas em todos os casos, são três seções: compreensão auditiva (35 minutos), compreensão leitora (55 minutos) e “estrutura da língua” (25 minutos). Todas essas seções têm questões de múltipla escolha, e a duração total do exame é de cerca de duas horas. Não há prova de produção escrita (“writing”) ou oral (“speaking”) no TOEFL ITP. Esse exame costuma ser aplicado por escolas de idiomas como exame de conclusão, no final de níveis mais avançados. Também pode ser solicitado por universidades estrangeiras, principalmente para cursos de curta duração. O TOEFL ITP não inclui todas as seções presentes, por exemplo, no IBT. No entanto, por sua relativa simplicidade, o TOEFL ITP é bastante aplicado e aceito por diversas instituições.

resultado do meu edital saiu em abril de 2013 e eu viajei em agosto de 2013. Mas eu comecei a me planejar no meio do ano de 2012.

C: Você diz planejar em relação ao curso que você queria na universidade lá do Canadá? Como é que foi?

W: Na verdade, existiam muitos grupos no Facebook na época dos editais. Aí, eu entrei nos grupos do Facebook, já falei com pessoas do primeiro edital que tavam na minha universidade, perguntei como é que era. Eu queria realmente ir para a universidade que tivesse o meu curso, eu não queria só viajar. Eu não queria só ir pra qualquer universidade, não. Porque teve uma falha muito grande no Programa na questão da alocação em áreas. Tinha gente que, por exemplo, era da Engenharia de Produção, aí ia pra minha universidade e, como não tinha [o curso], eles eram colocados em Engenharia de Biossistemas. Pra evitar isso, eu fui e escolher a universidade antes, conversar com as pessoas. Então, quando eu fui fazer a prova de inglês, eu tinha certeza pra onde eu queria ir, a nota que precisava, eu já estudei sabendo... Eu me planejo muito pra fazer as coisas, então eu já sabia em que banda eu precisava focar pra conseguir a nota mínima... Se era mais no speaking, no reading... E manter as notas na UFC, pra que eu pudesse manter o meu IRA... Pra eu poder tentar o Programa.

C: Você disse que manteve contato com as pessoas que já tinham ido pra universidade. E, em relação ao seu curso de Engenharia Ambiental, você conseguiu contato com alguém que já tinha ido? Como foi essa preparação em relação aos colegas do próprio curso? Ou ainda estavam todos iniciando nessa proposta de tentar o intercâmbio?

W: O meu curso especificamente da UFC foi um curso que mandou muita gente, porque o nosso curso é uma área de ingresso básica, né? Que você escolhe entre Ambiental, Renováveis e Petróleo<sup>24</sup>. Os 3 cursos são *hot topics* de pesquisa. Então, tava em alta, tinham muitas opções pra você ir pra todos os países contemplados no CsF. Diferente de muitas áreas que mesmo sendo C&T não tinham os cursos no Programa. Então, muita gente do meu curso tava tentando. Quando eu entrei em contato com o pessoal que já tava na Universidade de Guelph, que foi a universidade que eu fui, o pessoal do primeiro edital... Eles responderam, tiraram todas as minhas dúvidas, falaram como tava sendo a gestão do Programa... Muita coisa mudou do primeiro edital para o meu edital. Até eu chegar lá, todas as informações que eu tive, praticamente, mudaram completamente quando eu cheguei.

C: Mudaram em que sentido?

W: Porque assim, no primeiro edital, as pessoas ficaram *on campus*, eles ficaram dentro do campus da universidade no Canadá. No meu edital, a gente já teve que ficar *off campus*. No primeiro edital, as pessoas puderam trabalhar no estágio e receber pelo estágio. No meu edital, já não pode. Várias regras foram sendo mudadas, até as disciplinas que você podia fazer. No primeiro edital, podia fazer disciplina de qualquer curso, não tinha restrição. Na minha universidade, no meu edital, eles já ultra filtraram. Você tinha que falar com uma *adviser* lá da engenharia, pra ela vê os seus pré-requisitos, entender as dificuldades das disciplinas e você só poderia escolher se fosse da sua área de formação mesmo, não podia escolher qualquer uma, diferente do primeiro edital. As coisas foram se afunilando mais no meu edital.

C: Nesse processo de planejamento, você destaca alguma ação da UFC ou do CNPq ou as iniciativas de buscar uma orientação foram mais particulares?

W: No meu edital a gente tava totalmente solto. Ninguém dava informação, era muito difícil. A cada edital que o CNPq lançava as coisas mudavam, as regras mudavam, a nota de corte

---

<sup>24</sup> Os estudantes dos cursos de Engenharia de Energias Renováveis, Engenharia Ambiental e Engenharia de Petróleo participam de uma entrada única para os três cursos, através de um processo de seleção comum para os Cursos de Engenharias de Energias e Meio Ambiente. Participam de um núcleo básico comum nos 4 (quatro) semestres iniciais e, na outra metade de cada curso, possuem uma formação voltada para a especificidade profissional de cada curso, visando à formação profissional mais adequada para a especialidade desejada (Engenharia de Energias Renováveis, Engenharia Ambiental e Engenharia de Petróleo).

mudava. No meu edital não precisava de Enem, mas, no edital seguinte, precisava de Enem. Então, tipo assim da UFC, no meu edital, a gente não teve apoio, até porque não tinha o Toefl ITP. Dúvidas gerais, inscrição, homologação de inscrição, a gente teve o apoio do professor Cláudio que tava a frente do Programa na Pró-Reitoria de Graduação. Eu cheguei a ir pra uma palestra dele, falando dos requisitos, de como fazer a inscrição na plataforma do CNPq. Mas assim muito básico, o resto você tinha que ir atrás mesmo e procurar. Mas, no edital seguinte, as coisas já mudaram, porque já tinha Toefl ITP. A UFC já estava muito mais preparada. Eu acho que o meu edital e o anterior foram cobaias e as coisas foram sendo ajustadas com o Programa rodando já.

C: Fazendo referência as respostas dadas ao questionário, que você já tinha respondido, você falou que tinha se planejado em relação as disciplinas, mas que fez isso sem o auxílio de coordenação, da Universidade...

W: Exato. Eu quero só voltar a uma coisa que eu lembrei. No meu edital, a gente recebeu o dinheiro de passagem, ida e volta, e o auxílio material didático na conta do Brasil, antes de ir, pra comprar a passagem... O auxílio instalação e o auxílio material didático... Foram essas 4 coisas. A gente recebeu na conta do Brasil. E o governo paga com a cotação comercial. Então, a gente recebeu, por exemplo, numa sexta-feira, em cotação comercial e, quando foi na semana seguinte, que a gente foi converter pra dólar canadense, a cotação já tinha mudado completamente. O dólar tava muito mais caro e nós, como pessoas físicas, só podemos comprar dólar turismo e não comercial como o Governo. Então, no meu edital, a gente perdeu muito dinheiro só nesse primeiro dinheiro que a gente recebeu. Nessa primeira parte do auxílio, a gente perdeu muita grana. Eu lembro que, na época, era por volta de quase mil reais que a gente perdia só com taxa e conversão... Era entre 700 e 1000 reais... Eu lembro que eu fiz as contas. Porque eles pagaram em taxa comercial, na conta do Brasil, e a gente tinha que comprar em dólar turismo e o dólar tava flutuando muito nessa época. Já no edital seguinte, ele foi pago no cartão bolsista, as pessoas já receberam tudo isso em dólar. Então foi muito mais fácil, porque já não perderam quase nada de dinheiro.

C: Você considera que esses valores foram suficientes para cobrir os gastos iniciais, atendeu a necessidade?

W: Foi se considerar que... Por exemplo, eu usei dinheiro do material didático para... Lembra que eu falei que fiz uma dívida pra pagar o Toefl e ir pra Natal? Como eu ia para o Canadá, o meu voo passava pelos Estados Unidos. Então, eu tive que tirar o visto americano... Eu tive que ir pra Recife também. E eu não tinha dinheiro pra ir pra Recife, então foi tudo com cartão de crédito e cheque especial também. E o visto canadense era caro também, você tinha que fazer exame... E todo o processo de visto o Programa não cobria. Aí, toda essa parte inicial que foi Toefl, visto, visto americano, viagens a Natal e Recife eu tirei do auxílio instalação e do auxílio material didático, que eu recebi inicialmente. Então, assim o dinheiro seria suficiente, considerando que a pessoa teve dinheiro pra fazer as outras coisas anteriores. Mas, pra quem era pobre e não tinha, você ia acabar tirando do auxílio instalação quando você recebesse.

C: Você acha que fez falta depois, restringiu muito?

W: Sim, os meus primeiros meses foram completamente de restrição, porque eu já tinha essa dívida e eu tava meio que pagando a dívida que eu fiz pra poder passar no Programa. Só depois que eu consegui quitar tudo isso, que eu comecei a... Que o dinheiro era suficiente.

C: Sobre a execução do Programa, eu gostaria que você fizesse duas abordagens. Como foi a questão da vivência no exterior? A questão da adaptação, de tá chegando em um país estrangeiro, em outra universidade pra cursar lá uma parte da graduação. E, depois, eu queria que você abordasse um pouco a experiência de formação.

W: Primeiro que, no meu edital, a gente já não pode ficar *on campus*, então a gente teve que arranjar uma casa pra morar, sem ajuda da universidade, nenhuma. A gente tava chegando num país novo e até pra tirar o visto você tinha que ter um comprovante de endereço. Então, a gente

teve que entrar em grupos de Facebook, no Kijiji, que é o equivalente ao OLX de lá do Canadá, pra procurar uma casa. Então, essa parte da casa foi muito difícil, porque tinha que ter contrato para alugar as casas, tinha que ter caução. E a gente ainda tava no Brasil pra resolver tudo isso e sem auxílio de ninguém. E outra coisa, os proprietários não confiavam que um estudante do Brasil tava contatando pra alugar uma casa... ‘Ah, como é que eu vou alugar uma casa pra uma pessoa aleatória’. Achavam que era golpe e foi um processo bem complicado. Até que a gente encontrou uma corretora brasileira, que morava na nossa cidade e ela que fez esse intermédio de conseguir alugar a casa, fazer o contrato... A gente teve que fazer transferência já da caução ainda no Brasil, aí a gente perdeu mais dinheiro com conversão. Então, foi bem complicado, até chegar ao Canadá foi... Eu já cheguei no Canadá esbaforido de coisa pra resolver.

C: Quando você fala a gente, você se refere a outros colegas do mesmo curso ou outros colegas de outros cursos?

W: É, foi assim... O pessoal da UFC que ia participar desse edital do Canadá se juntou, fez um grupo no Facebook e a gente ficava se falando. E acabou que a gente, mesmo sem se conhecer, pessoas de outros cursos, a gente foi se ajudando... A tirar visto e a resolver as coisas. Eu acabei alugando uma casa junto com uma menina que é da Farmácia e outra que é da Ciências Ambientais. A da Ciências Ambientais eu já conhecia pelo laboratório e a outra eu conheci nos grupos de Facebook. A gente meio que ia se ajudando. As informações da UFC eram escassas e a gente que ia se ajudando, procurando nos grupos e resolvendo essas questões. Aí, chegando inicialmente no Canadá, como eu falei, o meu inglês... Eu não tinha um inglês bom, eu estudei só pra tirar uma nota boa na prova de proficiência... Então, eu tive muita dificuldade com o inglês inicial, só que a nota mínima pra entrar sem curso de inglês na minha universidade era 84 e eu acabei tirando 77. Aí, eu fiz 4 meses de curso de inglês, que foi assim sensacional! O curso da minha universidade era muito bom, era inglês acadêmico. Além de inglês mesmo, eles ensinavam a parte de escrita acadêmica mesmo, pra escrever artigos científicos, formas de fazer fichamento, de como você apresentar em um congresso. Era assim excelente, o curso foi sensacional mesmo, ajudou muito... É tanto que o meu inglês deu um salto de 1000x de quando eu cheguei até quando eu terminei o curso.

C: Quando você começou as disciplinas da graduação, você já tinha concluído esse curso de inglês?

W: O meu programa foram 16 meses, era um curso de inglês de 4 meses, mais 2 semestres na universidade, mais o estágio. Aí, no total, dava 16 meses. Quando eu comecei as disciplinas da graduação, eu já tinha o curso, já tinha passado por essa parte de escrita... O *listening* já tinha melhorado consideravelmente. Então, eu acho que ajudou muito e sem o curso eu não teria conseguido ir, porque eu não teria a nota pra entrar direto na universidade e eu não teria conseguido acompanhar as aulas, com certeza.

C: Depois do curso, você considera que acompanhar as aulas ficou mais tranquilo?

W: Com certeza, foi assim sensacional. Porque assim esse curso tinha por volta de 10 a 15 alunos por sala, eram poucos alunos e eram pessoas de várias universidades, não tinha só brasileiro. A maioria era chineses, indianos. E o curso já começava 100% em inglês.

C: A questão da língua foi um dos aspectos da adaptação. Mas, no geral, como foi essa vivência de se adaptar no Canadá? A questão da cultura, a questão da recepção das pessoas... Como é que isso te afetou?

W: Assim, eu morava numa casa com outros 4 brasileiros, porque a gente alugou uma casa juntos, porque era a única forma de alugar, porque a gente juntou dinheiro de cada um e pagou uma caução enorme. Aí, eu acabei morando com outros 4 brasileiros. Éramos 3 de Fortaleza e 2 pessoas de São Paulo, que a gente não conhecia previamente. Isso ajudou muito no suporte emocional, pra você não está 100% sozinho num país novo. Mas assim, no geral, o Canadá é um país muito receptivo. É um país de origem multicultural, então eles respeitam muito as outras nacionalidades. Eles respeitam muito todo tipo de diversidade. O que você sente no

Canadá é que você pode ser quem você quiser, que ninguém vai julgar você. Então, isso foi um dos porquês de eu ter escolhido o Canadá. Então, a adaptação foi excelente. Com um mês você já se sente em casa, já se sente 100% inserido na comunidade. E, no mais, tinha o apoio dos outros brasileiros. A minha cidade era uma cidade de 100 mil habitantes, com uma população flutuante de 30 mil, que eram 30 mil estudantes. Então, tudo meio que girava em torno da universidade. E, pra minha universidade, nesse edital, foram cerca de 100 brasileiros. Então, como a cidade era pequena, tinham muito brasileiro pra uma cidade pequena. Acabava que todo mundo ficava encontrando brasileiro o tempo todo, outras pessoas do Programa. Isso prejudicou muita gente, porque muita gente não melhorou o inglês, porque ficou nessas bolhas de brasileiros. Eu usei todos os recursos possíveis que a universidade de lá tinha pra oferecer e eles tinham bastantes recursos. Eles tinham *newsgroup*, tinha grupo pra latinos, grupo pra fazer esportes... Tudo que era grupo eu entrei, tudo que era atividade de graça eu fazia... Então, isso me ajudou muito a entrar na comunidade. Parte da minha experiência tá relacionada a minha universidade específica, porque a minha universidade não foi aquela universidade que pensou só no dinheiro, ela realmente pensava no aluno. Porque outras pessoas que foram pra outras universidades ficaram bem mais largadas do que eu.

C: Você considera que lá teve um bom apoio?

W: Sensacional! A minha universidade, nada a reclamar.

C: Você disse, no questionário, que as universidades não priorizavam os alunos na escolha de disciplinas e atividades...

W: Como o Programa CsF foi num período de crise, que os Estados Unidos e o Canadá estavam em crise, então eles pensavam muito em receber a todo custo. Eles queriam muito o dinheiro do Brasil. Foi dessa forma que eu vi, pelo menos. Então, eles aceitaram de qualquer forma e, quando chegava lá, como a gente era considerado *non-degree student*, estudante temporário de intercâmbio, que não tem uma matrícula pra receber o *degree* mesmo, você não era prioridade em nenhuma disciplina, na verdade. Primeiro os alunos da universidade que era *degree*, que eram os alunos que estavam pra pegar o diploma lá... Eles faziam a matrícula e a nossa matrícula era por último, era só com as vagas que sobravam. É como se tivesse a matrícula e a rematrícula do Sigaa na UFC e, no final, a gente ia lá no *adviser* e ele que fazia a nossa matrícula. Mas muita coisa mudou... No primeiro momento do Programa, que foi o primeiro edital, não era assim, mas, no meu edital, já foi dessa forma.

C: Essa maneira de selecionar os estudantes no momento da matrícula nas disciplinas te prejudicou em alguma disciplina que você queria cursar?

W: No primeiro semestre, sim! No segundo semestre, não. Porque eu já sabia como funcionava. Tinha uma opção também, que a gente não sabia no primeiro semestre, que era pedir vaga extra para o professor. Se o professor autorizasse formalmente (de forma escrita) ... Ele dava uma autorização, você ia lá na universidade e eles abriam uma vaga a mais, mesmo a disciplina já estando lotada. E a gente não sabia disso no primeiro momento. No segundo semestre, eu fiz tudo que eu queria.

C: E sobre a formação que você recebeu na universidade estrangeira?

W: No primeiro momento, foi um impacto muito grande sobre hora-aula, porque lá são 50 minutos de aula. No máximo, quando uma disciplina tem muitos créditos, são 2 horas e 50 minutos de aula, no máximo. A aula em si é muito curta. Geralmente, os alunos já estudam antes e você tá na aula de forma muito mais ativa, pra tirar dúvida... E o professor tem um papel mais de facilitador e não daquela coisa de o professor tá com todo o conteúdo e vai jogar aqui pra você. É uma coisa muito mais... Com metodologias muito ativas... Era muito mais evoluído do que aqui, nesse sentido. A carga horária era menor. Mas a carga horária de trabalhos pra gente que era da engenharia, que tem projetos, era assim enorme. Uma disciplina de 64 horas na UFC seria equivalente de horas lá a umas 300 horas. E, realmente, você passa muito tempo fazendo as coisas. E a diferença é que os prazos são muito limitados, você realmente não tem tempo pra

procrastinar. O professor passa um projeto, você não tem um mês pra fazer, você tem ali 1 semana, 2 semanas. E lá eles focam muito no “entregue alguma coisa”, aprenda a entregar a melhor solução, no menor tempo possível. E não entregar uma coisa perfeita. Lá, na avaliação, o professor entende muito mais o esforço do aluno, ele vê. ‘Ah, você não acertou a questão, mas, tudo que precisava saber pra questão, você fez... Então foi atrás, pesquisou...’ Ele já dá um pontinho ali. E, tipo assim, uma disciplina que eu teria só 2 provas aqui na UFC ou, no máximo, 3, lá eu tinha infinitos trabalhos. Chegava a ser, dependendo da disciplina, uns 20 ou 30 trabalhos, entre trabalho e prova. E o diferencial era que era muito mais prático. Por exemplo, eu fiz a disciplina de qualidade de água, então eu tive que projetar toda uma estação de tratamento de água nos padrões americanos e canadenses das agências ambientais, já no nível prático, no nível já que, se alguém quisesse implantar essa estação em alguma cidade daquela população vai funcionar. Não era assim... ‘Ah, vamos fazer a questão com dados hipotéticos’. Era muito mais real a aplicação dos problemas. Isso, assim, eu acho que, pra minha formação, foi sensacional!

C: E você sentia apoio pra fazer esses trabalhos? Os professores davam um suporte, ou cabia mais aos alunos correrem atrás?

W: Assim, uma coisa que eu achei é que os canadenses... A engenharia é muito competitiva em qualquer lugar, na verdade, e lá não era diferente. As exatas em si têm muito mais essa coisa de competição, de não se ajudar. Então, era muito difícil, nos trabalhos de grupo, você conseguir entrar em grupo de canadense, porque eles já vinham fazendo grupo com as pessoas desde o primeiro semestre da graduação. Então, eles não queriam pegar... ‘Ah, eles estão aqui só por um momento’. Eles não queriam perder tempo com a gente, tanto na questão de cultivar uma amizade que vai ser ali passageira, quanto de fazer um trabalho com uma pessoa que você não sabe o nível dela, que ela pode prejudicar você e a sua nota. E, nesse sentido, era complicado, porque acabava que, nas disciplinas que tinham brasileiros, os brasileiros ficavam todos juntos. Essa disciplina, por exemplo, de design de qualidade de água... As disciplinas de design lá, em que você realmente tem que entregar um projeto final, ninguém queria fazer com a gente, porque eles realmente se esforçam bastante, dão o sangue ali naquela disciplina e é muito importante para o mercado de trabalho também... Então, eles não queriam. E, no sentido do professor, o apoio da minha universidade especificamente era espetacular. Porque o professor tinha office hours, então você podia ir lá conversar com o professor, tirar as dúvidas, se você não tivesse conseguindo resolver uma questão. Se o professor não tivesse horário, você podia ir falar com uma espécie de monitor e, se não tivesse horário, algumas pessoas que eram consideradas top-class, que são os melhores alunos da sala, eles também disponibilizavam horário pra você tirar dúvidas com eles. E, além disso, a universidade tinha um office de acessibilidade e saúde mental, em que você podia ir lá e falar com um psicólogo a qualquer momento sobre processo de *burnout*, que você vai tendo ao decorrer do semestre, tendo que entregar vários projetos em um período de tempo muito pequeno. Então, eu sentia que eu tinha todo o apoio da universidade.

C: No questionário você falou que participou de estágio em empresa, classificando a experiência como “muito satisfeito”. Como foi essa participação de estágio em empresa?

W: No edital anterior, você podia tentar estágio em empresa. Só que, no meu edital, falaram que todo mundo ia estagiar na universidade. Só que, nos 45 do segundo tempo, falaram que quem conseguisse empresa podia, só não podia receber pelo estágio, porque dava acúmulo de bolsa e a bolsa [do CsF] não permitia isso. Aí, nos 45 do segundo tempo, eu já tinha um professor pra estagiar na universidade, porque a universidade já tinha alocado todo mundo, e eles falaram assim... O pessoal do CBIE, que era o responsável por fazer o contato entre o Brasil e a universidade canadense, era o intermediário entre o CNPq e a universidade... O pessoal do CBIE falou assim: ‘Quem conseguir, beleza’. Aí eu peguei a lista de todas as empresas da área ambiental da cidade e mandei e-mail pra todas, eu mandei uns 100 e-mails. Aí, eu recebi eu

acho que umas 3 respostas, marquei 2 entrevistas de empresas... Isso sem auxílio nenhum da universidade, eu fui sozinho... Aí, consegui! A empresa inclusive poderia me pagar, só que o CNPq não aceitou. Aí, eu comecei o estágio, eu trabalhei com tratamento de esgoto de várias empresas diferentes. Trabalhei com esgoto de empresa automotiva, que era da Fiat, trabalhei com esgoto de laticínios, de cosméticos. Então, assim, pra área de tratamento de esgoto da parte industrial foi excelente, porque esse tipo de empresa que eu trabalhei lá quase não existe aqui no Brasil... Que é uma prestadora de serviços pra outras empresas, eles tratam esgoto de indústrias e fábricas que não tem estação de esgoto própria. Então, eu aprendi muito, foram 3 meses muito intensos de trabalho, mas foi muito importante para o meu conhecimento técnico. E mesmo que eu fizesse estágio em uma empresa aqui no Brasil eu trabalharia com um tipo de esgoto específico. Lá eu pude trabalhar com... É como se eu tivesse feito um estágio em 10 outras empresas, 10 ramos de indústria. Eu trabalhei tanto com indústria de alimentos, cosméticos, indústria automotiva. Isso abriu a minha mente, foi muito bom.

C: Você mencionou no questionário que conheceu outros países. Como você destaca essa experiência de ter conhecidos outros países? Que países foram? Como vê isso em relação a sua formação?

W: É... Toronto fica praticamente a 8 horas de Nova York de ônibus e o próprio curso de inglês levou a gente pra... Tava incluso nos passeios do inglês Niagara Falls. Então, a primeira vez que eu fui nos Estados Unidos foi pelo Programa, que foi ali pra fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. A minha outra ida aos Estados Unidos foi pra Nova York, porque uma das meninas que morava na minha casa foi passar o natal do ano que a gente chegou na casa de uma tia em Nova York e acabei indo. Porque, como eu falei, a cidade toda gira em torno da universidade, então, quando acaba o semestre, todo mundo sai da cidade e não tem nada pra fazer na cidade, a cidade fica praticamente uma cidade fantasma. Aí, nesse período todo mundo sai, aí a gente decidiu aceitar o convite de ir passar o Natal na casa dessa amiga, justamente por isso. Mas a viagem foi pessoal e a outra pelo curso de inglês, não teve relação acadêmica.

C: Mas de alguma forma você vê conexão com a sua formação ter tido essa experiência de ter conhecido mais um país além daquele em que você estava?

W: Sim, com certeza. Abriu muito a minha cabeça para possibilidades, principalmente porque, quando você está aqui, dependendo da sua origem social aqui no Brasil, você nunca pensa que você pode almejar estudar numa universidade americana. Porque você imagina que só os estudantes *top students* conseguem ir ali para aquelas universidades. E ter a experiência de ir pra lá, conhecer outras pessoas que nem eu, normais assim, estudando e fazendo pesquisa em universidades americanas foi muito bom.

C: Como foi retornar à UFC depois de ter passado esse tempo no Canadá? Como você considera a reinserção no curso? Eu vi, nas suas respostas ao questionário, que você considera que teve um rendimento melhor a partir do intercâmbio...

W: Eu falo muito que eu só consegui terminar minha graduação na UFC porque eu fui para o intercâmbio, porque eu tive o gás pra poder concluir minha graduação mesmo. Assim, eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar numa universidade federal, eu venho de uma origem humilde e não tinha cotas na época. Então, a minha sala... No meu curso na UFC, entram 120 alunos e eu acho que, dos 120, 110 eram classe média, classe média alta. E só uns 10 alunos ali eram pobres e de origem de escola pública, era muito pouco. Então, eu tinha uma dificuldade muito grande de me conectar até com meus colegas na época. Eu sentia que eu era assim tipo um alienígena. E era muito difícil de você se conectar também porque eu tava muito na pesquisa já e as pessoas, que eram da mesma origem social que eu, também trabalhavam e acabava que passavam menos tempo na universidade. Então, eu sentia um clima bem hostil na minha graduação no início. E ir para o CsF me deu uma autoconfiança. Eu aprendi muito e, quando eu voltei, teve uma mudança de paradigma mesmo. E, quando eu voltei, eu voltei pra uma turma, diferente da que eu entrei. Era uma turma que já tinha cota, já era uma turma que entrou 50%

cota e 50% ampla concorrência no Sisu. Então, eu fiz muito mais amigos, a minha experiência foi completamente diferente. Eu tive muito mais senso de pertencimento, porque eu via pessoas que nem eu ali na universidade também. E, com certeza, o Programa me ajudou a ir muito melhor nas disciplinas. Eu aprendi essa questão de você estudar o conteúdo assim que a matéria é dada ou então estudar o conteúdo antes de ir pra aula. Vendo que a responsabilidade pelo seu aprendizado é mais sua que do professor. Você se coloca como ator principal. E você estuda antes e a aula ali você vai mais pra tirar dúvida. Então, eu acho que foi isso que o Canadá agregou, mudou a maneira como eu estudava e com que eu me comportava em sala de aula mesmo. E foi assim excelente, porque eu melhorei o meu desempenho e a UFC, em geral, ficou parecendo mais fácil de gerenciar no sentido de que você só tem 2 provas por semestre. Então, se você usa a mesma técnica que eles usam lá que é estudar assim que a matéria é dada e estudar antes da aula, você consegue gerenciar muito melhor o seu tempo e ir melhor nas disciplinas.

C: O contato da UFC com a experiência que você teve... Houve uma busca por informação ou por avaliação? A Universidade tentou trabalhar ou aproveitar essa experiência?

W: Assim, tem o meu caso e tem o caso geral. Em geral, a UFC foi muito desorganizada na nossa volta, na questão do aproveitamento de disciplinas, aproveitamento de estágio curricular obrigatório... A nossa matrícula, mesmo no período do CsF, ficou duas vezes como abandono. A gente teve que entrar em contato com a UFC, tiveram algumas falhas. E a Universidade, ao meu ver, foi a maior falha do Programa... Foi que a Universidade, a UFC, se isentou do processo de aproveitamento de forma institucional e deixou a responsabilidade para as coordenações dos cursos e a nível de professor. O que tornou o processo ainda mais complicado. Porque assim, por exemplo, a diferença do crédito europeu, americano, canadense para o crédito brasileiro é muito grande, porque eles passam muito menos hora-aula na sala de aula. Mas isso não quer dizer que você não tem o mesmo esforço e que você não vê a mesma coisa, vê até mais. Só que oficialmente é difícil de você provar isso em número de crédito. E a UFC deixou isso para as coordenações resolverem. Dependia muito de quem era o coordenador na época que você voltava. Quando eu saí, eu não tive auxílio da UFC na escolha de disciplinas pra fazer esse aproveitamento. Já, na volta, eu pedi aproveitamento das componentes e vários professores recusaram aproveitamento. Não aceitavam porque não batia a carga horária... ‘Ah, porque a disciplina que você... Convertendo o crédito dá, sei lá... 58 horas e a disciplina aqui da UFC era 64 horas. Não pode, por lei é 75%’. E, acabavam usando a lei geral para um caso específico, que era uma exceção... E o Programa era institucionalizado. A gente foi e pra gente ir a UFC teve que homologar, teve todo um processo. Mas essa volta... Eu tive vários colegas que não aproveitaram nada do que fizeram em componentes curriculares. Aí, o meu caso específico, eu juntei toda a documentação que eu podia de projetos que eu fiz, de ementas de disciplinas, como era a carga horária em laboratório, e horas com o professor... E fiz tipo um dossiê, entrei com recurso no departamento responsável pelo meu curso. E, com esse recurso, provando... Tipo, eu entreguei praticamente toda a minha documentação física que eu tinha, que pudesse provar. Aí, eles aceitaram e eu consegui aproveitar tudo que eu fiz no Canadá, inclusive o estágio obrigatório do meu curso. Mas, assim, foi por uma iniciativa minha, porque eu fui atrás do meu direito e bati o pé mesmo e fui pra todas as instâncias possíveis. Mas vários colegas não aproveitaram nada, porque era muito estressante, era muito cansativo. E o processo é muito moroso, o encaminhamento do processo dentro da UFC. Tinha professor que falava assim: ‘Ah, eu não aceito! A ementa tá em inglês. Eu não sei inglês, você tem que traduzir juramentado’. Uma página de tradução juramentada era 50 reais na época. E, sei lá, o meu processo tinha... 60 páginas! Ia dar uma quantia em dinheiro muito grande, que eu não ia ter condição de pagar. Como eu me articulei e fui entrando em todas as instancias, eu consegui. Mas muita gente não conseguiu. Acabou que o Programa foi mais uma experiência... Assim, ajudou muito, mas, no sentido da componente curricular, a pessoa ficou muito atrasada. Teve gente que passou, sei lá, 8 anos na UFC por causa do CsF.

C: No questionário, você menciona que, depois do CsF, você pôde participar do Erasmus. Conta um pouco sobre isso?

W: Eu voltei, passei o interstício, né? Porque você tinha que passar o interstício. E, assim que eu voltei, abriu uma inscrição do Erasmus Mundos com parceria com a UFC. Então, tinha vagas exclusivas pra alunos da UFC, do campus do Pici especificamente. E, como a proficiência inglês que eles exigiam era alta, acabou que não teve concorrência. Porque as pessoas não tinham proficiência e, como eu já tinha ido pra fora, isso me ajudou muito. Eu já tinha tudo... Eu já sabia como traduzir tudo, eu já tinha o meu histórico, eu já tinha toda a documentação, eu já sabia escrever muito melhor em inglês. E um dos requisitos era CR e motivação. Você tinha que escrever uma motivação em inglês, contando toda a sua história e porque você merecia aquela bolsa. Eu acho que, sem o CsF, eu nunca teria conseguido o Erasmus. Foi essencial tanto pela questão da proficiência, que era muito mais elevada, quanto pelas experiências, que foi o que eu contei na minha carta.

C: E você foi para onde pelo Erasmus?

W: Pelo Erasmus, eu fui pra Áustria, pra Universidade Técnica de Viena. E eu passei um semestre só, porque era menor... Eu poderia até ter ficado até um ano, mas eu tentei a vaga de tempo menos, justamente, porque eu queria me formar, eu já tinha passado muito tempo fora também.

C: Fazendo um breve comparativo entre os dois programas, os dois estilos de bolsas... Como você avalia o CsF comparado com essa outra oportunidade de intercâmbio?

W: O CsF foi muito melhor pra uma primeira oportunidade. Eu que vinha de origem humilde, que não tinha outras pessoas formadas na minha família, que não tinha um inglês alto, não tinha muita informação também sobre esse tipo de intercâmbio... Foi essencial porque era uma coisa muito mais institucionalizada e, entre aspas, mais fácil de atingir o mínimo. Já, no Erasmus, o padrão que eles exigiam era muito alto, tanto de excelência acadêmica quanto de proficiência. Por exemplo, se fosse para eu tentar o Erasmus sem ir para o CsF, eu não conseguiria. Mas, no quesito organização, o Erasmus é infinitamente mais organizado que o CsF. Os gastos de visto eles pagam, a bolsa é muito melhor, muito maior inclusive. No Erasmus, eu já fui pra fazer mestrado, porque como eu já tava acima do terceiro ano de graduação, você já é considerado *Masters* na Europa, porque a graduação lá são 3 anos, com mais 2, 5 anos você já faz o mestrado. Eu já fiz disciplina no mestrado, já foi uma coisa totalmente diferente.

C: Agora, já mais maduro, inclusive tendo participado de um outro intercâmbio, o que você acha que o CsF representou dentro da sua trajetória de formação?

W: Foi uma mudança de vida mesmo. O que mudou foi mais a autoconfiança que eu ganhei com o Programa e o conhecimento mesmo de sentir que, sei lá, a pesquisa também é o meu lugar. De poder sonhar com coisas que antes pessoas mais humildes não podiam sonhar, como uma carreira acadêmica. O nível de inglês que eu alcancei com o CsF dificilmente eu teria alcançado aqui e foi o que abriu muitas portas pra mim. Depois do Erasmus, eu já fiz outros... Eu estou concluindo o meu mestrado agora, mas eu já fiz vários outros programas de Summer School... Por último agora, eu fiz um programa de inteligência artificial do MIT [*Massachusetts Institute of Technology*]. Se eu não tivesse o inglês avançado, eu não teria conseguido... O próprio Erasmus. Então, abriu muitas, muitas oportunidades... Tanto a questão do inglês, como o nível acadêmico que eu alcancei por ter feito disciplinas específicas, que abriram a minha mente, abriram o meu horizonte pra tentar novas oportunidades.

C: Esses outros cursos que você mencionou foram durante a graduação ou no mestrado?

W: Foi no mestrado, mas eu considero que, com certeza, teve a influência do CsF. Porque foi só abrir a primeira porta, que foi o CsF, que foi aumentar o meu nível de proficiência no inglês, que abriram infinitas portas. E esses outros programas que eu consegui foi agora no mestrado, mas pela experiência do estágio, tanto o estágio do CsF quanto o que eu fiz no Erasmus, que ajudaram a abrir essas outras portas.

C: A última pergunta é sobre o encerramento do Programa. Qual a sua visão de beneficiário do Programa, que conheceu as vantagens de ter participado e também as dificuldades... Ainda mais indo em um período inicial, que ainda tinha muita coisa a ser construída. Mas, como você enxerga o fim do Programa CsF?

W: Eu fiquei muito triste, porque é uma perda muito grande para o Brasil como um todo, porque várias pessoas de origem humilde não vão poder ter essa experiência que eu tive, que foi um divisor de águas na minha vida. Isso meio que podava muito as suas oportunidades, porque as oportunidades que eu tenho hoje são as oportunidades que alguém, que... Só quem nasce em classe média alta ou classe média média pra classe média alta que consegue. Que já tem um inglês mais alto desde a escola, que são esses filtros sociais... Quebrando esse discurso meritocrático, que não é meritocracia, é muito mais essa questão da oportunidade. E a gente perde enquanto País quando você tem a descontinuidade de um Programa desse, que poderia impulsionar várias carreiras de pessoas de origem humilde também. Mas tem um contraponto, eu acho, como ex-bolsista do Programa, que o Programa teve muitas falhas. A forma inicial que o Programa selecionava as pessoas considerando muito mais o nível de inglês e sem ter nenhum critério social, fez com que os primeiros editais do Programa fossem muito elitistas, de pessoas que já tinham ido pra fora, que já tinham um nível de inglês muito alto... E a gente sabe que essas pessoas... Quem sai do ensino médio com o nível de inglês proficiente geralmente é alguém muito rico. E a forma que o Programa selecionou, sem ter até o Toefl ITP no início, que depois foi uma coisa que tornou o Programa mais acessível, selecionou muita gente rica, que já tinha experiência fora, que aquilo ali não era a primeira oportunidade e que via o Programa muito mais... Como eu tive colega de Programa que viam muito mais o Programa como umas férias remuneradas no exterior. Foi por isso que teve essa queda da imagem do Programa, que o programa foi associado à viagem sem fronteira... 'Ah, tão pagando para o pessoal viajar'. Mas eu que estava numa universidade onde tinham outras pessoas e pessoas de origem social mais humilde também... Eu via pessoas que tavam dando valor aquela oportunidade a cada segundo, como eu aproveitei cada milésimo de segundo da oportunidade pra impulsionar minha carreira. E eu via muito que as pessoas que não davam valor, que tratavam o Programa com descaso, que acabavam que nem fizeram disciplinas ou pegaram só disciplinas de idiomas pra facilitar a estadia... Eram pessoas que já tinham ido pra fora, que aquilo ali era só mais uma coisa na vida delas e não a oportunidade da vida. Eu e meus colegas de origem mais humilde, a gente agarrou essa oportunidade mesmo com tudo que a gente tinha naquele momento e soubemos aproveitar e fazer jus ao investimento dos impostos brasileiros que foi o que financiou o Programa. E é muito triste que outras pessoas não possam ter acesso a isso. O principal erro do Programa foi esse, de não ter cotas e não ter um critério socioeconômico. Porque uma pessoa que pode pagar por um intercâmbio, uma pessoa que é das classes muito altas, muito rica, ela não precisa do financiamento do Governo pra fazer o intercâmbio. É tanto que tinham pessoas lá que era o terceiro ou quarto intercâmbio que estavam fazendo na minha universidade. E dar um foco muito maior a pós-graduação que a graduação, porque é a pós-graduação que dava retorno de publicação. Era importante a graduação, eu fui beneficiário, eu não vou criticar esse ponto, porque isso mudou minha vida completamente. Mas o Programa em números, se eu não me engano, foi muito mais investido na graduação sanduiche que no mestrado e no doutorado. Foram essas as falhas, a outra falha foi essa gestão interna do Programa de mandar o aluno para uma universidade que não tem o curso dele ou então mandar o aluno para qualquer universidade, só pra ir. Claro, vai ter uma mudança na vida daquele aluno? Teve com certeza, mas uma mudança muito mais de caráter pessoal, uma transformação mais pessoal que acadêmica, porque a pessoa ia para uma universidade aleatória, que não tinha o curso e não tinha as disciplinas, acabava fazendo qualquer coisa e era meio desmotivante isso. Então, nesses casos, foram recursos mal aplicados e mal geridos mesmo. Mas, no geral, eu acho que o Programa... Que eu acompanho ainda várias colegas do meu edital... Mudou a vida

completamente de pessoas de origem humilde que hoje estão podendo sonhar grande porque tiveram a oportunidade certa, no momento certo.

C: Eu queria fazer só mais uma pergunta, fazendo um gancho com o que você falou agora. Você disse que o fato de o estudante não ter feito um curso tão relacionado a sua área proporcionava mais uma experiência pessoal que acadêmica. E aí, uma coisa que me chamou atenção nas suas respostas ao questionário foi que o seu perfil é de um bolsista que aproveitou bastante a formação acadêmica... Por ter existido essa outra experiência de formação pelo Erasmus, por você ter mencionado que estava no mestrado... Depois eu vi o seu Lattes, vi que você está na Federal do Rio. E agora, na nossa conversa, quando você falou do estágio, percebe-se que foi também uma boa oportunidade de vivência profissional. Mas, no questionário, quando você foi classificar o grau de contribuição, apesar de o intercâmbio ter agregado muito nesses campos, acadêmico e profissional, você colocou a contribuição pessoal em primeiro lugar. Eu queria compreender um pouco dessa tua visão.

W: A experiência acadêmica foi grandiosa, com certeza! É tanto que hoje eu tenho uma carreira mais acadêmica, por isso, pelo Programa também. Eu estou concluindo o mestrado e provavelmente vá fazer um doutorado fora. E isso eu devo 100% ao CsF, sem sombra de dúvidas. Mas a vivência que eu tive no Canadá e de sociedade, mudou tanto a forma com que eu penso assim... A minha forma de pensar em sociedade, esse paradigma de como você se vê, que eu acho que a contribuição pessoal foi muito maior, por isso. Eu pensava de uma forma, eu acreditava em certas coisas, nesses discursos que são proferidos aqui. E, quando eu cheguei lá que eu vi que você tá numa sociedade que é mais igualitária, socialmente falando, que as pessoas podem ser o que elas quiserem, no sentido de diversidade, seja de gênero, seja de acessibilidade, você tem muito mais oportunidade de sonhar... Isso mudou a forma com que eu penso, como um todo, e até a forma com que eu... Tipo assim, como eu pensava em qual era o meu papel na sociedade e como eu me vejo hoje. Então, eu acho que essa contribuição de quebrar a minha mente pra que eu pudesse me reconstruir foi muito maior. Eu não sei se dá pra explicar, é muito mais filosófico. Na minha cabeça faz muito sentido, mas talvez eu não esteja conseguindo expressar.

C: Eu queria te agradecer pela oportunidade de conversar, de saber mais, de forma mais detalhada como foi para o estudante...

W: Eu lembrei só de um ponto. Pode falar ou tá passando muito?

C: Não, não! Pode falar!

W: Por exemplo, depois do CsF, do Erasmus... Agora no mestrado que eu tô concluindo agora, já era pra eu ter concluído, mas a pandemia atrapalhou um pouco a minha defesa... Eu tô pra defender a qualquer momento... A minha área de pesquisa hoje é, basicamente, a mudança nos usos do solo aqui do Estado do Ceará, no semiárido especificamente. Eu trabalho com a conversão de caatinga em pasto, em pastagem que aconteceu... Eu estou avaliando o que aconteceu aqui nos últimos 30 anos no Ceará e o impacto disso nos nossos recursos hídricos... A urbanização e o que isso afeta os nossos rios e açudes. Então, a minha área de pesquisa é muito mais recursos hídricos do semiárido. E, hoje, com o cenário sociopolítico-econômico do Brasil, eu não... Eu vejo o Brasil como um lugar super hostil pra você fazer pesquisa na área ambiental, dando tudo isso que tá acontecendo, que tá sendo noticiado na mídia. Então, eu entendo que... Eu queria muito ficar aqui no Ceará pra continuar, dar continuidade ao meu doutorado e a minha pesquisa ter um retorno pra sociedade daqui, porque eu trabalho com semiárido e nada mais justo do que todo esse investimento retorne pra população de alguma forma, seja por política pública, que pode chegar de algum modelo que eu tô desenvolvendo, ou só na forma de gerir os recursos hídricos mesmo... Mas eu e vários colegas meus, ex-ciência sem fronteiras, estamos acabando optando sair do Brasil, tanto por questão da remuneração, já que as bolsas de pesquisa já tem quase 10 anos que não sofrem reajuste. A bolsa de doutorado é 2.200 reais, pra quem paga aluguel e despesas e tem família não é o suficiente... E por esse

cenário de você estar num país em que o pesquisador, o educador não é valorizado... Isso desestimula muito. E eu fico muito triste em ter que optar por sair do país, sendo que tanto dinheiro já foi investido em mim, porque toda a minha graduação, os dois programas que eu fiz (tanto o CsF, quanto o Erasmus), a especialização que eu fiz na UNILAB (que também é uma universidade pública) e o mestrado agora na UFRJ... Toda a minha formação, inclusive de idiomas (que eu fiz também o Idiomas sem Fronteiras alemão, financiado pelo CsF com parceria com a UFC)... Todo esse investimento em mim e eu não ficar aqui é uma perda muito grande pra sociedade brasileira como um todo, eu acho. E, assim como eu, tem vários outros colegas que estão ou deixando já o País ou pensando em deixar a curto prazo, por todo esse cenário. Então, além de pensar no Programa de investir, você tem que pensar também em como reter essas mentes no seu país, porque não adianta nada se você vai investir, se não vai ter como esses profissionais se alocarem seja em universidade seja no mercado de trabalho como um todo. Não sei se fez sentido.

Por exemplo, depois do CsF, do Erasmus... Agora no mestrado que eu tô concluindo agora, já era pra eu ter concluído, mas a pandemia atrapalhou um pouco a minha defesa... Eu tô pra defender a qualquer momento... A minha área de pesquisa hoje é, basicamente, a mudança nos usos do solo aqui do Estado do Ceará, no semiárido especificamente. Eu trabalho com a conversão de caatinga em pasto, em pastagem que aconteceu... Eu estou avaliando o que aconteceu aqui nos últimos 30 anos no Ceará e o impacto disso nos nossos recursos hídricos... A urbanização e o que isso afeta os nossos rios e açudes. Então, a minha área de pesquisa é muito mais recursos hídricos do semiárido. E, hoje, com o cenário sociopolítico-econômico do Brasil, eu não... Eu vejo o Brasil como um lugar super hostil pra você fazer pesquisa na área ambiental, dando tudo isso que tá acontecendo, que tá sendo noticiado na mídia. Então, eu entendo que... Eu queria muito ficar aqui no Ceará pra continuar, dar continuidade ao meu doutorado e a minha pesquisa ter um retorno pra sociedade daqui, porque eu trabalho com semiárido e nada mais justo do que todo esse investimento retorne pra população de alguma forma, seja por política pública, que pode chegar de algum modelo que eu tô desenvolvendo, ou só na forma de gerir os recursos hídricos mesmo... Mas eu e vários colegas meus, ex-ciência sem fronteiras, estamos acabando optando sair do Brasil, tanto por questão da remuneração, já que as bolsas de pesquisa já tem quase 10 anos que não sofrem reajuste. A bolsa de doutorado é 2.200 reais, pra quem paga aluguel e despesas e tem família não é o suficiente... E por esse cenário de você estar num país em que o pesquisador, o educador não é valorizado... Isso desestimula muito. E eu fico muito triste em ter que optar por sair do país, sendo que tanto dinheiro já foi investido em mim, porque toda a minha graduação, os dois programas que eu fiz (tanto o CsF, quanto o Erasmus), a especialização que eu fiz na UNILAB (que também é uma universidade pública) e o mestrado agora na UFRJ... Toda a minha formação, inclusive de idiomas (que eu fiz também o Idiomas sem Fronteiras alemão, financiado pelo CsF com parceria com a UFC)... Todo esse investimento em mim e eu não ficar aqui é uma perda muito grande pra sociedade brasileira como um todo, eu acho. E, assim como eu, tem vários outros colegas que estão ou deixando já o país ou pensando em deixar a curto prazo, por todo esse cenário. Então, além de pensar no Programa de investir, você tem que pensar também em como reter essas mentes no seu país, porque não adianta nada se você vai investir, se não vai ter como esses profissionais se alocarem seja em universidade seja no mercado de trabalho como um todo. Não sei se fez sentido...A gente perde muito enquanto País, porque, se você... Por exemplo, eu tenho um aluno de universidade pública, que ele tem essa oportunidade do CsF... Muita gente foi para o CsF na graduação e acabou indo para mestrado ou doutorado depois, porque se formou a tempo de ter outra oportunidade, né? Aí, uma pessoa ultra qualificada, 100% com financiamento público... É muito interessante pra esses países que já fazem drenagem de cérebros, que são os Estados Unidos, Canadá, Holanda, Alemanha, a Austrália... É muito mais fácil pra eles, é muito barato você dá um salário pra esse profissional e contratar ele, sendo que

você não teve o gasto pra formar, que é esse gasto muito maior, esse gasto inicial. E outros países que tiveram programa parecido com o CsF, que, na época, eu pesquisei... A China já teve diversos programas parecidos, a Arábia Saudita, a Coreia do Sul... O passo não era só criar um programa, era mais a retenção de cérebros depois que as pessoas voltassem, porque não faz sentido nenhum se eu investir em 100 mil bolsas e 80 mil dessas pessoas tão fora do País agora. Claro, a experiência individual é sensacional, mas isso poderia potencializar muito a nossa economia e mudar um pouco a nossa sociedade, tanto na ciência quanto na educação.

C: Esperemos, com esperança! Quem sabe as coisas não mudam... Novos cenários, novas perspectivas, na área da educação principalmente! Eu te agradeço de novo... Obrigada!

W: Muito obrigado pelo convite, eu sou militante de carteirinha do Programa CsF. Onde eu vou que vejo as pessoas falando mal, eu faço o meu trabalho de educação mesmo. E eu me disponibilizo também. Se precisar de mais alguma coisa, mais alguma informação, que, por algum motivo, eu me equivoquei ou não lembrava na hora, pode entrar em contato que eu respondo assim que puder.